

Alterosa



QUANTAS VEZES
A SENHORA TERÁ
PENSADO NO
FUTURO DE
SEUS FILHOS ?



E CERTO que uma das mais constantes preocupações das mães reside no futuro de seus filhos. E os recursos para a sua perfeita alimentação, a constante assistência médica, seu vestuário, e, principalmente, as diferentes fases de sua educação, constituem a interrogação mais aflitiva que assalta o espírito das senhoras ao pensar no futuro das suas crianças queridas. Mas todas essas aflições podem desaparecer,

desde que se recorra ao método de ensinar à criança o hábito de economizar. Praticando a economia, seus filhos estarão provendo o seu próprio futuro, acautelando-se, desde crianças, contra as surpresas do destino. Abra, hoje mesmo, uma caderneta da Caixa Econômica Estadual para os seus filhos, e vá acostumando-os a fazer seus pequenos depósitos regularmente.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO GOVÊRNO DO ESTADO

Av. Afonso Pena, 1.170 — Telefone 2-0151 — Belo Horizonte
Agências em todas as cidades do Estado de Minas Gerais



CAPA

Myrna Loy, estréla da Metro, numa tricotomia executada pelo gravador Gervásio Pinto de Araújo.

CONTOS

O Desmemoriado do Capão Grosso	
Menelick de Carvalho . . .	2
O Beijo	
Martins Capistrano . . .	6
João Crispim	
Wanderley Villela . . .	10
Olhos Azuis	
Antônio Abrão . . .	14
Festinha na Casa do Major	
Guilherme Figueiredo . . .	18
A Luz da Outra Casa	
Luigi Pirandello . . .	22
Seu Único Pecado	
Neyde Joppert . . .	26
O Retrato da Sala de Visitas	
Gilberto de Alencar . . .	34

LITERATURA

Malo, mês da rosa...	
Alberto Olavo . . .	41
Vitrine Literária	
Cristiano Linhares . . .	42
Cosas da Moda	
Oscar Mendes . . .	80

DIVULGAÇÃO

Teodora	
Olga Obry . . .	46
Tratamento pela Música	
Margaret W. Fowler . . .	50
Marcelina Desbordes...	
Dionysio Garcia . . .	66
A Lenda de Uma Mulher...	
Carol Hughes . . .	74
Três Telas Históricas...	
Abílio Barreto . . .	82

REPORTAGEM

O Nono Campeonato Mineiro de Natação . . .	118
--	-----

HUMORISMO

Pingos de História	
Joaquim Laranjeira . . .	54
De Mês a Mês	
Guilherme Tell . . .	62
Paisagens Locais	
Fábio Borges . . .	85

RÁDIO

A partir da página . . .	108
--------------------------	-----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página . . .	96
Os Dez Mandamentos da Beleza	
Redação . . .	72

CINEMA

Anita Louise . . .	92
De Cinema . . .	94

DIVERSOS

Sedas e Plumas . . .	44
Esparsos . . .	48
Hinterlândia . . .	50
Caixa de Segredos . . .	58
Página das Mães . . .	88
O Mês em Revista . . .	120
Arte Culinária . . .	124
Grafologia . . .	134
No Mundo dos Enigmas . . .	142



OLHOS TRISTES

Olhos mais tristes ainda do que os meus
São êsses olhos com que a olhar me fitas.
Tenho a impressão que vai dizer adeus
Este olhar de renúncias infinitas.

Todos os sonhos, que se fazem seus,
Tomam logo a expressão de almas aflitas.
E até que, um dia, cegue à mão de Deus,
Será o olhar de tôdas as desditas.

Assim parado a olhar-me, quase extinto,
Este olhar que, de noite, é como o luar,
Vem da distância, bêbedo de absinto...

Este olhar, que me enleva e que me assombra,
Vive curvado sôbre o meu olhar
Como um cipreste sôbre a própria sombra.

Henriqueta Lisboa



ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editora Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr\$40,00 para 1 ano e Cr\$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editora Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

BASTA dizer: maio, e sentiremos que algo de novo está no ar, como em nós. Maio, palavra mágica de vogais musicalíssimas. Sempre que a invoco, é como se estivesse lembrando um amigo de infância. Lembro-me de maio na Capelinha de Sant'Ana, o maio estrelado que povoou de ternura os anos que já me parecem tão distanciados.

E maio chega em meio às eternas discussões internacionais. As agências telegráficas espalham pelo mundo conferências, discursos intempestivos (todos os discursos, no fundo, são intempestivos), inquietações. Sabemos que na pauta da O. N. U., para maio, há problemas que suscitarão comentários intermináveis, mal-estar, e um possível adiamento. Aditemos a solução dos problemas, não por influência do miraculoso maio, mas para que as cóleras adormeçam e nasça a boa-vontade entre os homens! O caso da Rússia e do Irã voltará a ser discutido. Tantos outros surgirão que as contravérsias se farão infinitas e maio passará despercebido dos homens. Porque maio tem passado, ultimamente, despercebido dos homens.

O pensamento é de Chesterton mas vai aqui modificada na sua forma. O escritor inglês fez um paralelo entre o poeta e o homem lógico. E improvisou uma daquelas comparações muito suas. O lógico não se contenta em ver o céu: quer meter o céu na cabeça. Já o poeta se contenta em meter a cabeça no céu. Um lógico talvez já não admita mais nem o próprio maio. Todavia o poeta receberá o mês de Nossa Senhora num breve momento, numa síncope onde tudo o que é real se afundará na treva. Mês de Nossa Senhora; ao luar, as igrejas serão mais belas e nas naves perfumadas de incenso haverá vozes macias de meninas.

Dá, Senhor, que recebamos maio sem tormento e sem desespero. Dá que o acolhamos como ao hóspede esperado, camarada de infância que chegou de um país impossível e vai nos embalar com suas lendas. Precisamos de maio e de tudo que nos conduza acima deste mundo insatisfeito e patético.

Dá que o recebamos com a ternura de quem se esquece a contemplar uma paisagem que lhe parecera irreal e que se revelou a seu olhar atormentado.

GUY D'ALVIM FILHO

qualquer hora. Água cristalina e fresca, correndo em regos limpos e caindo em locais discretos, para os banhos-de-bica renovadores.

Ranchos de tropas amplos e agasalhados, pastagens próximas, verdejantes e servidas por excelentes aguadas, era também uma sedutora estação de muda para os animais viajadores.

Gente educada, expansiva e acolhedora, dada à música e ao intercâmbio familiar, em toda a simplicidade e bonomia sertanejas, não havia quem não saísse dali encantado e agradecido.

Entretanto, tudo desaparecera, tudo eram sombras mortas um passado longínquo.

Foi uma pena terem abandonado aquele sítio, de tradições senhoriais, tão pitoresco e evocativo!

Lá estão os alicerces de tapicanga trabalhada com capricho, desmontados pelas unhas dos tamanduás; os terreiros de cascalhinho miúdo comprimido pelas mãos de pilão; os muros de taipa, solapados pelo tatucanasta e polvilhados pela patina do tempo; tocos de esteios de braúna, corcomidos e lascados, mas novos e cheirosos por dentro; pedaços de longos biches de aroeira, adutores da roda de água e dos engenhos, monjolos e moínhos, dos quais nada mais existe, senão grossas muralhas arreadas pelas erosões.

O que não mudou dali foram as gerações dos melros e dos João-de-barros, na teimosa faíscada de gargalhar a alegria onde só o silêncio e a saudade podem reinar. Eles e alguns buritis da vereda, eretos e farfalhantes, é que dão ainda notas de festa à nostalgia ambiente.

Vim de lá com o coração fechado.

Mais triste, porém, foi a história que o Saturnino me ia contando, passo a passo, ouvindo do seu avô, que fora escravo

na fazenda toda uma existência quase secular.

O falcador Garcia da Cruz viera jovem de Portugal e se incorporara a uma das primeiras levadas de bandeirantes ouzados que rumaram para Goiás. Trabalhador e ativo, em pouco era dono de tropas, falcava por conta própria, tinha ranchos e casas de negócios, reunindo os fundos que lhe permitiram adquirir a sesmaria da Encruzilhada dos Quatro-Caminhos.

Em uma das viagens a São Paulo, casara-se com uma castelã, que chegara como criada de servir, numa das comitivas de D. João VI.

Regressando com ela ao sertão, construiu a fazenda do Capão Grosso, onde criou família numerosa, composta de filhos próprios e afilhados órfãos das grupiarias, corrutelas, lavras e invernações dos seus domínios.

Muito relacionado, comunicativo e conhecedor de meio mundo, não lhe foi difícil encaminhar a prole, que gozava de renome, pelos haveres e pelos bons princípios da educação doméstica.

Era um homem feliz, feliz na plenitude da expressão.

Estava escrito, porém, que uma filha, a Cassula — que era tal o seu apelido caseiro — dar-lhe-ia fim trágico a tanta felicidade. E logo, ela a menina dos seus olhos!

Causa involuntária, é certo, mas foi o último capítulo do seu drama interior.

Educara-a com esmero singular, mandando-a à Corte aprender línguas, para melhor entender-se com os naturalistas estrangeiros e expedições científicas que o visitavam.

Cassula voltara uma perfeita acadêmica, ilustrada, polida e elegante de corpo e de maneiras; mas, no fundo era a sertanejinha simples, sorridente, fes-

tiva, encantadoramente simpática e prestativa. Quantos viajantes, ilustres uns, modestos outros, não perderam a cabeça lembrando-se dos ademanes ingênuos da Cassula, de Garcia da Cruz?!

Sonetos, poemas, canções, modas de viola e modinhas de violão corriam longe, sob o título e a inspiração de Cassula que ficara da varaada do Capão Grosso a acenar com o lenço: — Até cá! Até cá! Deus o leve a salvamento!

Fazenda sempre cheia de hóspedes, Cassula era incansável na lhanura de trato, carinhoso, amável e igual, sem afetações. Não havia serviço que não soubesse e não ajudasse a fazer. Até laçar rez tresmalhada, derrubar garrote para marcar e amansar burro bravo!

Nas caçadas de anta e veado era a companheira inseparável do pai, ágil no atalho e infalível no tiro de costela. A cavalo, era uma genuína amazona.

De certo tempo em diante porém, aquela alegria claudicava, já tinha algo de forçada, não irradiava tanto, e o pai chegara a desconfiar de uma queda de animal que tomara num rodeio da boiada. Mas sabia dissimular.

Por último, o mal se agravava, e o mais acertado foi conduzi-la para onde houvesse assistência médica.

E lá se foi a Cassula, com a pagem e um irmão, fazendo-se de forte e prazenteira, para não alarmar o pai desolado, que não podia segui-la.

Lá se fôra na liteira de luxo, na liteira de que não gostava, porque preferia montar, montar no seu silhão de couro de lontra...

*

Duas semanas depois, chegava um portador às pressas, chamando por Garcia da Cruz e dizendo que não havia tempo a perder. O estado de Cassula inspirava cuidados.

Ela não resistira mais do que quatro dias de viagem e fôra obrigada a permanecer no arraial da Encruzilhada, recolhendo-se à hospedaria do curandeiro João Bento, que, aliás, tinha bossa de médico e era perito em cirurgias de emergência. Diziam que só não curava olho furado e picada de

urutu, que, quando não mata, aleja.

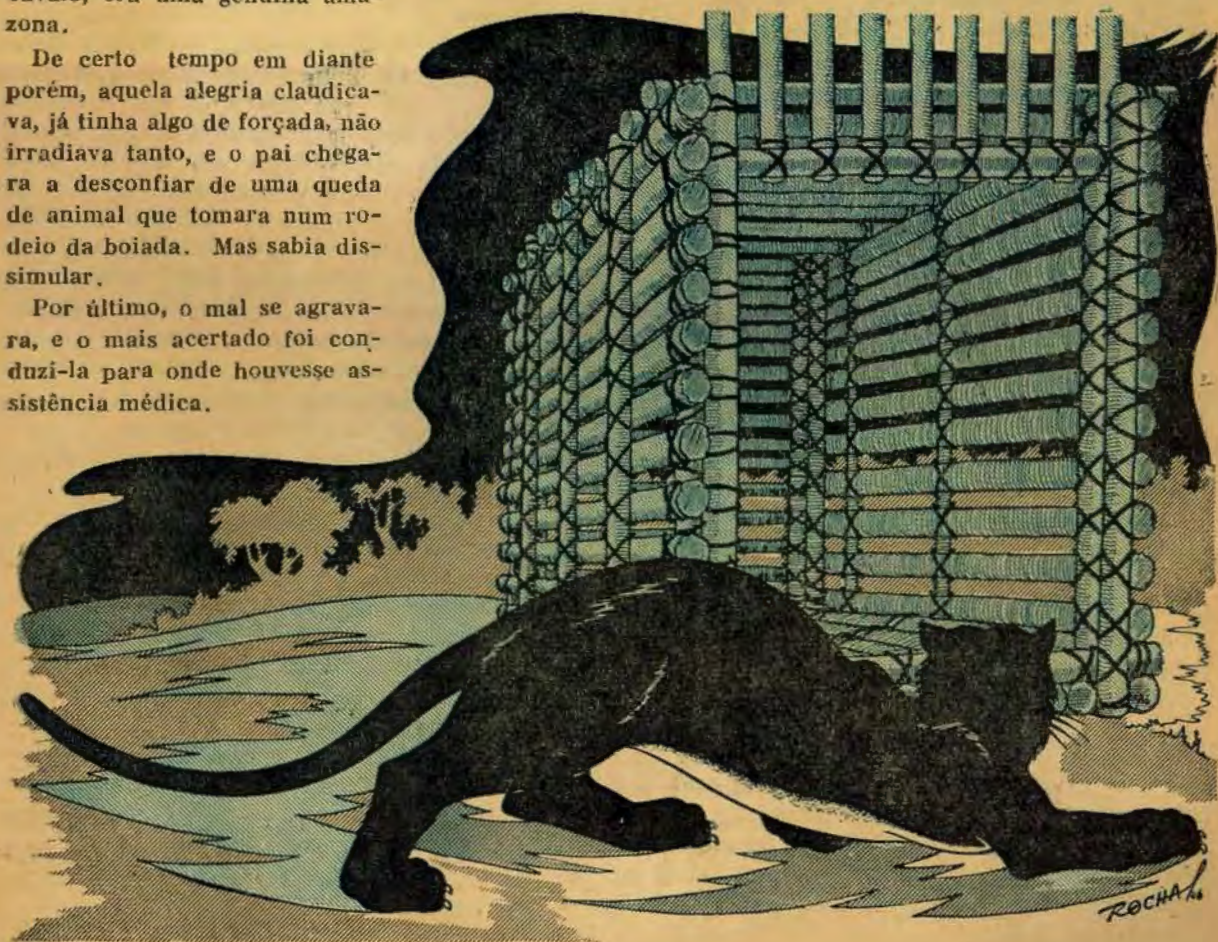
Isso tranquilizou de certo modo o velho Garcia, que não se afoitou muito em busca da visita à filha enferma.

— Ela é forte e moça ainda, e a mocidade a tudo resiste. Não há de ser nada, não é, Zé Pedro? dizia Garcia da Cruz ao fiel escravo, que o pageava ambos cavalgando as melhores mulas daqueles rincões.

— A menina foi bem tratada em criança, é de raça e tem boa carnadura. Não há de ser nada, não Nhô-Garcia. Deus é grande! — respondia o preto grisalho, que ajudara a criar toda a família e conhecia de sobrejo as impaciências do amor nervoso como ninguém. ●

A noite da terceira marcha chegavam à Encruzilhada, e foram apeaar na escada da hospedaria.

(Conclui na pag. 64)



MARIA Helena Rodrigues, que uma luminosa tarde de Campinas me revelou com fascinante emoção, veio para o Rio na primavera de 1932 e nunca mais voltou à sua risonha cidade paulista. Aqui se radicou para esquecer a desventura de sua vida conjugal e educar seu filho longe do ambiente onde sofrera os mais tristes desgostos de amor.

O marido, nordestino exigente e egoísta, que lhe traira o ingênuo coração, não merecia o sacrifício de Maria Helena quando ela, antes de perder a filha, estava disposta a suportar a angústia de sua infelicidade para satisfazer ao orgulho da família, que condenava a separação pelo respeito ao juízo arbitrário da sociedade.

E Maria Helena, cansada de não ser compreendida, abandonara-o, afinal, depois de muita hesitação e de muito sofrimento. Abandonara-o sem consultar, sem ouvir os parentes, que se tornaram seus inimigos inextinguíveis.

A vida em São Paulo, perto da família, fôra-lhe, desde então, impossível. Todos a condenavam, impiedosamente, sem aceitar as razões humanas de seu gesto. Todos fugiam dela como de um elemento pernicioso à tradicional austeridade da estirpe.

Repudiada, a moça viu-se, assim, na contingência de deixar a terra natal, onde lhe faltara o consolo necessário na hora tormentosa e amarga do seu destino de mulher.

E uma clara manhã de domingo carioca, suave, amena, deliciosa, encontrei Maria Helena na Avenida Atlântica, olhando o mar e iluminando a praia com seus olhos esquisitamente verdes.

— Você por aqui?! Que linda surpresa!

— Tive que fugir da minha terra.

— Fugir? Por quê?

— Não me quiseram mais lá...

— Explique-se melhor.

— Eu estava sobrando no seio de minha família... Quando uma mulher assume uma atitude de independência, que fere o orgulho indomável dos parentes, está, irremediavelmente, perdida. Nem a família a quer. Nem a sociedade a aceita. Foi o que se deu comigo.

— E seu marido?...

— Morreu...

— Quer dizer, então, que você está viúva, agora...

— Não. O marido morreu, apenas, no meu coração. Não pude mais suportá-lo. Há mulheres que se habituam ao sofrimento... Eu sou diferente. E só consegui revoltar-me. Condenaram-me por isso. Vim

esquecer, nestas paragens batidas de sol, a desventura do meu passado...

Os *maillots* da praia movimentavam-se na policromia deslumbrante da sua inquietação. Desfaziam-se as ondas, monotona-mente, ali perto. O mar verde, suspiroso e melancólico, parecia refletir-se nos olhos tristes de Maria Helena, que o contemplava enquanto falava, sorrindo um sorriso de ceticismo e de descrença.

Procurei, emocionado, deter a confiança da moça, que, decididamente, estava disposta a confiar-me todo o seu segredo. Mas não pude evitar que ela me dissesse que não desejava mais voltar a São Paulo, onde sua vida se enchera de amarguras, e onde deixara os motivos dolorosos da sua desilusão.

— Estou morando neste bairro adorável. Quando quiser, apareça.

Maria Helena deu-me seu endereço, e eu continuei meu caminho, para deixá-la, novamente, só, com seus desgostos, sua descrença e seus olhos verdes...

*

Visitei-a, depois, mais de uma vez, colhendo novos detalhes da infelicidade de Maria Helena. Tive, então, oportunidade de verificar que ela vivia para o filho, indiferente aos galanteios que sua beleza fidalga e serena inspirava aos admiradores do tipo nostálgico.

Havia, entre os amigos de Maria Helena, um paulista a quem ela dedicava especial atenção, e que era, talvez, o seu favorito. Claudio Miranda gozava, com efeito, perante sua linda conterrânea, de uma simpatia que o tornava mais prestigiado no pequeno mundo em que a figura de Maria Helena Rodrigues se destacava pela simplicidade, pela elegância, pela formosura, pela inteligência.

De repente, Claudio deixou de frequentar a casa de sua amiga. Indaguei de Maria Helena sobre o seu paradeiro. Estávamos os dois sozinhos na pequena e discreta sala de jantar de seu apartamento. Declinava a tarde estival de um dia sem trabalho. Fazia calor.

— Você é o único homem em quem confio — disse-me Maria Helena. — Por isso, vou contar-lhe a verdade.

Envolveu-me, fraternalmente, com seus olhos verdes, em que se diluíam cintilações de melancolia distantes, e prosseguiu:

— Foi por causa de um beijo que Claudio desapareceu...

— Um beijo?!

— Sim. Vou contar-lhe a história desse beijo.

Maria Helena foi até a janela. Puxou o cordão da cortina azul. Sentou-se, depois, a meu lado, e começou:

O BEIJO


Conto de
**MARTINS
CAPISTRANO**

— Sempre tive por Claudio uma simpatia que homem algum ainda me havia inspirado. Uma simpatia que me levava, irresistivelmente, para ele. Amava-o? Não sei... Talvez... Diante d'ele eu me perturbava tanto... Sentia um orgulho inexplicável de ver-me a seu lado. Gostava de acompanhá-lo aonde quer que ele fôsse. E até estimava as mulheres que ele distinguia... Causa esquisita! Tudo o que me lembrava Claudio me agradava. Entretanto, ele só me dedicava uma grande amizade, que estava bem longe do amor. Uma amizade que me satisfazia apesar de tudo. Doce, compassiva, tranquila, fraternal...

"Que desejo enorme eu tinha, às vezes, de cair-lhe nos braços, de beijá-lo na boca, de acariciar-lhe o corpo moreno! Era uma paixão alucinante, que eu, inutilmente, procurava deter. Sabia que Cláudio amava, loucamente, outra paulista que, de quando em quando, visitava o Rio, aqui passando alguns dias, semanas e até meses. Essa minha conterrânea procurava-me para falar sobre Cláudio. E eu não podia revelar-lhe que também gostava d'ele... Saíamos os três, muitas vezes, a passeio pelos pontos pitorescos da cidade. Iamos ao teatro, ao cinema, às confeitarias elegantes... E Cláudio, diante dela, era um homem feliz, que sorria para tudo... Aquilo me fazia sofrer profundamente. Mas eu gostava de sofrer assim... Já que não podia separá-los definitivamente, ficava junto d'eles para sentir um



Pilherias



Apuros de um estrangeiro:

— Veja o senhor que estúpido é este garçon. Aponte para o nariz como dizendo-lhe que desejava rapé e ele me traz um... prato de pepino!...

*

Num interrogatório:

— Diga-me qual é a sua pátria!

— A minha pátria? E quem o poderia saber?

— Explique-se!

— Eis o problema: meu pai era inglês; minha mãe, francesa. Eu vim à luz a bordo de um navio americano que navegava sob a proteção da bandeira turca em águas da Grécia e...

— Basta! Basta! Senhor amanuense, escreva na ficha deste cavalheiro: pátria — globo terrestre...

*

— Vai caçar, doutor?

— Sim, para matar o tempo.

— O tempo?! Então não há mais doentes?!

*

— Já que tem de pedir esmolas, devia, pelo menos, renunciar à embriaguez!

— E' impossível, minha senhora; quando estou bom, envergonho-me de pedir esmola...

*

— Não posso compreender, doutor, o seu modo de me curar. Vacilo até sobre se devo, ou não, confiar naquilo que me aconselha!

— Ora, por que essa desconfiança?

— Sim! Pois ontem me recomendou que evitasse tôdas as contrariedades... e hoje apresenta-me a conta da consulta!...

*

Delicadeza:

Dois cavalheiros vão sentados num bonde completamente cheio. Um deles, vendo o outro com os olhos fechados, pergunta:

— Sente-se mal?

— Não, estou bem; não posso é ver senhoras viajando em pé num bonde...

*

No exame de vista:

— O senhor tem boa vista?

— Tenho!

— Vamos ver: quantas letras enxerga aqui neste cartaz?

— Em que cartaz?!

*

No tribunal:

— O crime foi cometido junto à sua casa. Não ouviu gritos e gemidos horroresos?

— Ouvi, sim, sr. juiz. Mas supus que fôsse minha vizinha dando lições de canto...

pouco daquela felicidade que se desenrolava tão perto de mim... Conversava com os dois e tinha inveja da minha vitoriosa rival...

“Uma tarde, Cláudio convidou-me para uma excursão ao Corcovado. A outra estava em São Paulo. Acompanhei o meu amigo para suavizar-lhe a saudade da mulher amada. Tomámos o trem do plano inclinado com alguns turistas estrangeiros que olhavam, fascinados, a paisagem carioca. Lá de cima, a cidade era bonita, mas não tinha aquela grandeza com que nos esmaga cá em baixo, onde os edifícios imponentes, os palácios, os arranha-céus, dominam a nossa humana insignificância. Eu a sentia tão pequena a meus pés, que me julguei quase uma deusa.

“Junto à estátua do Cristo Redentor, eu e Cláudio esperávamos, romanticamente, que a tarde morresse e as luzes da cidade faísassem na planície metropolitana. Anoiteceu, afinal... E nós subimos por um caminho sinuoso que ia dar no verde da floresta, perdendo-se no emaranhado e no perfume das árvores silenciosas da montanha.

“E dali, diante da natureza exuberante, que a noite enchia de mistério e de sombra, Cláudio, segurando-me, ternamente, o rosto, beijou-me na boca, voluptuosamente, delirantemente... Seus lábios eram quentes e gostosos, eu não pude resistir ao contágio daquele beijo alucinante, que me queimava o próprio coração. E retribuí-o doidamente na inconsciência de minha paixão.

“Depois... Ah! Depois tudo acabou!... Descemos da montanha... Viajamos desconfiados até Laranjeiras... Tomamos um táxi... Viemos para Copacabana... e na praia nos separamos...”

Houve um momento de indecisão por parte de Maria Helena, que baixou os olhos, tristemente, para concluir:

— No dia seguinte, pelo telefone, pedi a Cláudio que não mais me visitasse...

— Por quê? — perguntei.

— Aquele beijo havia marcado o fim da nossa amizade, e eu não tinha coragem de olhar para o meu amigo sem corar... Lembra-me da outra e sentia na alma o remorso do meu crime... Sabia que Cláudio não me amava e envergonhava-me do meu pecado de um instante de fraqueza... Certamente, Cláudio beijou-me pensando no seu amor de São Paulo, e meus lábios lhe deram a sensação dos lábios dela... Não quis vê-lo mais. E ele desapareceu... E eu, agora, sofro a saudade de tôdas as horas em que Cláudio me fez feliz só porque estava perto de mim. Não consigo esquecê-lo. Nem consigo esquecer aquele beijo que destruiu as ilusões e os sonhos da minha vida...



Sabe pintar os seus lábios ?

— Si o seu rosto é redondo ou oval, aqui está a forma correta

CERTO

ROSTO REDONDO

ERRADO



Dê a seus lábios uma forma muito mais encantadora com Batom Colgate! O tipo ideal de lábio para seu rosto é facilimo de desenhar com Batom Colgate Importado. Sim, porque este batom, sem ser oleoso demais, é suave e permanente!

O Batom Colgate Importado cria lábios mais beijáveis porque é feito com *Karanuva*, o emoliente superior que dá aos lábios um brilho cálido e provocante que desperta paixões. Em 5 lindas tonalidades: *Vermelho Americano*, *Médio*, *Escuro*, *Vermelho Amazonas* e a radiante *côr Hollywood*. Batom Colgate tem um perfume adorável e permanente. Diga hoje na sua perfumaria: Batom Colgate Importado!

CERTO

ROSTO OVAL

ERRADO



O Coração bate com Batom **COLGATE**

João Crispim

CONTO DE WANDERLEY VILELA

Ilustração de Fábio

QUANDO João Crispim nasceu num rancho de sapê, seu corpinho moreno foi lançado à velha bacia de latão e embrulhado depois em pano grosso de aniage.

Conta-se que negro beija-flor esvoaçou pelo rancho e os anus piaram lúgubremente no jatubaseiro: — Sinal de desgraça, disseram os pais do recém-nascido e benzeram-se aterrorizados. Diziam as comadres bisbilhoteiras que dez dias antes do nascimento de Crispim, a mãe dele ajoelhou-se diante de tósca imagem de São Benedito e pediu: — “Meu santo padroeiro, livre-me logo das dores do parto e dê-me um menino.” Como todo filho de trabalhador de enxada, Crispim cresceu na miséria e no trabalho, alimentando-se de angú e de feijão. A essa fraca refeição, juntava-se às vezes uma folhinha de couve, ou carne de pássaro silvestre, aprisionado em arapocas e mundéus. O pai de João Crispim era carreiro e o menino madrugou na profissão de candeieiro, cedo conhecendo o sol abrasador dos chapadões mineiros, onde lábios ressequidos e sedentos só encontravam uma gota de água nos frutos acres de gravatás. Aos dez anos, apanhou a opilação e tornou-se comedor de terra. A opilação, mal curada com raízes do mato, deixou João Crispim um pouco idiotizado para toda existência amargurada dele. E assim cresceu ao deus dará. Seu romance de amor começou num cateretê.

Flor Maria, mulata de seios agressivos, deixou-lhe o coração nos lábios. Desde aquela noite maldadada de cateretê, as flechas do menino travesso de arco lhe feriam o corpo e a alma. E a imagem de Flor Maria era terrível feitiço a João Crispim; não lhe dava sossêgo, torcia-lhe os miolos, oferecendo-lhe cordas para se enforçar. Embora lhe dissessem cobras e lagartos de Flor Maria, Crispim argumentava com seus bo-tões: — “E’ tudo conversa fiada, eles estão despeitados, porque conquistei o coração de Flor Maria.”

Crispim embeicou-se pela formosa trigueira e o namoro deles tomou feição de ouro sobre azul.

O rude caboclo tinha certeza de que não estava lenhando em malo sem cachorro: o beija-flor negro de seu nascimento e os anus eram sinais de felicidade e não de desgraça, como pensavam seus pais, que agora dormiam profundamente, lá longe, no lombo da colina de araçás e cajueiros.

João Crispim trabalhava com mais entusiasmo, não perdia tempo. Preparava, na medida de pobre, seu rancho, para que Flor Maria fôsse ali recebida festivamente. Eles se casaram pela colheita de café. Houve cateretê até alta madrugada...

✱

De manhã, muito cedo, Crispim pegou na enxada, no embornal de passoca e saiu. Um fio de luz matinal penetrava pelas fendas das paredes de barro. Ao sair, ele percebeu estranhos fulgores nos olhos de Flor Maria. Teve maus pressentimentos. E o beija-flor negro e os anus

visitaram-lhe o espírito de novo, desta vez deixando nêles traços de angústias e de pessimismo. Crispim notara desde várias semanas que Adão, o amansador de poldros, passava frequentemente assoviando pela porta de seu rancho. E toda vez que ele aparecia por ali Flor Maria abandonava o serviço da cozinha e debruçava longo tempo sobre a janela do rancho.

E João Crispim, enquanto marchava rumo à roça, ia pensando: — “Os olhos de Flor Maria eram as estrelas de sua vida, aí dele, se ela o abandonasse algum dia!”

E com êsses pensamentos de dúvida chegara à sua pequena lavoura. Mas, a caveira de boi, que ele fincou num poste de cerca do rancho, por certo afugentaria todos os malefícios que se aproximassem de seu lar. Aquela alva imagem protetora aliviou a pressão das idéias pessimistas que o molestavam. E durante o dia todo sua velha enxada refletiu-se denodadamente ao sol, aqui trilando numa pedra, além destroçando o joio da lavoura de milho já apenduado.

Com a língua de fora a sua cachorrinha esteve sempre junto dele no eito até terminar a tarefa cotidiana. Ao regressar Crispim encontrou seu rancho inteiramente deserto: Flor Maria fugira com o amansador de poldros.

Assentado agora num loco do terreiro, João Crispim queixava-se dolorosamente: Malfadado dia em que os olhos fueguinos de Flor Maria o enfeitaram! Aquêles corpos agreste de tangerina amarrou sua pobre alma de caboclo ao tronco do amor e nela crepitava em chamas devoradoras. E agora, sem mais nem menos, a ingrata fugia com o amansador de poldros, atulhando de trapos e molambos a sua vida. Recordava-se do dia em que se casara. Flor Maria estava de-veras bonita com o ramo de laranjeira nos cabelos, perfumados de mangericão. Quando ela estava no rancho, a João Crispim tudo era alegre como a madrugada. Depois que Flor Maria o abandonou, as cousas ficaram para ele da cor da noite. Foi como se o córrego deixasse de correr e o céu florir de estrelas nas noites de verão. Mas, a lembrança tornava ainda mais negro o seu desespêro no rancho deserto. Permaneceu longo tempo assentado no tóco do terreiro e a dor pelava impietosamente seu coração, e ele não tinha força e nem ânimo para expulsá-la daí.

Os minutos e as horas se consumiam em tristezas e mágoas. Nunca ele pensara que Flor Maria fôsse tão cruel. Apesar de tudo, não lhe desejava mal, nem tinha ódio dela. O culpado era por certo o amansador de poldros.

Deus fizera bem não ter-lhe dado filho, seria muito pior...

João Crispim era pacífico e até humano, apesar de não ter nenhuma instrução. Mas também não tinha sangue de barata. O fermento da vingança mais a mais o envenenava e a intoxicação crescia à medida que os dias passavam. O cachimbo é que temperava a onda brava que o revolvía e convulsionava solapadoramente. A idéia de vingança tomava-lhe volume no cor-

po e no espírito. Os amigos e compadres de João Crispim constantemente lhe diziam: "O amansador de poldros deverá pagar caro a sua traição". Prudente e avisado Crispim agiria por certo, sem contudo aceitar sugestões de outros. Ele deixava que a vingança amadurecesse fortemente dentro de si mesmo. Dava tempo ao tempo. Esperava que Adão entediasse de Flor Maria para pôr em execução seu plano, aquilo que há muito lhe dilacerava a consciência. Se o ódio e o desespero ameaçavam estrangular sua prudência proverbial, acendia o velho cachimbo e logo amortecia nêle a violência das imagens de sangue. E trazia cautelosamente sua faca e sua foíce bem amoladas no rebôlo...

Soprava, na tarde de agosto, frio e úmido vento, vento uivante que trazia ao rancho de João Crispim cheiro acre de queimada. Ele estava assentado como de costume no pátio, indiferente às relhadas do vento, que lhe abriam a camisa de merinó grosso e lhe fustigavam o peito cabeludo e tismado de sol. Crispim dava asas aos pensamentos que lhe golpeavam a alma já tão ferida pela fuga de Flor Maria. E abria os lábios, queixando-se amargamente: "Eta vida danada"! Ainda na última festa do arraial vendera um dos três cabeços de vaca que possuía para comprar sapato e vestido para Flor Maria. E ela o abandonou antes mesmo que se terminasse a lua de mel. Graças a Deus não tinha filho para sofrer neste mundo traiçoeiro de aper-

turas e desgraças. E' verdade que não era rico, vivia da enxada, mas sempre teve a casa farta e na medida de pobre nada havia faltado à Flor Maria. E a peste fugira com o amansador de poldros.

Disseram-lhe que os criminosos tinham ido para os sertões de Goiás. Que maus ventos os perseguissem, murmurava João Crispim, num gesto de profundo desalento. Com os olhos grudados a um ponto do céu o caboclo continuava cismando em silêncio: Eles, os criminosos, irão por certo correr mundo, e um dia arrepender-se-ão, se não forem logo castigados pelas mãos do destino. Não se pode ensinar a ser bom quem nasceu com os signos do diabo. De que lhe serviu labutar loucamente por Flor Maria e derramar gota a gota sua vida e seu sangue na terra agreste? E ela não desprezou êsse sacrifício entregando-se aos braços de outro? E os pensamentos negros e tristes rolavam na alma de Crispim como bagos de milho na pedra do moinho. Com a noite que se fechou inteiramente, João Crispim recolhera-se ao interior do rancho.

Agora, curvado sobre o fogão rústico, êle ia lançando mecânicamente sobre o mesmo caules secos de roseiras silvestres. Linguas de fogo mordiam a chaleira de café e estalavam nos gravetos em chamas. João Crispim via sem querer a imagem de Flor Maria dançar nos caules incendiados de roseira. Então, de mãos crispa-



Miniaturas

Educação de Príncipes...

No século passado, a educação de um príncipe herdeiro representava uma das graves responsabilidades de uma nação. Enquanto os soberanos empenhavam-se em guerras de conquista, ou preocupavam-se em poder ocupar tronos de outras nações, os seus herdeiros eram entregues a mestres nem sempre concientes da tarefa que lhes era confiada.

Diz Alberto Rangel, em "A educação do príncipe", livro em que focaliza a infância e a adolescência de D. Pedro II: "O primogênito de D. Pedro e de D. Leopoldina, não foi o primeiro nem o único que sofreu das circunstâncias lamentáveis as quais trouxeram à sua meninice tantas inconveniências. Fernando 4.^o, por exemplo, rei de Nápoles, na idade de oito anos, viu-se só com um irmão, na Itália, enquanto o pai foi tomar conta do trono da Espanha. A sua educação foi entregue a estrangeiros. Como em Nápoles, assim no Rio, em 1831. A índole péssima, a inteligência acanhada, a tendência à preguiça de D. Afonso VI, aniquilaram todos os esforços do Prior de Cefalveia, seu preceptor. Ao contrário, a índole excelente, a inteligência compreensiva, o amor ao trabalho do nosso D. Pedro II supriram o que foi possível na insignificância dos seus professores..."

* PÁTRIA

Brasil, estás em mim! Circulas nestas veias,
Soluças no meu pranto, e ris no meu sorriso:
Tendo-te em mim, eu sou como as estrelas
[chefas]
De luz, — no coração contendo o paraíso!...

Sempre a te resguardar das ambições alheias,
No fundo do meu peito eu te escondo e en-
[tronizo]
No entanto, dentro em mim te agitas e vozeas;
Malgrado meu, em mim cintilas de improviso!

Cheio de ti, que assim me abraço e movimento,
Sómente eu me comparo, em meu deslumbra-
[mento],
Fulgor que vem de ti, às estrelas na altura...

E tudo, — rios, céus, florestas e montanhas,
Tesouros que possues ocultos nas entranhas,
Tudo, que é teu, é meu — dentro de mim ful-
[gura].

RENATO TRAVASSOS

* ENTRE SOGRAS

— Então, sua filha é feliz?
— Muito! O marido dela tem um mê-
do horrível de mim.

* A PRUDÊNCIA

A prudência é uma força capaz de dar,
por si mesma, ao homem, a felicidade, a
ciência do bem e do mal e a arte de discer-
nir o que se deve, ou não, fazer.

Platão

das, êle fechava os olhos, mas ainda assim a vi-
são o perseguia alucinadamente. Inquietava-se
e qualquer cousa desconhecida o sufocava. Êle
se sentiu sem força para resistir às setas do
amor e do abandono que lhe pousavam no es-
pírito como enxames de terríveis maribondos.

De seus lábios esvoaçavam suspiros amargu-
rados, de sua alma partiam gemidos que nin-
guém ouvia e somente a solidão o testemunha-
va. Dos braços rútilos que crepitavam, erguiam-
se fantasmas que se aproximavam dêle agressi-
vamente.

João Crispim estava exausto, vencido, não po-
dia mais lutar contra a prevenção e a cruelda-
de de Flor Maria. Acendeu o cachimbo, e só en-
controu um pouco de lenitivo, em seu infinito
abandono, nos afagos de sua cachorrinha pa-
queira que saiu do palheiro e veio afetuosamente
lamber-lhe as mãos calosas.

*
Fazia muito tempo, duas horas, que João
Crispim ao sol quente se assentou num moirão
de cêrca. Êle contemplava o céu, as montanhas,
tirava o cachimbo dos lábios e soltava bafora-
das no espaço. Esvoaçando de um genipapeiro,
trêfego sabiã achou esquisita aquela contempla-
ção muda e indagou em sua linguagem alada:
— "Que fazes, João Crispim? Esperas acaso o
mel que as abelhas fabricam na madeira?"

Indiferente às interrogações do pássaro,
Crispim continuava espalhando sua irremediá-
vel tristeza na paisagem, acre e venenosa me-
lancolia de quem sofreu uma desilusão no amor!
Também uma formiguinha se aproximou dêle e
medrosa perguntou: — "Estás doente, João
Crispim? Não se pode ficar assim a vida inte-
ira indolentemente contemplando o céu!" Cris-
pim permaneceu mudo e a formiguinha se afas-
tou sempre desconfiada, olhando para trás co-
mo se receasse de alguma cousa.

Enganara-se, por certo, a formiguinha. João
Crispim nada sofria de corpo, o coração dêle é
que estava doente.

Alguns dias depois dessa longa sesta contem-
plativa, os amigos de Crispim encontraram-no
em seu rancho, quase nu, com seu bodoque,
dando pelotadas a um homem de barro. E, ca-
da vez que as cordas do bodoque se relezavam
e o homem de barro recebia pelotadas na cabe-
ça, João Crispim murmurava numa gargalhada:
— "Toma, ladrão de mulher"...

PEDRAS E IMITAÇÕES

A imitação das pedras preciosas é em nossos dias, uma in-
dústria de grandes proporções. Na Tchecoslováquia mais
de doze mil pessoas ganham a vida preparando imitações
com vidro especial. Misurando um composto de quartzo,
chumbo vermelho, potassa, bórax, arsênico branco, ob-
tem-se uma imitação do diamante, com um pouco menos
de brilho do que a pedra mineral. Para verificar o valor
do diamante, diz J. H. Bradley, em "Autobiography of
earth", basta, pingar sobre o mesmo uma gota de água. Se
a água permanecer em forma de glóbulo sobre a superfície
da pedra, esta é legítima; se derramar, trata-se de imi-
tação. Com os pigmentos extraídos dos metais elaboram-
se as pedras de cor. As pedras amarelas são as mais fá-
ceis de adulterar. O topázio adquire facilmente a cor
vermelha. Os diamantes amarelos tornam-se brancos por
meio do radium mas a coloração não será persistente.
Mediante processos simples, uma ágata de cores pouco
atraentes transforma-se numa pedra de coloração magni-
fica. Entretanto, muito mais valiosas são as pedras sín-
téticas preparadas em laboratório.

quando se exige

PONTUALIDADE...



NORMA

é o preferido!.



A vida social impõe deveres... e nada li-
sonjeia mais a mulher moderna do que a
pontualidade... Para isso NORMA vem sen-
do usado, há mais de 80 anos, por todos
aqueles que, em seus compromissos, neces-
sitam da hora exata. A precisão com que
funciona, durante anos seguidos, garante a
pontualidade dêste excelente relógio suíço
mantado em 15 rubis. Admire a nova série
de belos e elegantes modelos NORMA a
prova d'agua, suor e poeira! Adquira o seu
NORMA impermeável - agora!
Você sentirá orgulho de
sua pontualidade!



A partir de
Cr\$ 480,00

Relógio

NORMA

O PREFERIDO DA ELITE DE TODAS AS PROFISSÕES

POVRES - 6 - 40

GRATIS! - Peça ao seu relojoeiro
ou à C. P. 1.861, Rio - o útil folheto
"Como dar vida longa ao seu relógio".

Nome

Endereço

Estado



te de compreensão do seu espírito...

André agora, nada mais percebe do presente, porque o pensamento enguliu o presente para ficar sómente com a lembrança do passado... do passado...

*

Márcia, com aquela mexa rebelde de cabelos castanhos calado, levemente, sobre os olhos inteligentes. Aquelas duas covinhas que punham em seu rosto gracioso um tom sereno de quem ama a vida.

André revê seu primeiro encontro com ela. Fora talvez o momento mais decisivo no seu passado. Naquêlo dia, ele contemplava o mar do alto do penhasco. Contemplava não com a sensibilidade da alma, mas como um homem que sente dentro de si todo o desencadeamento da fúria humana. Seu espírito era um torvelinho de agitação e revolta. Esse seria o dia. E ele caminhava, mansamente, mas resolutamente, como quem experimenta as sensações da ante-morte. Também nada mais esperava da vida, senão amargas decepções. E que importava para o mundo um desiludido de menos? E ele caminhava... E o mar a atrair... a atrair cada vez mais... Estava perdido... Que se danasse o resto...

— Hel... Hel...

André surpreendeu-se... Acordou, a consciência... Voltou-se lentamente. Lá estava aquela moça a chamá-lo. Vinha correndo. Chegou até onde ele se encontrava e foi dizendo:

ANDRÉ vira-se de um lado para outro na cama. Mas qual! é inútil, o sono abençoado e compensador não vem. André sente a cabeça envolta num enuvio de pensamentos descontraídos. Aquela saudade era uma obsessão. O seu espírito está longe, muito longe, perdido nos meandros do passado, envolto nas densas brumas da distância... no recuado do tempo...

O calor, dentro do quarto, precipita uma atmosfera pesada e sufocante. André atira, num gesto brusco, a colcha para o lado. Passa as mãos sobre o peito magro e sente a viscosidade do suor. Agora estende a mão esquerda sobre o rosto e sente, sob os dedos, a barba crescida e áspera como lixa. Por uma frincha da janela esgueira uma nesga de luz exterior. Vira-se mais uma vez na cama. Não. Não adianta. Os pensamentos não abandonam a sua memória. Quantas noites vinha sendo assim. E é ele que precisava tanto de um descanso. Repentinamente toma uma resolução. Levanta-se. No escuro, tateia com os pés os chinelos. Encontra-os. Procura o maço de cigarros na mesinha ao lado. Acha-o junto à caixa de fósforos. Coloca um cigarro nos lábios e ris-

ca um palito. O clarão da chama surpreende seus olhos. Coisa momentânea... Passou... Agora encaminha-se para a janela. Torce o ferrolho e escancara a veneziana. Um cheiro bom de terra molhada misturado com o doce olor das flores sobe do jardim. Um clarão cortou o céu. Parara de chover. O ar é refrescante.

André enche os pulmões. Que bom sentir que o ar que se respira ainda é livre. Torna a inspirar com satisfação... Depois olha o céu. Começara a ficar limpo e as estrelas davam início à sarabanda noturna... E ele baixa os olhos e o pensamento começa a brotar como um veio de água viva. Não adianta querer sofrer.

A quanto tempo vem experimentando isso? Ele sabe que é inútil querer desvencilhar. A idéia, a todo momento, está se intrometendo em seu cérebro e, como uma broca, vai perfurando-o sorrateiramente. Depois... vai criando forma e corpo, emergindo lá de longe, do fundo tristonho do seu passado. Parece ouvir uma voz terna repetindo mansamente: Olhos azuis... Olhos azuis... Era como se ela o estivesse chamando ansiosa, de um mundo desconhecido, longe, pra lá do horizon-

Escreva um conto e ganhe Cr\$100,00

NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um "Concurso Permanente de Contos", premiando com a importância de Cr\$100,00 o melhor trabalho que receba durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 7 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.
- 2.º) — Motivo e ambiente nacionais.
- 3.º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e as dramas de fundo moral, sadio e honesto.

✱

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa.

✱

Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

✱

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

sas vezes assustado. Somente alta madrugada que o sono, sem sonhos maus, pareceu-lhe uma bênção.

Acordou tarde. E durante o dia todo tentou fazer algum trabalho. Nada... Estava por demais inquieto. Não conseguia fixar com lucidez o pensamento. Distraía-se constantemente. Talvez fôsse...

A's cinco horas resolveu ir ao lugar onde estivera o dia anterior. Levava consigo uma leve esperança de que encontraria Márcia... Subiu o morro com o coração aos solavancos. Chegou ao topo. E... lá estava ela...

— Como vai, "olhos azuis"!

— Vejo que meu "anjo-da-guarda" também resolveu vir.

— Eu vim aqui...

— Já sei. Vamos usar de franqueza. Viemos porque...

E ambos, contentes, caíram na gargalhada.

O tempo instigava os ponteiros. Corriam velozes as horas. Encantados, fugiam os dias.

Vencera o prazo da estadia de Márcia naquele lugar. Passeavam ambos de mãos entrelaçadas. André sentia uma vaga melancolia. Sentia uma necessidade de falar a Márcia. Era preciso dizer alguma coisa. Dentro da tarde o gorjeio da passarada é como um cântico de amor. André pareceu, repentinamente, inspirado e disse:

— Estranho, mas antes de você partir, já estou sentindo saudade.

Márcia parou: olhou-o profundamente nos olhos:

— Sabe, André — disse ela — eu vou sentir, também, muita saudade sua e falta desses olhos azuis.

— Porque você fala tanto nos meus olhos?

— Não sei bem explicar. Você já deve ter ouvido falar que muita gente acostuma a querer certas coisas, peculiares a certas pessoas. Uns se tomam de simpatia pelas mãos, outros pela boca, outros mais pelos cabelos. Pois é, comigo sucede que fiquei querendo a esses olhos azuis. Amei a sua melancolia desde o nosso primeiro encontro. Pode lhe parecer um romantismo meio desconexo, mas é a verdade.

— E' estranho a seu sentimento. Mas admito.

André parou de falar. Pareceu refletir. Olhou para os cabelos de Márcia e depois para a sua testa. Era preciso dizer tudo a ela. Era preciso... Tomou a resolução e começou:

— Sei que você vai embora amanhã; mas antes de partir

preciso dizer-lhe uma coisa. E' simples... Você já deve ter adivinhado... E' que... — vacilou um pouco e concluiu com pressa: — Enfim, é isto: minha casa é pequena mas dá bem para dois viver... Se você quiser... Desculpe a minha rudeza em declarar a minha simpatia. Não tenho tacto ao que concerne a essas coisas. Mas, ao que parece, é mais prático.

Márcia afastou u'a mexa de cabelo que lhe caía sobre os olhos. Olhou para o chão. Depois, levantando os olhos:

— Está bem. Mas antes de lhe dar uma resposta definitiva, quero que vá conhecer a minha casa.

— Amanhã?

— Como e quando quiser.

— Está bem. Pode partir. Irei breve.

✱

Fazia uma semana que André já se encontrava em casa de Márcia. Era uma noite cálida. Ambos estavam sentados nos degraus da escada da varanda. No ar errava um doce cheiro de flores, vindo do jardim. No céu distante e limpo, as estrelas pareciam alfinetes espetados. André olhou para trás. A luz da sala, cortando enviezada o chão da varanda, deslizava até o jardim. Lá dentro, D. Helena, mãe de Márcia, recostada em sua cadeira de balanço, espetando o seu bordado. André teve um pensamento e sorriu. Podia ser que ele estivesse enganado, mas aquilo tinha qualquer relação com... enxoval. Súbitamente ficou sério. Uma ruga cresceu em sua testa larga. Olhou para Márcia. E então falou:

— Bom, agora que fiquei conhecendo sua casa e sua mãe, quero lembrá-la da minha proposta. Merecerá ainda a sua atenção?

Márcia, que até aquele momento estivera sorrindo, pareceu perder a graça e ficou repentinamente séria.

André pergunta intrigado: —

— Você está preocupada?

— Não. Não estou.

— Não minta. Estou notando isso.

— E' que...

— Diga...

— Você quer saber, André, o seu pedido me é agradável, interessante mesmo.

— Só interessante? Nada mais?

— Não. Não é isso. Quero muito. Mas existe alguma coisa em sua vida que sempre absteve de perguntar, por não supor da minha conta. Mas agora, diante da insistência do seu pedido, sou impelida a interrogá-lo. Não é (Continua na pag. 130)



Apezar da enorme procura,



a produção

das Meias LOBO não pode atualmente ser aumentada. Isto

porque os seus fabricantes continuam dedicando todos os

seus esforços à



tarefa de produzir as melhores

meias que é possível obter no momento.



Portanto, quando adquirir Meias LOBO, limite-se a comprar



sòmente o necessário, para que maior número de

consumidores possa ser servido.



Meias

Lobo

UM PRODUTO DA
FÁBRICA LUPO

Standard Propaganda

FESTINHA NA CASA DO MAJOR

GUILHERME FIGUEIREDO
Ilustração de Fábio



Guilherme Figueiredo é um contista que possui um modo de contar muito pessoal. Seu estilo não se assemelha ao de nenhum outro escritor. Ao lê-lo, temos a impressão de estar a ouvi-lo, tão oral, tão viva é a sua maneira de escrever. Talvez esteja mesmo na oralidade o traço singular de sua escrita. ALTEROSA publica, neste número, "Festinha na casa do Major", um dos seus melhores contos. Nesta história, o fino prosador movimentou os personagens e cada um deles se define por si mesmo. Há alegria, graça, naturalidade, há vida nesta cena típica de nossa época. "Festinha na casa do Major" caracteriza o modo especial de Guilherme Figueiredo, que é, sem favor, um dos melhores contistas brasileiros.

EDU achava melhor se pusessem a vitrola na varanda.

— Na varanda?

Ora, onde já se viu? Na varanda, em frente da casa, numa exibição ridícula de vitrina! D. Guiomar tinha noção de que a discrição é que é o grande luxo. Na varanda? Por que não botavam na sala mesmo, no canto, junto do aparador?

— Mas mamãe, a gente quer dançar. E o espaço?

E' isto, é isto. Estes fedelhos metem-se numas calças compridas e pronto! Já os pais perdem a autoridade. E aquelas calças altas pelos sovacos, aqueles sapatos costurados, aquele colarinho de dois palmos. Não, d. Guiomar gosta de festas, mas organizadas à sua moda.

Agora a outra. Marilinha.

— Marilinha, você vai aparecer com esses lábios assim?

— Uê! Que é que tem?

Seu Romão concordava. Detestava pinturas. Descen o jornal que tinha diante dos olhos.

— Val lavar essa cara, Marilinha.

— Mas papai...

— Já!

Ah!, que ódio! Todos, todos contra os meninos. Ninguém podia viver naquela casa? Maldita hora em que tinham inventado a festinha! Devia bater a porta do quarto, com estrondo. Mas depois viria o castigo, fatalmente. A festa estragada. Obedeceu com olhos de fera.

— Afinal, onde vai ficar essa vitrola?

O major até então não tinha dito nada. Mergulhava o nariz dentro da sopa, o narigão vermelho, grosso, lustroso e apinhado. Me acidentos geográficos azuis. Também a careca era lustrosa, e ornada de uma aureolazinha de pelos, branca e rala, como um beiral de choupana. No fim de contas ninguém lhe perguntava mesmo coisa alguma. Ali era assim: todos deliberavam, todos dispunham. D. Guiomar, a nora, dominava o marido. Seu espírito totalitário e a submissão do Romão evidenciavam o desprestígio da democracia entre os homens, acorados diante de qualquer tirania. No tempo do major não vê que uma mulher... A síntese político-social do major Antero Vidigal surgia para demonstrar que nenhuma ação o pai tinha sobre o filho. E todos viviam à sua custa, dele major! Ele é que contribuía com os seus vencimentos de aposentado, em nome dele estava o telefone, ele pagava quase todas as contas. E nunca nesta vida o filho, a nora, os netos o consultaram:

— Papai, qual é a sua opinião? Major, qual?... Vovô, que é que acha? Se o interrogassem dizia que preferia dormir. Ou não diria nada. Ali ninguém lhe dispensava consideração.

Onde já se viu uma balbúrdia dessas, um baile, por causa de um aniversário! E logo quem! Marilinha, dezessis anos. Nessa idade as meninas devem mas é estudar, ajudar as mães. Marilinha, não. Cinema, banho de mar (com aqueles calções indecentes), conversinhas ao telefone. E a energia de d. Guiomar, que fazia ali? Nada. Consentia. Queria casar a filha. Ah, no seu tempo! O tempo do major era

ainda mais rigoroso que o de d. Guiomar. Um tempo as direitas. Estava velho, sim, mas velho digno. Fôra amigo de Deodoro.

Aquela pergunta — "Afinal, onde vai ficar essa vitrola?" — feita assim por ele, lembrava sua existência à família. Não resistia, é verdade. Pouco lhe importava que pusessem o movel no quarto ou na cozinha. Queria apenas ver-se livre da discussão. Queria que deliberassem duma vez.

— Fica na sala, já disse.

O major sabia que d. Guiomar decidiria ditatorialmente. Estava encerrado o assunto.

Ele viu, depois, quando a nora chamou à parte o Romão. O filho voltou após alguns minutos:

— Papai, não acha bom calçar uns sapatos, em vez do chinelo, e botar uma gravata?

D. Guiomar "ordenava" através do marido. Envergonhava-se do sogro, com certeza. Que mal havia em estar de chinelo? E sem gravata? Era um velho, ninguém ia reparar. Ninguém ligava, ah, se pudesse impor esses argumentos! Ao Romão, o moço, bem que podia. Mas — e a d. Guiomar?

— Não fica bem receber os convidados assim...

Os convidados... Uns meninos mal educados. Detestou os netos, todos os netos do mundo. Sim, o filho viera instruído para rebater todas as objeções. Atuar o punhado de frangotes e pirralhas a gritar pela casa. Não poderia nem ir para a cama. Do seu quarto tinham feito "toilette" de moços. Ninguém tinha consideração por ele. Só disponha do jardim, onde, pela manhã, esforcava-se para ajudar a natureza a desabrochar umas rosas minguadas e anêmicas. Pois bem: nem as suas rosas deixaram em paz. Lá estavam, no jarro da sala. D. Guiomar, é claro. D. Guiomar, a ditadora.

Foi botar os sapatos. Mas conseguiu na gravata todo o seu espírito de independência. Gravata, não.

Edu recebeu os primeiros colegas. Uns mocinhos franzinos e espinhentos, de paletós coloridos e atléticos. Bucozinhos pedantes sob o nariz. Cabelos untados com brilhantina. Abraços e pancadas nas costas. E cochichos que terminavam em explosões de risos.

— Espia o casaco de Pedro! Não é bacana?

— Bacanaço!

Era bacanaço. Que linguagem! O Pedro sorria, envaidecido, exibindo um dente de ouro.

E o outro:

— E' boa?

— Se é? Val ver. Um bocado de material. Chama-se Lili.

Houve exclamações para essa Lili, que chegaria em pouco, espantosamente loura e cinematográfica.

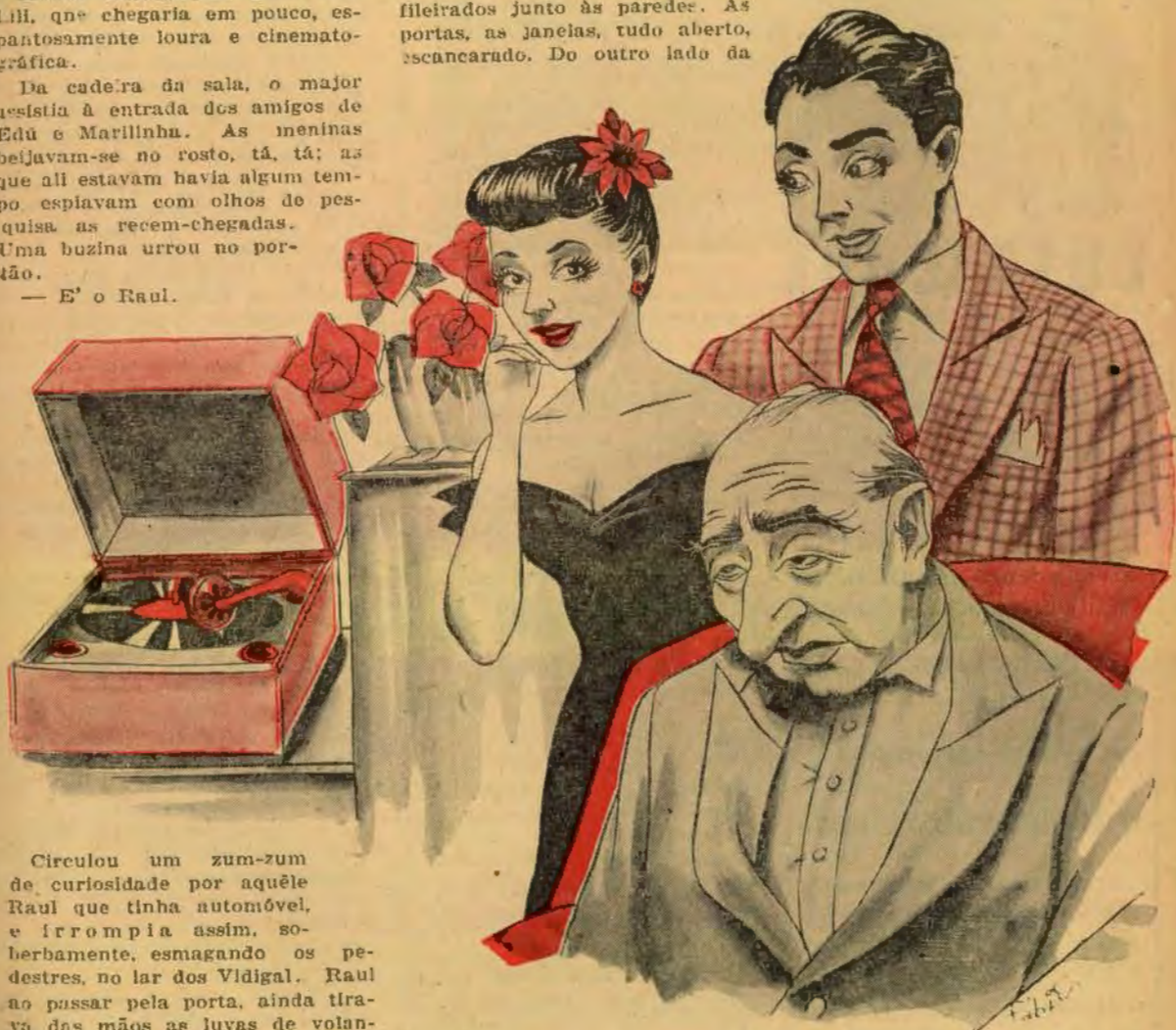
Da cadeira da sala, o major assistia à entrada dos amigos de Edú e Marilinha. As meninas beijavam-se no rosto, tá, tá; as que ali estavam havia algum tempo espiavam com olhos de pesquisa as recém-chegadas. Uma buzina urrou no portão.

— E' o Raul.

beu à porta um colega de escritório, senhor longo e de cor esquelada, acompanhado de duas filhas igualzinhas, vestidas igualzinho, como cantores de rádio a duas vozes. Apresentações. Depois o Romão agarrou-se ao amigo como um naufrago, sentou-o e descobriu para si o primeiro encanto da festa.

Os móveis já tinham sido enfileirados junto às paredes. As portas, as janelas, tudo aberto, escancarado. Do outro lado da

lejanete e atacado de coréla, enquanto a dama saltitava. E dando ao rosto uma expressão beatífica, entoava: "tarara-tarara-tarara-tarara..." Não, o major não conhecia aquelas coisas. Para ele a dança ainda era giratória e elegante, quase mesurosa. Cada cavalheiro conduzia a dama como se receasse um desmaio — como se temesse que ela



Circulou um zum-zum de curiosidade por aquele Raul que tinha automóvel, e irrompia assim, soberbamente, esmagando os pedestres, no lar dos Vidigal. Raul ao passar pela porta, ainda tirava das mãos as luvas de volante. Luvas! Terno de xadrez, desses que usam no cinema os gangsters e os proprietários de cavalos de corridas. Sapatos cabedudos, de camurça. Olhar fatal para as pequenas. Uma onda de olhos femininos, brilhantes e perturbados, acompanhou o Raul. E de entre os rapazes partiam miradas invejosas. Dona Guilomar torvellnhava entre os móveis, apresentando, cumprimentando, rindo à direita e à esquerda, um pouco tonta, como se estivesse embriagada.

Alguém já pusera a vitrola a funcionar. Uma rajada de sons metálicos e histericos comprimiu o ar da sala. Mas entre os convidados pairava ainda uma indecisão de início de festa. Ninguém dançava. O Romão rece-

ria, entre mela dúzia de pessoas do sereno, um rapazinho olhava para dentro da casa, e procurava com ar angustiado.

O imponente Raul deu início à dança. Tomou Marilinha nos braços, enconstou-a de encontro ao peito, e ambos partiram em circunvoluções, balançando as pernas frenéticas. Outros pares, quebrada a cerimônia, também brotaram de todos os cantos da sala. A vitrola, efetivamente, tomava conta do espaço.

Derreado na sua cadeira, o major assistia. Um casal, de mãos dadas, esgueirou-se para a varanda. O lustre da sala chocalhava em ritmo de "swing". Um mecânico não se limitava a tremelicar: erguera um dedo saco-

se desfolhasse no chão. E havia violino, casacas cerimoniais, luvas almas e o tratamento de "senhorinha" e "excelentíssima"... Agora... Nem ao menos o cumprimentavam, a ele, dono da casa! Os meninos do vizinho, sim. Mas os outros? No seu tempo ninguém entrava no lar alheio sem saudar os moradores, sem fazer questão de ser apresentado.

— Um sorvetinho, major?

Não, não queria sorvetinho nenhum.

— Obrigado, Guilomar.

Até mesmo aquela polidez de d. Guilomar era revoltante: era uma delicadeza oficial, diante de todos, uma exibição de cortesia. Queria significar: "Reparem como vivemos em boa harmonia,

À SOMBRA QUE NOS PERSEGUIE: VELHICE



USE

EUTRICHOL

E NÃO FIQUE DE LADO NA VIDA

Aproveite os prazeres que o mundo lhe oferece, cuidando de sua aparência e evitando o espantinho da calvície; cossa e cabelos brancos, usando EUTRICHOL que evita a queda do cabelo, caspa, e o fixa sem empastá-lo ou endurecê-lo. EUTRICHOL é base de plantas medicinais — inofensivo à saúde — revigora o couro cabeludo e concorre para o seu sucesso. Comece a usá-lo hoje mesmo. Para fazer voltar o cor natural aos seus cabelos brancos exija EUTRICHOL, tipo especial.

REMESSA PELO REEMBOLSO POSTAL
MULTIFARMA — Indústria e Comércio Ltda.
Praça Patriarca, 26 — 2.º and. — São Paulo

As mãos femininas e o tratamento Velmán

VELMÁN é um creme maravilhoso que acaba de ser lançado para o tratamento das mãos femininas.

Composto de uma grande quantidade de ingredientes benéficos, "VELMÁN" defende e protege as mãos femininas, combatendo manchas e rugas precoces, removendo impurezas, evitando suores excessivos e odores desagradáveis ocasionados pelo fumo.

"VELMÁN" clareia, amacia e rejuvenesce as mãos. Logo às primeiras aplicações, "VELMÁN" torna as mãos alvas, perfumadas, sedosas e deliciosamente juvenis.

"VELMÁN" espiritualiza as mãos da mulher moderna.

como somos uma família unida, cheia de amor recíproco..." Sorvetinho"... Além do mais, o diminutivo, uma afetação de carinho...

— Tarára - tarára - tarára - tarára-tará!

Ainda na hora do jantar, quando só os dois de casa estavam unidos, d. Gulomar apenas indagava:

— Sopa, major?

Por que não dissera:

— Sopinha, majorzinho?

— Trataratara!

Palmas. O disco foi logo trocado, os pares investiram novamente.

— Vovô, tira as pernas. O espaço já é pouco.

Edú com uma das meninas em duplicata.

Marília passou outra vez nos braços do Raul. Tinha a face roçando na dele, e para isso o rapaz curvava-se um pouco. Marília... O avô ainda a via pequenina, sentada no seu colo, batendo as mãos... Via-a quando a levada a passear, orgulhoso de ter pela mão aquele pedaço de gente buliçoso e perguntador...

Marília... Aos poucos a sua meiguice por ele foi arrefecendo, à medida que a nela crescia. Também a de Edú. Onde estava Edú? Ah, ali no meio da sala, com um grupo cheio de alaridos, aos pinotes:

— Agora, pessoal!

E cada qual fazia um trejeito animado no meio da dança... Sim, pensando bem havia naquela gente alguma coisa de nova e excitante, que o major Vidigal também conhecera: o que lhes faltava era o donaire do velho tempo. A graça antiga, tão cheia de nobreza, tão requintada; e o respeito, isto, o respeito, a seriedade das maneiras, a noção da personalidade, da responsabilidade... Marília, Edú... Ele também tivera os seus bailes, também romperá nos salões impressionando as pessoas, que nem o Raul... Alferes Antero Vidigal... A's vezes, para poder comparecer, pedía emprestado aos colegas o dolman, ou as botinas, ou os punhos. Mas aparecia teso e guapo no uniforme luzidio... Assim conhecera Margarida, a sua Margarida, cujo retrato ali estava na parede, contemplando também os bailes dos netos...

— Já tinha visto essa dança, vovô?

Marília é que perguntava, da passagem, inclinando-se para ele, sem largar o companheiro. Não. Nunca. Bem compreendia Marília. Aquele frase era apenas uma sondagem, para ver até

onde ia a possível reprovação, depois da festa. E também uma espécie de traço de união, um pedido de acôrdo. Que lhe importava? Talvez todos ali tenham razão; talvez os rapazes sintam uma segurança maior no mundo, talvez as moças saibam se defender melhor... Mas faltava, por entre o ruído, um leve tom de respeitoso galanteio... Os pares voltavam a tremer, ao som do saxofone. A' volta da sala, algumas amigas de dona Gulomar repousavam gordamente no sofá e inspecionavam. Num canto, um jovem tímido até agora não tivera coragem de dançar. Já tinha tomado a resolução algumas vezes, mas ou a música parava, ou outro tirava primeiro a dama. Novas palmas.

— O chato da vitrola é este negócio de mudar o disco — Edú exclamou — Vovô, quer mudar?

Levantou-se. Por que não? Chegou junto ao aparelho, retirou a chapa tocada, escolheu outra. Tantos nomes ingleses e difíceis! Uma ligeira variação, retrospectiva, para que Margarida, ali no retrato, ouvisse... Ouviria, sim... Pousou o diafragma na chapa, enquanto os pares esperavam. Uma valsa, a da "Viúva Alegre"... Ela via os moços rodando nobremente, como no seu tempo...

— Ah, vovô, não vê logo!

Edú explodiu, atravessando a sala.

— Não vê logo! A gente quer dançar coisa que presta, não é isto!

O major tentou trocar logo, contentar os pares.

— Deixa isso, deixa! Eu mesmo mudo essa joça! Não se pode pedir nada que o senhor vem logo com essas bobagens! Largue, largue, não se meta mais!

— Mas, Edú, o que é que tem?

— Nada, não.

O neto enfurecia-se, rubro. Bem que o major compreendia; o seu gesto tinha sido para Edú alguma coisa verganhosa; tinha esfriado os entusiasmos, desapontando os rapazes, as meninas, que aguardavam a música. Uma demonstração dos ridículos da família, ali, à vista de todos. Sentia que ele era alguém que devia ser escondido nas grandes ocasiões, enxotado e vigiado para não vir desmanchar a boa ordem e a finura da recepção. Encabulado, ainda quis apagar a insolência do neto e a impressão do desgosto:

— Tá bem, eu ponho outro.

Não precisa, não. Pode largar aí essa porcaria!

Todos olhavam para o major, todos. Assaltou-o uma onda de sangue, em que ferviam velhos

princípios de disciplina e respeito. Devia revidar, castigar na presença dos rapazes, aniquilar aquele frangote! E d. Gulomar que se metesse que ia ver! Isto o acalmaria, apagaria a humilhação, dar-lhe-ia diante dos demais uma importância real, embora hostil. Mas a humilhação foi mais forte, dobrou-o. Afastou-se de junto do moel, procurou de novo a cadeira. D. Gulomar viu tudo e nem ao menos fez um movimento em seu favor.

A vitrola rompeu um punhado de sons ritmados, novamente, uma música arrepiante, de onde fugiam guinchos de piston e frases engroladas de saxofone. Os cavalheiros retomaram as damas, furiosamente. O lustre voltou a trepidar. Quando Edú passou trazia Lili nos braços:

— Mas você já viu? Vovô tem cada uma...

A nora também certamente estaria desenvolvendo explicações para as amigas do sofá... Cadu-quice, rabufice... Ah, que dor, vergonha e despedaçava! Que vontade de sumir-se, desaparecer...

Ao lado do retrato de d. Margarita, que o contemplava com olhos amáveis, o seu próprio retrato também espiava insolentemente, na farda rija de alferes. Tarara-tarara-tarara-tará!

Aniquilado dentro da cadeira, os pares, as luzes, os móveis, o movimento, tudo se tornou baço e mortíco. Até mesmo os sons vinham de longe e mais confusos. Dentro da névoa, ele ainda viu Marilinha, saindo para a varanda, acompanhada de Raul.

Depois — pouco depois — o ruído do motor do automóvel, que trepidou um instante em frente da casa, e diluiu-se na distância e na noite. Marilinha...

OS AINOS

Os ainos formam um grupo racial asiático, que habita a parte meridional da ilha de Sakhalino e as três ilhas meridionais das Kurilas. A raça aína, que já se vai extinguindo, foi conhecida na antiguidade, pelos chineses; só no século XVI os europeus tomaram conhecimento da sua existência. Os ainos dedicam-se especialmente à caça.

Esses povos acreditam numa lendária curiosa, acerca da origem do homem. E' a seguinte: a deusa Aloina foi enviada à Terra, afim de formar o primeiro homem. Antes que terminasse o seu trabalho, foi chamada novamente nos céus e deixou à tartaruga o encargo de completar a obra. Mas o animal adormeceu, esqueceu a missão que lhe fora confiada. Por isso, o homem é tão imperfeito...

Quando o senhor deixar de existir,
**QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS**

Educação dos filhos Cr\$
Manutenção da família .. "
Aluguel da casa .. "
Assistência médica .. "
Hipoteca .. "
Impostos de transmissão .. "
Despesas eventuais .. "



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul", que há mais de 30 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida

"PREVIDÊNCIA DO SUL"

PORTO ALEGRE B. HORIZONTE R. DE JANEIRO
Andradas, 1046 (Sade) R. Rio de Janeiro 418, 1.º Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO SALVADOR CURITIBA RECIFE
J. Bonifácio 93, 6.º Chile 25/27, 4.º 15 de Nov. 300, 2.º 10 de Nov. 147, 4.º

A "Previdência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 75 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe a mais de 700 milhões



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pega ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - São. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado..... ALT

CONTO DE LUIGI PIRANDELLO

ILUSTRAÇÃO DE RODOLFO



FOI NUMA tarde de domingo, ao voltar de um longo passeio. Tulio Buti alugara aquele quarto, havia dois meses apenas. A dona da casa, senhora Nini, boa velhota à antiga, e a filha, solteirona desiludida, não o viam nunca. Ele costumava sair de casa, todos os dias, de manhã cedo, e só voltava à noite, a horas mortas. Sabiam que era tuncionário do Ministério da Graça e Justiça; sabiam também que era advogado. Mais nada.

O quarto, pequeno e estreito, modestamente mobiliado, não conservava nenhum vestígio seu, como se ele, de propósito, quisesse aí permanecer ignorado, como num quarto de hotel. Uma caixa de madeira para a roupa branca; um armário para os ternos; mas nas paredes, sobre os outros móveis, nada; nem um estojo, nem um livro, nem um retrato; nada; nem nunca, sobre alguma cadeira, uma peça de roupa branca esquecida, um colete, uma gravata, nada enfim que pudesse confirmar a sua existência naquela casa.

Mãe e filha temiam que ele aí não permanecesse muito tempo. Fôra tão difícil alugar aquele quarto! Vieram vê-lo muitos, mas ninguém o quis. Realmente, não era muito cômodo, nem muito alegre. Tinha só uma janela, que dava para uma ruazinha estreita, privada, e da qual não recebia luz nem ar, devido à casa fronteira, que o impedia.

Mãe e filha estudavam e preparavam atenções e cuidados para prender o inquilino almejado: —

“Faremos isto... diremos isto...” — e mais isto e mais aquilo; sobretudo a filha, a Clotildinha... Quantas delicadezas, quantas finezas! Tudo, porém, desinteressadamente, sem malícia, sem segundas intenções... Mas como, se ele não aparecia nunca? Se acaso o vissem, compreenderiam logo quanto era infundado o seu receio. Aquêlo quartinho triste, escuro, tapado pela casa fronteira, condizia bem com o temperamento do inquilino.

Tulio Buti andava sempre sózinho, sem mesmo os dois companheiros dos solitários, mais equívocos: a bengala e o cigarro. Com as mãos enterradas nos bolsos do capote, de ombros encolhidos, taciturno, fir-se-a que incubasse o ódio mais profundo contra a vida.

Na repartição, não trocava nunca uma palavra com os seus colegas, os quais hesitavam entre dois apêlidos que lhe enquadrassem melhor: urso ou coruja.

Ainda ninguém o vira entrar, à tarde, num café; em compensação, muitos o tinham visto evitar, à pressa, as ruas mais frequentadas e iluminadas, para mergulhar nas sombras das longas alamedas, direitas, solitárias, dos arrabaldes distantes, afastando-se dos muros, toda vez que encontrava o círculo de luz que os faróis projetam sobre a calçada.

Nem um gesto involuntário, nem mesmo a mínima contração dos músculos da face, nem um mo-

A LUZ DA OUTRA CASA

vimento dos olhos e dos lábios traíam nunca os pensamentos em que parecia absorto, o secreto pensar em que se fechava. Mas d'esse secreto pesar e dos lúgubres pensamentos que se lhe alinhavam no cérebro estava toda impregnada a sua fisionomia. A devastação, que eles deviam produzir naquela alma, estava flagrante na fixidez espasmódica dos olhos claros, agudos, na lividez do rosto desfigurado, nos precoces fios grisalhos da barba crespa e desleixada.

Tullo Buti não escrevia nem recetia cartas; não lia jornais; não parava nem se virava para ver o que quer que acontecesse pela rua e que atraísse a alheia curiosidade, e, se alguma vez a chuva o colhia de improviso, continuava caminhando, no mesmo passo, como se nada houvesse acontecido. Porque insistisse a viver d'esse modo, era o que ninguém sabia... Nem ele mesmo talvez. Vivía... Nem sequer suspeitava que fosse possível viver de modo diverso, ou então, que, vivendo-se diversamente, se poderia diminuir o peso da tristeza e do tédio. Não tivera infância; não fora moço. As cenas selvagens a que assistira, no lar, desde os mais tenros anos, motivadas pela brutalidade e pela tirania feroz do pai, lhe haviam crestado no espírito todos os germes da vida. Morta a mãe, vítima de atrozes sevícias do marido, a família se dispersara: uma irmã entrou para o convento, um irmão fugiu para a América; ele também fugira e, errante, graças a ineríveis sacrifícios, tinha conseguido alcançar a posição que ocupava. Agora, não sofria mais: até o sentimento da dor se obliterara nele. Parecia que estivesse absorto sempre em pensamentos; enganado; já nem sequer pensava. O espírito ficara-lhe como que suspenso numa espécie de atônita obscuridade, que só lhe permitia perceber um quê de amargo na garganta.

A noite, passeando pelas ruas solitárias, contava, mentalmente, os lampeões; mais nada; ou olhava para a sua sombra, ou escutava o som dos seus passos, ou, alguma vez, parava diante dos jardins das vilas, a contemplar os ciprestes mudos e fechados como ele, mais noturnos do que a própria noite.

Naquele domingo, cansado do longo passeio pela rua Apia antiga, e contra os seus hábitos, decidiu recolher-se. Era ainda cedo para a cela. Ficaria esperando, no quarto, que o dia acabasse de morrer. Para as Nini, mãe e filha, foi uma surpresa bastante agradável. Clotildinha até bateu as mãos, de contente. Quais dos muitos cuidados e atenções estudados e preparados, quais das muitas finezas e distinções particulares, dispensar-lhe em primeiro lugar? A mãe e a filha confabularam; de repente, Clotildinha firmou um pé e bateu com a mão na testa. Oh, santo Deus, antes de tudo, a luz! Era preciso levar-lhe o lampeão, o melhor, o que estava guardado de propósito, que tinha umas papoulas pintadas na porcelana, e era de globo esmerilhado. Acendeu-o e foi bater discretamente à porta do inquilino. Tremia tanto de emoção, que o globo, oscilando, batia no tubo, que ameaçava esfumaçar-se.

— Com licença? O lampeão...

— Não, muito obrigado — respondeu-lhe Buti, do outro lado — Eu saio já.

A solteirona fez uma careta, e, de olhos abaixados, como se o inquilino a estivesse vendo, insistiu:

— Tenho-o aqui... E' para não deixá-lo no escuro.

Buti, porém, repetiu secamente:

— Não, muito obrigado.

Estava sentado no pequeno canapé, em frente à mesa e escancarava os olhos na sombra que, a pouco e pouco, se ia adensando no quartinho, enquanto nos vidros da janela tristemente desmaiava o último reflexo do crepúsculo.

Quanto tempo esteve assim, inerte, com os olhos escancarados, sem pensar, sem perceber as trevas que já o tinham envolvido?

De repente, os seus olhos viram.

Olhou em torno de si, espantado. O quarto se havia, realmente, iluminado, de improviso; como se um sopro misterioso o tivesse enchido de um brando lume discreto.

Que era? Que acontecera?

Isto: a luz da outra casa. Acendera-se, na casa fronteira, um lampeão. Era o hábito de uma vida exterior que vinha desfazer as trevas, o vácuo, o deserto de sua existência...

Ficou, longo tempo, contemplando aquêle clarão, como se fosse efeito de magia; e uma angústia intensa lhe apertou a garganta, ao notar com que suave carícia ele se pousava sobre o seu leito, sobre a parede e sobre as suas mãos pálidas abandonadas sobre a mesa. Surgia-lhe, no meio daquela angústia, a lembrança do seu lar destruído, da sua infância oprimida, de sua mãe; foi como se a luz de uma alvorada, de uma alvorada distante, expirasse na noite do seu espírito.

Ergueu-se, foi à janela, e, furtivamente, por trás dos vidros, olhou para a casa fronteira, para a janela de onde lhe vinha aquêle raião de luz.

Viu uma pequena família reunida em torno da mesa de jantar: três meninos, o pai, que estava sentado, e a mãe, que ainda em pé, os estava servindo e procurando — segundo o que ele deduzia dos movimentos — refrear a impaciência dos dois maiores, que brandiam a colher e se sacudiam na cadeira. O último esticava o pescoço, agitava a cabeleira loira: evidentemente, lhe haviam amarrado o guardanapo com muita força; mas se a mãe se apressasse em servir-lhe a sopa, ele não mais se queixaria daquele nó muito forte. Era isso mesmo. Com que voracidade começou a comer! Enfiava a colher inteira na boca... E o pai, através do fumo que se erguia do seu prato, ria. Agora, a mãe também se havia sentado ao lado deles, ali mesmo, em frente... Tullo Buti tentou recuar, instintivamente, vendo que ela, ao sentar-se, erguera os olhos para a janela; mas lembrou-se de que, estando no escuro, não podia ser visto, e continuou a assistir à cena daquela pequena família, esquecendo-se prontamente da sua.

Dêse dia em diante, todas as tardes, saindo da repartição, ao invés de se dirigir para seus habituais passeios solitários, enveredava pelo caminho da sua casa; esperou, todas as tardes, que as trevas do seu quarto se desfizessem, suavemente, sob a luz da outra casa, e aí ficou, atrás dos vidros, como um mendigo, a saborear, com angústia infinita, aquela doce e amável intimidade, de que os outros gozavam e de que ele, em criança, numa ou noutra rara tarde de paz, gozava também, quando a mãe... a sua mãe... como aquela. E chorava.

Sim. A luz da outra casa operou êste prodígio.



Para as donas de casa

A manteiga e os legumes se conservam melhor na obscuridade do que em lugares muito iluminados.

Para conservar-se muito tempo o vinho engarrafado, devem-se colocar as garrafas em posição horizontal e não tê-las em lugar sujeito a vibrações intensas.

As laranjas, os limões e as limas devem ser conservados numa atmosfera ligeiramente úmida, afim de que não se ressequem.

Um banho de água quente dá aos impermeáveis endurecidos a necessária flexibilidade para serem usados.

Para os casos de enfermidades infecciosas é necessária a desinfecção com formol, que deve ser demorada.

É muito aconselhável para a limpeza das teclas do piano o emprêgo da água oxigenada.

Os manchas de gordura sobre o veludo saem facilmente com a aplicação de amoníaco.

As telas pintadas a óleo, quando já estão muito velhas e manchadas, poderão ser limpas, utilizando-se o processo do leite morno que é passado sobre a pintura, embebido num pano fino. Logo após, deve-se passar na flanela bem limpa para secar.

Para consertar-se um objeto de porcelana que se tenha rachado, basta esfregar-se uma amêndoa seca no lugar da rachadura. A peça, assim consertada, não deixará passar água e durará muito.

Para a destruição de lagartas no jardim, se devem misturar duas partes de terebentina fervida com seis partes de água, borrifando as plantas ao anoitecer com esta solução.

Para tirar a gordura das escovas existe um método que apesar da sua simplicidade é o mais prático e eficiente. Toma-se uma das escovas e cobre-se com farelo. Depois, esfrega-se durante algum tempo com a outra e ao limpá-las ver-se-á que o farelo absorveu toda a gordura de ambas.

Os ovos embora rachados, podem ser servidos. Basta que, no local da rachadura se passe, antes de colocá-los na água quente, um pouco de sumo de limão. Depois, deve tomar-se cuidado afim de que ao cair na panela não rache noutro lugar.

A obscuridade atônita em que o seu espírito permanecera suspenso durante tantos anos, se dissolveu sob o influxo daquela luz suave. Entretanto, Tólio Buti não pensou em todas as suposições estranhas que a sua atitude devia fazer nascer na dona da casa e na filha.

Por mais duas vezes, Clotildinha tentara oferecer-lhe o lampeão. Tivesse, ao menos, acendido a vela! Não, nem isso. Por ventura, sentia-se mal? Ousara perguntar-lhe Clotildinha, com voz meiga, na segunda vez que lhe fôra bater à porta. Ele lhe havia respondido:

— Não; estou bem assim...

Mas, santo Deus! não precisava, realmente, da luz... Clotildinha espiara pelo buraco da fechadura e vira, maravilhada, no quarto do inquilino, a luz difusa da outra casa, exatamente da casa da família Masci, e o que é pior, vira-o a ele, por trás dos vidros da janela, preocupado em contemplar a casa da família Masci... E Clotildinha corra, toda sobresaltada, a anunciar à mãe a grande descoberta:

— Ele está enamorado da Margarida! De Margarida Masci!

Poucos dias depois, uma tarde, enquanto estava a contemplar, Tólio Buti viu, com surpresa, naquela sala fronteira, onde a pequena família, habitualmente (naquela tarde faltava o pai) — se reunia ao jantar viu entrar a velhinha, sua dona de casa, e a filha, que foram acolhidas como amigas de longa data.

Num dado instante Tullo Buti recuou, de um salto, ansioso, perturbado. A mãezinha e os três pequenos tinham erguido os olhos, na direção da sua janela. Sem dúvida, aquelas duas estavam falando dele.

E agora? Agora, talvez, tudo estivesse acabado!

Na tarde seguinte, aquela mãezinha ou o marido, sabendo que no quartinho em frente havia um homem que, misteriosamente, os espiava, na escuridão, fechavam as janelas; e assim, daí por diante, não lhe viria mais aquela luz de que vivia, aquela luz que era o seu gozo inocente, o seu consolo...

Mas não foi o que aconteceu...

Naquela mesma noite, assim que a luz da outra casa se apagou, e ele, chumbado na treva, depois de ter esperado ainda que a família se recolhesse, foi abrir cautamente a janela para renovar o ar, viu que a janela de lá estava também aberta, viu, pouco depois (e, mesmo no escuro, teve um estremecimento de espanto,) viu assomar aquela janela a mulher, talvez curiosa de tudo quanto lhe haviam contado dele as Nini, mãe e filha.

Aquelas duas casas muito altas, que abriam, tão perto um do outro, os olhos das suas janelas, não deviam ver, em cima, a faixa clara do céu, nem em baixo, a faixa escura da terra, fechada numa das extremidades por um portão; não deixavam penetrar jamais nem um ralo de sol, nem um raio de lua.

Ela, portanto, não podia ter assomado à janela senão por causa dele e, naturalmente, porque percebera que ele também se achava debruçado na sua janela apagada.

Na escuridão, mal se podiam distinguir. Ele porém, sabia, desde algum tempo, que ela era formosa; já lhe conhecia todo o encanto dos seus movimentos, os lampejos dos seus olhos pretos, os sorrisos dos seus lábios vermelhos.

Antes de tudo, porém, naquela primeira vez, devido à surpresa que o revolvira todo e lhe tolhia a respiração, num frêmito de inquietude, ele teve

(Continúa na pag. 78)



O PEIXE ELÉTRICO

— É um rival meu, modesto porém original, esse "Poraquê" ou peixe elétrico que vem lá das bandas da Amazônia... Seus nervos geram a corrente e, quando se acha carregado de eletricidade, chega a produzir choques bem sensíveis. É quem não acreditar que o experimente! — exclama "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

Companhia Força e Luz de Minas Gerais

TELEFONE 2 - 1200

Foi no meu tempo de colégio. Que suavíssima prisão cheia de piedade e conforto para o espírito! Que dulçor espalhado pelas salas de aulas, nos parques de recreio, nos bancos da capela, em tudo que existia naquele meu mundo maravilhoso limitado por livros, soalhado de esperanças, de sonhos mal vislumbrados por meus olhos que não iam além dos muros de convento. Quantas vezes já não voltei

pelos caminhos antigos, vendo as mesmas paisagens, os mesmos semblantes, as mesmas flores e saudades que o tempo deixou para trás de meus passos.

Hoje, mais que nunca, amo e venero tôdas as recordações que se gravaram em minha alma! Sorvo com a memória este perfume de castiçais e lírios desfolhados que se impregnou nos meus sentidos! Apalpo com o coração aqueles afetos

mornos que um dia me cercaram numa aliança de ferro que nada seria capaz de romper para abalar minha fé nas coisas boas do mundo!

Lembro-me bem de tudo. Os grandes jardins separando os casarões do internato, o parque do meio rodeado de oliveiras, a torre da igreja muito branca e nua apontando as estrelas.

Fazia o ginásio com a mesma classe que me seguia desde os tempos de cartilha.

Nunca houve reprovações em nossa turma; nunca passamos de ano desfalçadas de um elemento. Parecíamos um só organismo, um cérebro só, uma vontade unânime e poderosa de acabar os estudos para entrar num capítulo mais excitante da vida.

Como é ingênuo o coração humano! Como lhe causa tédio a despreocupação dos tempos de paz! Vencida a infância, as-



Pecado



Ilustração de Rodolfo

salta-nos uma inquietude, uma ânsia de ver outras formas de vida; reclama-se um pouco de sofrimento, tem-se necessidade de ver as coisas más, de cair na intransigência, de pisar em areias movediças, de vagar pelas trevas. A calma constriange os espíritos fortes; a felicidade causa tédio, a bonança relaxa as defesas morais com que o homem se escuda dos temporais mundanos.

Talvez por isso toda minha turma ansiava por viver longe do convento, face a face com a vida, longe da quietude santificada que nos anestesiava tingindo tudo com as cores suaves que os de fora estavam longe de conhecer.

Éramos trinta e duas. Todas internas, severamente encerradas durante os meses de aula. Só passávamos fora uns dias de junho e as férias de dezembro; mas isto não chegava para nos libertar dos hábitos e lembranças que trazíamos do convento.

Todas de uma estupenda facilidade para os estudos, todas excepcionalmente vivas, todas profundamente apreciadoras do lado prático das coisas. Eramos preferíveis às lições de química, os apaixonantes fenômenos da física, a geografia relacionada com a evolução da espécie humana, tudo que falasse de vida, de movimento, do lado acessível da existência.

Como em todas as partes, havia entre nós certa quantidade de boas meninas e também uma outra parcela de garotas levadas. Mas estas eram poucas. Umhas tinham gênio demasiado, arrufavam com as colegas, pregavam-nos peças, punham-nos em situações críticas e desapareciam, roubavam-nos os deveres e as merendas. Mas eram coisas da idade; maldades sem consequência. Nunca surgiu entre nós uma prova evidente de existir na turma um coração realmente duro.

Uma das colegas menos apreciadas era minha vizinha de carteira. Pouco mais velha que eu, refratária aos princípios de ordem e comportamento que regiam a vida no internato, avessa ao recolhimento, às meditações da religião, a tudo que

exigisse quietude, compreensão e respeito.

Quando voltava das férias gostava de comentar seus belos passeios, suas aventuras nas praias e festas pois, bonita, como era, costumava arranjar legiões de admiradores por onde passava. Isto parecia, a nós outras mais tímidas, uma enorme superioridade. Enquanto não nos esquecíamos de ir à missa aos domingos nem nos atrevíamos a pôr vestidos demasiadamente curtos, Mafalda passava as férias metida em "shorts", mostrando a todos a perfeição de suas pernas que o incômodo uniforme escondia pelo resto do ano.

Quando voltava ao convento vinha dourada de sol, os cabelos viçosos de ar puro; toda ela espalhava um calor vivificante, um cheiro de civilização, uma alacridade mundana que contrastava com a atmosfera mistica do internato onde os relógios pareciam haver estacionados séculos antes da época em que vivíamos.

Por dois anos seguidos, Mafalda sentou-se à minha carteira. No refeitório tinha lugar à minha frente, no dormitório nossas camas eram vizinhas.

Fui me enfronhando na vida da colega. Enquanto as outras tinham-lhe antipatia eu me dispunha a compreendê-la, a escudá-la contra a ojerisa de todas e a dogmá-la, se possível fôsse, com solicitude, para trazê-la ao caminho das coisas serenas que ela tanto detestava.

Mafalda não tinha pais. Criada por um tio muitas vezes milionário, desconhecia totalmente quem fôra sua mãe, quem fôra seu pai, qual a origem de seu nascimento e o motivo de sua orfandade. Nada daquilo interessava; nunca sentira curiosidade por sua própria história. Costumava dizer que o passado pertencia aos velhos. Tinha o que desejava: a idolatria do tio, uma fortuna à sua espera, uma inteligência privilegiada e um físico encantador. Que mais poderia querer?

Irmã Florinda era nossa mestra de matemática. Freira de meia idade, meiga e compreensiva, respeitável sem jamais tornar-se rispida, magnética e

transparente como as imagens da capela.

Pairavam lendas sobre sua entrada no convento. Diziam-se coisas de seu passado; um caso de amor, oposições de família, quase um escândalo e finalmente a tomada de hábito que pusera um abismo entre ela e o mundo. Nada se sabia ao certo; nem sei de onde brotavam tais suposições para vir flutuar como penas levíssimas no espírito das jovens que comigo povoavam aquele pedaço de paraíso. Apenas as nossas curiosidades remexiam cochichos, ensaiavam hipóteses, metiam olhos na penumbra daquele passado para sair sempre e cada vez mais cegas.

Todas as colegas tinham-lhe grande afeição. Emanava de seu ser uma bondade maternal, acolhia-nos sempre com uma palavra suave, reprendia as faltas com o maior dos carinho, dissolvia hesitações com os mais sábios conselhos.

Estou certa de que qualquer uma de nós ou daquelas trinta e duas ginásianas que formaram nossa turma e hoje vivem espalhadas no mundo, sempre que lembrarem seu tempo de internato terão um especial pensamento para a suavíssima Irmã Florinda.

Aproximava-se junho. Todo o bloco excitava-se com a vinda das férias, quinze dias de mundo após seis meses na fronteira do céu.

Mafalda corria de um lado a outro arrumando as malas, duplicava-se em cuidados com a preparação do uniforme, não passava quinze minutos sem consultar os movimentos do relógio.

Finalmente chegou o dia de saída.

Passei as férias sem avistar-me com qualquer das colegas e só no início do mês reunimo-nos todas dentro dos muros do colégio.

Dias e dias levamos em rodas, descrevendo o que cada qual fizera, pesando avidamente os prazeres alheios em relação aos nossos para apurar quem tivera melhores férias.

Como sempre, Mafalda ganhara. Além de ter conseguido que o tio lhe comprasse uma baratinha encarnada arranjara



EM TODAS AS CASAS DO RAMO

DISTRIBUIDORES:

DROGARIAS RAUL CUNHA

1800 — BELO HORIZONTE



**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combate as Feridas,
Espinhas, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismo

PRESENTES ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS NACIONAIS E
ESTRANGEIROS ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS DE PAPELARIA ?

Oliveira Costa & Cia.

**SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS**

AV. AFONSO PENA, 1050

FONE 2-1607 e 2-3016

BELO HORIZONTE

um namorado; segundo nos disse, um rapaz bonito, moderno, rico e de boa família. Haviam passeado juntos dançando nos principais clubes da cidade, enfim namoraram a sério e ficaram assentado que nas férias de dezembro voltariam a se avistar.

Mafalda contou tudo aquilo com seu jeito especial de se valorizar, pormenorizando detalhes, impondo a todas sua indiscutível superioridade.

Notei que as colegas torciam o nariz. Mafalda era-lhes antipática! Só eu me interessei de verdade por seu relatório. Admirava-a não sei porque; seu egoísmo fascinava-me. Mafalda parecia um fio de vida nos prendendo ao exterior.

Certa noite, quase à hora de nos recolhermos, um grupo enorme palestrava com Irmã Florinda à entrada do dormitório. Contávamos nossas aventuras durante a folga recém-terminada e a boa freira tinha ouvimentos generosos para com nossas tolices. De repente, lá do meio do bloco, uma colega soltou certa frase que seria o início de uma das mais surpreendentes histórias vividas na tranquilidade do nosso colégio.

— Sabe, Irmã Florinda, a Mafalda voltou das férias apaixonada...

Rimo-nos todas e fitamos a mestra. No seu semblante meigo havia uma ponta de interesse.

— Apaixonada?

Uma outra explicou:

— Arranjou um namorado; vive a falar no caso!...

— Mas não deve ser coisa sobrenatural, meninas. Mafalda é inteligente, bondosa e já tem seus dezessete anos.

— Dezoito no próximo mês. — corrigiu Mafalda.

Irmã Florinda fitou-a.

— Seria demasiada curiosidade indagar quem é ele?

Mafalda ficou ligeiramente vermelha.

— Ora, Irmã Florinda... foi coisa de quinze dias; nem sei se tornaremos a nos ver.

— Combinaram encontrar-se em dezembro! — gritou lá de trás uma indiscreta.

— Então, minha filha?... — insistiu a freira com uma malícia deliciosa.

— Pois bem, Irmã, desde que a senhora insiste: chama-se Rubens Andrade.

— Andrade?!

— Filho de Celso Andrade, o rei do ferro.

— Filho dele?!

Notamos um eco de pavor naquela exclamação. Todos os olhos pregaram-se-lhe no rosto. Girava curiosidade em nossas veias; um silêncio angustioso cercava nosso grupo. Foi a própria Mafalda quem nos livrou daquela tensão.

— Que houve, Irmã Florinda? acaso os conhece?

A freira controlou-se.

— Não, minha filha... Isto é... Penso que já ouvi falar neste nome.

— Alguma coisa contra eles?

— Não, nada! teria graça, minha filha; nem os conheço. — e sorriu encabulada, sem saber como se livrar da conversa e dos olhares fixos que todas nós lhe punhamos em cima. Por fim teve uma idéia salvadora: consultou o grande relógio de algebeira e movimentou-se para nos deixar. — Agora vamos dormir. Vamos que já é tarde. Boa-noite, meninas.

— Boa-noite, Irmã, — respondemos em coro. Mas ninguém se mexeu. Seguimos com o olhar aquele vulto silencioso que sumia nas trevas e ficamos sem solução. Cairia uma inter-rogação em nossos cérebros: que teria perturbado a costu-meira tranquilidade de nossa mestra? Haveria ligação entre aqueles nomes e o passado da freira? E se assim fôsse, que afinidade teria Mafalda com o caso?

O tempo continuou passando. Uma semana atrás de outra semana, mês após mês, no mesmo ritmo de vida.

O namôro de Mafalda não foi coisa passageira. Ela e Rubens começaram a se corresponder secretamente e aquilo punha um ar de mistério em nossas fisionomias e uma eterna intranquilidade em nossos corações onde ecoava ainda a alterada exclamação de Irmã Florinda naquela noite já distante. Desde então passamos a notar transformações na conduta da freira. Irmã Florinda parecia sempre nervosa, sobressaltada, desconfiando de tudo como se temesse que a observassem. Aproximou-se de Mafalda o mais que pôde. Controlava seus passos, exercia vigilância constante sobre nossa colega, tornou-se-lhe uma sombra.

Mediante régias gratificações o carteiro punha a correspondência de Mafalda num lugar



O nome garante o produto

Sim! Quase um século de tradição fazem o crédito de um nome que se firmou no conceito público mundial pela excelência de seus produtos. E a experiência de milhões de pessoas comprova que o nome de um bom produto, afiançado pelos seus êxitos passados e presentes, é a melhor segurança de qualidade, a mais perfeita garantia para o público. Este é o

caso Singer, cujo nome em toda a parte indica sempre o melhor produto ou serviço do gênero. Nas máquinas de costura — centenas de milhares funcionam perfeitamente há mais de 40 anos — cada uma de suas peças é feita com o melhor material para trabalho de precisão que é uma garantia duradoura. Nos mais longínquos recantos do Brasil, o Serviço Singer as-

segura a existência de peças e acessórios legítimos Singer a preços módicos, bem como as insuperáveis agulhas Simanco. Os cursos Singer ensinam a coser e bordar. As confecções Singer oferecem a roupa feita ideal. Assim, Singer é um padrão de qualidade. Assim, onde estiver a marca Singer, existe uma afirmação de excelência, na qual o nome garante o produto.

As Máquinas Singer podem ser adquiridas mediante módicas mensalidades.

Lojas e Agentes autorizados em todas as cidades do Brasil

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

O ENCONTRO

Será na grande noite,
quando tudo estiver em silêncio.

Ninguém perceberá a sua chegada,
nem a música das suas palavras,
nem o perfume dos seus cabelos,
nem o tom místico dos seus olhos claros...

Será na grande noite,
quando tudo estiver anestesiado,
sob a ação da grande libertadora...
A saudade, apenas a saudade, estará desperta
na noite do grande encontro.
Eu sentirei, de repente,
a beleza antiga de seus gestos luminosos.
A grandesa dos seus pensamentos.
A pureza das suas promessas
A nobreza da sua renúncia...

Flores pequeninas acordarão à sua passagem,
estrelas se acenderão no azul
e as paredes mortas de meu quarto
se povoarão de lembranças...
A noite estará suave e tranqüila.
Os insetos estarão mudos.
Ninguém perceberá o ruído discreto dos seus passos
na estrada branca e deserta...
Todos estarão ausentes,
perdidos na eterna distância...

Maria Emília de Castro Goulart

ermo, junto à capela. Ali uma de nós sempre apanhava o que era deixado, pois, apesar de não ser simpatisada, Mafalda contava com nosso espírito de camaradagem. Ademais qualquer coisa nos dizia que a colega tinha relação com o mistério da freira e um constante contacto com a vida daquela por-nos-ia ao par de tudo que ocorresse.

As respostas eram mandadas pelo mesmo processo: deixavam-se as cartas no local combinado e ali o carleiro ia buscá-las.

Um dia, não sei por que cargas d'água, Irmã Florinda descobriu as cartas de Mafalda. Penso que nunca tremi tanto quanto no momento em que vi a religiosa chegar à nossa classe, pedir que fizessemos silêncio e dizer que achara uma car-

ta de Rubens Andrade dirigida à nossa colega.

Aquilo era um crime terrível no convento! Além de só se admitirem cartas de parentes ou responsáveis pelas internadas, toda correspondência passava pela censura do colégio.

Gelamos! Afinal estávamos todas metidas no embrulho! Qual, porém, não foi o nosso espanto quando Irmã Florinda recomendou absoluto sigilo. Não queria que o fato chegasse ao conhecimento das Superiores.

Trocamos olhares. Que seria aquilo? Excesso de bondade? Conveniência própria?

Desde então Irmã Florinda duplicou sua vigilância sobre Mafalda. Tornou-se áspera por vezes. E no entanto parecia sofrer quando fugia ao seu natural doce e compreensivo.

Renasceu a nossa curiosidade. Ligava-se seu terror naquela noite e seu sigilo de agora e todas compreendiam estar à frente de um problema. Qual de nós seria capaz de resolvê-lo?

Numa tarde de domingo fui escalada para tomar conta da portaria. Meu serviço era receber as visitas que procurassem as alunas, chamá-las ao parlatório e outras insignificâncias semelhantes.

Mas ninguém apareceu até quase cinco horas. Quando ouvi a campainha da porta dei um pulo da cadeira, larguei o livro que folheava e fui abrir. Era um senhor bem vestido, magro e alto, com uns cinquenta e poucos anos aparentes e muito polido ao falar.

— Desejo ver uma das religiosas. — disse-me.

— Poderia dar-me o nome da que desejava ver?

— Pois não; chama-se Irmã Maria Florinda.

— E a quem devo anunciar?

Ele remexeu os bolsos do colete.

— Dê-lhe este meu cartão; ela compreenderá.

Dei uma olhadela ao cartão enquanto fazia-o entrar no parlatório e sentar-se numa poltrona.

Correu-me um calafrio pela espinha: Celso Andrade! Sim era este o nome que eu tinha entre os dedos. Então era o pai de Rubens! Que desejaria de Irmã Florinda? Que o teria trazido ao convento?

Vislumbrei, não sei como, uma oportunidade de esclarecer aquelas interrogações que pairavam em torno da freira. Minutos depois, Irmã Florinda entrava no parlatório. Mostrara-se agitada quando lhe anunciei a visita; apressou-se por atender o homem que a esperava e me deu ordem para descansar até sua volta. Ela mesma responderia pelos trabalhos da portaria.

Intrigou-me aquela bondade. Pareceu-me que Irmã Florinda queria ver-se livre de mim, de minha presença talvez indiscreta junto à sua entrevista.

Veloz como um raio dei volta pelos fundos do pavilhão e alcancei o parlatório sem despertar a atenção do homem absorto em pensamentos. Pu ei uma janela baixa que dava para o salão e movi-me com passos de seda ao longo das tapeçarias fôfas que decoravam aquele re-

canto. Refugiei-me atrás de um reposteiro pesado que me escondia totalmente e fiquei palpitando de inquietude, admirada de tanta ousadia.

Quando Irmã Florinda chegou fez uma súbita parada e simultaneamente o homem levantou-se. De meu canto eu não perdia uma palavra, um movimento.

— Eugênia... — murmurou ele num tom carinhoso. A religiosa empalideceu e deu dois passos à frente como se fosse deter-lhe as palavras.

— Por Deus, senhor! Peça-lhe que não esqueça quem sou atualmente.

— Perdôe-me... Lembrei-me da mulher que muito amei, que ainda amo talvez.

— Esta mulher morreu, senhor. Se não para si, pelo menos para o mundo. E' forçoso que compreenda isso.

— Pois bem, irmã. E por que mandou me chamar?

Irmã Florinda ofereceu-lhe uma cadeira e sentou-se-lhe à frente.

— Precisei falar-lhe. E' necessário que se evite uma tragédia com criaturas que nos são caras. Não desejo que mais outros venham sofrer por causa de um meu pecado.

— Seu pecado?

— Sim. — frizou ela — o nosso pecado.

— Explique-se então.

Irmã Florinda falava mais baixo e eu precisava apurar meus ouvidos.

— Trata-se de seu filho.

— De Rubens?

— Sim.

— Que tem êle?

— Desde junho passado namora uma de nossas internas e com tal insistência que chegaram a se corresponder secretamente.

— Bem e que há de mal? Acaso o fato se propalou, foi ao conhecimento das Superiores?

— Não, isso não! eu mesma descobri e abafei tudo.

— A senhora?

— Sim. Seria péssimo para ela e para mim se descobrissem o que se passou.

— Péssimo para as duas? Mas por quê? A senhora não deve desconhecer que Rubens já não é uma criança; ademais é meu único herdeiro, portanto plenamente capaz de encarar qualquer compromisso.

— Seu filho e esta jovem já mais poderiam casar...

Ele teve um sorriso irônico.

— Ora, Irmã; como pode tomar decisões sobre os destinos alheios?

— Sobre ela posso tomar qualquer decisão; seu destino me pertence.

Pairou um silêncio sobre os dois. Por fim brotou a pergunta que êle tinha receio de fazer.

— Queira me dizer, Irmã; quem é ela?

Houve outro silêncio. A resposta pareceu mais custosa que a pergunta.

— E' a nossa filha, Senhor.

Não sei o que senti no meu esconderijo. A princípio tive a impressão de perder os sentidos. Então ali estava a história toda, saltando aos olhos esclarecendo tudo. Mafalda era filha de Irmã Florinda; Irmã Florinda amara Celso Andrade mas êste era casado e tinha um filho; depois a entrada da moça no convento; Rubens era o filho de Celso e consequentemente irmão de Mafalda. Era atordoante! E pensar que se fazia tanto silêncio à volta de um abismo tão gigantesco onde os dois jovens estavam prestes a cair!

Abandonei minhas conclusões para ouvir o fim da entrevista. O homem pusera-se de pé, sobressaltado.

— Ela! e onde está? como pôde ocultá-la tanto tempo?! Por Deus, deixe-me vê-la! ela é minha também!!

— Calma senhor; ela já não nos pertence, nem ao senhor nem a mim.

— Quem a tem? Quem a criou?

— Foi criada por Roberto Viana, aquêle que um dia quis me desposar. Eu mesma a entreguei a seu carinho, pois tinha certeza de que êle me amava e teria desvelos por tudo que fosse meu. Roberto Viana hoje é rico, ela é feliz e poderá ser mais ainda se a livrarmos do perigo que corre. Devemos afastá-la de seu filho antes que tenhamos de enfrentar maiores desgostos.

— Rubens deverá partir em jandiro para terminar o seu curso na Universidade de Londres. Ficará cinco anos longe do país.

— E' preciso antecipar a viagem. Mafalda entra em férias em dezembro e não devem tornar a se ver... Seria doloroso ter que falar a Roberto e explicar o perigo que a menina corre. Mafalda é jovem, logo não lembrará do rapaz.

Seu vestido e
seu amigo...
e seu
inimigo



PROTEJA A SUA
PERSONALIDADE ELEGANTE
COM O NOVISSIMO
CRÊME DESODORANTE
ODO-RO-NO

Esse vestido lhe realça a beleza, mas também absorve o suor e exala os máus odores das axilas!

O novíssimo Crème ODORONO evita a transpiração até por três dias. ODORONO é tão suave quanto um crême vaporoso — não irrita a pele, nem sequer após uma depilação. Tem um perfume agradável. E' de fácil aplicação. Não mancha a roupa, nem reseca no póte.

Adquira hoje mesmo um póte de ODORONO.



Crème ODO-RO-NO

Desodorante e Corretivo da Transpiração
Proporciona uma suavidade que perdura!



AMORES HISTÓRICOS

ALFREDO DE MUSSET e LUIZA DESPREAUX



LUIZA Despreaux, famosa atriz, foi intérprete de algumas das melhores obras dramáticas de Alfredo de Musset.

Era uma criatura encantadora, alegre e distinta, embora algo ríspida e, às vezes, franca.

Musset frequentava-lhe assiduamente o camarim, e os laços de amizade transformaram-se nos ternos laços do amor. A eloquência amorosa do célebre poeta, a atriz cedeu, e ela mesma narra, pouco depois, a história desse amor numas cartas a uma amiga íntima. Estavam, pois, enamorados e Luiza sentia que já o amava.

Certa noite, Musset acompanha-a a casa e confessa que a ama, Luiza se emociona, mas não responde.

Musset insiste, dias depois, sobre a sinceridade de seus sentimentos, e o fez com uma ternura comovedora, a que se sucedeu, bruscamente, sem que Luiza nada compreendesse, um acesso de indignação, que se transformou em fúria.

Reconciliaram-se mais tarde. Mas a vida dos dois transcorreu através desses incidentes imprevistos, verdadeiramente dolorosos para Luiza, que desejou em duas ocasiões quebrar aqueles laços impossíveis. E os desgostos e reconciliações sucederam-se com desesperada frequência!

Em maio de 1850, antes da representação de "Le Chandelier", Luiza escreveu a Musset, rompendo definitivamente. Da Argélia, onde se encontrava, escreveu-lhe o poeta cartas desesperadas. Dizia numa delas:

"Luiza. Esqueces o juramento que me fizeste... Ainda ressoam aos meus ouvidos tuas palavras de amor. Julgo sentir ainda o eco de sua voz, que me persegue: 'Amu-te, amo-te, amo-te, Musset'. Deixaste-me definitivamente? Não creio. Dizes-me que sonhaste para mim um belíssimo papel numa comédia? És moça e bela e não podes viver sem amar. Necessito do teu amor, Luiza, como do ar que respiro. Não mo negues, porque morreréi".

E sucedem-se as cartas apalxonadas.

Mas Luiza, inabalável, responde:

"Voltar a unir-nos? Para que? Todo conserto tem sempre esse imperceptível sinal escuro que indica o lugar onde se colaram os pedaços. E assim seria o nosso amor. Teríamos um mês, dois, três, de alegria e tranquilidade... Mas, depois? Dizes-me que sonhaste para mim um belíssimo papel numa comédia. Que melhor papel que o que me tens feito representar na tragi-comédia do nosso amor? Fui amante fiel e dedicado, e encontrei em ti somente crueldade e fastio. Brincaste comigo como o gato com o camondongo. Agora, o infeliz, camondongo fugiu, e choras e te desesperas porque não podes mais martirizá-lo... A apaixonada Luiza cedeu lugar à 'indiferente Luiza'."

Minha alma quer ver-me livre do veneno do teu amor. Que o destino ponha no teu caminho uma mulher que melhor saiba te compreender... Adeus."

— Este é o seu nome?

— Sim, chama-se Mafalda. Houve um breve silêncio. Irmã Florinda também pôs-se de pé e aguardou a última palavra.

— Pois bem, Irmã. Logo que chegue a primavera Rubens deixará o país; não torne a se preocupar.

Brilhou nova luz nas feições da religiosa.

— Obrigada, meu amigo. Muitas vezes obrigada.

Enquanto Irmã Florinda acompanhava-o até a porta saí parlatório como um pé de vento. Só parei de correr quando havia atravessado dois ou três pavilhões para além da portaria. Cheguei ao parque central afogueada de susto e pasmada de surpresa. Sentei-me num banco cercado de plantas e fiquei pondo em ordem as minhas idéias.

Estive sózinha longo tempo, acalmando os nervos, sossegando o coração que saltava no peito.

Meditava sobre o caso quando pousou-me no ombro uma mão de veludo. Voltei-me. Era Irmã Florinda.

— São seis horas, minha filha, não vai à capela fazer as orações da tarde?

Olhei-a bem dentro dos olhos.

— Ia mesmo para lá, Irmã. Apenas achei aqui o lugar tão bonito que sentei um pouco para pensar na vida.

Seus lábios tiveram um triste sorriso.

— Não pense na vida, minha filha. Ela é como um rio profundo que tem a face assetiada. Se pensarmos que no fundo acharemos pedras e lodo teremos medo de mergulhar.

— E não há forma de viver sempre na tona?

Ela riu da minha ingenuidade.

— Pode ser, pode ser; — depois piscou-me o olho maliciosamente e terminou. — Mas volta e meia todos nós vamos ao fundo. Agora, apressemos nossa filha; já é tarde e devemos orar.

Nossos vultos seguiram juntos. Eu e ela donas do mesmo segredo, apenas nós duas compreendendo as mesmas emoções como se tivéssemos espíritos gêmeos.

Sumimos entre a quietude das oliveiras atendendo ao apelo da torre branca que nos oferecia o refúgio de sombra.



—Parecia-me um PANELÃO de QUARTEL!

...até que o Vinho Reconstituente Silva Araujo me devolveu o bem-estar e as energias perdidas!

Essa impressão estranha de cansaço pode resultar apenas do sangue fraco, pobre e desnutrido. E se assim é, o Vinho Reconstituente Silva Araujo, é o tônico indicado para o rea-

justamento de suas energias. Faça esta preciosa experiência e sentirá logo animadores resultados. É que o Vinho Reconstituente Silva Araujo, receitado por nomes ilustres da nossa medicina, é rico em cálcio, quina, fósforo e peptona de carne. E é um valioso restaurador para a sua vitalidade!



A palavra de inúmeros grandes médicos brasileiros, acrescenta-se, também, a do ilustre professor Renato de Souza Lopes:

"O Vinho Reconstituente Silva Araujo é uma tradição na terapêutica brasileira, até hoje, com justiça, acatada. Tal o motivo por que sempre o aconselho com a maior confiança".

Vinho Reconstituente

SILVA ARAUJO

— O TÔNICO QUE VALE SAÚDE!

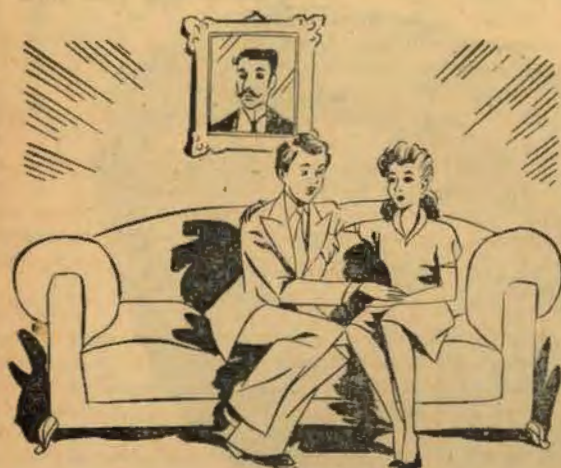
J. W. T.

O RETRATO DA SALA DE VISITAS

Gilberto de Alencar

Ilustrações de Fabio.

CAPITULO I



SEZEFREDO Lomba Vidigal, bacharel em direito, casou-se aos vinte e seis anos de idade, numa quarta-feira, oito de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, o civil em casa e o religioso no altar-mor da Igreja da Glória, na cidade de Juiz de Fora, onde nascera. Casou-se é um modo de falar, porque o que ele realmente fez, casando-se, foi ganhar a sua primeira grande causa. O dote da noiva era de trezentos contos de réis em apólices, e havia outros trezentos em perspectiva, ou ainda mais, como depois se verá. Ora, trezentos contos, mesmo desvalorizados, para um advogado que em perto de cinco anos de profissão não conseguira tirar o pé da lama, são decerto uma bela vitória. Vitória completa e agradável, realizada dentro de quatro meses, que tantos, não mais, foram os suficientes para o namoro, o noivado e o casamento.

Certa noite de agosto, noite ainda muito fria para a estação já adiantada, Sezefredo Lomba Vidigal, no café que habitualmente frequentava na rua Halfeld, esquina da avenida Rio Branco, em conversa com um amigo, soube que no bairro do Botanical, do outro lado do Paraibuna, estava morando uma viúva rica, fazendeira, com uma filha casadoura, pequena muito bonita e cheia do dinheiro.

Sezefredo, que até ali palestrava um tanto distraído, como que despertou ao fim da frase do interlocutor.

— Cheia do dinheiro, Luiz?

Luiz de Freitas, cirurgião-dentista, tipo de homem grande, muito gordo, muito alto, fizera os preparatórios num dos colégios da cidade, onde fora condiscípulo de Sezefredo.

— Então, cheia do dinheiro?

Freitas confirmou logo:

— Cheia, sim. Falam por aí em trezentos contos, herança do pai. E a mãe, além da fazenda e muita apólice, tem várias casas aqui e três

ou quatro no Rio. E a pequena só tem um irmão.

— No duro?

— Pois então? Sei de tudo isso por minha mulher, que mantém relações, desde solteira, com a viúva e a filha. Gente muito distinta. E a menina é mesmo bonita.

Sezefredo Vidigal não estava, evidentemente, fazendo lá muita questão de boniteza. Boniteza, no caso, era o que menos importava.

— Você acha fácil uma apresentação? Será que a pequena já tem namorado?

— Creio que não tem, não. E se você quiser ser apresentado espere uns dias. A primeira vez que d. Laura e Lúcia forem lá em casa eu lhe telefono e você aparece, como quem vai visitar-me.

Luiz de Freitas gostava de Sezefredo, achava graça nêle, na sua pouca inteligência, nas suas escassas letras, no seu cinismo raro em homem ainda tão novo e sobretudo na sua vontade tenaz de romper, de ganhar dinheiro e posição, de ser alguma coisa na vida, ainda que por processos pouco lhos e inconfessáveis. O dentista não estava mal. Já casado, bem instalado na existência, com uma boa e numerosa clientela, as coisas corriam-lhe a contento, ao contrario do outro, advogado sem nome e sem causas, fazendo muito mal para vestir-se e morando ainda com os pais. Sentia-se superior e a superioridade gera a indulgência e a simpatia. E, depois, não custava nada fazer a apresentação, favorecer a caçada ao dote que o bacharel vinha tentando inutilmente há cinco anos. Quem sabe se, desta vez, daria certo?

— Você então não se esquece?

— Esqueço não, deixe por minha conta.

Os olhos de Vidigal brilharam, mexia-se todo na cadeira, esfregava as mãos, chegou a pedir mais um café, êle que nunca pedia e esperava que ns outros pedissem e pagassem.

— Você foi sempre muito bom camarada!

E depois de uma pequena pausa:

— Acha você que será ainda esta semana?

— É possível. Talvez no sábado. Aos sábados elas quase sempre aparecem.

Luiz de Freitas mostrava-se visivelmente interessado em servir ao amigo sem sorte. Casara-se com moça pobre, de família humilde, outra superioridade sobre o advogado e que cada vez mais o predispunha a protegê-lo na tentativa. Não custava nada a proteção ou custava muito pouco.

Vidigal batia-lhe nas costas carinhosamente, demonstrando muita gratidão antecipada.

— Camarada velho! Os amigos são mesmo para as ocasiões, não concorda? Você então no sábado telefona sem falta?

Luiz de Freitas telefonou sem falta no sábado à tarde. Sezefredo foi ao bairro de S. Mateus visitá-lo, lá encontrou a viúva e a filha, jantaram todos juntos, por insistência de d. Zuzú, mulher do dentista, e três dias depois, no Botanical, o bacharel já passeava de noite com Lúcia, no escuro, o braço direito dêle colado ao braço esquerdo dela ao longo dos dois corpos, as mãos enclavinadas e

os rostos unidos, rua abaixo, rua acima, bem devagar para durar mais. Ao fim de uma semana desses passeios noturnos, d. Laura entendeu que não convinha continuar, porque as cozinheiras e arrumadeiras da vizinhança também passeavam à noite pelo bairro, muito agarradas a soldados do exército e da polícia.

— Uma pouca vergonha!

De fato era uma pouca vergonha muito grande das domésticas, um verdadeiro atrevimento das pretas e mulatas das redondezas, que tentavam imitar, assim sem mais nem menos, as moças de família.

Para que a filha não permanecesse sujeita a vexames deveras insuportáveis, dona Laura achou prudente franquear desde logo a casa ao dr. Vidigal. O namorado prosseguiu na sala de visitas, presidido por um quadro que pendia da parede, mesmo por cima do sofá estofado, uma fotografia ampliada do coronel Benevides Moreira Seabra. E assim, do alto, bem quieto dentro da sua moldura, o falecido pai de Lúcia passou a vigiar, todas as noites, os colloquios intermináveis dos dois, sentados bem juntos no sofá em baixo, enquanto a viúva andava lá por dentro, só aparecendo a intervalos regulares, numa espécie de ronda destinada a reforçar a vigilância silenciosa e bem pouco eficaz do coronel no seu caixilho dourado.

Esta fase da sala de visitas foi um tanto mais longa do que a dos passeios no escuro, mas ainda assim durou pouco, porque já em princípios de outubro, ou por aí assim, Sezefredo e Lúcia estavam noivos e as conversas e projetos passaram a fazer-se na sala de jantar, em cujas paredes não havia nenhum retrato e sim uma oleografia da Ceia de Leonardo, em ponto grande.

D. Laura Moreira Seabra, se não demorou nada em concordar com o noivado, foi porque um doutor na família lhe parecia coisa altamente desejável e também porque as informações sobre Sezefredo não eram más. Luiz de Freitas e d. Zuzú, sobretudo, não poupavam gabos ao rapaz. A's vezes insinuavam um certo defeito que ele tinha, mas só o faziam por saberem que, dadas as circunstâncias, o defeito não era defeito, mas virtude. Sezefredo era seguro, possuía até fama, entre os amigos, de refinado pão-duro. Isto parecia de molde a tranquilizar muito sobre o destino dos trezentos contos, que nas mãos rôtas de outros pretendentes poderiam ir por água abaixo. Lúcia a seu turno, pensava que um homem formado sempre fazia mais vista no círculo das amigas e conhecidas, as quais em geral se contentavam, diante dos tempos bichudos, com empregados de banco ou então com funcionários públicos de pequena categoria e pouco futuro. Vidigal era um advogado quase sem causas e inteiramente sem pecunia, sabia-se. O dote, porém, dava para tudo. Além disso, desde que deixara o colégio interno cinco anos antes, a vida, ora na fazenda, ora na cidade, lhe decorria muito monótona. O cinema, os bailes no clube, os romances para moças, os figurinos, um ou outro passeio ao Rio, os namorados que mudavam de mês em mês sem maiores consequências, tudo já se lhe afigurava muito páu... O casamento, aos vinte anos, seria um modo, segundo ela, infalível, de fugir àquela existência que a enfiava, com os seus dias iguais e serenos.

Sezefredo tratou de apressar as coisas.

Tratou mesmo de precipitá-las.

O noivado na sala de jantar, o esplêndido chá com torradas de todas as noites, o doce conchêgo em torno à mesa, sob a lâmpada discreta, os jogos que se inventavam quando vinham o Freitas

e d. Zuzú, as conversas até a hora de passar o último bonde para a cidade, tudo era muito bom, sem dúvida, mas as apólices, com que sonhava sem cessar, acordado ou dormindo, só estariam definitivamente garantidas depois da intervenção do padre e do juiz de paz, sobretudo deste último.

— Isto de enxoval, dizia ele à noiva e à futura sogra, quanto mais simples melhor. Nada impede que se compre mais tarde o que por acaso ficar faltando.

D. Laura, embora estivesse disposta a gastar, para não fazer fêlo, achava que o bacharel não deixava de ter a sua razão. E agradava-lhe muito a parcimônia do noivo, vendo nela uma garantia para o dote, mais tarde.

Percebendo que podia contar com o apoio da viúva, Sezefredo propôs que se realizasse o casamento dentro de dois meses.

— E nada de festas, d. Laura. A senhora sabe muito bem como é essa gente. Por mais que se faça e por mais que se gaste, não falta quem sala falando, metendo a roncã. O melhor é não haver nada. A moda agora é receberem os noivos os cumprimentos das pessoas amigas na igreja. Excelente moda. Devemos segui-la, a senhora não acha?

D. Laura achava. E Lúcia, que a princípio relutara, por ser de opinião que se devia realizar tudo de maneira brilhante e que provocasse a inveja e a admiração dos vizinhos, acabou achando também. O noivo afinal mostrava muito bom senso e não ficava bem contrariá-lo. Que ela, além do mais, não gostava de ser desmancha-prazeres.

Sezefredo Lomba Vidigal casou-se a oito de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, o civil em casa, na sala de visitas, sob a presidência do coronel Benevides, imóvel no seu caixilho dourado, e o religioso na igreja da Glória, onde uma chusma de convidados de ambos os sexos, capitaneada por d. Zuzú, atirou sobre ele e sobre Lúcia, à saída, uma chuva de grãos de arroz com casca.

Estava ganha a primeira grande causa.

Outras haveriam de vir, que o bacharel, agora, pusera mesmo o pé na estrada certa.

CAPÍTULO III



A COMBINAÇÃO fôra que a viagem de nupcias duraria um mês, mas uma semana depois o casal encontrava-se de volta, com grande surpresa de d. Laura, que até se assustou ao receber o telegrama avisando-a do regresso inesperado. Imaginou logo qualquer contratempo sério, alguma doença ou mesmo qualquer desastre. Mas não era nem desastre, nem doença,

que os dois gozavam magnífica saúde. Os hotéis no Rio e em Petrópolis é que estavam caríssimos, não se falando no preço incrível dos restaurantes, das corridas de automóvel, das diversões. Um tal de gastar dinheiro que parecia não ter fim. E Sezefredo tratou imediatamente de encurtar de dois terços, ou mais, o prazo marcado.

— Foi melhor assim, d. Laura. O Rio, em dezembro, é um forno. E Petrópolis só dá estranheira. Lucia também não revelava lá muita vontade de continuar... Depois, a senhora sabe, sempre é melhor passarmos o Natal todos juntos.

No mesmo dia do regresso instalou-se o casal na residência, inteiramente reformada e mobiliada de novo, que d. Laura dera de presente à filha no dia do casamento. Era uma casa confortável e mais ou menos a duzentos metros do palacete da viúva, o que tornava mais suportável a separação.

Ao percorrer os cômodos em companhia de Lucia, que soltava gritinhos de surpresa e de prazer diante dos objetos valiosos e finos que o carinho materno andara espalhando um pouco por toda parte do novo lar, Sezefredo ia examinando os móveis, as louças, os cristais, os tapetes, tudo do bom e do melhor, e sentia-se como que imerso num grande bem estar, numa ampla sensação de felicidade completa. Veio-lhe então à lembrança num instante, toda a dura vida de estudante que levava no Rio, vida de privações de toda a sorte, as médias de café com leite à guisa de almoço, os ternos sovados, os sapatos rotos, a mesada de cento e cinquenta cruzeiros que o pai lhe mandava de má vontade, os empregos muito precários e muito subalternos que arranjava aqui e ali para ganhar mais alguns cobres, a pensão de quinta ordem da rua de S. Pedro, onde em mangas de camisa conlham portugueses suarentos, o quarto muito acanhado, com dois e às vezes três companheiros...

Todas as humilhações, todos os sofrimentos, todas as amarguras daquele período ainda recente perpassaram-lhe pela memória, num relance, sobretudo a recordação de tantos prazeres, diurnos e noturnos, ao lado dos quais havia estado, jejuando sempre, no tumulto da grande cidade. E agora, dentro do prédio que era seu, junto da mulher que era sua, entre a mobília luxuosa que lhe pertencia, com as trezentas apólices já no banco em seu nome, rendendo juros, ele era feito o homem egoísta que numa noite muito fria e muito escura, numa noite de chuva e de ventos cortantes, como que se sente ainda mais agasalhado e mais seguro, no seu leito macio e nos seus cobertores felpudos, ao pensar nos pobres diabos que andam lá por fora pelas ruas, sem capa, sem dinheiro e sem destino.

Estavam acabadas, bem acabadas, as humilhações, inclusive a amarga humilhação que, depois de formado, teve que aguentar em casa dos pais, durante os últimos quatro ou cinco anos, em que a advocacia só lhe dera alguns magros inventários, muito pedidos, muito suplicados.

O pai, volta e meia, falava naquilo de nunca o filho ganhar dinheiro que prestasse, que valesse a pena. Manuel Vidigal, português, viera de Celórico de Basto para o Brasil há mais de quarenta anos... Estivador no Rio de Janeiro, hortelão e chacareiro em Niterói, fletor de turma na Central do Brasil, acabara dono de um pequeno armazém de secos e molhados em Juiz de Fora, já casado com uma filha de Italianos, Clara Lomba, que foi quem fez questão que Sezefredo estudasse e fosse gente. Vidigal, atormentado pela mulher e tam-

bém estimulado pelo orgulho de vir a ter um filho doutor, acceceu. Mas depois da formatura, ao ao ver o bacharel sem serviço e sem roupas, era seu costume repetir entre os dentes:

— Gasta-se este mundo e o outro para formar um homem e o raio do homem, depois de formado, não ganha nem para a fatiota. Ora já se viu!

Sezefredo tinha afinal mostrado ao pai que há vários modos, nesta vida, de ganhar a própria fatiota, e alguns bem mais rápidos e menos trabalhosos do que os armazéns de secos e molhados.

Esta vitória sobre o velho Vidigal, que aliás não ia lá para que digamos no tocante a depósitos bancários, contribuía muito para a satisfação atual do genro feliz de d. Laura.

O negociante passara a achar que o canudo sempre serviria para alguma coisa, ao que a mulher replicava:

— Pois então eu não lhe dizia, seu Manuel? Eu bem que lhe dizia.

Ambos, porém, estavam muito longe de julgar que o filho, naquela mesma tarde do regresso da viagem de núpcias, já andasse a ruminar novos planos.

Andava, sim.

Percorrida a casa, foram percorrer também o quintal, que era vasto e bem cuidado, e foi nesse passeio que acudiu ao espírito do dr. Sezefredo a idéia luminosa de que poderia facilmente dobrar a renda que as apólices lhe proporcionavam. As apólices davam-lhe quinze contos por ano. Arranjar outras quinze era canja.

— Você não acha, Lúcia, que a casa é muito grande para nós?

— Pequena é que não é. Mas a gente se acostuma.

— Sei lá. . . Acho muito grande.

Quando entraram para o jantar, ainda insistiu:

— Grande demais, pois quem é que não vê logo?

Lúcia deu-lhe uma palmadinha no rosto.

— Muito grande ou não, a casa é nossa e você não deve desfazer no presente de mamãe...

Desfazer! Quem é que disse que ele desfazia? Desfazia coisa nenhuma! Estava, bem longe disso, mais do que disposto a mostrar, dentro em pouco, o valor que sabia dar ao imóvel.

CAPÍTULO III



Não levou uma semana, e Sezefredo, que duas, três e mais vezes por dia falava no tamanho exagerado da casa, principiou a bater noutra tecla. Esta outra tecla era que d. Laura, coita-

da, estava muito sozinha no palacete do Botana-gua, onde apenas podia contar, por assim dizer, com a companhia silenciosa do coronel Benevides, no seu caixilho dourado da sala de visitas. Maurício levava todo o tempo nas aulas do último ano do ginásio e no C.F.O.R., mal aparecendo em casa à hora das refeições e recolhendo-se tarde da noite. Tinha também que estudar, trançado no quarto. E era bom quando não se via obrigado a passar semanas inteiras acampado longe da cidade, para os exercícios militares.

Ao almoço, ao jantar, à noite, quando ficavam em casa ou iam ao cinema, o bacharel não se cansava de aludir à solidão de d. Laura.

— E você sabe, Lúcia? Tenho ouvido falar que uma perigosa quadrilha de ladrões arrombadores anda agindo estes últimos dias em Juiz de Fora. E gente que veio do Rio. Sua mãe corre risco, sozinha em casa com as empregadas. Maurício chega sempre tarde e ainda não tem muito juízo.

— Também acho que mamãe vive muito isolada. De dia, quando você sai, vou para lá, fazer-lhe companhia. Mas de noite, realmente...

— Pois não é o que eu estou dizendo? Chega a ser um absurdo, uma verdadeira imprudência que ela continue assim.

— Que se há de fazer?

Sezefredo sabia muito bem a providência que se devia tomar, mas não desejava, ao menos por enquanto, ir muito depressa.

Continuou durante mais alguns dias a argumentar no sentido de que não era humano, nem sequer razoável deixar d. Laura tão abandonada. Tornou a falar na quadrilha de ladrões perigosos, arrombadores profissionais, citando várias casas já assaltadas, até por sinal que uma delas era ali bem perto, no Botana-gua, próximo à ponte da rua Hal-feld. Um dos assaltantes, perseguido por populares decididos, chegou a atirar-se ao Parabuna, muito cheio com as últimas chuvas, escapando a nado. Gente perigosíssima, com a qual, em hipotese alguma, ninguém devia facilitar.

Lúcia, por fim, entrou de assustar-se, ficando cada vez com mais pena de d. Laura. Já parecia mesmo sentir um tal ou qual remordimento de consciência, porque, tudo considerado, do seu casamento, feito às carreiras, é que adviera aquela situação em verdade bastante desagradável.

— Mamãe deve estar sofrendo!

Sezefredo, de repente, num sábado à tarde, depois do jantar, que decorrera quase que em silêncio, percebendo que a mulher trazia os olhos úmidos, foi-lhe dizendo assim como quem não quer nada, com ares de distraído:

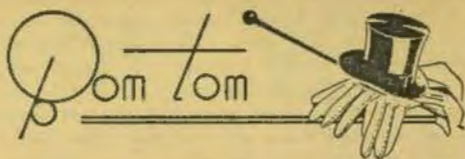
— O que consertava tudo era se fôssemos morar no palacete, com sua mãe... Ela gosta tanto da gente!

Não foi preciso mais do que isso.

Lúcia procurou logo d. Laura, abraçou-a a chorar e deu-lhe a conhecer o projeto, afirmando ser este tanto dela quanto do marido. A viúva também chorou, vendo simplesmente em tudo aquilo uma prova de afeição da filha e do genro. O dr. Sezefredo Vidigal era mesmo um moço muito distinto e ela de nada podia queixar-se.

No dia seguinte, após a missa das dez na Catedral, estava a mudança feita e toda a família tomou parte no ajantarado daquele domingo, pois que Maurício, sendo dia de folga no quartel, chegou por acaso em cima da hora.

Sezefredo, sem perder tempo, tratou de alugar a casa, com a mobília, por seiscentos mil réis, a um oficial do Exército, já cansado de morar no



Não é correto nem gracioso mover-se os braços com exagero ao caminhar.

*

Nada mais incorreto que o costume de tratar das unhas enquanto se espera, na estação, o trem para a viagem. Estes detalhes de cuidado pessoal devem ser providenciados em casa e nunca em público.

*

Num restaurante, o correto é que as damas permaneçam com o chapéu pôsto. Num casa de família, estarão sem chapéu.

*

As visitas de pêsames devem ser as mais breves possíveis.

*

Quando, na mesa, é preciso passar um copo ou prato a uma outra pessoa, se deverá fazer isso por trás da pessoa que se inteponha e nunca por sua frente. Apesar disso, o mais correto é pedir ao companheiro de mesa que faça o favor de alcançar o aludido objeto.

*

Quando um amigo nos cede o automóvel, guiado pelo seu "chauffeur" particular, para conduzir-nos a alguma parte, devemos gratificar a este, pois não tem obrigação de servir-nos.

*

Nunca se deve entregar fechada uma carta de apresentação. Quando se deseja fechá-la, é indispensável antes lê-la ao interessado ou àquele a quem seja destinada a beneficiar ou favorecer de qualquer modo. Agir de outra forma é cometer uma grave incorreção.

*

Conversar em voz gritante, quer seja em público ou em família, é demonstrar uma educação incompleta.

*

A chegada de um cavalheiro, numa reunião social, as senhoras e senhoritas não devem levantar-se. Devem permanecer sentadas esperando que ele as cumprimente.

*

O comensal que faz gestos com os talheres nas mãos, enquanto fala com o vizinho de mesa, comete uma grande falta, pior ainda se tiver comida no garfo.

*

A colher se introduz na boca só um terço e enfiada, nunca de ponta nem de lado, tendo-se o cuidado de não fazer ruído ao sorver seu conteúdo.

hotel por causa da falta de casas em Juiz de Fora, suspendeu a conta do armazém e os outros fornecimentos, dispensou a cozinheira, mandou embora a copeira, tirou o telefone. Tudo junto representava renda igual, senão superior, à das trezentas apólices em custódia no banco.

Quando d. Zuzú contou a história ao marido, o gordo e bondoso Luiz de Freitas disse para os seus botões que Sezefredo, pelo jeito, ainda era capaz de ir bem mais longe do que ele supunha ou esperava.

Manuel Vidigal falou para a mulher, no armazém de secos e molhados da rua de S. Roque:

— O rapaz fez bem, tu não achas? Era uma falta de cálculo manter assim duas casas para tão pouca gente. Palavra de honra que eu já não estava a ver aquilo com bons olhos. Não dizia nada porque não gosto cá de me meter na vida dos outros. Economias, senhora Clara, fale-me sempre em economias.

Pelo Natal desse ano, que era o segundo ano da segunda grande guerra, o Paraibuna transbordou, houve na cidade uma enchente como nunca se vira, mas as águas não chegaram ao palacete de d. Laura Moreira Seabra, construído numa elevação, bem para dentro do alinhamento da rua.

A noite o palacete ficou todo iluminado até tarde, a ceia foi muito alegre e muito farta, depois da ceia foram todos para a sala de visitas conversar.

— Pois é, d. Laura, se não tivéssemos abreviado a viagem de núpcias, não estaríamos agora passando este Natal todos juntos.

D. Laura concordou em que de fato fôra melhor assim, porque o Natal, sem a família reunida, é sempre muito triste.

Lúcia ligou o rádio.

O rádio estava dizendo que as bombas alemãs continuavam a cair sem parar por sobre a heroica cidade de Londres, mas também dizia, em compensação, que os gregos, em Janina, obrigavam os camisas pretas de Mussolini a ceder terreno e a correr como lebres espavoridas.

A viúva observou que era um horror não pararem a guerra ao menos em um dia como aquele. Bem que o Papa havia pedido.

— E ainda por cima esta enchente aqui na cidade, com tanta gente a sofrer!

Sezefredo pediu que Lúcia ligasse para outra estação, afim de ouvirem músicas alegres.

— Afinal, d. Laura, que é que se há de fazer? O mundo é assim mesmo, e o remédio é aceitar as coisas com filosofia.

Filosofia, uma coisa que lhe valera várias reprovações e de que não entendia nada.

Imóvel no seu caixilho dourado, o coronel Benvides presidia à reunião familiar, a cabeça quase inteiramente branca, a calva incipiente, os bigodes grisalhos, a fisionomia um tanto severa, mas simpática, os olhos com uma suave expressão de bondade inteligente. De todo o bairro chegavam ruídos inusitados, vozes de homens que impeliavam canoas pelas ruas, gritos assustados de mulheres e crianças fugindo com água acima dos joelhos, o surdo rumor de casas e muros que desabavam ao longe, à beira do rio. Dentro da noite, a cidade lutava contra a enchente.

CAPITULO IV

EM 1941, terceiro ano da segunda grande guerra, aconteceram muitas coisas importantes. Os alemães chegaram às portas de Moscou, Maurício Seabra saiu aspirante a oficial da reserva, os japoneses atacaram em Pearl Harbour,



nasceu o primeiro filho de Sezefredo Lomba Vidigal.

Mas não lhe nasceu, então, a Sezefredo, tão somente o primeiro filho.

Nasceu-lhe também uma preocupação de todo em todo inesperada, uma preocupação que se tornou incessante desde o momento em que surgiu, uma preocupação teimosa que, se não lhe tirava o sono nem o apetite, não deixava, todavia, de perturbar-lhe de modo bastante sério o gozo sereno da nova existência.

Sezefredo estava forte, engordara vários quilos depois do casamento, vestia-se bem, com muitas exigências quanto à roupa branca, alimentava-se ainda melhor, tal se pretendesse, de semelhante maneira, compensar a tristeza antiga das camisas encardidas, a tristeza inesquecível das refeições de café com leite dos tempos de estudante. De uma somiticaria terrível para os outros, não recuava, entretanto, diante da necessidade de soltar dinheiro para tratar-se. Não soltava, muito, porque a mera era toda por conta da sogra, uma excelente mesa, sempre com muitas coisas boas vindas da fazenda, lombo de porco, frangos, queijos gordos, a escorrerem manteiga, ovos fresquinhos e muita fruta. Não soltava muito, mas em todo caso soltava para os sapatos, uns sapatos de três solas, para os ternos, para as gravatas, tudo talvez sem gosto apurado, porém, de alto preço. Nunca havia tido escritório e providenciou logo para montar um na rua Halfeld, num sobrado, com uma vasta taboleta na sacada do prédio, mais uma placa de metal amarelo junto ao elevador: "Dr. Lomba Vidigal, advogado". Escritório só para fazer farol, que as causas, fora um ou outro inventário sem importância, não vinham nem a pau e ele bem pouco se incomodava com isso.

Mas fazer farol era uma das formas que adotara para usufruir a situação de segurança que alcançara. Farol nas roupas, mesmo sem elegância, farol no enorme anel de grau que Lúcia lhe dera de presente e que não tirava do dedo, farol na superioridade estúpida com que agora procurava falar aos amigos e conhecidos, sem excluir o próprio Luiz de Freitas, o adiposo Luiz que tão útil lhe fôra naquela fria noite de agosto do capítulo primeiro.

O dr. Lomba andava nédio, corado, sorridente, muito loquaz.

A inesperada preocupação, contudo, não lhe dava folga. Era em casa, era na rua, durante o dia, durante a noite. Verdadeira idéia fixa.

Consistia a preocupação em que dona Laura ainda se mostrava bastante moça, com os seus quarenta e dois anos já feitos, e muito bem conservada. Quando saía com Lucia, e isto era muito a mludo, pareciam duas irmãs e ninguém, sem conhecê-las, diria que fossem mãe e filha. Ao passarem pela rua Halfeld, que é onde se exhibe a elegância local, com perfumes violentos e muita perna feminina à vista, ao passarem pela rua Halfeld nas horas de maior movimento os olhares dos homens se dirigiam muito mais para a viúva do que para a mulher do advogado. Os mais vulgares e grosseiros chegavam a dizer em voz alta, fazendo questão de serem ouvidos, que ela era mesmo muito boa, uma uva. E na opinião de muita gente, sempre em dia com a vida alhela, parecia certo que pensava em casar-se outra vez e que até já trazia de olho um tal Uchôa, nortista e caixeiro viajante.

Sezefredo, como é fácil imaginar, não estava gostando absolutamente nada da história. Os boatos que a respeito se espalhavam nas rodas conhecidas boilam-lhe com os nervos.

Um segundo casamento de d. Laura podia ser muito conveniente para ela, muito do seu agrado e da sua vontade, mas para ele significava um desastre, com a diminuição e até mesmo com a perda total de tudo quanto Lúcia ainda deveria herdar. Meter um intruso nos negócios da família, no ponto em que se encontravam as coisas, de mais a mais um nortista e caixeiro-viajante, era uma idéia extravagante e inaceitável, era sem dúvida atrapalhar tudo, comprometer irremediavelmente as apólices restantes e as propriedades.

D. Laura não podia fazer isso. Não vê!

D. Laura já se tinha casado uma vez. Que se contentasse com essa vez. Não lhe cabia o direito de recomeçar, com prejuízo evidente dos filhos, em tempo de botar tudo a perder.

Nessa época, quando de tarde chegava em casa, de volta do Fórum e do escritório, o bacharel passou a falar muito em inventários e partilhas, nos impostos pesados que recaiam sobre as heranças, na ganância e voracidade do fisco e da justiça.

— Uma gente insaciável. Vocês nem podem imaginar que ladroeira! Eu às vezes até tenho vergonha, apesar de acostumado. Os herdeiros, hoje em dia, quando recebem a metade do monte, dão-se por muito satisfeitos, passam a mão à parede... Alguns acabam não recebendo coisa nenhuma. Tudo se vai em impostos, em selos, em buscas, em honorários, em editais e precatórias. E dizem que vem por aí um novo regimento de custas ainda mais extorsivo. Não sei onde iremos parar.

A mulher e a sogra não entendiam muito bem, ainda mais que Sezefredo empregava o vocabulário forense, como se estivesse por acaso falando a indivíduos da profissão.

Ela, porém, aos poucos, cautelosamente, procurava tornar-se mais claro e mais direto.

— As pessoas que têm posses andam alarmadas. E muitas, como defesa, estão adotando o sistema de doação em vida. A senhora sabe como é, d. Laura? Se é dinheiro ou se são apólices a portador, entregam aos filhos de mão para mão. Se são casas ou terrenos, fingem uma venda, passam escritura aos herdeiros. As despesas, com tal processo, são muito menores e assim o fisco e a justiça ficam a ver navio. Só esta semana fizeram isso o capitalista Oliveira Rezende, aquele do Alto dos Passos, e uma viúva muito rica, fazendeira em Vargem Grande. Fora os que eu não sei...

(Continua no próximo número)



Van Ess, à base de "crème veludo" deixa os lábios suaves e provocantes. Protege os lábios, não resseca nem quebra e não tem aspecto gorduroso. E três fatores o fazem preferido: qualidade, tamanho e preço.

Báton

Van Ess

Torna os lábios irresistíveis

Para uma perfeita combinação: pó facial e "rouge" atomizado Van Ess.



Talco Malva

IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ

FINÍSSIMO E
PERFUMADO

APROVEITE-SE
DA GRANDE ECONOMIA
DO TALCO MALVA
DE FÁBRIK DE
PRODUTOS DE TOILETTE
DE MÍDAS DEBILIS

PERFUMARIA MADCOLLA
RIO HORIZONTE

**“Estou esperando uma Parker “51”!
Não aceitarei outra coisa!”**



O senhor deve ter notado que as canetas Parker “51” andaram escassas. Os operários especializados necessários para fabricar a caneta “mais desejada” em todo o mundo, estiveram empregados na produção de espoletas para projetisloguete e outras utilidades imprescindíveis à vitória das Nações Unidas. Mas agora elas começam a chegar! E a caneta que lhe couber, compensará qualquer espera. Porque esta caneta entra em ação assim que a sua pena protegida toca o papel. A ponta de raro osmiridio exige menos esforço ao escrever. Mais ainda — é a única caneta desenhada e construída para usar a tinta de secagem mais rápida que existe no mundo... a tinta Parker “51”. Se o senhor não consegue comprá-la agora, faça já a sua encomenda. Sentir-se-á compensado pela espera!

*Escreve seco com
tinta líquida!*

Preços: Cr\$ 375,00 e Cr\$ 450,00
em todas as boas casas do ramo.

Parker “51”

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., R. L. de Março, 9-1.º - Rio de Janeiro
Em Belo Horizonte: Sr. José Harry Leite - Rua São Paulo, 554

915-P

Maio, mês da rosa e do sonho...

ALBERTO OLAVO

VOU contar uma coisa mas, pelo amor de Deus, peço a vocês que não falem a ninguém não. É segredo. Eu sou do tempo em que ainda se amarrava cachorro com linguiça. A gente chamava qualquer lúlu pedindo que estivesse latindo de mais e dizia-lhe: — cale a boca, lúlu. Cachorrinho de estimação não cala nem por nada. Continuava latindo. Ai então se perdia a paciência, pegava-se num pedaço de linguiça mais fina, segurava-se o animalzinho e explicava-se pra ele: olhe, você vai ser amarrado com esta linguiça no pé dessa mesa. Se comer a corda, apanha. O bichinho escutava, se deixava prender e ficava horas e horas amarradinho, nem chelrava o amarrilho. Pois é. Eu sou desse tempo. Tempo que vai longe, tempo em que, no arralal onde nasci, não se extrava no mês de maio como fazemos agora. Também o mês não era essa indiferença de hoje, era cheio de rosa e de sonho. Em todas as casas em que houvesse roseiras, os botões iam virando flor e exclamavam, ao abrir a alma nas manhãs: — Maio chegou, meus colegas, vamos florir! E floriam todas as rosas, sorrindo-se umas para as outras. E' que sabiam de véspera que, à noite, iam coroar Nossa Senhora, nas luzes do seu altar, dentro da igreja cheia de luz. Agradecida e modesta, como sempre foi, Nossa Senhora, vestida de branco, ficava satisfeita da vida, até sorria, enquanto as pétalas das rosas choviam sobre a sua cabeça coroadada. Por sua vez, os homens, imitando-as, parece que se tornaram bem melhores de coração, não se falando nos moços, porque estes então se faziam poetas de fato, se já não eram. O próprio mês transformava-se numa real poetagem. De dia, a gente passava pela rua Direita e qual-

quer moça que chegasse à janela estava com a cabeça cheia de papalotes, pois este era o modo por que, naquela época, se operava ondulação permanente. Não havia outros aparelhos. Em algumas casas, ensaiavam-se cânticos bonitos, passando se ouviam, mas não eram canções como as de hoje não, Deus me livre, não eram tangos, não eram maxixes, não eram desses lero-leros de agora, isto não. Era "Princesa excelsa", era o "No céu com minha mãe estarei", era uma porção de coisas assim. Uma beleza! Basta dizer que ainda nem se pensava em fox. Alguns cantos até se falavam mesmo no latim, ali no duro. Nem se entendiam de tão boaitos. Parece que havia uma vontade louca de todo mundo ser bom e não amolar a ninguém. Por exemplo, o João Maria, fogueteiro, era danado para fazer bomba e foguete de estouro. Aquilo era cada estalo no ar que arrebatava os ouvidos. Em Maio, não. Mudava. Fabricava foguetes de lágrimas. Havia aquela chladeira, a vareta se aprumava em cima do arralal, você ficava esperando estourar, mas não estourava nada, fazia na no alto, puf... e se abria no céu uma fogueira azul e silenciosa e virava vermelho, branco, cor de rosa, abria-se em todas as cores.

E vinha tudo caindo nas ruas, num clarão poético. O João Maria era um bicho para essas poetagens de luz. E quando o espetáculo se mostrava sublime, a meninada, de papo pro ar, até admirava: — Ai, João Maria...

Mas o bom mesmo de tudo se passava é nas quermesses, depois da novena, no largo da Matriz. O leiloeiro era o Artur de Matos, meu parente. Que camarada inventivo na parolagem! Uma vez, contando não se acredita, ele vendeu, no leilão, um canivete sem mola por vinte mil réis, tanto atigou os namorados. Trepado numa mezinha, de martelo na mão, exclamava:

— Vinte mil réis me dão pelo canivete. Vinte mil réis! Se mais achara mais tomara, se não mais acho abaixo o facho. Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três. Paf... O rebuçado é do Quím da Amélia. E o Quím saía do meio do povo, vermelho de acanhamento, ia no cercadinho, bebia um cálice de vinho, pagava e não recebia troco. Ah tudo isso era uma pandega. Era um divertimento. Mas vai longe como o diabo, é o que lhes digo. Era no meu tempo, no tempo em que se amarrava cachorro com linguiça. Hoje... ah hoje a linguiça está por um preço demasiado, e ninguém é bobo mais pra criar cachorro, pois se até criança nem as mães querem criar mais. O mundo está perdido e entre as coisas que se perderam está a poesia do mês de Maria, este mês chôcho que vocês estão vendo aí, igual aos outros meses, sem festa, sem riso, sem cânticos, sem rosa e sem sonho. Um mês à-tôa, tão diferente do meu tempo. Nem é bom falar.



Vitrine

★ UM LIVRO PARA VOCÊ ★

CRISTIANO LINHARES

A POESIA é a expressão sugestiva de um recalque poético que dorme no subconsciente. Como a música, sua irmã gêmea, é mais para ser sentida e interpretada do que mesmo compreendida. Os pensamentos muito claros, as emoções muito claras é certo que não podem ser poéticas, no alto sentido que se empresta à poesia.

Segundo esta interpretação, a maior poetisa do Brasil cremos que é a extraordinária Cecília Meireles, cuja voz, cujo canto vem do fundo da humanidade, vem do infinito do mar verde. O seu verso guarda o sussurro das coisas como a concha encerra no bojo o bramido das ondas. Por isso mesmo é que seus poemas são sussurantes. Há neles uma como melodia esparsa, que se confunde com o lamento das águas, com o gemido dos ventos, no arvoredo. O adjetivo que lhe cabe ao estro é *cósmico*. Ela é cósmica. Descendente de ilhéus, trouxe nas velas e na alma a nostalgia das viagens, o pressentimento das tempestades, o rumor das rezas e das imprecações de marinheiros e aves marinhas, no alto mar, em meio dos

penedos trágicos. Hoje, pode-se dizer que Cecília é quase que um canto isolado, uma canção solitária em meio do deserto de poetas e poesia que é o Brasil atual. Nossos poetas são gaitas desafinadas, quando não são vozes gastas, velhos de cem anos, ainda apegados ao velho realismo desmantelado do patrasianismo. Por isso eu digo a Vocês, minhas leitoras: — comprem o "Mar Absoluto" de Cecília Meireles, um dos pouquíssimos livros de versos em que há poesias, entre os publicados ultimamente.

*

★ LIVROS NOVOS ★

O JOVEM RENNY — Mazo de la Roche — Livraria Editora José Olimpio — Rio — 1946.

Focalizando a vida e estudando tipos com invulgar maestria, a notável romancista canadense Mazo de la Roche escreveu um romance verdadeiramente moderno, através do qual nós vamos reviver trechos de nossa própria vida e rever tipos conhecidos. Ótima tradução de Miroel Silveira.

CÉSAR BÓRGIA — Rafael Sabatini — Coleção "Vidas Extraordinárias" — Editora Vecchi — Rio — 1946.

Esplêndida biografia, escrita com vigor, vibrante de aventuras, esse livro focaliza uma figura impressionante da história universal. A tradução foi confiada a Frederico dos Reis Coutinho, e está muito bem feita.

ALELUIA — Fannie Hurst — Coleção "As Américas" — Editora Vecchi — Rio — 1946.

A autora criou, nesse dramático ro-

mance, um fascinante grupo de personalidades de todas as esferas. É a história de uma mulher heróica que tudo deu sem obter nenhuma recompensa. Traduzido por Marina Guaspari. Um belo romance.

EVOCÇÕES DO MEU PASSAPORTE — Carlos da Silva Azaújo — Rio — 1945.

O autor reuniu, nesse livro, atraentes páginas evocativas, contendo impressões de viagens, de pessoas e cidades. É um caleidoscópio colorido, a que a singeleza e elegância do estilo mais valoriza. É um livro que se lê com prazer.

COLHEITA DE FRUTOS — Tagore — Trad. de Abgar Renault — Liv. Editora José Olimpio — Rio — 1946.

Em prosa ritmada e melodiosa, Abgar Renault reconstituiu em português mais um dos notáveis poemas de Rabindranath Tagore. Os que se

(Conclua na pag. 77)



Literária

★ POETAS E PROSADORES ★

TUDO se herda e se sublima, e aí de nós se assim não fôsse. A vida se entancaria em sua evolução e talvez mesmo que um dia parasse de todo, transformando-se no silêncio da pedra.

As almas, como os corpos, se sucedem indefinidamente. Murilo Rubião, por exemplo, transfigurou a bondade de seus ascendentes em seu estilo de **gentleman** na sociedade. A sua inteligência atávica é a modernizou em sua vocação de artista, dando-lhe um sentido de mistério e encantamento, que é a força e a graça da sua arte.

Ao contar histórias, ele não quer saber do movimento mecânico dos corpos, nem das emoções e pensamentos cotidianos. Porém, ao contrário, penetra o segredo das almas dentro da vida e traduz os homens na tragédia de suas falhas. Vê as mulheres como um brinquedo terrível, como uma bomba atômica do amor dos homens. Sabe que só desejam os impossíveis, trata-as com

humour sentimental, no mesmo tempo sério e leve em meio da tempestade. Não deves acreditar, no entanto, em sua tranquilidade aparente, é ela uma simples sabedoria, verdadeiramente estranha em um espírito de moço.



Murilo Rubião

Como escritor, como quem se parece Murilo? Se parece consigo mesmo, pois já criou uma personalidade, uma interpretação da vida e um estilo forte e unívoco.

Quando se encadernar em livro, consolidará a fama de um dos mais originais contistas do Brasil. Como a estrela, ele não tem pressa no movimento ascendente...

✱

★ OS "BEST-SELLERS" DO MÊS ★

PARA orientação de nossos leitores, oferecemos, aqui, a estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex.

- 1.º — INQUIETAÇÃO — Ondina Ferreira — Romance — Companhia Editora Nacional.
- 2.º — O RETRATO DE DORIAN GRAY — Oscar Wilde — Romance — Irmãos Pongetti.
- 3.º — AGARRE SEU HOMEM — Verônica Dengel — Divulgação — Editora Cruzeiro.
- 4.º — A PROMESSA — Pearl Buck — Romance — Livraria José Olímpio Editora.
- 5.º — VERSOS ESCOLHIDOS E EPIGRAMAS — Djalma Andrade.



TODOS nós conhecemos a atitude estranha de certos cavalheiros nos bailes e festas elegantes. Antigamente não era assim. Havia mais respeito, moderação e gentileza. Também as danças não eram tão exageradas e violentas. A polca, hoje fora da moda, tinha qualquer coisa do minueto no requinte, na graça e na cortezia. A quadrilha não passava de uma exibição de plástica, de atitudes, de agilidade.

Depois das danças, os cavalheiros davam o braço às damas e percorriam o salão em palestra animada. Era o momento do flerte, da frase leve e sutil, do sonho, do madrigal. Hoje tudo isso é ridículo como uma velha fotografia. Os pares rodopiam colados sob os olhares complacentes dos pais. Terminada a rumba, o rapaz deixa a dama em plena sala e vai dizer aos amigos, em linguagem rude, a sua impressão. Agora, um fato para ilustrar o nosso comentário.

Há aqui um universitário estroina, conhecido pelo seu exagêro nos bailes. Une-se de tal modo à sua dama que, à distância, o casal parece formar um só corpo, o corpo de um animal monstruoso de muitas pernas e de muitos braços. Finda a rumba, os dois, ao se desligarem, ficam em miserável estado. Ela, afogadada e tonta leva muito tempo a se compor. Ele, exaustão, olhos em brasa, artérias palpitantes, procura refrescar-se tomando uma bebida qualquer.

Há dias, uma frágil pequena, sapeca e ingênua, foi esmagada de encontro ao peito do jovem desbragado. Acabada a rumba, quase morta, foi acolhida pela mãe que, aflita, assistia à tragédia. Palpitante, sentou-se ao lado da progeitura que, em voz baixa, a admoestou:

- Minha filha, isso não é dança, é escândalo.
- Mas é o que hoje se usa, mamãe, murmurou a pequena.

— Seja o que quiser. Amanhã faça questão que você se confesse e não dance mais assim.

A menina, no dia seguinte, com o corpo moído e ainda tonta, contou a uma colega o ocorrido. A amiga, impressionada, perguntou-lhe se tinha procurado o confessor, como lhe aconselhara a mãe. E ela:

— Não. Fiquei acanhada de dizer ao meu guia espiritual o que tinha acontecido. Prefiro procurar um médico.



Sedas e Plumas



NUM dos mais elegantes clubes da capital, numa roda de senhores e cavalheiros, o pé feminino era motivo de caloroso debate. Um senhor circunspeto, velho romântico, chegou a citar o famoso verso:

"Mimosos pés, calçai este soneto!"

Madame Robiria Colares era de opinião que os sapatos abertos, que deixam exposto todo o calcanhar, deveriam sair da moda, e explicava:

— Temos excelentes vernizes para as unhas, drogas contra calos, verrugas e tudo mais, mas não há, no mercado, nenhum creme para tratamento do calcanhar. E essa parte infeliz do pé está sendo atentamente observada pelos homens. Confessou-me, há dias, um cavalheiro que o calcanhar tem sobre os seus nervos uma poderosa influência. Quando é róseo, macio, roliço, ele supõe que a sua portadora é mulher de alta distinção social e de requintada elegância. Quando ao contrário, tem a aspereza de pedra-pome e é sulcado de alto a baixo, ele desiste de analisar qualquer outro predicado que possa ter a dama que passa ao alcance dos seus olhos. E Belo Horizonte é a cidade dos mais feios calcanhares femininos. Plebeus, duros, vincados, cinzentos, escamosos, enfim, calcanhares que não resvalariam facilmente nos lençóis de cambráia dos leitos fôfos e macios. Nós mulheres temos que resolver o problema: ou o sapato fechado ou o tratamento sério do calcanhar.

A exposição de madame foi ouvida com a máxima atenção. Algumas senhoritas presentes começaram a esconder os pés sob as poltronas; outras corajosamente, mostravam os pequeninos sapatos abertos, desafiando a análise dos observadores.

— Mostre o seu, disse um velho advogado a uma robusta trintona, conhecida pelas suas aventuras galantes.

E ela, mais que depressa, apresentou à roda um calcanhar sadio, gordo e redondo como uma bola de bilhar. Despachada como sempre, foi logo dizendo:

— O meu, como todos os senhores sabem, nunca rompeu lençóis de linho...

Escolha uma Agua de Colônia

com sua fragrância

predileta Coty...



Colônias Perfumadas *Coty*



O segredo do beijo... MICHEL em seus lábios

Conheça por experiência própria as qualidades sedutoras do baton Michel... se é que deseja saber o segredo dos beijos. Os batons Michel são de uma suavidade de cetim, divinamente delicados, infinitamente mais estáveis e esquisitamente perfumados para o arrebatamento dos sentidos. O baton Michel não lambuza e nem se resseca. Peça-o pelo nome — Michell



Michel

NEW YORK • PARIS • LONDON

46-5

BATON • PÓ • ROUGE • MÁSCARA • SOMBRA • MAQUILAGEM CAKE

Vida Nôva, Vigôr e Vitalidade para ambos os sexos

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL. Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reser-

vas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigôr.

PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogrías e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO Remetemos pelo reembolso postal. CR\$ 30,00 o vidro

Produtos Panvital — Rua da Esclera n.º 6 — RIO DE JANEIRO

HA' quatorze séculos, em Ravenna, na Itália, um dos mais afamados artistas do seu tempo — cujo nome infelizmente desconhecemos — estava trabalhando fervorosamente no retrato da mulher mais elegante do século. Não trabalhava com tintas e pincéis: com uma paciência infinita juntava pequenos pedacinhos de pedra polida e de vidro de várias cores para formarem, numa das paredes da igreja São Vital, um mosaico suntuoso. Graças a essa técnica sutil foi que a obra chegou até nós intacta, com todo o esplendor do colorido, realçado ainda mais pelo rico fundo de ouro.

O quadro ficou concluído em 547. A retratada tinha mais ou menos a idade do século, tendo nascido, ao que se presume, no ano 500 ou pouco antes. Estava, pois, às portas da casa dos cinquenta, mas não devia alcançá-la: só lhe restava um ano de vida; desde já um terrível mal, o câncer, minava seu organismo. Em 548 viria a sucumbir, amargamente pranteada pelo marido inconsolável, cujo retrato fazia "pendant" ao dela.

Seu nome? Teodora. Seu título? Imperatriz do Império Romano do Oriente, ou ainda Augusta, ou ainda Bazilissa de Bizâncio. Não eram, aliás, títulos ôcos, sem sentido real: quem reinava era a imperatriz Teodora, muito mais do que o Imperador Justiniano, seu devoto e obediente espôso. Pois Teodora era não somente a mais elegante mulher do seu tempo, e uma das mais belas, mas também a mais inteligente, independente e enérgica de que sabemos.

Casou-se já quase trintona, o que então era uma idade avançada para uma noiva, principalmente para uma oriental, cuja mocidade costuma murchar cedo. Mas Teodora tomava extraordinários cuidados com a sua beleza: banhos mornos frequentes, sestras prolongadas faziam parte integral do seu programa diário. Não era de estranhar, já que fôra a beleza que a elevou ao trono, depois de ter estreado como pequena atriz e dançarina no Teatro do Hipódromo em Constantinopla.

O que a manteve, entretanto, durante vinte e um anos na

TEODORA

DA ARENA PARA O TRONO

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

alta posição que havia conquistado pela sua graça excepcional fora sua inteligência mais excepcional ainda.

O reinado do imperador Justiniano, o augusto espôso da imperatriz Teodora, não foi dos mais calmos, bem pelo contrário: guerras, conquistas, crises internas e até mesmo revoltas perturbavam-no constantemente. Chamavam a Justiniano: "o Imperador que nunca dorme", por causa da sua atividade febril e incansável. Mas a alma desta atividade era Teodora. Seu prestígio chegou ao cúmulo em 532, quando estalou em Constantinopla a luta entre "Verdes" e "Azuis". Os historiadores chamam também este conflito interno de "Sedção Nica", pois o grito com o qual os rebeldes atiravam-se à luta era: "Nica" — Vitória! Se não a alcançaram, foi devido unicamente à coragem e à força de ânimo da imperatriz Teodora. As desordens começaram no mesmo Hipódromo onde ela havia conhecido tempos difíceis na sua mocidade. O povo da Capital andava louco pelas corridas de carros, dividindo-se em dois partidos rivais, que também formavam partidos políticos: os Verdes, "fans" dos campeões do Hipódromo fardados de verde, e os Azuis que juravam pela vitória dos cocheiros de uniforme azul. A torcida nas fileiras do Hipódromo era tão apaixonada que, segundo o testemunho de um escritor contemporâneo, Cassidoro, "gente que não tinha nenhum interesse pessoal no jôgo lançava injúrias com frenesia; homens que não haviam sofrido mal algum sentiam-se gravemente feridos; assim, por um nada, chegava-se a verdadeiras batalhas, como se tratasse da salvação da Pátria em perigo."

Os "Verdes" e os "Azuis" estavam sempre procurando ganhar para si a preferência do imperador. Ora, num domingo de janeiro de 532, tendo os

Azuis vencido a corrida, os Verdes acusaram Justiniano de favorecê-los. Do Hipódromo a revolta espalhou-se pela cidade afora e tomou vulto. Incêndios lavraram por toda a parte. O imperador estava pronto a fugir por via marítima, como o aconselhavam todos os seus cortejãos. Mas a imperatriz Teodora interveio: "se quiserdes fugir, César, está bem", disse ela, "tendes dinheiro, os navios prontos, o mar está aberto; quanto a mim, eu fico. Gosto daquele velho adágio que diz que a púrpura é uma boa mortalha."

A atitude heróica da soberana salvou a situação. O imperador renunciou à fuga, resistiu ao assalto das forças de insurreição, e venceu. Isto aumentou ainda o crédito de Teodora. Justiniano votava-lhe uma verdadeira adoração. Nos mais importantes problemas do governo, ele nunca deixava de pedir sua opinião à "reverendíssima espôsa que Deus lhe deu." Chamava-a ainda "seu encanto mais doce" e, já depois de viúvo — sobreviveu-lhe durante dezessete anos — costumava prestar juramento pelo nome de Teodora e gostava que lhe falassem da "excelente, bela e sábia soberana" defunta.

Se é verdade que, às vezes, Teodora abusava da sua grande influência, está certo também que ela inspirou muitas medidas úteis e justas. Tinha, como afirma um historiador da época, "uma inclinação natural a socorrer as mulheres no infortúnio". E, embora sempre procurasse consolidar os laços do matrimônio, "coisa sagrada entre todas", segundo dizia, insistia em que se decretassem

leis para proteger mulheres contra maus tratos por homens sem escrúpulos.

O mosaico de Ravena mostra Teodora, rodeada da sua corte, em meio a todo o aparato da sua grandeza imperial: uma pesada corôa pousa nos cabelos negros, jóias inestimáveis adornam o pescoço, as orelhas, os ombros, o peito: um manto de púrpura arroxeada cobre o vestido inteiro, ricamente bordado na beira, com um motivo representando a adoração dos reis magos. A suntuosidade dos tecidos bizantinos era fabulosa naquele tempo, o próprio imperador encorajava a fabricação, comparando pessoalmente sua qualidade com aquela, mundialmente conhecida, das sedas chinesas.

Um dos principais biógrafos modernos da imperatriz Teodora, o professor de história bizantina na Universidade de Paris, Charles Diehl, descreve assim sua heroína: "Era ela, de fato, bonita, assás pequena, mas de uma graça extrema: seu rosto delicioso, de tez morena e pálida, estava iluminado por grandes olhos cheios de expressão, vivacidade e fôgo. Dêste encanto onipotente, pouca coisa fica no retrato oficial que se vê em São Vital de Ravena. Só o pesado manto imperial, a es-

(Conclui na pagina 52)

IGOR

Queimou-me o sol da Idade Média, —

[ardente,

Pisei da Escandinávia o chão nefando,
Astros tremeram na amplidão ingente,
Sobre o meu capacete de Normando.

E, após, nas terras de ouro e sol do Oriente,
povos em marcha dehandavam, quando
as hostes rudes, em tropel fremente,
rugiam ao meu grito de comando.

Ah! Fui o irmão do Assombro noutras eras!
O Tempo — oceano eterno trouvejante,
vem destruindo vulcões e primaveras...

Mas, pela História, ante as humanas vistas,
meu grito ainda hoje exsurge, alto e flamante,
num clarão de auriflamas e conquistas!

Gonçalves da Costa

ESPARSOS

BELO HORIZONTE

Quando vejo estas serras, quando fito
Este horizonte azul, magnificente;
Estes picos de pedra, de granito,
Erguidos para o céu inutilmente;

Quando fito, tão alta como um grito
De espanto, a Serra do Curral, — fremente,
Penso que, numa angústia de infinito,
A natureza sofre, a pedra sente.

Esmeralda, topázio, lazulite
— Visível quanto a vista lhe permite —
O horizonte aprofunda-se, tristonho.
Vai para o além, vai para o espaço infinito;
Vai-se perdendo, vai-se consumindo,
Como um desejo a transformar-se em sonho...

Sebastião Noronha

A BARCA PERNAMBUCANA

(Naufragada ao Sul do Cabo de Santa Marta Grande,
no Estado de Santa Catarina, a 8 de outubro de 1853)

Vinha do Sul a barca em viagem para o Rio.
Mar chão e céu escampo... O vento era de Leste
E bonancoso, enchia as velas do navio
Que bolnava, então, na amura de boreste.

Mas eis que, de repente, o céu fica sombrio
E sobrevem, furioso, um temporal de suésle.
E o mar, dantes tranquilo, agita-se, bravo,
Levanta os vagalhões e contra a barca investe!

Naufrágio... Horror!... A morte estava de tocala
Há mortos... Mas, nadando entre o navio e a praia,
Um bravo tripulante, impávido gageiro, —

Treze pessoas salva em luta com o oceano!
— Era o preto Simão Manuel Alves Juliano
Que honrava as tradições do nosso marlinheiro!

Francisco Lopes

FRAGMENTOS DA POESIA NACIONAL



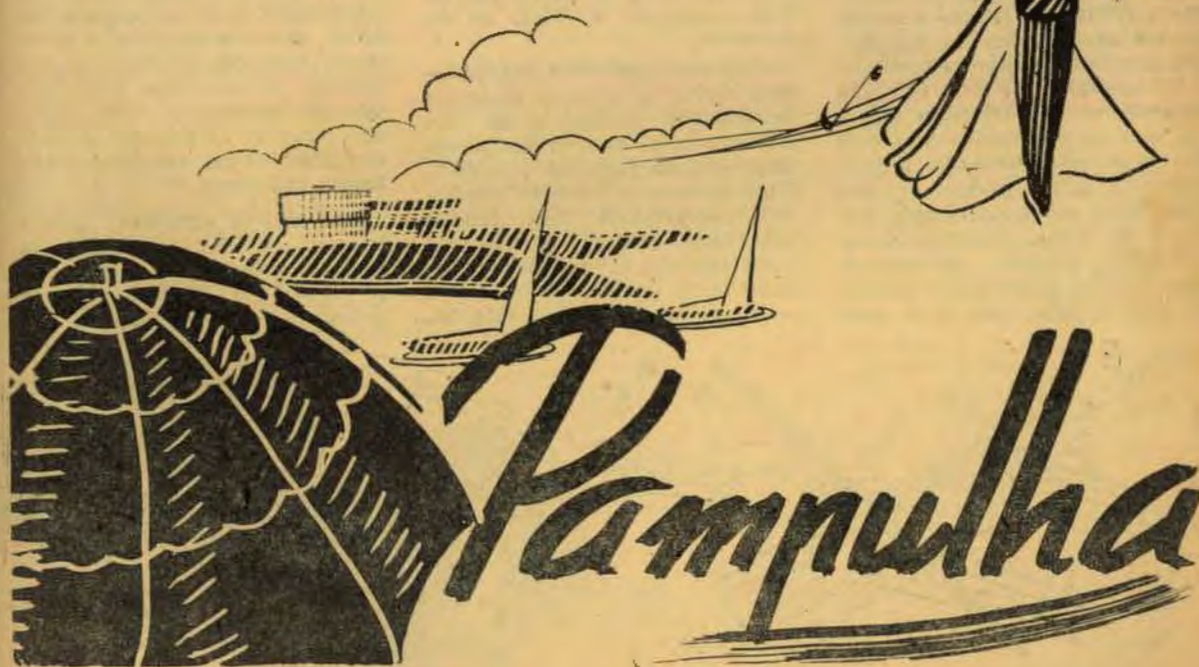


Noites inesquecíveis !

CADA noite passada no "grill" da Pampulha é um acontecimento, de que jamais se esquecerá.

Os maiores artistas do país e do mundo, as duas melhores orquestras da cidade, um serviço de restaurant completo e perfeito, um ambiente de refinado deslumbramento, tudo isto faz das noites no "Palácio da Repêsa" momentos inefáveis de entretenimento e repouso espiritual para a sociedade belorizontina, que ali faz o seu ponto de reuniões elegantes e festivas.

Diariamente 2 "shows": às 10 horas e á meia noite e meia



OS HOMENS de ciência que primeiro encararam, com tolerante condescendência, os poderes curativos da música, tornaram-se hoje convictos de sua força regeneradora. Aplicada com sucesso em muitos hospitais de veteranos de guerra, a terapêutica musical está sendo agora, cada vez mais, incluída na luta contra a doença.

Embora a música como remédio tenha sido aplicada em vários tipos de enfermidades, seus efeitos curativos são particularmente evidentes nos casos mentais. Isto foi recentemente demonstrado numa enfermaria psiquiátrica onde os pacientes eram "casos sérios". Certa mulher, que tinha trabalhado numa fábrica de papel, gritava e cada grito seu aumentava a atmosfera de loucura na sala. Outra, uma jovem suéca, que havia perdido seu filhinho, embalava um travesseiro nos braços, cantando e parolando. Súbito, do "hall" veio o som de uma música. A porta abriu-se, a terapeuta musical deu entrada na enfermaria.

— "Alô pessoal!" disse ela, caminhando ligeira entre as duas filas de camas. E acompanhava a música com uma pequena harpa portátil, cantando também como podia. A trabalhadora da fábrica de papel parou de gritar; a moça suéca arregalou os olhos, fascinada. Gradualmente foi cedendo o clamor dos enfermos mentais. Os pacientes sentavam-se influídos e felizes no ritmar a melodia de uma conhecida canção. Era *musical-terapia* da melhor.

Os mentalmente enfermos são ao extremo receptivos à música, mas os programas musicais devem ser condicionados a cada caso, os quais podem ir dos mais leves aos mais sérios. Em casos de mania depressiva, ou demência precoce, quando o caso é sério, o terapeuta começa sua música com uma nota

TRATAMENTO

Margaret Winstow Fowler
De "Coronet"

viva decrescendo gradualmente o estímulo melódico. A hora de música, geralmente termina de modo suave com uma valsa de Strauss, por exemplo.

Nos casos de melancolia, ou quando o caso é leve, a progressão melódica é invertida. Começa baixo em suave melodia, como a "Serenata" ou a "Ave Maria" de Schubert, e o músico dispõe o programa visando temas cada vez mais elevados, até terminar com o "Prelúdio em Dó maior" de Chopin, afim de conseguir calma e felicidade.

O poder terapêutico da música tem sido aplicado a muitos enfermos e feridos da II Guerra Mundial. Tem sido especial ajuda em casos de *shock*, como o de Olga, cabo do Corpo Feminino do Exército. Meiga moça, de olhos escuros e filha de russos, parecia adaptada e feliz no serviço de sua pátria.

Todavia os ásperos deveres do Exército na África levou Olga a um "shock" tão severo que ela teve de ser enviada de volta e confinada em uma cela acolchoada. Tornou-se taciturna, esqueceu-se da vida presente e vivia só do passado.

Era uma perigosa maniaco-depressiva quando o terapeuta musical, entrando um dia em sua cela, cantou em russo uma canção familiar popular. Olga chorou e foi esse saudável relaxamento da tensão emocional a sua primeira reação normal em muitas semanas.

O terapeuta vinha diária-

mente e Olga em breve juntava-se a ele nas canções. Três semanas mais tarde teve baixa do hospital. As canções familiares do folclore haviam despertado nela agradáveis memórias, necessárias ao estímulo da vida normal.

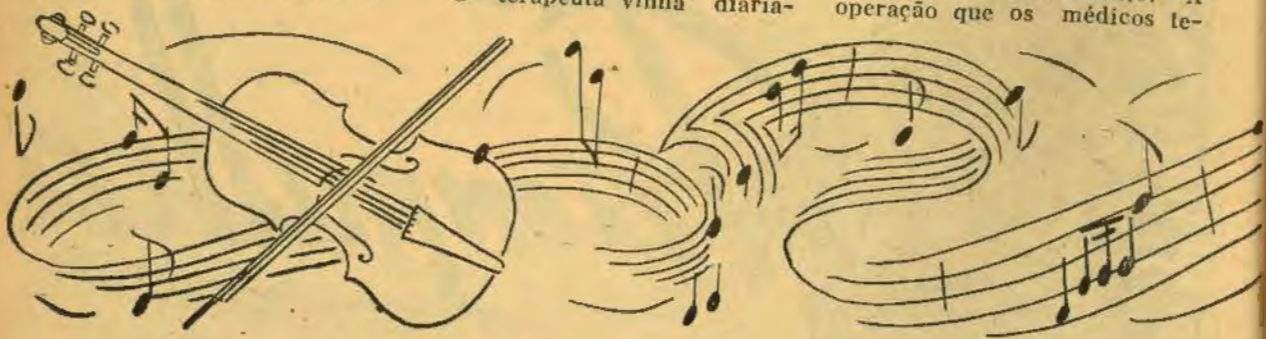
O poder da música em reviver o interesse dos pacientes pela vida foi novamente demonstrado no caso de Mike, um sensível rapaz irlandez que regressava da guerra com um pedaço de "shrapnel" no cérebro. Os médicos tentaram prepará-lo para a delicada operação de remoção da esquirola de aço perigosamente alojada perto da "medulla oblongata". Mas Mike não reagia. Seus sentidos obliteraram-se com a dor, perdeu o desejo de viver.

Uma tarde, ao ouvir um programa de discos executado por um terapeuta musical, surgiram os acordes da "The of Tralee". Mike começou a cantar a princípio fracamente. E foi, então, elevando a voz.

— "Minha avó gostava de cantar isso com sotaque irlandês", disse ele.

Era a chave para uma feliz associação com o passado de Mike. No dia seguinte o terapeuta musical voltou. Trazia consigo uma mulher irlandesa que não só cantou com sotaque irlandês as canções da avó de Mike como também tocou harpa irlandesa.

Por muitas semanas tocou e cantou e Mike correspondia, inconscientemente, reabilitando-se mental e fisicamente. A operação que os médicos te-



PELA MÚSICA

OS NERVOS TENSOS RELAXAM-SE, AS
★ EMOÇÕES VOLTAM AO NORMAL, ★
ATRAVÉS DA MAGIA DAS MELODIAS

miam não poder realizar, pôde ser feita e com sucesso.

✱

Pioneira na terapia musical nos Estados Unidos foi a sra. Harriet Ayer Seymour, criadora da Fundação Nacional de Terapia Musical. A sra. Seymour foi pianista, organizadora, comentarista de rádio e música e professora. Todavia o seu maior dom foi, talvez, o seu humanitarismo. Começou seus tratamentos terapêuticos locando para os feridos da I Guerra Mundial. A princípio, seu plano era tocar apenas para entreter, mas logo planejou cousa melhor.

Através de experiência em muitos hospitais, ela havia observado como certas doenças afetavam mentalmente a vítima. Começou sua prática por aplicar diferentes tipos de melodia a cada incômodo individual. Classificando a música em dois tipos — estimulante e calmante — estabeleceu a terapêutica aproximada para três níveis: vibratório, emocional e espiritual.

Caso típico em suas bem sucedidas experiências foi o do jovem irlandês que havia perdido a vista com o choque provocado pela morte da esposa. Por dias seguidos ele permanecia sentado, indiferente e encolhido, com a visão obliterada pela hipertensão dos nervos óticos. Sedativos e outros tratamentos médicos fracassaram em relaxar a tensão.

Um dia a sra. Seymour empurrou seu piano portátil até

junto da cama dele e começou a tocar "Asas do Canto", de Mendelssohn. Seguiram-se outras composições, todas em temas suaves como aquele. O jovem permanecia sentado, em silêncio e sem dar mostras de entendimento.

Compreendendo que havia fracassado na seleção de suas músicas, transformou seu programa e no dia seguinte tocou simples canções populares ao gosto do paciente. Ele correspondeu com agradecimento e pediu a ela que voltasse. No terceiro dia, quando o paciente sentado ouvia uma pequena e feliz jiga irlandesa, deuse o relaxamento dos nervos óticos. Ergueu-se gritando: "Posso ver! Posso ver!" Poucos dias depois deixou o hospital com a visão completamente restaurada.

A sra. Seymour preferiu admitir seu método de terapêutica musical mais como auxiliar à medicina que, mesmo, como método de cura. E assim é que tem sido considerado por muitos médicos e psiquiatras que o aplicam na parte prática da rotina hospitalar.

✱

Os programas musicais são planejados em colaboração com médicos e enfermeiras visando a seleção dos ritmos e instrumentos adequados a casos específicos. Marchas, danças, e jigas são tocadas nos casos de ortopédia, de polimelites (paralisia infantil), de vítimas de amputação, pois a música vivaz estimula os músculos inativos.

Uma jovem vítima da paralisia infantil em Nova Iorque jazia na cama de um hospital, incapaz de mover um dedo do pé. Súbito, enquanto a marcha de Sousa, da Marinha ianque, era tocada, começou a mover o dedo grande do pé para frente e para trás seguindo o ritmo. Esse involuntário movimento foi o começo do rejuvenescimento dos lassos e doentes músculos da perna do rapaz.

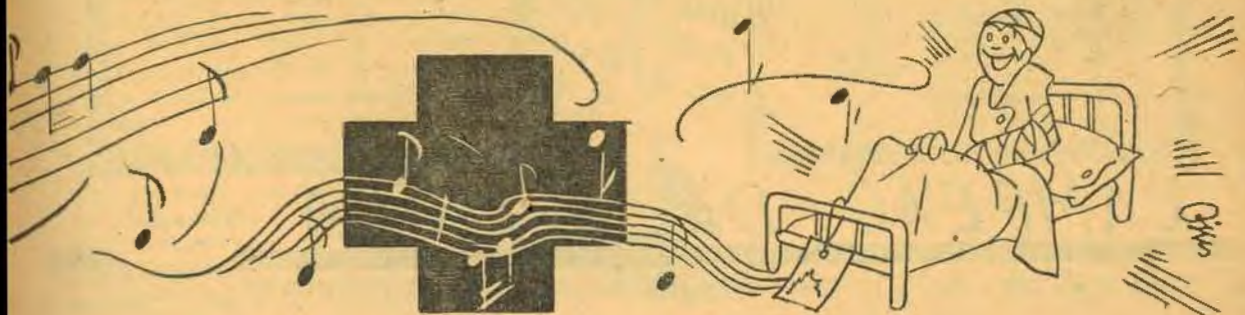
No Hospital Grasslands em Valhalla, Nova Iorque, crianças vítimas da paralisia infantil fazem seus exercícios com música. Algumas vezes os exercícios são dados enquanto as crianças cantam pequenas canções que encerram dramatizações provocadoras de batidos, de agitação, de contração dos dedos dos pés. Terapeutas e enfermeiras consideram uma recompensa ver as pequenas vítimas involuntariamente movendo um braço ou uma perna paralisados pela doença. É o princípio da caminhada na longa viagem de volta à infância normal.

Os cardíacos estão também recebendo sua quota na terapêutica musical.

Num grande hospital do Leste os clientes estão sendo tratados do coração com meia hora de música em compasso 2/4 e 6/8.

Não há, todavia, contacto pessoal entre os clientes e os músicos. Estes tocam sem serem vistos. Lentas e suaves árias são prescritas para modificar a pulsação e a pressão sanguínea, assim levando o paciente a um retorno mais natural ao ritmo normal.

A música locada antes de dormir leva os distúrbios mentais a um calmo estado de espírito por toda a noite. Um especialista de Nova Iorque observou que aqueles que têm uma audição musical antes de irem para a cama permanecem



cem sem terrores noturnos durante todo o período do sono. Os que não a têm permanecem agitados.

Os instrumentos de corda provaram ser os mais eficazes na terapêutica. Os instrumentos populares entre os clientes são o violino e a harpa, quando acompanhados de voz humana em uma triplice harmonia. Produzem especial resultado nos casos em que se recomenda contacto entre os pacientes e os músicos.

Os metais são terminantemente proscritos. O *boogie-woogie* e o *jazz* são também eliminados.

Sons fanhosos e ritmo sincopado são indesejáveis para qualquer tipo de enfermidade. Raras vezes clientes pedem "jazz". Frequentemente os veteranos pedem "Oh doce mistério da vida" e "Ave Maria". Muitos solicitam algo que os faça dormir".

Muitos terapeutas estão aplicando métodos próprios de tratamento musical. Um dos mais promissores é o de Daniel Shansky, antigo percussionista da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, cujo método consiste em ensinar música aos próprios enfermos. Usando instrumentos de sopro, tambores e piano no tratamento de casos de paralisia cerebral, Shansky tem obtido, sob a supervisão dos médicos do Hospital Bellevue, interessantes resultados.

Uma moça de 19 anos, atacada desde a infância, fôra

considerada por muitos como um caso sem esperança. Depois de 12 semanas de persistente trabalho e paciente ensinamento, pôde tocar "Sou muito velha para sonhar" lendo, ao mesmo tempo, a partitura que tinha diante de si. Seus dedos tornaram-se desde então tão fortes que pode hoje vestir-se e completar outros cuidados para com a própria pessoa. Shansky tem esperança de que os dedos dela se tornem aptos à dactilografia, o que permitirá ganhar sua própria vida.

Com diplomados da Fundação Nacional de Terapia Musical trabalhando em hospitais públicos de 43 Estados, os poderes curativos da música estão sendo aplicados a cada tipo de enfermidade. Embora cientistas e terapeutas concordem que a terapêutica musical está ainda numa fase experimental, têm confiança que os resultados futuros superarão os atuais.

O futuro poderá ver, também, o desenvolvimento de uma música especial para moléstias específicas. A dra. Ira Altshuler, de Detroit, acaba de tomar esse caminho com a sua "Suite terapêutica n.º 1".

Seja arte ou ciência, a terapêutica musical age. Disse um cliente difícil, um rude Texano, enquanto absorvia a atmosfera de paz da ária de Saint-Saens, "O Cisne": "Não tive nenhuma educação, mas estou certo de que amo os pássaros, as flores... e a música."

TEODORA

CONCLUSÃO

tatura parece mais rígida e alta; sob o diadema que esconde a testa, as feições miúdas e delicadas, num oval um tanto esmagrecido, o nariz reto e fino, têm uma gravidade solene, quase melancólica. Um único traço persiste nesse rosto cansado: são, sob a barra escura das sobranceiras que se juntam, os lindos olhos negros... que ainda iluminam o rosto todo, como a devorá-lo."

A Cidade mais Barulhenta

O PROFESSOR DONALD LAIRD, da Universidade de Colgate, inventor de um registrador automático de sons, acaba de proclamar que a cidade mais barulhenta do mundo é Chicago.

Calculou ele que o rumor custa a Londres cinco milhões de dólares por ano. Com efeito, por causa desse rumor, a municipalidade foi forçada a substituir o calçamento de pedra por calçamento de madeira, cuja conservação é muito mais onerosa e todas as repartições públicas tiveram que adotar aparelhos isoladores dos ruídos exteriores.

A essas despesas convém juntar o prejuízo resultante das pessoas que se tornam nervosas ou se mudaram por causa do excesso de barulho.

O professor Laird termina seu relatório prometendo fazer cálculos idênticos com relação a Chicago, que é muito mais barulhenta que Londres, ou qualquer outra cidade do mundo.

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO!

LOTERIA FEDERAL

EXTRAÇÕES EM MAIO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço
2	500.000,00	70,00
4	1.000.000,00	120,00
8	500.000,00	70,00
11	2.000.000,00	250,00
15	500.000,00	70,00
18	1.000.000,00	120,00
22	500.000,00	70,00
25	1.000.000,00	120,00
29	500.000,00	70,00

LOTERIA DE MINAS

EXTRAÇÕES EM MAIO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço
3	200.000,00	20,00
10	400.000,00	60,00
17	200.000,00	30,00
24	300.000,00	40,00
21	200.000,00	30,00

DE ONDE QUER
QUE VOCÊ RE-
SIDA. PODERÁ
PEDIR O SEU
BILHETE AO

CAMPEÃO DA AVENIDA

Av. Afonso Pena, 612 e 781 — C. Postal 225 — End. Tel. CAMPEÃO — B. HORIZONTE

NÃO MANDE
DINHEIRO EM
REGISTRADO
SIMPLES

ROCHA

Beleza...

NÃO APÓS MESES OU SEMANAS MAS NO MESMO INSTANTE!

É maravilhosa a rapidês da ação embelezadora de BIL! Um líquido embelezador cujos resultados tornam-se visíveis instantaneamente! Fabricado em 7 tonalidades diferentes, ha sempre uma tonalidade de BIL para qualquer tipo de pele.

MODO DE USAR:

Num instante, por meio de um algodão, ou com as pontas dos dedos, a senhora poderá aplicar uma camada de BIL no rosto e no colo. Absolutamente inofensivo, BIL imprimirá á sua pele um aspecto de sedutora suavidade.

FIQUE BELA... EM POUCOS MINUTOS

Bil

O Embelezador Rápido



Preencha o coupon, envie-o á Caixa Postal 4244, Rio, e receberá pelo Rembolso Postal, ao preço de Cr\$ 10,00, um frasco de BIL.

Côr das orelhas Côr da pele

Côr dos cabelos

Nome

Rua Estado

Cidade

Record Propaganda

★ A ORIGEM DA LOTERIA ★

HA quem faça remontar á antiguidade a origem da loteria, idealizada pelos israelitas. De qualquer modo, esse jogo já tinha bastante voga entre os Romanos. Esse povo prático e ao mesmo tempo supersticioso, que cria no Acaso e tinha acrescentado aos deuses da Grécia a Fortuna com a sua roda, aceitou com entusiasmo a idéia de instituir uma loteria no fim do espetáculo que se dava durante as Saturnais.

Colocavam-se, então, no meio da multidão, pequenas tábuas em que eram indicados os donativos oferecidos á loteria pela munificência consular ou imperial. Augusto mandou uma vez tirar á sorte, no fim de uma festa, premios de diversos valores, como quadros, escravas, de modo que o vencedor obtinha uma obra prima ou uma escrava da Núbia.

Nero, para obter o favor da plebe, oferecia aves raras, navios e até ilhas. No tempo de Helio-gabalo tornou-se grotesco o jogo da loteria, pois o vencedor podia obter dez escravos ou dez moscas; dez ursos ou dez grilos; dez avestruzes ou dez libras de areia. Mas, com a queda do império, desapareceu a loteria e não se falou mais nisso durante doze séculos. Depois encontrámo-la na Itália, no século XV, quando os mercadores de Veneza e de Gênova se serviram dêsse meio para dispor das suas mercadorias e de objetos inúteis.

Em breve a paixão por esse jogo estendeu-se por toda a península. Na

França a loteria começou a aparecer de modo comedido e limitado. Francisco I permitiu-a para divertir aos fidalgos e tirar nobres e burguezes da vida de dissolução em que muitos consumiam todo o seu patrimônio.

O exemplo dado pelo rei foi seguido na província e então endereçaram-se inúmeros pedidos aos procuradores do rei, em todas as cidades da França, para obter a licença de estabelecer loterias nas feiras; e nessas loterias se viam os mais estranhos e diversos premios. Mas o cúmulo da singularidade foi a era das Preciosas, que punham em loteria os seus neologismos. Cada bilhete levava uma palavra do seu vocabulário afetado e aquêle a quem tocava o bilhete era obrigado a pôr em voga a palavra.

Muito singular foi também a loteria permitida na Inglaterra, em 1811, ao botânico Thorton, para dispor de uma sua obra caríssima. Assim a anunciava: "Eleval os corações e uni-vos todos para animar as artes e as ciências do vosso país".

O Rei Sol serviu-se algumas vezes da loteria para fazer dote ou presentes de núpcias das suas bastardas.

Passou então a mania das loterias á Holanda.

No século XVIII era a loteria uma doença nacional em França, especialmente no período da Regência.



Passeava George Washington, então presidente, após ter sido fundador da República dos Estados Unidos da América do Norte, com um amigo. Em caminho, encontraram um negro que, pela pobreza do vestuário, devia ser escravo. Este cumprimentou o presidente que, descobrindo-se, correspondeu-lhe.

— Como! — exclama o amigo. Pois você cumprimenta com tanto respeito um miserável negro?!

— Certamente — respondeu Washington. — Queria que esse a quem chama miserável negro mostrasse mais educação do que eu?

DOIS BICUDOS

Encontrando um dia o bispo de Chartres montado num belo alazão, ricamente ajazado, disse-lhe Luis XI:

— Bonito, Eminência! Outrora os bispos não andavam assim.

— No tempo dos reis pastores, sire — respondeu o prelado, no mesmo tom de fina ironia.

EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Byron tinha uma extraordinária aversão pelos olhos pardos.

— Creiam-me, — dizia, uma vez, a um grupo de pessoas onde se discutia fisiognomonia, — e aproveitem minha experiência: nunca se fiem em ninguém que tenha olhos pardos.

— Entretanto, os seus são dessa cor — observou um dos presentes.

— Por isso mesmo, muitos daqueles que tiveram negócios comigo teriam feito bem se seguissem essa regra — respondeu Byron.

O ESPIRITO DE GOETHE

Sempre, por ocasião de seu aniversário, costumava Goethe receber dos numerosos admiradores votos de saúde e felicidades geralmente expressos em verso. Uma vez, recebeu mensagem particularmente exagerada: o autor, louvando-lhe o gênio de forma ditirâmbica, fazia dele um verdadeiro Deus, comparável ao Todo-Poderoso.

E Goethe, sorrindo para os presentes, depois de lida a mensagem, como habitualmente fazia com todas:

— Os outros enviam-me fumos de incenso, mas este... este atira-me, verdadeiramente, com o turíbulo à cabeça...



QUANDO O VINHO NÃO EMBRIAGA

Numa roda de bebedores, onde se achava Plínio, o velho, naturalista e escritor latino, discutiam-se as qualidades e defeitos da uva, e, enquanto afirmava um que o maior mal do vinho era produzir a embriaguez, Plínio, muito sério, afirmou que este, bebido numa ametista, jamais embriagaria.

— Duvido! Afinal, porque sucederia isso? — fez um dos ouvintes, incrédulo da afirmativa do poeta.

— Simplesmente porque — replicou este, sorrindo — sendo o copo de ametista, por força conterá muito pouco vinho...

LIÇÃO DE DEMOCRACIA

Ainda príncipe de Gales, encontrava-se Jorge V em Nova Zelândia, quando uma greve ferroviária fê-lo interromper a viagem. Dizendo-lhe um camarista ser fácil prosseguir, uma vez requisitasse um trem especial para ele, o príncipe interrogou:

— E consentiriam os grevistas em fazer correr um trem especial para toda gente?

— Para toda gente, nesse instante, não! — responde-lhe o camarista.

— Visto isso, não devem fazê-lo também para mim: faço parte do povo.

O REI E O GUARDA

Numa de suas visitas a Paris, Leopoldo II da Bélgica passeava sozinho no parque Monceau. Chamando-lhe, em um cantileiro, a atenção, uma flor desconhecida, adiantou-se para verificá-la de perto quando, rápido, um guarda, com a maior desatenção, interpos-se, dizendo:

— Tira as patas daqui, "seu" inglês. Não sabe que é vedado pisar na grama?

Risonho, com o bom-humor que lhe era habitual, Leopoldo afastava-se quando, reparando-o melhor, o guarda sussurrou:

— Tenho uma idéia de já o ter visto, noutra parte.

— Talvez — respondeu o príncipe, no mesmo sorriso. — E, para se não enganar outra vez, aqui tem o amigo o meu retrato.

E passou ao guarda, verdadeiramente aturdido, uma moeda belga de cinco francos, onde estava gravado seu perfil.

WAGNER EM LONDRES

Esta ocorreu em Londres, num grande festival wagneriano dado em honra ao ilustre músico alemão.

Durante um ensaio, impacientado com a deficiente execução da orquestra, Wagner foi ter com o violinista Delschmann a quem, na qualidade de seu patricio, escolheu como intérprete:

— Diga a esses senhores que se estivessem numa cidade da Alemanha, tal a sua ignorância, seriam imediatamente despedidos da orquestra...

Delschmann dirigiu-se aos companheiros, mas foi da seguinte forma que lhes traduziu em inglês a repreensão do compatriota:

— O sr. Wagner pede-me dizer aos colegas que compreende perfeitamente as dificuldades oferecidas pela sua música, mas roga-lhes toquem com a melhor boa vontade, mostrando-se, quanto possível, menos desagradáveis do que ele.

FIDALGOS

Jorge de Montemor, grande fidalgo português, e também grande poeta, tendo regressado de Castela, onde residira muito tempo, recolheu-se a Portugal, levando consigo um criado de longa barba negra, contrastando com a sua, que era, a bem dizer, nenhuma. E como lhe perguntassem, por troça, numa antecâmara do paço, o que fizera da barba, pois

todos os fidalgos a trazlam em ponta, respondeu:

— Não costumo carregar as minhas coisas. A barba traz-ma ali o meu criado — acrescentou, apertando o pagem distante alguns passos.

O PODER DO PAPA

Ao Papa Leão I queixava-se o cardeal de Broglie por tê-lo Miguel Angelo pintado no Inferno, em seu famoso quadro do Juízo.

— Que quereis que eu faça? — perguntou o Santo Padre.

— Que ordeneis ao artista tirar-me dali...

— Impossível! Se Miguel Angelo vos houvesse pintado no Purgatório, eu poderia tirar-vos dêle, porque até lá vai o meu poder. Mas, como vos pintou no Inferno, paciência. Lá não mando eu.

FRANQUEZA RUDE

Cambacêres, segundo consul, dava uma festa ao mundo oficial, tendo convidado para abrihantá-la vários artistas famosos.

Já tarde, quando a reunião começara a dissolver-se, o consul pediu a Garat — um dos cantores mais populares da época, mas até ali inadvertidamente esquecido — que cantasse alguma coisa. O artista, porém, sentido por lhe não terem solicitado isto enquanto os salões fervilhavam de aristocratas, desculpou-se desta maneira:

— Agora é impossível, cidadão consul! A' meia-noite minha voz já se recolheu, para repousar...

NAPOLEÃO E A DANÇA

Péssimo e desastrado dançarino, Napoleão Bonaparte, vendo-se veladamente criticado, num salão, por certa dama que convidara para seu par, a qual, sorrindo à socapa, zombava dêle não entender os mais mezinhos passos da arte de Terpsicore, disse-lhe com o ar de quem fizesse uma proclamação a seus soldados:

— Meu forte, minha senhora, não é dançar; é fazer dançar os outros!

SUPERIORIDADE

— Falam todos em meu irmão, — dizia Jacques Arago, referindo-se a seu irmão François, o grande astrônomo, — e poucos em mim. Contudo, eu sou algo mais do que êle.

— Mais do que êle, como? — perguntou um amigo que, conhecendo a modéstia de Jacques, achava-o incapaz de gabar-se.

— Sim; tenho mais um G do que êle.

— Um G?

— Perfeitamente. Ele é astrônomo, e eu sou... gastrônomo.

Suave Fragrância...

Maravilhoso frescor

Talco Palmolive é boro-ctinado, um processo científico que produz um talco 3 vezes mais fino! Feito segundo uma fórmula norte-americana, protege a pele contra assaduras, brotoejas e irritações. Comece hoje mesmo a usar o Talco Palmolive e verifique como a cutis fica macia, aveludada e suavemente perfumada.



PROTEGE
A PELE DAS
CRIANÇAS...
E DE GENTE GRANDE
TAMBÉM!



Ação Triplíce

- 1 NEUTRALIZA o excesso de acidez no estômago.
- 2 LIMPA suavemente os intestinos.
- 3 REGULARIZA o aparelho digestivo.

LÍQUIDO E EM
COMPRIMIDOS

LEITE DE
MAGNÉSIA DE **PHILLIPS**
BOM PARA TODA A FAMÍLIA

Zimterlândia Poética

HARÉM PLATÔNICO

Esta é morena, é loura aquela, outra é [retinta...]
Cada qual no seu tipo encarna a forma [sura,
As mentes incendeia, os corações tortura,
E inspira o meu amor, sem que o note [ou pressinta.
E sendo cada qual, serenamente, pura,
Ignora que me aviva a chama não extinta,
Enquanto a fantasia em guardá-la re- [quinta,
No platônico harém, no oásis da lou- [cura...
São minhas sem saber e as possuo sem [tê-las...
Adoro-as, como um fan de remotas es- [trélas,
Mas vejo-as, diariamente, em meu bairro, [na rua.
Quando alguma responde ao saudar res- [peitoso.
Como pode supor as carícias [que eu ouso,
sonhando, lhe fazer, nestas noi- [tes de lua!...

EPICURO
AULETE

PRECE DA TARDE

Lembro-me bem: passava como estrela
no verdejante céu da longa praça.
No seu andar havia tanta graça,
que me fazia bem o simples vê-la.

Hoje, no mesmo verde céu, quem passa
é quase uma mulher. Mais loura e bela,
ainda tem fulgurações de estrela
e ainda me faz bem o ver-lhe a graça.

Mas nunca saibas, meu amor, que existe
esse poeta sem amor que insiste
em descansar em ti seu velho olhar.

Nem saberás que, ao descambar do dia,
Alguém espera, no som da Ave-Maria,
a grande graça de te ver passar.

ENIO
CHIESA

CÉLIA

Sinto raios de sol nos teus dedos vibran- [do
O teclado imortal do plano divino;
Parece que tem alma e aos poucos vai [cantando
Um cântico de glória em mavioso trino.

Claraboias de luz em loiras primaveras
São os teus lindos olhos da cor das cas- [tanhas
Velo nêles boiando as mais doces quime- [ras
Do meu sublime amor, que encontrei nas [montanhas:

E nas tardes serenas, quando as aves te [ouvem,
Tens no rosto a expressão que comove [um poeta,
Tens na alma rumores que despertam [Beethoven.

E deixo minha lira cantar teus fulgores,
Cordas brandas ao vento, em loucura in- [quieta,
Violinos velados em vales de [flores!...

DA COSTA
SANTOS

Esta seção destina-
se à publicação de
poesias dos poetas
novos. Com isto AL-
TEROSA visa estí-
mular os artistas jo-
vens de Minas e de
outros Estados. Tô-
da produção que, a
nosso critério, for
boa, terá acolhida
nesta página.



Regina

A RAINHA DAS ÀGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P.F.



Caixa DE SEGREDOS



● CONSUELO SAN MARTIN ●

CAIXA DE SEGREDOS é uma seção permanente que esta revista oferece aos seus leitores desejosos de solucionar os seus problemas sentimentais, proporcionando-lhes conselhos sinceros e baseados na experiência e observação da existência humana, através de suas múltiplas manifestações psicológicas.

Tôda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Consuelo San Martín, "Caixa de Segredos" — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

★ CORRESPONDÊNCIA ★

SHEILA — DIAMANTINA — MINAS — Aqui está a sua carta. Analiso o seu caso e acho que você deve continuar o seu namoro. Não há motivo de desconfiança quanto ao fato de não a procurar constantemente o seu namorado. Ao contrário. De um modo geral, os homens que amam realmente uma mulher e não estão em condições de assumir um compromisso definitivo, retraem-se, afim de não prejudicar a reputação da sua eleita. E é este, penso, o motivo pelo qual o seu afeiçoado não a procura mais frequentemente. Não concordo, em absoluto, com a sua preocupação em ter outros namorados. Uma afeição verdadeira deve colocar-se acima dessas pequenas levandades,

que só servem para dispersar um sentimento nobre e envaidecer tolaamente aos que se dedicam a esse esporte pouco elegante.

AURORA BEATRIZ — Capital — Minha gentil desconhecida — Percebo o seu drama e, de acôrdo com as informações recebidas, sinto-a com a razão. Na realidade, não se justifica o rompimento de um grande laço afetivo, apenas porque um dos seus elementos não é favorecido fisicamente. O caso da pequena diferença da idade entre vocês, não me parece também motivo para esquecer o seu eleito. Pode ser que atrás dêsses falsos defeitos, encontre a senhora sua progenitora, outros reais que ela não queira

mentonar para a filha. Isso seria outro caso. Se, porém, as falhas apontadas são apenas as descritas em sua misiva, deve você continuar a alimentar essa afeição. E esteja certa da sua felicidade porque, segundo o velho Nietzsche — "no verdadeiro amor, é a alma quem reveste o corpo."

AQUINO — CONCEIÇÃO DO IPANEMA — MINAS — Estou certa de que o jovem amigo mandou-me duas missivas, tão apressado estava em receber a minha resposta. Ei-la; — O coração feminino tem sutilezas infinitas que é preciso ter sempre presente. Se a sua namorada deixou de correspondê-lo, forçosamente houve algum motivo que a levou a fazê-lo. Em todo o caso, se quer um conselho, não atormentê a sua eleita com uma perseguição inútil. Finja-se indiferente. Se realmente o amar, estranhará a atitude do namorado e a reação se fará sentir imediatamente. Se não, terá o amigo a certeza de que não vai preparar um futuro atormentado, ao lado de uma pessoa que não o estima e que, por conseguinte, não pode fazê-lo feliz.

LEDINHA — MANDERLEI

— Minha gentil desconhecida — Dê-me a sua carta, a certeza de estar tratando com uma criatura realmente inteligente e sensata. Não só pelos conceitos nela emitidos, como pela narração desprelenciosa do seu caso de amor.

Ledinha, nunca me pareceu muito promissor, namôro de homem rico por moça pobre. É verdade que um conjunto de qualidades intelectuais, morais e sociais como as que você possui, constitui, por si um dote inestimável. Mas, eu pergunto: estará o seu eleito à altura de corresponder-lhe e sentir-lhe o valor? Não me fala você nos dotes de espírito do seu amado, no entanto, (perdô-me se a ofendo), não o acredito um privilegiado nesse ponto de vista. Basta lembrar a atitude leviana e desleal que manteve para com você. Felizmente, minha querida amiga, sinto-a forte bastante para, se necessário, romper de vez com quem não soube merecer-lhe um amor puro e desinteressado. Conserve-se à distância. Se fôr do seu destino unir-se a êsse moço, tudo concorrerá para que vocês se reconciliem. Se não, esqueça-o. É você muito eriança ainda para se disludir. Creia na felicidade próxima e na certeza de que encontrará alguém tão nobre quanto a mi-

nha amiga, para a festa do seu sonho.

APAIXONADA — TRES PONTAS — Minha boa amiguinha: Tudo na sua carta, respira um romantismo e uma sentimentalidade fora do comum. Fiquei deveras impressionada de ver uma menina, no século XX, apaixonar-se por um homem, apenas porque dançou com êle nas três noites de carnaval e porque o seu par possuía um belo perfil.

Não, minha gentil apaixonada, você está enganada no que diz respeito ao seu sentimento, para com o rapaz de que me fala em sua missiva. Agradeça, antes, a Deus, ter desviado do seu caminho uma criatura, a quem você julgou amar, apenas porque fisicamente lhe pareceu um Apolo. Namôro de baile, Apaixonada e, mormente de baile de carnaval, morre, quase sempre nos mesmos salões onde nasceu. Não pense mais nesse caso. Os homens têm pouca memória, creia. E o seu afeiçoado, a estas horas, não pode mesmo estar se lembrando dessa ocorrência tão banal. Encaminhe a sua vida noutro sentido e não perca a sua mocidade com esperanças inúteis.

ALBA ANGÉLICA — PARAGUASSU — MINAS — Minha amiga, a sua cartinha mereceu

como a de lódas as nossas leitoras, uma análise minuciosa do seu caso amoroso. O fato, porém, é que ~~o~~ você mesma pode solucioná-lo. Dê um balanço nos seus sentimentos e não aja levianamente. Não se case, por casar. Se você não ama ao seu namorado, não se comprometa. Não se esqueça de que, para o ato mais sério da vida é indispensável levar muita afeição, muita renúncia e muito senso.

FLOR DE LIS — CAPITAL — Não acho inconveniente algum em você conversar com o seu ex-namorado, afim de pedir-lhe a devolução do retrato que se acha em seu poder. Interessante é você continuar a alimentar tão intensamente essa afeição, apesar da conduta pouco cavalheiresca do seu ex-afeto.

Porque não se dirige diretamente a êle, em vez de ouvir o que lhe dizem as amigas? A maldade humana, minha querida, está sempre pronta a nos dar notícias apressadas nas quais, na maioria das vezes, não devemos dar crédito. Inteligente e independente como é você, não lhe será difícil esclarecer as dúvidas que a assaltam, certa de que, mais vale a rudeza da realidade, que uma esperança falsa.



APOÓSTOLOS DA ABOLIÇÃO



As duas figuras apostolares da Abolição, que focalizamos nesta página, constituem a maior prova do espírito de liberdade da nossa gente.



MAIO lembra-nos um acontecimento luminoso da história nacional: a libertação dos escravos. E à evocação da grandiosa página que o nosso instinto libertário escreveu, duas figuras, entre tantas outras, crescem em nossa memória: — Castro Alves, a voz potente da juventude inteligente e destemida da época turbilhonante que precedeu ao movimento abolicionista, e José do Patrocínio, o notável jornalista negro, dotado de têmpera combativa que riscou, na nossa história, um largo traço do poderio da inteligência a serviço do coração.

Castro Alves é o cantor da liberdade.

A treze de setembro de 1867 — vinte e um anos antes da abolição do cativo — o jovem poeta, no esplendor de seus vinte anos, empunhou a sua lira como uma clava formidável contra os algozes de uma raça escravizada e se impôs à admiração pública como vidente e profeta inteiramente devotado ao apostolado da Liberdade.

Seu verbo dinamitou os preconceitos e arrazou os figurões escravocratas da época. Sua voz profética anunciou, em versos candentes, para a massa ignara e sofredora dos escravos, uma aurora redentora.

Ele possuía a visão perfeita dessa imensa mancha que enodoava a civilização nativista, com o braço escravo a

trabalhar para a prosperidade dos senhores ricos, enquanto o Brasil regredia aos tempos primitivos.

Era a mocidade independente e idealista de um Brasil novo gritando a plenos pulmões a sua indignação contra os inoladores da raça impotente.

Focalizando a figura heróica deste poeta predestinado à glória em plena juventude, Artur Mota traça-lhe o perfil num estudo consciencioso:

"Poeta da justiça e da verdade pode ser assim apelidado o jovem que se devotou à redenção da raça cativa, que dirigiu um olhar de compaixão ao povo sem pátria, repellido de todos por um estigma de herança, que se compadeceu da miséria humana, que defendeu oprimidos e vencidos e apaixonou-se pelas idéias elevadas e os sentimentos nobres.

Possui a obra do artista todas as cambiantes, desde o lirismo terno e suave aos hinos

entoados à Natureza, do amor subjetivo e sublime aos inspirados arroubos épicos do poeta social e humanista. A sua lira chora a desgraça dos aflitos e a triste sorte dos necessitados e vibra sonora quando canta os sentimentos da alma e despreza as cenas da natureza tropical do nosso Brasil.

Como Vitor Hugo, o poderoso gênio da palavra, ele sonha a liberdade dos povos, aspira o progresso social, valicina a grandeza da América, pugna pela abolição do cativo, em antíteses arrojadas, versos heróicos, tropos de eloquência e imagens de enlêvo."

Mas Castro Alves não se limitou a cantar a triste sina e os sofrimentos revoltantes dos cativos cuja causa ele advogou com ardor divino. Sua lira souu cantando os destinos da África, condeou-se da França derrotada em 70, exteriorizou simpatia pelos filhos de Israel, solidarizou-se na dor com os órfãos e os pobres, cantou o heroísmo de Pedro Ivo, o martírio de Lincoln e a ação missionária dos jesuítas no santo apostolado da catequese, e defendendo, enfim, a liberdade que para ele era o direito inalienável do homem.

Desde esse clamor do baiano genial, o Brasil começou a viver as páginas mais humanas da sua história social. Uniram-se as vozes a favor dos oprimidos. A princípio, indecisas, fracas, cresceram dia a dia de intensidade. Alastraram-se como fogo de pólvora. Por fim, já não era um grito



de alarma, era um tumulto. Da tribuna, pela imprensa, nas praças públicas, dos púlpitos e das cátedras, nos quartéis, pelas ruas, enfim, onde houvesse um lugar vago, lá apareceria um defensor da causa negra. Foi então nesse rumor que outra voz poderosa sucedeu à voz do luminoso poeta: José do Patrocínio.

Era o verbo feito homem. O idealismo pela causa santa inflamava-o e suas palavras, como as do bardo baiano, causavam a epiderme da sociedade balôfa do tempo e cintilavam no negror social do Brasil. Nessas terríveis e heróicas pelejas, não lhe poupavam os adversários a origem humilde e o estigma da cor. Mas, longe de enfraquecer, Patrocínio retornava à arena como um leão ferido pela estocada traiçoeira do domador.

Em 1883, lança ele juntamente com André Rebouças que, na opinião de Pedro Calmon, foi o último escravo, — o manifesto dirigido ao Parlamento Brasileiro, clamando liberdade para os cativos.

A Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, representava para o gigante negro o prêmio de todas as suas lutas heróicas e humilhações tremendas.

Vitoriosa a causa dos escravos, não descansou, como sabemos, o velho lutador. As idéias liberais encontraram nele, através do seu jornal "Cidade do Rio", o seu divulgador.

No dia 30 de janeiro de 1905, na mesma miséria em que nascera, morria José do Patrocínio. A morte buscou-o quando o grande jornalista negro escrevia o seu artigo diário. Seu funeral, como o do cantor baiano, foi verdadeira consagração. Cerca de dez mil pessoas acompanharam o féretro. Em dado momento, a multidão desalrelou os cavalos do coche fúnebre e o conduziu ao cemitério.

Mãos brancas levaram o corpo inerte do negro que fora o maior escravo da liberdade...

*

Maio, o mês em que se comemora a abolição do cativeiro aviltante, nos lembra essas duas figuras — o jovem poeta branco e o negro jornalista — que se confundiram no mesmo ardente ideal de liberdade, que é como um sol que cobre a todos...

...como ESTÁ AUMENTANDO !

• Realmente, é notável o desenvolvimento dos nenês alimentados com Maizena Duryea, produto de alto valor nutritivo. Garanta a saúde de seu filhinho, dando-lhe diariamente a incomparável

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A MAIZENA DURYEA 53
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, a livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

45

MAIZENA DURYEA

MAIZENA DURYEA

MAIZENA DURYEA

As HEMORRÓIDAS causam sérios distúrbios



Indisso. Na maior parte das vezes o hemorroidário sofre prisão de ventre, palpitação, tonteira, inapetência e sensação de peso no reto. As PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD, medicação de origem

As HEMORRÓIDAS sendo uma moléstia geralmente de duração prolongada, acarretam uma espécie de depressão mental tornando o indivíduo sempre nervoso e irri-

vegetal, proporcionam uma solução ao eterno problema do hemorroidário, restabelecendo a normalidade dos intestinos, facilitando as evacuações, acalmando a mucosa retal irritada. Nas crises hemorroidárias, em que o doente sente dores atrozes, às vezes expulsão de mamilos e sangue, é aconselhável, para alívio imediato, a aplicação local da POMADA DE HERVA DE BICHO ADRENALINA E HAMAMELIS COMPOSTA simultaneamente com o uso das prodigiosas

PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO

E PRESTEZA NA
EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICROMIAS E DOBLÊS — CLICHÊS EM ZINCO E
COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO



Noticiam os jornais, que o vigário de uma aldeia do norte do Brasil está sentindo falta de trigo para o serviço de Deus.

Nada, não temos mais nada,
Senão vingança e rancor!
Para a hóstia consagrada,
Não há mais trigo, Senhor!

Por abismos insondáveis
O mundo, rolando, vai:
O pão que multiplicáveis,
O padeiro subtrai!



Na Quitandinha, a famosa "estrêla" Lana Turner, cercada por centenas de fans, tem sido imitada por tôdas as mulheres. As granfinas se esforçam por copiar-lhe o sorriso, a elegância e as atitudes:

O andar, o gesto, o cabelo,
Unhas, sapatos, "baton"...
Lana serve de modelo
As garotas do bom tom.

Tendo, nos ombros, peliças
Compradas a prestação,
As nossas Lanas postiças
Fingem que são, mas não são...

Vivem as nossas pequenas
De olhos postos na mulher:
Lanas claras ou morenas
Só não as tem quem não quer...

Você quer uma? Valdade,
Aqui está, olhe outra lá...
Mas a Lana de verdade,
Sabe Deus de quem será!...

Versos de
GUILHERME TELL
Beneito de
FÁBIO

Não foi uma chinesa, mas uma linda hespanhola, de 18 anos de idade, a vitoriosa, em Hollúde, num concurso de pé pequeno.

A mulher que tem veneno,
Se não sabe, logo sente
Que o pé, quanto mais pequeno,
Mais enche os olhos da gente.

Guarda a prenda bem guardada,
Primor de graça, primor:
O pé que tens, quase nada,
Vale tudo, meu amor.



Abordado por uma linda mulher, um fazendeiro de Minas, depois de ligeira palestra, foi aliviado da sua carteira que continha onze mil cruzeiros.

Foi no conto. Alma singela,
Fêz solene confissão:
Com os olhos nos olhos dela
Não pôde ver a sua mão...

A mulher que êle descreve
Tão diabólica, em suma,
Tinha a mão branca de neve,
Tinha a mão leve de pluma.

— Mulher bonita e brejeira,
Disse, e, triste, acrescentou:
— Roubou-me, sim, a carteira,
Mas com que graça a roubou!...

Não trazia o ódio na face
Depois do sério revés:
Talvez que ele a perdoasse
Só para vê-la outra vez...

O Desmemoriado do Capão Grosso

CONCLUSÃO

Foram subindo e chamando por João Bento.

Entraram pelo corredor e notaram que no fundo havia reboliço suspeito. Seria ali o aposento de Cassula?

— Sim, é ali mesmo — informou uma mulher que passava com pressa.

— Sentemo-nos por aqui, até ver, Zé Pedro, porque estou sem ânimo para ir até lá.

Outra mulher passa ligeiro, resmungando:

— João Bento tá nervoso porque o caso é perdido. Espinha quebrada...

Sai João Bento, com a mão na cabeça e vê Garcia da Cruz. Dirige-se a este pega-o pelo braço e cochicha-lhe aos ouvidos coisas de consolar.

— Não é possível! — brada Garcia — Essa menina não pode morrer. Oh! meu Deus, tão boa e tão pura! Eu sou único e grande culpado. Para que fui mandá-la fazer o rodeio? E ainda ralhei, porque estava demorando!... Depois, zanguei com ela, por ter deixado escapular umas rezes!... Quem deve morrer, sou eu! Zé Pedro, a minha garrucha, a minha garrucha carregada!

Garcia da Cruz sente os olhos girarem nas órbitas e tudo passa a rodar em volta. E' amparado por João Bento e o escravo. Uma dor de cabeça hor-

rível, o cérebro ferve-lhe e fá-lo cabisbaixo e perder as forças.

Nisso, alguém entra na aposento com o crucifixo e uma vela acesa.

O velho Garcia vê. Levanta a cabeça, reanima, desvencilha-se dos dois; dá dois passos: à frente, cambaleia e cai pesadamente no soalho.

Socorros de urgência. O pulso volta, os nervos amansam. A vida recomeça, e pode dizer as derradeiras palavras ao servo obediente: ;

— Vamos para casa Zé Pedro! Voltaram.

Nunca mais pronunciou uma palavra, que fôsse.

Mudo e desmemoriado!

Tudo na fazenda entrou em decadência e se foi transformando em ruínas.

Apenas um casal de cativos fidelíssimos cuidava do desmemoriado, o morto-vivo do Capão Grosso.

Vinte e cinco anos decorreram, lentamente, quando, certa manhã de setembro, Garcia da

TROVA

*O mundo é mau, Cesarina,
mas não é só de amargores.
A vida é que é pequenina
para o tamanho das dores.*

LINDOURO GOMES

Cruz sentiu que a memória lhe renascia. E renasceu mesmo.

— Zé Pedro, que é da menina? Arreia os animais e vamos vê-la.

Partiram os dois restos de gente, trôpegos, encanecidos, velhinhos. Acompanhou-os um moleque, o pai do Saturnino.

O arraial da Encruzilhada prosperára, adquirindo fóros de cidade florescente, e aonde era a hospedaria do João Bento erguia-se graciosa capela, em cujo altar pontificava a imagem de uma santa famosa por seus inúmeros milagres.

Ali foi ter o velho Garcia da Cruz, para pedir uma graça: a graça de por fim ao seu martírio.

Orou com fervor e crença, e ao fitar a imagem, notou que a santa lhe sorria com o olhar doce e meigo da filha que não mais vira.

Era Cassula, que se tornara santa.

Já passava de meia noite, quando os caçadores começaram a ouvir o berreiro aflitivo do chamariz.

Ninguém mais dormiu. Mas deixaram-no berrar até ficar afônico e romper a madrugada, momento em que saíram cautelosos em direção à armadilha.

O cabritinho desfalecera, transido de medo.

Uma enorme onça preta rosnavia dentro da arataka.



"52 Lições de Catecismo Espirita"

— ELISEU RIGONATTI —

UMA LIÇÃO DE ESPIRITISMO - EVANGÉLICO PARA CADA DOMINGO

★

ELEGANTE VOLUME CARTONADO, COM 120 PÁGINAS — Cr\$ 8,00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL A

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.

RUA ARAGUAIA, 65 - CAIXA POSTAL 696 - SÃO PAULO

TRIANGULO

PROVÉRBIOS ATRAVÉS DOS POVOS

Nada fazer é fazer mal.
Provérbio Inglês

*

Porque um morre de sede, morrem
cem nil de beber.
Provérbio Alemão

*

Amor, tosse e fumaça dificilmente
se escondem.
Provérbio Italiano

*

Ainda que o mergulhes no grande
mar, teu púcaro só trará a água que
nêlo cabe.
Provérbio Persa

*

A bôca do ambicioso só se enche
com a terra da sepultura.
Provérbio Árabe

*

Não vos fiéis em aparências, nem
acreditéis levemente em palavras: o
tambor faz muito barulho e não está
cheio senão de vento.
Provérbio Oriental

*

As rosas passam, os espinhos ficam.
Provérbio Holandês

A QUE TEMPERATURA PODE RESISTIR O COR- PO HUMANO?

Recentes experiências demonstraram
que o corpo humano pode suportar a
temperatura frígida de 62 graus abai-
xo de zero e a ardentíssima de 60
graus. Um outro experimentador foi
ainda além e conseguiu que um su-
portasse a temperatura de 128 graus
abaixo de zero, durante oito minu-
tos, e a de 137 graus acima de zero,
durante 12 minutos.

O sábio Arago conta o caso extra-
ordinário de um homem que perma-
neceu cinco minutos dentro de um for-
no aquecido a 137 graus. Essa resis-
tência humana às altas temperatu-
ras tem a sua explicação na transpi-
ração. O suor, porejando abundan-
temente do corpo, evapora-se rápi-
damente e refresca o corpo, compen-
sando os efeitos da elevação da tem-
peratura.

Por isso é indispensável que essas
experiências se façam num ambien-
te absolutamente seco. Se, em vez de
se meter o corpo humano num forno,
se o envolvesse num banho de va-
por, a sua resistência não iria além
de 60 graus.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa"
ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para
garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA" ENO

Gentil patriciã: saiba que o maior dever de todos os bons brasileiros é
contribuir para reduzir o nosso índice de analfabetismo! Ensine um de seus
patricios a ler, e terá prestado um relevante serviço à sua Pátria.



CLÁSSICOS

DISCOS AVULSOS ou em
ALBUNS ESPECIAIS

As melhores marcas
Os mais afamados interpretes

VISITE NOSSA SECCÃO DE DISCOS

MESBLA

Pecem nossos suplementos mensais

RUA DA BAHIA, 986 — FONE 2-2825 — S. HORIZ.

MARCELINA DESBORDES - VALMORE

Meninice sem pão e sem alegria — O caminho para a arte em busca da subsistência — A vocação poética nas chamas do amor—Entre a glória e a penúria—Inquietação, esperanças e o olhar para a eternidade

Dionysio Garcia

O DESTINO perseguia implacavelmente aquela que seria mais tarde a maior poetisa da França. Marcelina Desbordes não teve meninice, e na mocidade não fruiu a sublimidade de um amor feliz e tranqüilo. Pela vida em fora sofreu sempre os embates cruéis das adversidades. Lutando sempre, entre a penúria e a miséria, não frangeu um só instante, nem seu espírito perdeu a chama do gênio. Foi uma verdadeira heroína no mais amplo sentido da mulher que, resignada, trabalha e sofre, e faz de suas desgraças um motivo de purificação e sacrifício.

Ser perder jamais aquela bondade que se irradiava em todas as suas poesias, sem nunca deixar-se dominar pelo desespero, pela revolta, aceitava o infortúnio como uma condição natural imposta à sua alma. Não deixa realmente de causar admiração a vida intensa de Marcelina Desbordes, agitada pelos revezes, e, não obstante, manter-se dentro de uma superioridade espiritual tão elevada que a sua tragédia só se manifesta na exaltação de suas poesias. Afinal, Marcelina se mostra inteiramente. Sua alma se apresenta límpida, revelando toda a sensibilidade de que era dotada, e as martirizantes decepções por que passou.

Durante vários decênios seu pai pintou emblemas, armas, brasões e divisas para os nobres. Era uma profissão muito considerada e rendosa a que exerciam os heráldicos. Mas a Revolução Francesa, arruinando a nobreza, lançou também a família do artista na miséria. A mãe de Marcelina Desbordes, adoentada, impossibilitada de trabalhar, não podia ganhar o sustento para o lar empobrecido, e então a pequena Marcelina com doze anos apenas, é que tem de trabalhar, entoando canções com sua voz débil, e a dançar em companhias de comediantes, para conseguir o ganho ínfimo com que devia socorrer a família. Desde aí, começa a desventura da pobre Marcelina.

A mãe, mais tarde, diante da situação insustentável, resolve pedir auxílio a um tio, rico fazendeiro residente em Guadalupe, e, durante vinte meses, mãe e filha passam fome, curtem frio, mendigam, percorrendo a França, e tudo suportam para obter o dinheiro indispensável à viagem salvadora. Por fim, conseguem a quantia desejada para irem em busca do El-

dorado com que sonhavam, e empreendem a longa viagem.

*

Estamos no ano de guerra de 1801. Os mares estão infestados de navios ingleses à caça do pavilhão napoleônico. Marcelina Desbordes, nascida em Douai, em 20 de julho de 1786, agora uma loura e franzina menina de quatorze anos, aconchegada à sua mãe, viajava numa pequena caravela francesa, que se dirige para as Índias Ocidentais. A travessia dura quarenta dias e quarenta noites. A frágil embarcação sacode-se aos assaltos das ondas bravias e tempestuosas. Por vezes o sol tropical arde nas velas amainadas durante longas calmarias. Afinal, chega o barco à Guadalupe. Uma terrível notícia, porém, as aguarda, pois Guadalupe não está mais sob o domínio da França. Houve uma rebelião de escravos e o tio de Marcelina, o rico fazendeiro que devia salvá-las, fora assassinado pelos rebeldes.

Acham-se, assim, completamente abandonadas em terra estranha. A mãe, logo nos primeiros dias, é vitimada pela febre amarela, e então Marcelina se encontra inteiramente sozinha, longe da pátria, sem qualquer recurso, numa situação aflitiva e indescritível. E os seus olhos em breve hão de ver horrores. Um terremoto abala a cidade, e a menina assiste ao desabar de casas, e vê colunas de fogo a se elevarem nos montes. Tomada de pânico, suplica de joelhos ao governador que lhe facilite o regresso à França; e, só depois de muitas semanas de angústias e privações, o pedido da órfã é satisfeito. São outros quarenta dias

*

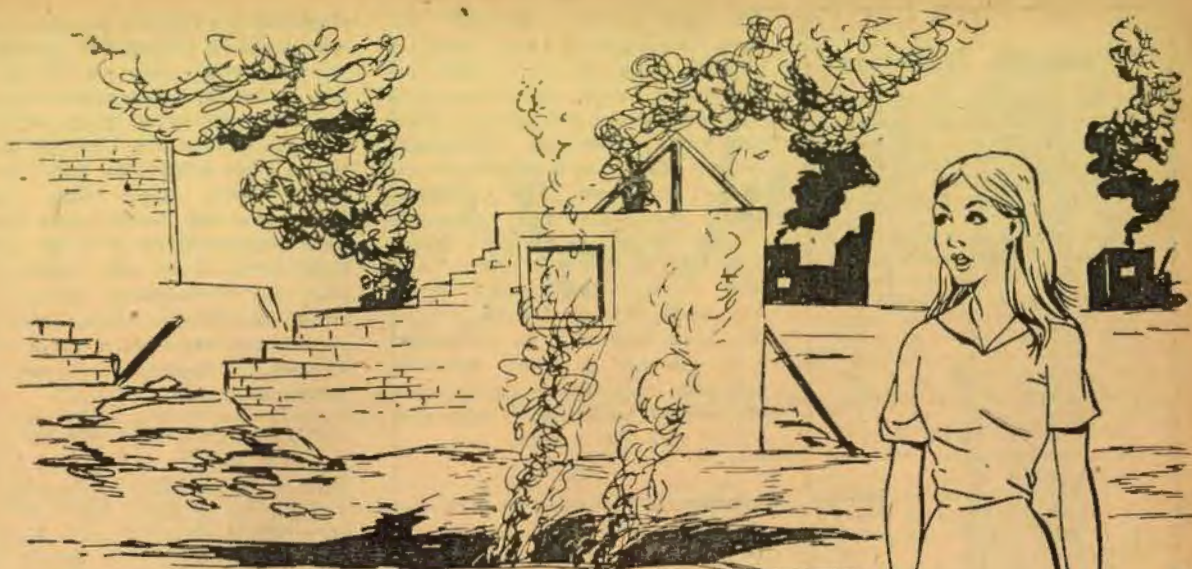
e quarenta noites de viagem que Marcelina suporta em um navio mercante. A pequena órfã é o único ente feminino a bordo. O capitão, um ébrio, cínico e brutal, deseja logo aproveitar-se do desamparo da pobre pequena. Marcelina procura auxílio junto dos marinheiros, que, condescendidos de sua sorte, revoltados com a atitude do comandante, a defendem contra as perseguições do hebreião. Como vingança, este exige o pagamento da passagem, e, no desembarque no Havre, retém a pequena mala na qual Marcelina encerrava tudo quanto possuía.

E, sem dinheiro, sem amigos, sem experiência, a órfã acha-se agora na França, mas numa cidade estranha. Não se sabe como, segue para Lille, onde conhece algumas pessoas, que, enternecidas, organizam um espetáculo em favor da menina que se salvou do massacre de Guadalupe. A simples notícia interessou a população e o teatro obteve boa afluência e uma renda suficiente para a órfã voltar à casa paterna. Enfim, chega Marcelina ao lar. Trás notícias más, e também o encontra cheio de tristeza. Seu velho pai vive com dificuldade, e seu irmão está na Espanha, combatendo como soldado de Napoleão. Marcelina compreende que não deve ser pesada aos seus. É preciso camuflar, é preciso prosseguir na conquista do pão, embora através de amarguras.

*

Marcelina Desbordes, essa menina de voz argentina, loura e delicada, de maneiras timidas, está representando, por fim, em companhias teatrais, que percorrem Rouen e Lille. Entre atores e atrizes e velhos comediantes de província, Marcelina se destaca pela sua figura de semi-púbere, pudica, sisuda, e contudo de fisionomia suave e atraente. Os sofrimentos tornaram-na, assim, de fisionomia severa, mas as ondas de cabelo louro dão-lhe encanto singular. Como atriz e mais tarde como poetisa, o que lhe caracteriza mais a arte é a sinceridade e a profunda emoção que imprime a todos os seus gestos e palavras. E é justamente a força de expressão, a franca manifestação de seus sentimentos, a plena expansão de sua alma, já batida por todos os





vendáveis da sorte, que a torna cativante e impressiona o público.

Numa unidade perfeita, ela conjuga sua arte com sua vida desventurada. Consegue dar ardor e naturalidade aos seus papéis como se ela mesma fosse a própria heroína. Seus infortúnios, suas privações, suas adversidades preparam-lhe no espírito a capacidade de sentir e viver todos os papéis de uma criatura que se humilha e sofre. Faz-se desse modo, uma excelente atriz. Suas lágrimas não são de uma comediante, forçadas pelo fingimento da arte, mas lágrimas que já existem em seu coração ardente, muitas das quais ela já as teria vertido. Os papéis que lhe distribuem são bem adequados à sua infelicidade, todos aqueles que sua alma sente e seu coração já conhece.

A França, sacudida pelo furacão das guerras napoleônicas, passa por uma crise tremenda. E, assim sendo, a vida de Marcelina, como atriz forçada pela necessidade de ganhar o sustento, não deixa de ser triste e penosa. Sua existência, insípida, monótona, é uma existência rude de proletária. Quando cai o pano, segue fatigada para casa, onde a esperam as duas irmãs, que, mais pobres do que ela, vivem à sua custa. E ainda tem de cuidar de serviços caseiros e copiar papéis de teatros, para ganhar um pouco mais, e ainda consegue, de maneira incrível, retirar dos seus oitenta francos de ordenado uma parte e remeter para a casa paterna.

Marcelina Desbordes, dedicada ao seu trabalho de atriz, sacrificando-se pelos parentes, vive como alheia ao mundo. Ainda não foram despertados nela todos os sentidos da vida. Conta agora vinte anos, e sua afeição

maior se dirige para uma colega de teatro, uma grega de nome Adélia, talentosa atriz, moça jovial, mas — segundo dizem — sensual e muito leviana. E' no próprio lar de Adélia que Marcelina encontra mais uma vez a infelicidade. Adélia tem um amante. Moço e poeta, parece mais um homem destinado a conquistas amorosas e frívolas. Insinuante, hábil nesses torneios de enredar o coração feminino, bondicioso, procura o jovem ganhar o coração de Marcelina. Neste desejo, Adélia, incompreensivelmente, ajuda o amante, facilitando-lhe a tarefa, como a pôr em dúvida a habilidade de sedutor. Marcelina percebe o perigo, mas acredita na amiga. Procura por todos os meios prosseguir no seu caminho de trabalho e sacrifício, e confia à poesia o seu medo, a sua perturbação, os seus pressentimentos.

E' nesse tempo que surge a vocação poética de Marcelina. Contudo, continua a evitar o perigo. Mas o sedutor é hábil. Conhece a fraqueza de Marcelina, percebe seu domínio sobre aquele coração que tanto sofrera, não obstante sua juventude. Assim, pois, muda de tática. Passa a apresentar-se triste. Finge desencantamento pela vida. Procura astuciosamente tocar a corda mais sensível de Marcelina: a infelicidade. Ela, ante a atitude merencória do jovem, passa a temê-lo menos. Julga-o realmente um homem atormentado pela paixão. Ela mesma, conhecendo o sofrimento, não podia resistir em face de qualquer infelicidade. Acredita nas palavras fementidas do sedutor, que cada vez mais a periu-



ba e domina. Parece que nasce uma aurora no coração de Marcelina, pobre jovem que não provara ainda o néctar da felicidade, cujos sonhos de amor lhe davam agora impressão de estar vivendo num reino encantado. Sente a necessidade de um coração amigo, de uma alma sensível e pura que a ame e compreenda.

Ela ama-o deveras. Ele venceu. Na sinceridade de seu amor Marce-

A mãe de Napoleão

MARIA LETICIA RAMOLINO, pelo casamento, Leticia Bonaparte, foi uma das mães das quais se pode dizer: "Quando um rapaz é bem sucedido na vida, é sempre devido à mãe".

Foi efetivamente Leticia uma das mais notáveis individualidades femininas de sua época, não tanto pelas qualidades exteriores que em geral a sociedade aprecia sem olhar muito de perto, como por seu caráter firme e sempre igual nas mais diversas circunstâncias da vida.

Napoleão, em Santa Helena, dizia frequentemente falando de sua mãe:

"Canceiras, privações, tudo ela suportou. Era uma cabeça de homem sobre um corpo de mulher."

O exílio de seu filho Luciano, afastado da Corte de Napoleão por causa de seu casamento com Mme. Joubert — viúva de um cambista — que o Imperador julgou humilhante, foi particularmente doloroso para Leticia.

Nunca se pôde consolar, e mesmo foi à Roma em casa de Luciano, que se havia refugiado junto de Pio II para achar um pouco de alívio ao seu grande desgosto.

Napoleão tinha ciúme da predileção que sua mãe votava a Luciano, e não deixava de censurá-la.

— Amarei sempre com preferência, — respondia Leticia — entre os meus filhos, o que é mais infeliz.

Apenas galgou o poder, adquiriu Napoleão, para sua mãe, a magnífica residência de Pont-sur-Seine, no departamento de Aube. Leticia ali se instalou a 25 de agosto de 1805, no meio do entusiasmo da população que a cercou das maiores honras. Tornou-se logo querida por sua bondade, por sua caridade; estava sempre pronta para ser a providência dos necessitados. Mas, diante de seu imperial filho, sempre se conservou de uma firmeza inalterável.

Um dia, numa reunião íntima apresentou Napoleão a sua própria mão para beijar a sua mãe.

Ela repeliu-a prontamente.

— Não sou eu acaso seu Imperador? — perguntou Napoleão.

— E eu não sou acaso tua mãe? E tu antes de tudo, não és meu filho? — respondeu Leticia.

Napoleão não replicou; beijou a mão de sua mãe e ia se retirar, mas ela o reteve:

— Tu sabes, — disse-lhe ela — em público trato-te com respeito, porque sou tua súbdita; mas, em particular, sou tua mãe, e quando tu dizes: "Eu quero"! dá-me logo vontade de responder-te: "E eu não quero, meu filho!"

lina exalta-se. Ele, calculista, sensual, aproveitador, sem qualquer objetivo sério, não pensa senão em divertir-se. Incapaz de amar de fato, e de sacrificar-se pelo amor, o jovem não tem a coragem das responsabilidades. Quer fruir o instante da vida, e ir adiante. Ela, entretanto, ama-o apaixonadamente, e, coerente consigo mesmo, entrega-se à plenitude amorosa. Deixa-se prender para toda a vida, completamente cativa, na cadeia ardente daquela paixão. Sua alma expande-se na imensidade e na exaltação do amor. Marcelina não pôde mais resistir aos impulsos do coração palpitante, e deixou-se vencer para toda a vida.

*

Marcelina Desbordes, ardendo nas chamas da paixão, não percebe agora que o jovem amante procura desvencilhar-se das suas carícias. Ela cada vez mais procura cativá-lo na sinceridade de seu amor. Mas, a pretexto de visitar o pai, o infiel vai dar um passeio à Itália, e conserva-se ausente por muito tempo. Deixa-a com um filho, que foi registrado como filho de pai incógnito, porque o amante não quer declarar-se publicamente pai da criança, com receio da reprovação paterna a um casamento com uma atriz.

Marcelina, como que desperta de um sonho, reconhece toda a realidade e o trágico erro em que caíra, bem como a comédia planejada de que fora vítima. Desespera-se ao compreender que empregara toda sua afeição e bondade numa quimera, tão illusória como as que se viviam nos teatros. Nessa situação de horror, não tem a quem recorrer, porque por causa desse homem Marcelina esquecerá todas as amizades. Procura a irmã em cujos braços se lança aflita, em busca de consolo. As poesias que então dirige à irmã são gritos de desespero e angústia. Ela sabe que ele a abandonou, mas recusa-se a acreditar. Não podendo submeter-se à verdade, que lhe parece uma enorme tragédia, Marcelina suplica uma palavra de ilusão, um instante de conforto, uma esperança qualquer. Custando a suportar a dor de o ver partir, de não a querer, Marcelina não cessa de pensar na sua desgraça. Entretanto, nas suas queixas, nos seus gritos que transmite às suas poesias, ela não o odeia, porque não pode odiá-lo.

Ela sabe que ele está com outra mulher, mas ainda assim não o odeia. Em uma poesia confessa: "Ah! Eu não o odeio, eu não sei odiar." Margarida abandona o teatro para viver na solidão e na tristeza, num recanto da França. Todos os acontecimentos políticos e sociais de sua

época, todos os trágicos dias por que está passando a França, o ambiente de efervescência em que ela vive, tudo parece sem importância diante dos seus sofrimentos. E apesar de uma ausência de dois anos, ela sente que ainda é capaz de perdô-lo e amá-lo ainda mais. Sente que brota nela um desejo mais violento e impetuoso de vê-lo, de ouvi-lo, de tornar a ser sua. Insiste, suplica uma reconciliação, pede à irmã, e, para obter o homem que ama e que nunca esquecerá, chega à humilhação de dirigir-se a Adélia, a amiga que a traiu.

Marcelina quer ainda uma vez sacrificar-se por ele, e reviver o passado, mesmo como escrava, contando que possa possuí-lo. Ela se torna, pelo império da paixão, uma grande amorosa, pondo toda a energia de sua alma e toda a sensibilidade feminina a serviço do amor que a inflama.

Quer possuí-lo outra vez, embora entre lágrimas e em condições as mais humilhantes. E deseja ardentemente uma reconciliação, que se realiza, afinal, para durar muito pouco. Ele a abandona, agora, para sempre. Marcelina Desbordes, com o filho adorado, volta para a realidade da vida. Aquêl amor está definitivamente destruído, mas surge, por encanto, um poderoso consolo, uma voz forte e irresistível que clama em todo o seu ser. Ela compreende que nasceu nela a poetisa. Suas lágrimas, suas infelices, sua sorte madrastra, seu amor repellido por um homem por quem se sacrificava, vão agora transformar-se em versos de infinita beleza.

Dá-se maravilha de sublimação. Tudo quanto sofreu, ela revela à poesia. Toda a sensibilidade de mulher, todos os frêmitos de amor, todas as ansias e desejos ela sinceramente confessa. Durante toda a vida, com exaltação aguda, num realismo nítido, Marcelina transmite em suas poesias as suas lágrimas e as suas aflições. Nada oculta de sua pessoa, e, entretanto, o nome daquele que foi a sua desgraça e o seu único e verdadeiro amor nunca o revelou. Em suas poesias, ele tem o nome de "Olivier", mas constitui um problema literário o segredo desse nome. O crítico Sainte-Beuve, que foi amigo e confidente de Marcelina, e se interessou pelas edições de suas primeiras poesias, muito pesquisou em vão. Todas as pistas foram batidas inutilmente. E, apesar de tantos esforços, através de tantos anos, ainda hoje esse nome continua a ser um segredo, que Marcelina guardou avaramente dentro do coração como o seu único tesouro.

Valmore, ator de talento dramático medíocre, descendente de uma família nobre, representa num teatro em que também trabalha Marcelina Desbordes. Ele se dedicara ao teatro por vocação, mas não consegue se destacar senão pelo físico. É uma figura cavalheiresca. Chama-no de "Belo Valmore". Valmore é sete anos mais novo que Marcelina. Ele a conhecera antes, quando ainda eram pequenos. Agora contracenam no palco, representando papéis amorosos. E desta troca diária de sentimentos vão-se tornando mais íntimos. Em pouco Valmore se entrega a uma estima mais viva por Marcelina, que ela corresponde apenas com uma amizade de colega. Valmore, conhecedor da desgraça de Marcelina, não tem ânimo de se declarar. Só mais tarde, mais confiante, resolve solicitar-lhe o matrimônio. Marcelina espanta-se com o fato, e não quer acreditar. Ela, mais velha do que ele, com o rosto marcado pelas lágrimas de suas infelicidades, sentindo-se já gasta para o amor, julga de seu dever não prender aquela mocidade, quando ela mesma é escrava de indelévels recordações. Está resolvida a recusar a proposta, mas, na carta de recusa, hesita, atraída pela possibilidade de recomeçar a vida com outro destino. Entretanto, Marcelina, recusando, pede que a poupe: "Não tente encher-me de sentimento o coração. - Sofri tanto e, triste como estou, já não sirvo para amar". Marcelina, com trinta e um anos, considerando-se fanada, esmerada pelo romance de sua vida, recebe uma união com um jovem belo, e de vinte quatro anos.

Valmore, porém, não a compreende, porque não conhece bem todos os infortúnios de Marcelina. Toda a felicidade em perspectiva é para ela um prenúncio de desgraça. E ela, sempre hesitante, receosa de novos desgostos, procura afastar o jovem Valmore, aconselhando-o e advertindo-o da impossibilidade de uma união feliz. Valmore, no entanto, supõe que a recusa é motivada por ser ele insignificante para ela, que é a primeira figura do elenco, e atriz aplaudida. Muito dignamente quer afastar-se, mas agora é Marcelina que, despertada para a vida, apressa-se em corresponder o afeto de Valmore. Vai-se tornando mais condescendente, duvidando, contudo, que alguém a queira para uma nova alvareda de amor. Tem a certeza de que jamais se extinguirá o ardor de sua paixão, mas sente-se capaz de unir-se a outro homem e fazê-lo feliz. Adverte-o, porém, sempre, até o último instante. Finalmente casam-se.

Marcelina sente-se verdadeiramente

(Continúa na pagina 79)

Don Juan

O BATON CONQUISTADOR
QUE RESISTE A TUDO E AO
QUAL NINGUÉM RESISTE.

Don Juan
NEW YORK



EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

Rejuvenescimento pelas Glândulas

A velhice não é uma doença, é uma infelicidade. Com o correr dos anos, o nosso organismo vai deixando, aos poucos, de corresponder as exigências normais da vida. Nossas funções tornam-se irregulares; algumas mesmo deixam de existir. A existência, assim, é um sacrifício. Só a idade jovem nos permite viver alegremente. É por isso que a maior preocupação da Humanidade sempre foi a de conservar a juventude. Sabemos, hoje, que a regularidade de nossas funções depende essencialmente dos hormônios, substâncias produzidas pelas glândulas de secreção internas. Essas glândulas trabalham em perfeita harmonia e em estreita colaboração. Qualquer perturbação ou falha em uma delas provoca um desequilíbrio geral do organismo. Na idade avançada, ou por outro motivo, no moço, quando as glândulas sexuais são atingidas em sua vitalidade, a deficiência ou a falta dos hormônios correspondentes provocam, além de outros distúrbios, a perda da virilidade. Quando isso acontece, o recurso está em OKASA. OKASA é um

produto de alta reputação mundial e de eficácia comprovada no tratamento de todas as formas de insuficiência das glândulas sexuais, onde se acham associados os hormônios sexuais e as vitaminas essenciais. OKASA, restabelecendo a função sexual, rejuvenesce, revigora, e restitue a Alegria de Viver. OKASA é apresentado sob a forma de drágeas, fáceis de tomar e fabricado pelos famosos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres, de onde é diretamente importado. OKASA combate com sucesso todas as perturbações originadas pela insuficiência das glândulas sexuais tais como: fraqueza sexual, debilidade orgânica, senilidade precoce, fadiga, perda de memória, neurastenia, no homem; frigidez, irregularidades da menstruação, males da idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e enrugamento da cutis, na mulher. À venda nas boas Drogarias e Farmácias. Peça formula "Prata" para homem e formula "Ouro" para mulher.

Informações e pedidos ao Distr. Repres. Soc Ltda., Rua Guarani, 164-B. Horizonte



GRAVADOR ARAUJO

RUA GONÇALVES LÊDO 45
FONE 43-0631
RIO DE JANEIRO
OS CLICHÊS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

PHOTOGRAFIAS
ZINCOGRAFIAS
TRICROMIAS
DUBLES, CLICHÊS
EM COBRE E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO



Foto Retes

Srtas. Carmen Sylvia, Mary e Dirce Marília, dile-
tas filhas do casal Edmundo Tassara, de nossa so-
ciedade.

Srta. Yone Gamoêdo, da sociedade da Capital

Srta. Maria Celeste Paixão de Moura, da sociedade
de Juiz de Fora.



Foto
Cristianino



Senhoritas

Minuto Mágico



...um método seguro para rejuvenescer sua cútis em 3 tempos!



Sim — você achará este novo método de usar o Creme Evanescente Pond's... um minuto mágico — sessenta segundos que transformarão sua cútis, dando-lhe novo viço, nova suavidade, novo frescor. Adote este novo método — tão simples, tão seguro, tão prático!

Perfeita base para o Pó de Arroz!

Para assegurar a beleza e juventude de sua cútis, dedique um Minuto Mágico, para este tratamento de beleza com o Creme Evanescente Pond's. E não se esqueça, também, de que o Creme Evanescente Pond's é uma perfeita base para pó de arroz. Aplique-o, em leve camada, sempre que fizer seu make-up.

Transforme sua cútis em 3 tempos!



Delentoras de pó e de detritos — eis em que se transformam as células da pele, quando se ressecam e morrem, em sua face! E, então, mesmo as epidermes naturalmente sãs e belas, assumem um aspecto áspero e sem vida!

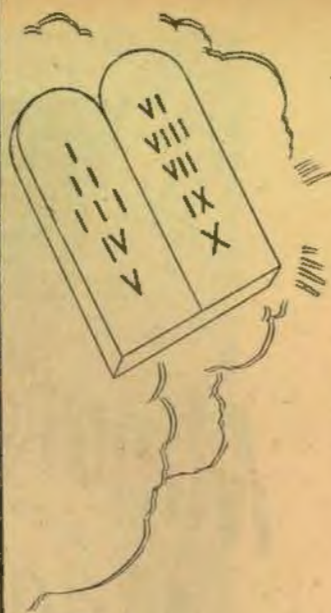


Você pode amolecer e dissolver êsses detritos — num minuto mágico! Aplique o Creme Evanescente Pond's sobre todo o seu rosto. Deixe ficar essa máscara cremosa, por um minuto, para que se possa exercer a ação keratolítica do Creme-Evanescente Pond's. Depois, remova-a.



Agora, contemple a nova aparência de sua cútis! Acha-la-á mais clara, mais bela, mais juvenil. E tão suave que seu make-up se espalhará com incrível uniformidade e beleza.





A BELEZA é a suprema aspiração da mulher. A mulher moderna submete-se a todas as prescrições científicas na esperança de alcançar a harmonia que a tornará diferente... Porque a ambição feminina é a originalidade, na beleza das linhas físicas, cujo equilíbrio reside na saúde.

Para a realização desse desejo, naturalíssimo, aliás, impõe-se um programa de tratamento adequado, sem o qual a mulher jamais conseguirá atingir seu ideal. E foi atendendo na necessidade desse programa para a beleza da mulher moderna que, através de estudos demorados e carinhosas observações, organizamos o decálogo da beleza feminina que hoje, afinal, oferecemos, com imenso prazer, às nossas leitoras.

I — Tome um banho diário. Se o seu sistema nervoso resiste, a ducha de água fria, pela manhã, é o melhor tônico para o corpo, preparando-o de forma vigorosa. O banho morno é indicado para as pessoas que sofrem de insônia, favorecendo a limpeza do corpo. A água quente demais deve ser evitada, porquanto predispõe o organismo aos resfriados e toda a sorte de males produzidos pelos golpes de ar.

II — Beba, pelo menos, oito copos de água filtrada por dia. Todos sabem que a água auxilia o tratamento para a beleza; exteriormente, como nos referimos no primeiro mandamento; interiormente, é de relevante ação terapêutica, sobretudo para os rins. A água ajuda a manter a cutis limpa, dá brilho aos olhos, desinfla o organismo. E custa bem pouco, como se sabe... Usem-na, pois, à vontade!

III — É de grande importância no tratamento uma hora ao ar livre, medida ainda mais recomendável às pessoas que levam vida sedentária nos escritórios ou oficinas, sem possibilidade de realizar um "week-end", tão em moda... para os ricos. Não viva em aposentos mal ventilados. Ao levantar-se, fique diante duma janela por onde penetre o ar fresco, aspirando-o cadenciadamente, estendendo os braços para os lados e levantando-se pouco a pouco nas pontas dos pés.

IV — Durma, pois, em quarto bem ventilado. Bem poucas pessoas compreendem a importância de tal

OS 10 MANDAMENTOS DA *Beleza*

Embelezam estas páginas dedicadas à mulher brasileira, as figurinhas encantadoras de famosas estrelas do cinema, que vêem, no exercício, a melhor terapêutica para a conservação da beleza: Ann Rutherford, da Metro; Marguerite Chapman, da Colúmbia; Eleanor Powell, da Metro, e Jennifer Jones, da Fox.



mandamento. À noite, o ar puro deve tonificar o corpo em repouso. Muito pouca gente desconhece o benefício de dormir proporcionando bem estar aos pulmões. Depois da primeira juventude é que reconhecem a utilidade do antigo e ótimo preceito acima descrito. Dormir com as janelas do aposento cerradas é a mais eficaz maneira de envenenar e debilitar o sistema nervoso, imprimindo no semblante a terrorosa palidez de doente...

V — as verduras e as frutas devem ser incluídas na dieta diária. Quem não gostar de verduras crúas, deve mandar cozinhá-las, ou prepará-las com molho de azeite, sal, vinagre, e às vezes também o de "mayonnaise" cujo sabor agrada a todos os paladares. As verduras que se cozinham devem levar pouca água para conservação do valor nutritivo.

VI — Beba meio litro de leite por dia. Mas, pergunta-

(Conclui na pag. 139)

O CONFORTO FAZ PARTE DA



Felicidade!

Faça os mais belos castelos para a montagem do seu lar. Nós os transformaremos em realidade.

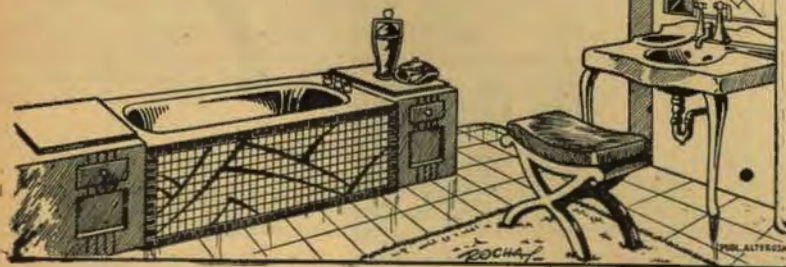
INEGAVELMENTE, uma grande parcela da felicidade no lar depende do conforto que ele oferece. A alegria e o bem estar relacionam-se diretamente com a beleza e a harmonia do seu ambiente.

Estão os perfeitamente aparelhados para satisfazer todas as exigências do seu bom gosto, fornecendo os mais modernos aparelhos sanitários nacionais e estrangeiros, cerâmica e mosaicos dos mais famosos fabricantes, fogões e aquecedores, bem como os mais belos conjuntos de quartos de banho que representam o que de mais confortável se tem produzido recentemente.

Em nossa exposição permanente no Edifício "Sul América", s. Av. Afonso Pena, 941, loja 4, temos, sempre, um mostruário que encanta pela variedade de suas sugestões, permitindo transformar em realidade todos os sonhos de conforto e beleza que tenha imaginado para o seu lar!

CARMELIO F. CASTRO & CIA. LTDA.

Instalações modernas para o conforto de seu lar
Edif. "Sul América" - Loja 4 - Av. Af. Pena, 941



* * *

PENSAMENTO

TODA a natureza é um anelo para servir. Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco. Onde há uma árvore para plantar, planta-a tu; onde há um erro para emendar, emenda-o tu; onde há um esforço a que todos se esquivam, aceita-o tu. Sé aquele que afastou a pedra do caminho, o ódio dos corações, e as dificuldades de um problema.

Há a alegria de ser sã e a alegria de ser justo; porém, há, sobretudo a alegria de servir.

Quanto seria triste o mundo se tudo já estivesse feito, se não houvesse um rosal para se plantar, uma empresa para empreender! Que não te chamem apenas os trabalhos fáceis. É tão belo fazer aquilo a que os outros se esquivam!

Porém não calas no erro de que só há méritos com os grandes trabalhos; há pequenos serviços que são serviços imensos; adornar uma mesa, arrumar uns livros, pentear um menino em teu lar!

Aquêle é o que critica; este o que destrói; és tu a que serve.

Servir não é tarefa de seres inferiores; Deus, que dá o fruto, a luz, serve. Poderia chamar-se assim: O Que Serve.

E tem os olhos em nossas mãos e nos pergunta cada dia: Serviste hoje? A quem? A árvore, a teu amigo, a tua mãe?

Gabriela Mistral

A vida não pode derrotar quem, pela felicidade, tem coragem de lutar contra as mais pesadas desigualdades

EM uma tranqüila e afastada rua da localidade de Elon, na Carolina do Norte, há uma casinha de tijolos aparentes que estreita a esquina nordeste do campo de recreio do Colégio local. Passeando ao longo da romântica aléa do estabelecimento, os estudantes novatos ficam muitas vezes surpreendidos com os gestos de saudação que uma pequena e grisalha mulher lhes faz através da janela de sua pitoresca residência. Sorriem e voltam. Por algum tempo ainda, permanecerão na ignorância de que, por detrás daquela face bondosa de mulher, há mais sabedoria da vida que nos livros de estudo de uma dúzia de universidades; que em seu delicado corpo bate um coração temperado em aço e, todavia, alegre como um festival de primavera.

A mulher, de 81 anos, é a senhora John Urquhart Newman.

Foi entre 1890 e 1894, quando nasceram quatro de seus cinco filhos, que começaram seus mais negros dias. Nenhum dos quatro chegou, jamais, a ouvir o som da palavra humana; haviam todos os quatro, nascido desgracadamente surdos. Nenhum dos quatro aprendeu jamais a linguagem dos gestos. Nenhum dos quatro frequentou escola. Entretanto, todos os quatro, ensinados exclusivamente pela sua mãe, matricularam-se aos treze anos, no Colégio de Elon.

Graduaram-se com distinção e agora mantêm-se em posição superior à daquêles que nasceram normais. E tudo porque uma corajosa mãe recusou aceitar a derrota, quer para si mesma, quer para a sua família.

A sra. Newman deixou uma fazenda do Missouri para fazer um curso no Colégio Antioch. Ali encontrou um professor com quem se casou. Juntos, vieram para Elon, próximo a Greensboro, ensinar em um colégio que nem ainda estava construído; tiveram, mesmo, de ajudar a construí-lo.

Seu marido, que ensinava Latim, Grego e Hebraico, tinha um profundo desprezo pelo d'nh'eiro.

Então, a sra. Newman, professora, dona de casa e mãe, teve de arranjar alunos para ajudar as despesas de casa. E ainda en-



contrava tempo para receber visitas e atender aos pobres.

— “Meu marido nunca recebeu mais que um milhar de dólares por ano nos primeiros quinze anos”, dizia ela candidamente, “mas o dinheiro nunca foi uma fonte de aborrecimentos ou de atritos em nossa casa”.

Quando seu primeiro filho nasceu, os Newman estavam pelos vinte anos e a vida era chela de promessas. A criança era bonita, perfeita, uma menina cujo comportamento era normal, exceto que parecia não ouvir os acalantos de uma terna mãe. Conduzida a um médico, seu credito foi curto e brutal: “Vossa filha jamais será normal. É surda e sem esperança de cura”. Três filhos vieram em sucessão e, sucessivamente também as mesmas palavras deservando os lábios maternos.

— “Mande-os para uma escola de surdos”, diziam vizinhos e médicos bem intencionados. A senhora Newman rejeitava todas as sugestões. Jamais submeteria seus filhos à vida de tais instituições.

Dia a dia, hora a hora, ela velava por eles enquanto em seu espirito um plano tomava forma. A esse respeito falou com o marido. Concordeu ele que, fosse ela capaz do sacrificio que o plano acarretava, resultados haveriam de vir. Tomada a decisão, entrou ela em longos anos de faina, de luta e de concentração. E nunca olhou para trás.

Era simples o plano. Ensinar seus filhos a falar e a ler nos lábios: ensina-los-ia, também, que suas aflições ficariam misericordiosamente escondidas do mundo. Nada de falar pelas mãos. Seus filhos olhariam, agiriam e falaria como as outras crianças normais. Uma vez que não se enxerga a surdez, por que deve-

riam as aflições de seus filhos tornarem-se notórias?

Só e em sua própria casa, ela entendeu de fazer aquilo que somente poucas escolas de seu tempo tentavam fazer pelas crianças surdas.

Alma, a mais velha; Lila a segunda; Urquhart, o terceiro, e José, o caçula, eram crianças comuns, de aparência saudável, nem mais nem menos inteligentes que os filhos dos vizinhos. Mas cada filho seu levava uma triste desvantagem. Considerando com gravidade, a senhora Newman aceitou a responsabilidade de uma empresa que parecia impossível. Se fracassasse, se as cordas vocais dos filhos fossem permanentemente lesadas, sentiu ela que toda a responsabilidade pela sombria falência dos seus entezinhos seria somente dela.

Algo da tarefa que ela enfrentava só será bem compreendido se atentarmos no tempo e no trabalho que acarreta apenas o ensinar uma criança normal a falar umas poucas palavras. Mesmo uma palavra como “gato”, que pode ser falada por uma criança normal antes de duas vezes repetida, a senhora Newman tinha de repetir várias e várias vezes — talvez mais de 40 vezes



A LEGENDA DE UMA MULHER CORAJOSA

De “Coronet”

CAROL HUGHES • Desenho de FÁBIO

— até seus filhos aprenderem a pronunciar-la, atentamente observando os lábios maternos.

A senhora Newman começou suas experiências quando seus filhos se achavam em idade de jardim da infância. Enquanto as crianças normais estariam aprendendo em um dia palavras simples como “gato”, “mesa”, “casa” os filhos dos Newman em uma semana é que estariam aptos a dizer e entender uma só palavra.

Desde o começo, a senhora Newman desenvolveu em seus filhos uma espécie de concentração hipnótica. Uma simples palavra teria de ser repetida várias e várias vezes se ela quisesse que eles compreendessem. Teria de mostrar-lhes a palavra impressa, de pronunciar-la, em seguida, sílaba por sílaba, até que cada um pudesse ver, pela formação de seus lábios, como a palavra era pronunciada.

Muitas vezes a agonia de esperanças e desânimos alternados lançava fundo em seu coração, mas ficava oculta aos olhos das crianças por uma alegre e espietosa disposição. A senhora Newman fez da educação de seus filhos um jogo atraente. Ensinou-os a brincar entre si, esti-

mulou-os à conversa mútua, e, como progrediam, incitou-os a que um sobrepujasse o outro na repetição de palavras recém-aprendidas.

As crianças ficavam confinadas ao lar, pois a senhora Newman desejava que elas conversassem umas com as outras tanto quanto possível, até que se sentissem mais naturais ao falar e no ler lábios. Toda companhia foi cuidadosamente escolhida. Somente os bondosos, aqueles que não iriam zombar de seus filhos pelo defeito que ela laboriosamente tentava vencer, apenas esses seriam convidados a participar de sua cálida hospitalidade. Pouco a pouco o vocabulário dos filhos dos Newman cresceu. Gradualmente o círculo de amigos foi se ampliando. Hora após hora, dias após dia, ano após ano, a bondosa mulher, cheia de paciência, novas palavras ensinava.

Enquanto isso a senhora Newman fazia mil e uma coisas na localidade. E ninguém sabia quanto fome ela havia matado, quantos enfermos ela havia cuidado, quantas vigílias havia feito em lares humildes onde uma vida corria perigo. Os locais diziam que ela, pessoalmente, ajudou o nascimento de mais de mil bebês nos dias em que o médico mais próximo residia muitas milhas distante.

Por 25 anos lecionou em uma escola dominical e nunca faltou um só domingo. Pintava lindos quadros, o que fez um professor de arte lamentar: "Que lástima que um tão forte talento seja impedido de florescer!"

Ela mesma fazia o enxoval da casa, tecia as tapeçarias de sua confortável residência, dava preleções no colégio e lidava com as finanças do lar. Complementava o pequeno salário do marido mediante a criação de galinhas, de um ou outro porco ou vaca. E ainda encontrava tempo para o conforto e cuidados requeridos por seu sonhador esposo, homem de solidíssima cultura, que ob-

servou certa vez: "não acredito que você costume deitar-se. Parece uma infatigável".

Tudo isso era feito com uma alegria e despreocupação que enchia de admiração os mais antigos moradores da localidade. Quando perguntado acerca da senhora Newman, um natural do lugar diria certamente: "Já ouvistes falar do incêndio"?

Este incêndio dos Newman será sempre lembrado em Elon, pois exprime claramente o caráter deles. O fato ocorreu há dez anos. Depois de cinco décadas de parcimonias e economias, a senhora Newman havia, enfim, comprado a sua "velha casa, refugio das tempestades da vida". Foram-se todos os dolares que possuía. E ainda, para garantir as derradeiras amortizações, fez José, o caçula, estudar odontologia.

Quando o fogo começou, o sr. e a sra. Newman estavam na sala sozinhos. O professor lia um livro de mitologia grega. A sra. Newman tricotava. Súbito, as chamas tomaram o pavimento. João Newman não as viu. Sua esposa calmamente levantou-se, tirou da parede o retrato do marido e disse sem afobação: "Vamos João. Estamos perdendo nossa casa".

Juntos saíram sem olhar para trás. Foram à casa de uns vizinhos, rua abaixo, e não disseram uma palavra sobre a casa que estava ardendo. Os vizinhos pensaram que eles iam pagar uma visita, mas ficaram admirados de ver a senhora Newman com o retrato do marido nas mãos.

Falando disso agora, a senhora Newman sorri:

— "Todo o mundo tem seus precalços". E acrescenta: "Os que são seus devem permanecer para sempre seus, e só você, sozinho, deverá resolvê-los".

Tal é o espírito de uma mulher que pouca gente mediana teve esperança de entender, uma mulher cuja estatura moral os mediocres não podem avaliar.

Mas que se conduzia sem nenhuma das amarguras que poderiam provir de uma mãe poderosa.

A idade de quatro anos, Alma mostrou inclinação para o piano, embora não pudesse ouvir uma simples nota. A senhora Newman fez maiores economias e comprou um. Quando Lila mostrou tendências para o desenho, seu canto de brincar ficou fornido de caixas de aquarela e papel para pintura. Quando Urquhart, aos treze anos, passou a dedicar-se aos esportes, sua mãe também tornou-se uma entusiasta delas. Jamais perdeu uma exibição em que ele estivesse participando. Quando José exprimiu o desejo de ser dentista, fez o possível para realizar o desejo dele.

O quanto ela teve de êxito em sua tarefa é atestado pelo que os filhos realizaram.

Alma, depois de ensinar música vários anos em Alabama, casou-se com um jovem e brilhante advogado e tem três felizes e normais filhinhos. Lila, depois de licenciar-se pela Universidade de Columbia, está à testa do Departamento de arte do Colégio de Elon. Urquhart é editor de um jornal dedicado a assuntos textéis e já produziu mais de 250 artigos para as revistas líderes. José entrou para o Colégio de Odontologia de Atlanta e atualmente pratica com êxito na Georgia. O quinto filho, Dan Long, normal em todos os aspectos, preparou-se para competir com seus queridos e menos afortunados irmãos.

Os filhos dos Newman são uma prova de que a surdez não é uma calamidade. Onde muitos vêem somente patologia, os Newman hoje disso falam com bom humor. Diz Lila rindo: "Algumas vezes penso, mesmo, que a surdez é uma vantagem. Ouve-se apenas o que se quer..."

Os Newman Junior falam ainda um pouco naturalmente pois não podem ouvir o som das próprias vozes. É um toque ligei-

Fique sedutora!

REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo • Remessa pelo reembolso postal

ramente estrangeiro e, afinal, agradável.

Mas este não é o fim da história da senhora Newman. O resto é como aquilo que a fé do velho negro chama de "o tratamento de Deus para com a mulher". Aos setenta e quatro anos de idade, uma catarata começou a se formar em sua vista, ameaçando-a de cegueira. Os médicos desaconselharam a operação. A senhora Newman insistiu. E agora vê muito bem.

Aos setenta e cinco sofreu uma queda, partindo os quadris. "Nunca mais poderá andar", disseram os médicos. "Mas eu quero voltar a andar!" disse ela. Por seis meses esteve semi-inconsciente, sua magra figura definhando-se. Durante esse tempo seu marido morreu de pneumonia e mal ela percebeu o que estava acontecendo. Mas o espírito da corajosa mulher ainda combatia. Um ano depois já andava apolada em bengala. E, agora, já a desprezou.

Mora em companhia de sua filha Lila em uma pequena casa de tijolos aparentes, perto do colégio, casa que os alunos ajudaram a construir para ela. Tem a mente firme e clara.

Encontrou uma felicidade provavelmente insuperável para um coração que não conheceu desânimos. Seu contentamento veio de enfrentar pesares e resolvê-los da mais sábia maneira que seu suave e espirituoso coração podia idear. Paz, tranquilidade, calma, ela obteve para os outros, pois, devido a seu grande e altruístico coração, nunca disso cogitou para si mesma.

TROVA

Quem te fêz perfeita assim,
nunca vi tão lindo gosto:

— Pintou tudo o que há de belo
num palmo apenas de rosto.

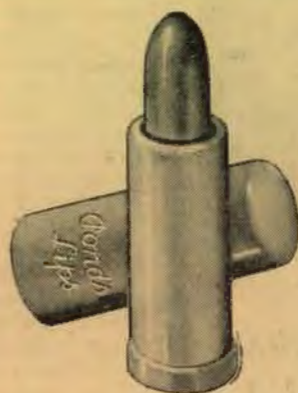
Lândouro Gomes

lembram das lindas páginas de "Lua Crescente" imaginarão logo o maravilhoso terreno em que irão penetrar. Um livro de Tagore que se lê e já mais se esquece.

AMANHÃ É PARA SEMPRE — Gwen Bristow — Livraria José Olimpio Editora — Rio — 1946.

Essa bela obra inicia uma nova coleção dessa conceituada editora e focaliza a província americana através de um enredo psicológico em que uma mulher procura desembaraçar-se do seu passado. O calvário dessa criatura angustiada comove o leitor, levando-o a acompanhar, também angustiado, todo o belo desenrolar do drama.

LIRIO BRANCO — Vargas Vila — Co-



-cada aplicação, mais horas de beleza para seus lábios!

PARA O LINDO rostinho louro, ou para a meiga face morena... para as personalidades inquietas e provocantes ou para as almas sonhadoras e discretas... este novo baton oferece — uma *tôr especial!* Escolha, na variada gama de tons Pond's, o baton que condiz com seu tipo. Lips Pond's não racha, não resseca, proporcionando perfeita aderência e duradoura beleza. Adote desde hoje Lips Pond's.

LIPS POND'S

Seis lindas tonalidades:

HEART-THROB • HONEY • RASCAL RED • BEAU BAIT • DARK SECRET

NATURAL



★ LIVROS NOVOS ★ (CONCLUSÃO)

leção "Eros". Editora Prometeu — 1946.

Considerado como uma das obras-primas de Vargas Vila "Lirio Branco" é um romance impregnado de poesia, ungido de beleza e todo tecido de diálogos suaves e envolventes. É um elegante volume, com expressiva capa de Ramon Espanha.

ANJO NEGRO — Cordeiro de Andrade — Livraria José Olimpio Editora.

Considerado pela crítica brasileira como uma grande vocação de romancista, o autor, falecido em 1944, deixou-nos, como prova de seu talento, esse romance em que sobressaem a

beleza das cenas, o relevo das figuras e a verdade dos diálogos. O herói desse livro é um menino que a desgraça persegue até levá-lo às grades da prisão. Um romance forte e impressionante.

EU VOU CONTAR UMA HISTÓRIA —

Alvarus de Oliveira — Editora Moderna — Rio.

Alvarus de Oliveira, o dinâmico escritor fluminense, vem de nos oferecer mais um livro, editado pela Editora Moderna e oferecido às crianças do Brasil por J. C. Eno (Brazil) Ltda. Trata-se de uma obra útil, com finalidade didática, a que o autor empresta certa originalidade no contar a história do Brasil através de seus fatos mais expressivos.



Moderno Fixador

LOÇÃO FIXADORA

HERU

Reunindo qualidades físicas imperáveis, a LOÇÃO FIXADORA HERU perfuma delicadamente, fixa, dá brilho e não engordura as células.

A LOÇÃO FIXADORA HERU não só não mancha nem estraga os chapéus.

SELO HORIZONTE, Selo Privado & Co. - E. P. 202
RIO - L. R. de Almeida & Filhos, C. P. 208
CAMPOS - M. D. Mendes & Co. Ltda. Rua
Carlos de Lacerda, 11.

Se cada leitora brasileira alfabetizasse uma de suas patricias, esta, por sua vez, não criaria filhos analfabetos! Concorra, também, gentil leitora, para a grandeza de sua Pátria, ensinando sua empregada a ler e a escrever!

A Luz da Outra Casa

CONTINUAÇÃO

pena: foi preciso fazer um esforço violento sobre si mesmo para não recuar, para esperar que ela se retrinhasse antes dele.

Aquêle sonho de paz, de amor, de suave e doce intimidade, que êle imaginara reinar sobre aquela pequena família, e de que êle também, por reflexo, tinha gozado, se desmanchava toda, se aquela mulher às escondidas, no escuro, vinha à janela por causa de um estranho... Mas êste estranho não era êle? E antes de se retirar, antes de fechar a vidraça, ela lhe sussurrou:

— Boa noite!

Que coisas haviam fantasiado a seu respeito as duas mulheres que o hospedavam, e que excitaram e acenderam tanto a curiosidade daquela mulher? Que atração estranha, poderosa, operara sobre ela o mistério daquela sua vida enclausurada, se, desde a primeira vez, ela, deixando de lado os seus filhinhos, viera a êle, como que para fazer-lhe companhia?

Sim, um em frente ao outro, ainda que ambos tivessem evitado olhar-se e tivessem quase fingido, reciprocamente, que estavam à janela sem nenhuma intenção, ambos, sim, ambos — êle estava certo disso — tinham vibrado pelo mesmo frêmito de expectativa ignorada, espantados da atração que, tão de perto, os envolvia no escuro.

Quando, muito tarde êle fechou a janela, teve a certeza de que, na tarde seguinte, ela voltaria por causa dele. E foi, de fato, assim.

Dai por diante, Túlio Buti, não esperou mais no seu quarto a luz da outra casa; ao contrário, esperou com impaciência que a luz se apagasse.

A paixão do amor, ainda não experimentada, irrompeu, devoradora, tremenda, no coração daquele homem que estivera por tantos anos fora da vida, e investiu, absorveu, arrastou, como num turbilhão, aquela mulher.

No mesmo dia em que êle se retirou do quartinho da casa das Nini, explodiu como uma bomba a notícia de que a senhora do terceiro andar, ao lado, a Masci, tinha abandonado o marido e os três filhos.

Ficou vazio o quartinho que hospedara, durante quase quatro meses, ao Buti; ficou apagada, por algumas semanas, a sala da frente, onde a pequena família costumava reunir-se à hora do jantar.

Depois, acendeu-se de novo a luz sobre aquela mesa triste, em torno da qual um pai apalermado pela desgraça contemplava os rostos espantados de três crianças, que não ousavam volver os olhos para a porta, por onde a mãe costumava entrar, todas as noites, com a sopeira fumegante.

Aquela luz reacendida sobre a mesa triste tornou, então, a clarear suavemente o quartinho fronteiro, vazio.

Lembraram-se dela alguns meses após a sua cruel loucura, Túlio Buti e a amante?

Uma noite as Nini, espantadas, viram aparecer diante delas, desfigurado e convulso, o seu estranho inquilino. Que queria? O quarto, o quarto se ainda estivesse desalugado!

Não, não para si, não para morar! mas para poder ficar aí todas as tardes, uma hora apenas, às escondidas! Ah, por piedade, por piedade daquela pobre mãe que desejava ver, de longe, sem ser vista, os seus filhinhos! Tomariam todas as precauções necessárias; se fôsse preciso, se mas-

(CONCLUI NA PAGINA 89)



ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO

PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE

EM 24 HORAS
DEIXEI
DE FLUXO
E TUA
MANIFESTAÇÃO.

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

Marcelina Desbordes...

CONTINUAÇÃO

feliz. Julga que se operou um milagre. Sua alma enche-se de júbilo. Num transporte de felicidade, Marcelina, no dia seguinte do casamento, escreve uma carta na qual se pode sentir a intensidade de sua alegria. E diz: "Sou feliz! Como toda a minha alma se abre para esse vocábulo olvidado, que parecia desaparecido". Está sinceramente extasiada, e esse êxtase dura todo o resto de sua vida. Marcelina agora é outra mulher. Mais humana, mais resignada, quer viver para trabalhar pela felicidade alheia. E então se verifica um duelo interessante entre os esposos. Cada um está em face do outro como um ente inferior. Ele se humilha diante da superioridade espiritual da mulher, a atriz consumada, poetisa de mérito extraordinário, e ainda possuidora de nobres virtudes. Ela, por sua vez, numa infinita gratidão, se curva como envergonhada diante dele, mais moço sete anos, e que lhe oferece com alegria a mocidade estuante. Marcelina, ao lado do marido, é a mulher completa na suprema dedicação à família. É a criatura bondosa, que consola, que suaviza, que procura por mil formas tornar-se útil e dar a felicidade. Ao lado dele, sofre durante cerca de trinta anos, a fio, acoitada pela necessidade impenitente, acompanhando-o em suas peregrinações de artista. O casal de comediantes quase que não tem pouso certo, num nomadismo doloroso, seguindo ora da província para a cidade, ora da cidade para a província, ou para a Itália, e nessa luta formidável Marcelina é sempre a mesma esposa dedicada e a mãe extremosa.

Mais tarde, Valmore, ator inferior, já idoso, é constantemente rejeitado pelos teatros, e é Marcelina então quem o consola, quem o faz compreender a quimera da arte, e sustenta o lar. É ela, a poetisa notável, que tantas poesias imortais lega à literatura francesa, quem cose para os filhos, quem lava, quem cozinha, e ainda se dedica a cuidar da felicidade do próximo, intercedendo junto aos colegas e suas relações literárias para socorrer uma atriz enferma, para beneficiar uma viúva desamparada, para libertar um condenado. Inteiramente entregue a essa obra de caridade e fervor humano, não esquece, um só instante, de ser a mater dolorosa que se enche de alegria pela sua maternidade. Nessa ventura, ela se sente orgulhosa e diz: "Deus em minha pobreza me deixava ser

(Conclui na pagina 138)



DIFERENTE...

da fórmula ao vidro!

Agora, inúmeros aperfeiçoamentos fazem de CUTEX um esmalte inteiramente novo! Ideal para suas unhas porque assegura secagem rápida, melhor aderência e um brilho mais duradouro. Um pincel mais delicado e flexível — dócil ao manejo — permitirá esmaltar suas unhas com uniformidade, firmeza e rapidez. Comece a usar, hoje mesmo, o novo esmalte CUTEX. Em seu moderníssimo frasco há, agora, 33% mais de esmalte, sem aumento de preço!



Côres arrojadadas e excitantes:

- AT EASE
- HONOR BRIGHT
- PROUD PINK

SEMPRE NA VANGUARDA EM NOVAS IDÉIAS

Coisas da Moda

OSCAR MENDES



PRODUTO da vida social por excelência, a moda acompanha necessariamente acontecimentos e modificações que ocorram no curso da vida histórico-social de qualquer nação. Muitas vezes o simples formato de uma jóia, uma manga de vestido, um penteado, um modelo de chapéu, um tipo de barba e cabelo, a maior ou menor quantidade de pano utilizada na confecção das roupas, ou a maior ou menor transparência das mesmas, tudo pode servir para informar o estudioso dos costumes, dos hábitos, das condições econômicas, intelectuais e morais de determinada sociedade em determinada fase de seu desenvolvimento histórico. É um estudo cheio de surpresas, de erudição, de psicologia individual e social, apesar de sua aparente frivolidade. A moda, embora a certos espíritos sizados e graves não o pareça, é uma coisa muito séria. Que o digam os maridos e pais de família que são as suas vítimas prediletas.

Apesar, porém, de sua indestrutível tirania, de seu contínuo predomínio na vida das modernas comunhões huma-

nas, do seu luxo, das suas loucuras e extravagâncias, da sua insensatez e prodigalidade, da sua futilidade e do seu menosprezo por certos ditames da decência e da moral, parece não ter ela, nos tempos que correm, aquela consonância com os acontecimentos históricos a que assiste, como acontecia em épocas pretéritas.

Da guerra recente, que abalou tão terrivelmente a humanidade, poucos reflexos encontramos nas modas do período propriamente guerreiro e nesta que agora se segue, de paz sobressallada e temores de nova conflagração.

A não ser certas bôlsas em forma de cartuchearas e sacolas de soldados, certos chapéus à militar, um ou outro corte de saia ou de casaco, não parece ter a guerra estimulado muito a imaginação dos costureiros de Paris, Londres ou Hollywood.

No entanto, outrora as coisas da moda se passavam diferentemente. Os acontecimentos histórico-sociais, literários mesmo, tinham funda repercussão na indumentária, no penteado, no mobiliário e até na arquitetura usados pelos nossos antepassados.

Veja-se, por exemplo, os resultados na moda, do profundo abalo moral-social, que foi a Revolução Francesa.

Uma das reações mais específicas contra o Antigo Regime se verificou justamente nas modas. O novo "cidadão" ou "cidadã" não queria saber

mais de todo aquele excesso de pano que abafava nobreza e povo, nos tempos da monarquia de Luiz XIV, de Luiz XV e de Luiz XVI, de tôdas aquelas cabeleiras postiças, de todos aqueles requintes de tafalaria que tiranizavam e martirizavam mesmo os devotos da elegância. Puseram-se abaixo as cabeleiras. Cortaram-se cabelos bem curtos. As mulheres foram-se despojando das roupas e, ainda mais, tornando-as transparentes, encurtando-as demais em cima e encompridando-as demais em baixo, como das elegantes do século XX já disse um poeta satírico.

Depois que a Revolução Francesa se fartou de derramar sangue, passado o período do Terror, como uma reação natural em quem esteve à beira da morte, o desejo de viver, de viver intensamente dos prazeres que o corpo possa proporcionar, êsse corpo morredouro e tão fácil de destruir, irrompeu em toda a França, de uma maneira desenfreada e avassalante. Surgiu a mania da dança. As mulheres julgaram-se fôrras de quaisquer entraves e proibições morais. Corromperam-se os costumes. A depravação generalizou-se. E as modas, naturalmente, acompanharam e concorreram para piorar o estado geral dos costumes.

A transparência dos vestidos

fazia lembrar aqueles "tecidos de vento", da Roma depravada dos Césares. Os decotes desceram a níveis baixíssimos e algumas elegantes mais atrevidas e descaradas chegaram a exhibir, em estado de natureza, os "reservatórios da maternidade", como aos peitos chamava, eufemisticamente, o escritor Sébastien Mercier, embora houvessem sido vaiadas nas ruas, tal aconteceu há anos às primeiras mulheres que saíram com saias-calções, e mais recentemente certas estrangeiras que andaram pelas avenidas do Rio, em trajes racionalíssimos.

As cabeleiras femininas eram cortadas à la Titus pois a imitação dos grandes homens da antiga Roma pelos chefes revolucionários contagiara também o belo sexo.

Pior, porém, e mais censurável, mostrando o cinismo e a leviandade a que baixara a consciência moral do povo, era cortar o cabelo à la victime, isto é, à moda dos que tinham os cabelos cortados antes de subir à guilhotina.

No Hotel Richelieu, chegou a haver um "Baile das Vítimas", onde a moda era usar os cabelos à la victime e cumprimentar os amigos com um movimento brusco da cabeça, à semelhança da queda duma cabeça guilhotinada.

Mais revoltante ainda era usarem as mulheres uma fitinha vermelha, em torno da garganta para lembrar o corte da lâmina da guilhotina no pescoço branco das vítimas.

Se as modas continuam a dominar e a tyrannizar homens e mulheres, os tempos e os sentimentos mudaram um tanto. Se bem que os homens continuam cínicos e as mulheres frívolas, não estamos vendo, após esta guerra, os excessos

(Conclui na pág. 144)

Miscelânea

UM médico russo acaba de descobrir um soro para o rejuvenescimento de indivíduos gastos. A restauração dos velhos não se fará com a rapidez do sistema Voronoff. As energias voltarão lentamente como foram perdidas. Acrescenta a notícia, que várias atrizes octogenárias estão, com êxito, fazendo o tratamento preconizado. Dizem elas, que já se sentem mais ágeis, rijas e coradas.

As mulheres, mais vaidosas e corajosas do que os homens, foram as primeiras a experimentar a droga. E, no entanto, seria preferível, para a eficácia da propaganda, que o soro fosse primeiramente injetado nos velhos. Os sinais de rejuvenescimento são infinitamente mais claros e positivos nos homens...

Não deixa, também, de ser estranho o interesse da ciência russa pela longevidade. Primeiro, o processo Voronoff e, agora, esse soro maravilhoso. Ao que parece, na Rússia, ninguém quer morrer. Ou a vida ali é uma delícia ou toda gente deseja viver para assistir ao fim de Stalin...

OS fotógrafos cariocas, segundo dizem, estão se enriquecendo com a venda, para a imprensa, de instantâneos de grandes multidões. A todo momento, para prova nítida de prestígio político, os jornais se valem de clichês expressivos em que se vêem densas massas populares em atitude de aplauso. O "truc" exige certa habilidade dos fotógrafos. Nesse particular, já se verificaram, aqui, dois fatos lamentáveis. O primeiro deu-se com uma folha local que, para fins políticos, utilizou-se da fotografia de uma procissão concorridíssima. O fotógrafo retocou a chapa retirando o andar da santa, alguns anjinhos e virgens, mas, inadvertidamente, deixou nítida uma bandeira com a legenda da Sociedade de São Vicente de Paula. O segundo fracasso foi com uma revista que se valeu, para uma reportagem do momento, de uma velha fotografia em que se destacavam fisionomias de pessoas há muito falecidas. O negócio pode, de fato, ser bom, mas, como todos os embustes, exige muito arte e habilidade...

FOI fundado, em Londres, o "Clube dos Defuntos". Apesar do nome, não se trata de uma associação macabra. Os sócios do grêmio são soldados tidos oficialmente como mortos e que, depois, apareceram vivos e fortes, prontos para nova guerra. A "ressurreição" desses heróis muitas vezes tem causado sérios dissabores às "viúvas" que, perfeitamente consoladas, já descansavam nos braços de novos maridos. Homens fleugmáticos, os referidos soldados se reuniram formando o estranho clube. O rei já foi visitá-los desejando-lhes vida longa e próspera...

MUITA gente tem protestado contra a balbúrdia que reina na Assembléia Constituinte. Os que protestam, estranham os nomes feios ali proferidos. Esquecem-se de que o direito de rir sem ir para a cadeia é uma das mais belas conquistas democráticas. E, também, que a ditadura nos atrazou muito a escrita em matéria de nomes feios. Estamos agora, pondo tudo em ordem...

• DJALMA ANDRADE •

TRÊS TELAS HISTÓRICAS NOTÁVEIS

Abilio Barreto



ENTRE as cousas mais belas e preciosas existentes no Museu Histórico de Belo Horizonte figuram expostas à admiração pública três grandes telas históricas, a óleo, devidas ao primoroso pincel do artista francês Emile Rouède, datadas de 14 de agosto de 1894.

A primeira representa um cruzeiro no alto de uma colina agreste, vendo-se ao fundo, esbatido panorama do extinto arraial de Belo Horizonte, antigo Curral d'El-Rei.

Esse cruzeiro é justamente aquele que deu nome ao bairro alto, que fica na parte sul da nova Capital Mineira, recostado à antiga Serra das Congonhas, mais tarde denominada Serra do Curral, que separa de Belo Horizonte as terras da cidade de Nova Lima.

A Serra das Congonhas tinha esse nome porque Nova Lima, em tempos idos, quando arraial, se denominava Congonhas de Sabará.

Quando essa localidade foi elevada à categoria de vila passou a denominar-se Vila Nova de Lima e, mais tarde, cidade de Nova Lima, tendo a Serra das Congonhas o seu nome mudado para Serra do Curral, que ainda conserva, referindo-se ao então arraial de Curral d'El-Rei.

A segunda tela focaliza pitoresco trecho da extinta rua de Sabará do arraial em aprêgo e que partia do Largo da Matriz, atravessava uma ponte rústica então existente sobre o córrego Acaba Mundo e rumava para os lados do atual bairro de Santa Efigênia.

Ai vemos as casas da extinta rua de Sabará, que, no momento em que foi pintada a tela, era sulcada por um carro de

bois. Ao lado um grupo de coqueiros ancestrais.

O córrego Acaba Mundo, depois de inaugurada a Capital, teve o seu curso mudado para a atual rua Professor Moraes e avenida Afonso Pena, por onde corre canalizado.

Da ponte ainda há vestígios nos terrenos da Garage Chevrolet, à rua das Alagoas.

O carro de bois que ai vemos seria um daqueles que, em 1894, faziam os serviços de transportes entre Belo Horizonte e Sabará, à razão de quarenta cruzeiros cada um, lotado, ao tempo da Comissão Construtora da Nova Capital, até a inauguração do Ramal Férreo entre a Capital em construção e General Carneiro, a 7 de setembro de 1895, convido notar que aqueles transportes eram também efetuado por tropas.

Os coqueiros indicam o local do Parque Municipal em que naquela notável data de 7 de setembro referida, em altar aí armado pela Comissão Construtora, foi celebrada por Frei Sebastião Cioeci a missa campal, de que o Museu possui fotografia e documentos, acontecimento que se verificou por ocasião das festividades realizadas ao ensejo do assentamento das pedras fundamentais dos edifícios públicos da nova cidade, quando também se inaugurou o Ramal Férreo já mencionado.

Em momento adequado dessa missa o notável orador sacro Padre Dr. Júlio Maria, falecido mais tarde, pronunciou brilhante e conceituosa oração, a que já me referi no segundo volume da minha memória histórica.

A terceira tela mostra-nos a velha Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, do arraial de Belo Horizonte, antigo Curral del-Rei, com o seu adro, no seu Largo.

Dai partiam três ruas principais que eram a de Sabará, a do Capão e a General Deodoro, antiga rua do Saco.

Em frente à Igreja está a ponte sobre o Córrego Acaba Mundo.

Ao lado da ponte a casa em que teve o seu bazar o Sr. Eduardo Edwards, um dos construtores da Estação de Ge-

neral Carneiro, tendo por sócios nessa obra os Srs. Francisco Soucasseaux e Alfredo Camarate.

Atrás da Igreja está a casa em que residiu o Padre Francisco Martins Dias, último vigário do arraial e primeiro da cidade.

Nessa casa foi publicado o primeiro jornal que se editou na nova Capital — o *Belo Horizonte* — e cujo primeiro número existe no Museu, tendo circulado a 7 de setembro de 1895.

No Largo vê-se também a casa em que foi fundada a Biblioteca Pública de Belo Horizonte, por iniciativa de um grupo de funcionários da Comissão Construtora da Nova Capital.

Na parte alta do Largo está a casa em que o Padre Francisco Martins Dias fundou o Colégio da Imaculada Conceição, para mocinhas, e que, em 1898, se mudou para o sobrado da rua da Bahia, esquina com a rua ~~Alameda~~, sendo que esse Colégio desapareceu mais tarde e foi o prédio reconstruído e modernizado para o atual Colégio com o mesmo título que ali funciona atualmente, com a mesma finalidade.

Ainda muitos outros fatos históricos interessantes estão ligados às três telas notabilíssimas de Emile Rouède, que a feliz inspiração do Dr. Aarão Reis mandou pintar, *d'après nature*, com o objetivo de conservar, embora de arte, preciosos aspectos do arraial, que estava fadado a desaparecer, como desapareceu, para dar lugar à maravilhosa cidade que presentemente nos encanta e nos deslumbra com os seus parques, com os seus jardins, com as suas magníficas ruas, praças e avenidas povoadas de arranha-céus e lindas habitações dos mais variados estilos, com os seus bairros magníficos, que são outras tantas cidades, com o seu palpitante e contínuo de vida elegante, culta, civilizada.

Essas telas foram inauguradas no velho sobrado do escritório central da Comissão Construtora, à rua General Deodoro do arraial extinto, a 14 de agosto de 1894, poucos dias antes da

visita que fizeram à localidade em que trabalhava aquela Comissão os Srs. Conselheiro Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, então Presidente do Estado, o seu Secretário da Agricultura e Obras Públicas Dr. David Morethson Campista e o Dr. Crispim Jaques Bias Fortes, Presidente eleito do Estado, empossado depois de 7 de setembro de 1894.

Se o nosso Museu Histórico de Belo Horizonte, com a sua peça número um, que é a típica Fazenda Velha do Leitão e com as suas onze salas de exposição, onde podem ser admiradas as relíquias mais expressivas do arraial extinto e dos primeiros tempos da cidade, não fôsse suficientemente interessante, como é, para justificar as 35.000 visitas que já recebeu no curto espaço de três anos de sua existência, bastariam essas três telas de Emile Rouède para levar ao lindo bairro de Lourdes toda a nossa população que sabe prezar a arte e a tradição.

Realmente, visitar o Museu Histórico de Belo Horizonte é um encanto espiritual, repouso e evocativo e, quem ainda não sentiu essa tão grata emoção, não perca tempo, tome o bonde "Lourdes", salte ao fim da linha, caminhe mais trezentos passos e vá admirar algumas coisas características do que foi Belo Horizonte no passado. Vá e não se arrependerá.

NÃO QUERO!

EXERCIA Agostinho Petra Bittencourt o cargo de Juiz de Fora no Rio de Janeiro, quando ao dar uma ordem a um dos seus subordinados, este recusou cumpri-la. Indagada a razão, respondeu laconicamente:

— Por que não quero!

Prêso o funcionário pelo juiz, e recolhido à cadeia, foi o magistrado surpreendido no dia seguinte por uma carta do Paço, em que um dos malorais da Corte lhe ordenava que soltasse o prêso, pois não se podia considerar crime a expressão "não quero".

A leitura da ordem, o juiz Pietra, que era desabusado, voltou-se para o portador:

— Diga ao seu amo que, se não é crime dizer "não quero"...

E furioso:

— ...não solto o homem porque não quero!

Sensacional!



— eis a opinião
da linda esposa do
famoso ator

GARY COOPER:

"Em Hollywood, a abundância de lábios formosos cria rivalidades. Por isso me causaram tanta alegria os novos tons TANGEE, com 'efeito de pétala.' São admiráveis, principalmente o TANGEE Red-Red."

Triunfe dessa Rivalidade...!

Os homens que a olham compararam sua beleza com a de outras... Mas se ostentar o surpreendente "efeito de pétala" do baton TANGEE, possuirá como as mulheres mais belas do mundo um conjunto atraente e invencível! O toque do baton TANGEE em seus lábios produzirá suavidade, frescura e louçania... os mesmos atributos que o rouge TANGEE e o Pó de Arroz TANGEE darão a sua face. Faça triunfar sua beleza... Use sem demora baton, Pó de Arroz e rouge TANGEE!



Baton TANGEE Red-Red... Theatrical... Medium-Red... Natural.

Rouge e Pó de Arroz em tons harmônicos.

Baton-Rouge-Pó de Arroz Tangee

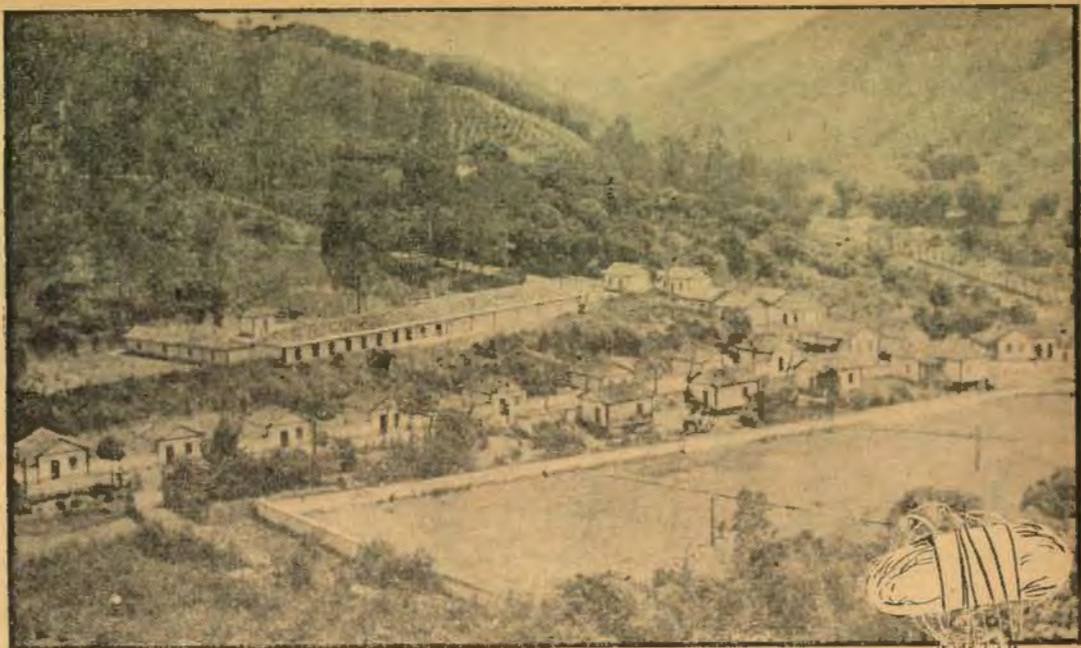
USE TANGEE PARA SE VER... A MAIS LINDA QUE PODE SER!

PASSEJANTES LOCAIS

ALUGA-SE
1.000 CRUZEIROS
POR MÊS.



Fábio



Vista parcial da "Cidade da Seda", notando-se algumas de suas edificações que se irradiam por uma extensa área de mais de 1.000 alqueires e nas quais se encontram milhares de amoreiras já prontas para alimentar o bicho da seda.

A CIDADE DA SEDA

Importante aquisição que será integrada no patrimônio da Companhia Minas Gerais de Sericicultura

A Companhia Minas Gerais de Sericicultura, importante iniciativa ora em organização e que vem recebendo o mais franco e decidido apoio do público mineiro, consciente da alta função que lhe está destinada na economia do nosso Estado, acaba de firmar o contrato que garantirá aos seus acionistas a posse da "Cidade da Seda", como pode ser denominada a grande "Fazenda Guarani", localizada nas proximidades de Belo Horizonte.

Dotada de mais de uma centena de edificações e dispondo de mais de 1.000 alqueires de terras fertilíssimas, a "Cidade da Seda" conta já com vários milhares

de amoreiras, já prontas para alimentar o bicho da seda, fator básico para a grande e rica indústria que surge em Minas Gerais com a novel organização, cujos escritórios se encontram localizados na Capital, no Edifício Mariana, 12.º andar.

Com esta arrojada iniciativa, a Companhia Minas Gerais de Sericicultura marca mais uma grande vitória na realização de seu patriótico empreendimento, qual seja o de dotar o nosso Estado de uma possante e eficiente organização produtora de seda e seus sub-produtos, indústria que virá contribuir sensivelmente para a expansão de nossa riqueza e para satisfação das necessidades do nosso consumo.



Flagrante fixado nos escritórios da Companhia Minas Gerais de Sericicultura, em nossa Capital, vendo-se o cel. José Ribeiro P. de Magalhães, ladeado pelo incorporador sr. Alfredo Martins Marques, jornalistas e pessoas grãdas, quando era assinado o documento que garante aos acionistas da Companhia a posse da Fazenda Guarani



O toucador das romanas

AS romanas tinham os seus cuidados especiais para o tratamento da cutis; ao deitar, colocavam sobre o rosto uma espécie de máscara de miolo de pão umedecido em leite, e só a tiravam no dia seguinte.

Esse processo de maquiagem era invenção de Pompéia, mulher de Nero. Também as favas (essa que os vegetarianos tanto apreciam) com o mesmo fim.

Ovídio, a fonte de que nos servimos aqui, cita outras substâncias e "preparados"; entre alguns: leite de égua, mirra da Judéia, etc.

Quando as mulheres, pela manhã, tiravam do rosto esses verdadeiros emplastos, lavavam-no com esmero, assim como as mãos que ficavam sempre gordurosas. Para suavizar a cutis era mais usado o leite de égua.

Depois que elas tinham cuidado do asseio do rosto e das mãos seguia-se o da boca, que consistia em escovar os dentes com uma escovinha e bochechar durante algum tempo com água aromática, cujos ingredientes era o açafraão e rosas de Poestum.

Já naquele tempo os preparados levavam as marcas dos fabricantes.

Coscos foi durante muitos anos o perfumista da moda, tendo dado o seu nome a umas pastilhas desinfetantes que fizeram sucesso.

Para completar a maquiagem, as romanas banhavam-se prazerosamente naquelas incômodas banheiras que constituíram vício de ricos...

Das Mulheres e para as Mulheres



Entre os meus papéis velhos, encontrei, ontem, diversas anotações curiosas, sobre as filhas de Eva. Datam elas do tempo em que eu me divertia em falar mal da mulher. Hoje, não as subscreveria mais. Reconheço que as criaturas de sala têm os nossos mesmos defeitos e as nossas mesmas qualidades. As vezes, são bem piores...

O primeiro papel que retirei da gaveta, tinha esse título humil: "Reflexão". Dizla: "As mulheres nunca tiveram uma idéia perfeita do que seja uma ingratitude dolorosa. Do contrário, não seriam ingratas, por índole. Ingratas consigo mesmas."

Basta notar que a atitude, hábilmente dissimulada, com que recebem, hoje, o favor do nosso afeto — atitude que tanto pode ser de beleza como de generosidade — é a mesma com que destroem, anulam e renegam esse favor...

Mais adiante, havia este fragmento de uma carta de amor. Uma misévia de rompimento inevitável:

"Para nós homens — a maneira por que a mulher vem, e entra, em nosso coração, é coisa que pouco importa."

O que nos interessa é a maneira por que ela se afasta, um dia, inesperadamente, ou foge, por frio cálculo, à nossa vida. Indagamos de nós mesmos: "Qual será o caminho por onde hei de levar a sua substituta?"

"E' sabido que a mulher acompanhará os nossos passos, certa de que está dominando, ou foi vencida — desde que encontremos a estrada que lhe agradaria seguir."

Aqui está o trecho de um ensaio. Assunto: psicologia feminina.

Ainda? Ainda e sempre...

"Para a Mulher, o que, na realidade, mais importa, é descobrir a maneira pela qual deverá atingir o nosso coração."

Ela dirá: "Se ele não me deseja, não me persegue, não se bate por mim, é simples a razão: não pode ou não sabe afirmar as suas qualidades varonis; se me assedia, se me reclama, se me deseja — é porque é um fraco; um homem que insiste em ver-se dominado."

Que lhe direi eu? Sim? Dir-lhe-ei — não? E' melhor não dizer nada. E' belo representar o papel difícil de esfiel...

Até quando?"

Um pensamento: "Nem as próprias mulheres se conhecem a si mesmas."

Elas se dizem, fatalmente, "incompreendidas" e, em boa verdade, o são.

E' mister levar em linha de conta que cada alma feminina é feita das virtudes invejáveis e dos pecados negrejantes que compõem a essência complicada das almas de todas as mulheres...

Enxerlio de um capítulo de romance, que ficou em esboço:

"Para a mulher, só existe a "sua" lógica, a lógica do absurdo."

Um exemplo?

Quando ela não encontra argumento, fortes razões para discutir um assunto, sustentar uma tese — geralmente toma dois partidos extremos: ou convence com a força da sua fragilidade — as suas lágrimas — ou aplica o raciocínio do seu autoritarismo: quero por que quero. E acabou-se!"

Reli, pavorosamente, todos esses papéis.

Depois, risquei um fósforo, e os queimeis, como se executasse um ritual. Ergueu-se uma pequena chama. A chama cresceu, alongou as suas línguas, e morreu.

Ficou um fragmento mal devorado pelo fogo. Ainda li, com esforço, na face do papel enegrecido, esta palavra irônica — "Mulher!" A fumaça ondulou, suavemente, por cima da combustão, e desenhou, no ar parado, por um instante, a curva de uma interrogação muito branca, uma interrogação que tinha algo de sarcástico, e que o vento, irreverentemente, desfez...



A Arte de Atrair

A MULHER velo ao mundo com o desejo de se fazer sobressair entre a turba pela magia do adorno. O traje é, sem nenhuma dúvida, o fator importante dos êxitos femininos, com os quais conquista simpatias. Quase sempre, por intermédio de um físico "coquette", as damas obtêm o passaporte que as encaminha à sociedade, onde homens galantes rendem culto à maciez de uma cutis perfeita, de umas mãos divinas ou de um penteado notável.

Não obstante, toda moça sensata deve ter em mente o seguinte: a polidez, o equilíbrio da conduta e as maneiras educadas e discretas são a fonte da verdadeira atração, charme que se immortaliza através do tempo como chama sagrada. Lembremo-nos de George Sand ou de uma Madame Scaron.

A beleza do espírito requer tanto ou mais cultivo que a do corpo. Aprimorar uma, olvidando o polimento de outra, é incorrer em grave erro.

A mulher absorvente, sedutora e insinuante, é aquela que consegue allar em sua personalidade a sabedoria, a distinção e a polidez.

Nadja Alimar

*

A EDUCAÇÃO

A educação é a ciência da vida, é a arte do bom viver.

Laboulaye

A instrução nos faz sábios ou semi-sábios. A educação nos torna homens.

Bonald

A natureza faz com que nos pareçamos um com o outro e nos juntemos; a educação, que nos tornemos diferentes e nos ajudemos mutuamente.

Confúcio

Frio...
de Vaga
E... NADA MAIS!
RUA ESPIRITO SANTO - 596
Fátio.

VITAMINAS
ATE A ÚLTIMA GOTA

Liquidificador ELÉTRICO (110 Volts)

um aparelho de uso doméstico **INDISPENSÁVEL**

reduz e liquida frutas e legumes, com o aproveitamento integral de suas vitaminas

Visitem nossas exposições de Utensílios Domésticos

MESBLA RUA DA BAHIA, 986 FONE 2-2825
— B. HORIZONTE —

DESENHOS
COMERCIAIS
TÉCNICOS E
ARTÍSTICOS

ROCHA

CARTAZES
GRÁFICOS
FOTÓTIPO
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS

RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE



CONSELHOS ÀS MÃES

TEMOS observado que não existe o entendimento necessário entre os professores e os pais dos alunos. Ou há prevenção entre eles ou então pleno desconhecimento. Os pais conhecem os professores de seus filhos através das informações destes. O mesmo acontece com os professores que unicamente têm noção dos pais dos seus alunos por meio dos dados fornecidos pelos meninos. Entretanto, a comunicação devia ser direta.

A quem sabe a culpa dessa separação? Parece-nos que os maiores responsáveis são os pais, são as mães de família. E a razão é que são eles os mais vivamente interessados na educação dos filhos e são também os que melhor os devem conhecer. Ora, não se pode educar uma criança sem conhecer bem o seu temperamento, o seu feitio, enfim, a sua psicologia particular. Assim, por tal motivo, é de grande vantagem que se estabeleça soci-

bilidade entre pais e mestres. E para que tal sociabilidade se estabeleça, é necessário que se conheçam e se frequentem. E não serão as professoras que hão de promover essa aproximação. Estão impedidas desta realização amistosa por muitos motivos que nem é preciso salientar.

Cumpra às mães principalmente, frequentar as professoras, visitá-las ou dar-lhes enesjo que as procurem. A amizade e a confiança entre elas se firmarão de modo evidente, e isto há de concorrer em benefício das crianças. O que se nota em relação a este problema, é uma separação completa, o que constitui uma injustiça com os professores, que vivem sem estímulo, e um prejuízo para os meninos, que muito perdem sem a colaboração de pais e mestres na sua educação. Costuma-se dizer que a escola é o prolongamento do lar. Isto será verdade, quando não houver solução de continuidade entre uma e outro.

* * *

★ CONVÉM SABER ★

PERMITIR que as crianças se sentem à mesa curvadas, leiam nessa mesma posição perniciosa ou assim escrevam ou estudem fazendo os seus deveres, é contribuir indiretamente para que a sua coluna vertebral adquira uma conformação viciosa. Deve-se-lhes chamar a atenção e, mesmo, repreendê-las, todas as vezes que estejam mal sentadas, prevenindo assim maiores males.

*

A pessoa que constantemente interrompe a conversação de outrem, torna-se desagradável e dá evidente prova de má educação. Ensine, portanto, desde bem cedo, a seus filhos, que é grave falta de polidez interromper alguém, a não ser tratando-se de algo muito importante. Mesmo nesse caso é preciso pedir permissão.

*

A POSIÇÃO do bebê no seu berço deve ser objeto de preocupação nos primeiros meses. Às vezes, ele deve ser deitado do lado direito; de outras, do esquerdo, afim de se prevenir deformações em sua cabecinha, a qual nos primeiros tempos é, naturalmente, muito branda e facilmente amoldável, sendo desaconselhável, portanto, uma mesma posição.



Jogos e Brinquedos



A BOLA sempre exerceu sobre a infância uma atração irresistível. A sua mobilidade elástica parece comunicar-se à alma infantil, sequiosa de movimentação.

O jogo do "canguru" é interessante para o emprego da bola. Colocam-se os meninos em uma ou mais colunas iguais, e tomam a posição de afastamento lateral, ficando a bola em poder do primeiro jogador de cada coluna. Ao sinal dado, o da frente passa a bola por entre as pernas ao companheiro que lhe fica atrás, este ao seguinte, e assim vão todos passando a bola do mesmo modo, até que ela chegue às mãos do último jogador da coluna. Este prende-a entre os joelhos, e, sem o auxílio das mãos, vai indo em pequenos saltos, até se poster à frente do primeiro jogador da coluna, a quem passa a bola da mesma maneira já indicada.

Se o canguru deixar cair a bola durante o transporte, ou se não a mantiver em posição correta entre os joelhos, deverá voltar para a retaguarda da coluna e reiniciar o transporte na posição indicada.

Será vencedor o grupo que primeiro tiver feito todos os jogadores imitar o canguru.

A LUZ DA OUTRA CASA

CONCLUSÃO

carariam, aproveitariam todas as tardes, o momento em que não houvesse ninguém pelas escadas: ele pagaria o dobro, o triplo, pelo aluguel, só para aquele minuto breve...

Não. As Nini não quiseram consentir. Apenas enquanto o quartinho estivesse desalugado, consentiam que algumas vezes, muito raras... — oh, mas pelo amor de Deus! com a condição de que ninguém os descobrisse!... — algumas raras vezes...

Na tarde seguinte, eles vieram, como dois ladrões. Entraram, quase cambaleando, no quartinho às escuras, esperaram, esperaram que ele alvorecesse de novo sob a luz da outra casa.

Dessa luz deviam viver eles, assim, de longe. E a luz apareceu!

Túlio Buti, a princípio, não pôde suportá-la. Como lhe pareceu gelada, agora, rispida, cruel, espectral, erminosa! Ela, porém, com os soluços que lhe borbulhavam na garganta, teve sede daquela luz, bebeu-a de um hauste, precipitou-se para os vidros da janela, apertando o lenço contra a boca. Os seus filhinhos... os seus filhinhos... os seus filhinhos estavam lá... à mesa, inocentes...

Ele correu a ampará-la nos braços e ambos ficaram ali, estreitamente unidos como que pregados, espiando.

Pele

mais suave...
mais limpa...
mais bonita...

Com o Novo Método
PALMOLIVE
dos 14 dias

1 Para conservar sua pele sempre jovem e bonita, Palmolive lhe oferece o famoso Método Palmolive dos 14 Dias, que está sendo usado por milhões de mulheres lindas em 72 países! É simples: umedeça uma toalha, esfregando o sabonete Palmolive até formar bastante espuma.



2 Com esta toalha cheia de espuma vitalizante do Sabonete Palmolive, faça leve massagem no rosto, durante Um Minuto. Para pele gordurosa, faça esta Massagem 3 vezes por dia... para pele seca ou normal, 2 vezes por dia.



3 Em seguida lave o rosto. Comece hoje mesmo a usar esse novo tratamento de beleza e EM 14 DIAS APENAS a pele do seu rosto estará mais suave, mais limpa e mais bonita. PALMOLIVE tem uma espuma diferente, cremosa e agradável, que penetra profundamente nos poros limpando a pele de verdade.



Peça Palmolive gigante!
Mais econômico
Dura mais!



PALMOLIVE EMBELEZA DA CABEÇA AOS PÉS



PARA SEU **ÁLBUM**

ALAN LADD, o másculo galã da Paramount, que há pouco admiramos em "Quase uma traição", vai firmando, pouco a pouco, a sua reputação de intérprete perfeito do cinema moderno. Vêmo-lo aqui, numa pose especial para as suas fans brasileiras...

3 entre 4 mulheres afirmam que o NOVO Modess oferece a mais segura proteção!



— Recentes estudos feitos em Belo Horizonte, entre 1.000 senhoras e senhoritas, confirmam que o Novo Modess é

- ★ Mais Absorvente
- ★ Mais Macio
- ★ Mais Higiênico

Veja porque MODESS é melhor!



MAIS ABSORVENTE

A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



MAIS SEGURO

Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam o perigo de nódos na roupa!



MAIS MACIO

Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macios, que evitam que o fluido se espalhe!



MAIS HIGIÊNICO

Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



MAIS CONFORTÁVEL

Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!



INVISÍVEL

Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

UM AMPLO inquérito realizado recentemente em Belo Horizonte, entre 1.000 senhoras e senhoritas, revelou que 75% delas acham o novo Modess melhor do que qualquer outro protetor para os dias críticos, porque o consideram mais absorvente, mais macio, mais higiênico! Se ainda não usa o novo Modess, não deixe de experimentar este novo conforto e proteção — este mês.

Peça, simplesmente, Modess — nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.



UM PRODUTO DA
JOHNSON & JOHNSON

Amostra Grátis: Envie-nos Cr\$1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O que a Mulher Moderna Deve Saber" — Caixa Postal, 152 — Belo Horizonte.

6-BBBB-246

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

N.B. — Este cupom e a importância de Cr\$1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.



Anita Louise

ANITA LOUISE e CORNEL WILDE
num lindo instante do filme "O
Filho de Robin Hood", uma de suas
grandes interpretações no cinema.



CLIFFORD SANFORTH,
famoso escritor america-
cano, mostrando a CORNEL
WILDE e ANITA LOUISE
os originais da história em
quadrinhos de "O Filho de
Robin Hood".

ANITA LOUISE é seu ver-
dadeiro nome. Nasceu
em Nova York no dia 9 de
janeiro de 1917. Como vêem, a
loura artista, agora em grande evi-
dência, tem apenas vinte e nove
anos... quase a perigosa idade
balzaqueana. Descende de fran-
cêses, alemães e ingleses. Seus
pais são alsacianos, mas foram
para a América do Norte ainda
crianças, casando-se aos dezoeno-
ve anos, pois têm a mesma ida-
de e tinham ficado noivos, por
vontade paterna, desde a idade
de nove anos, costume êsse mu-
lto comum na Alsácia.

Anita nunca frequentou esco-
las públicas, tendo iniciado sua
educação na Escola Profissional
de Nova York, passando, em se-
guida, para a Academia Green-
wood, onde completou seus es-
tudos superiores.

A verdadeira vocação de Ani-
ta sempre foi a música. Domina
maravilhosamente o piano, go-
zando da reputação de uma das
melhores harpistas da América
do Norte. Mas, além do piano e
da harpa, Anita canta, com voz

muito doce, que sabe modular
com singular maestria, sendo,
anda, exímia em bailados
clássicos.

Anita Louise iniciou sua ca-
reira teatral quando somente
tinha 7 anos. Nunca fez força
para figurar em filmes, mas uma
das companhias de Hollywood a
contratou, para evitar que ou-
tras viessem a tirar proveito do
seu talento e habilidade. Assim,
depois de tê-la sob contrato pelo
prazo de um ano, sem lhe ter
dado, absolutamente, nada que
fazer, o diretor explicou aos seus
colegas que Anita era demasia-
damente gentil e refinada para
desempenhar qualquer dos pa-
péis que se tinham apresentado
e que não acreditava pudesse ela
ser encaixada em nenhuma ca-
racterização que não fôsse de sa-
bor muito elevado. Anita, porém,
é que não concordava em ficar
inativa. Rescindiu seu contrato
amigavelmente e, quatro dias de-



pois, ingressou na Warner onde
logo lhe foi dado o papel de Ma-
ria Antonieta na versão de Mme.
Dubarry. O desempenho de Ani-
ta foi tão comentado e desper-
tou tal entusiasmo que a êsse pa-
pel se seguiram outros igualmen-
te importantes.

Anita Louise, embora pratique
todos os esportes modernos, des-
tacando-se na esgrima, frequente
muito a sociedade e conta com
inúmeras amizades em Holly-
wood. É considerada uma moça
"à antiga", pois que censura tu-
do quanto não julgue adequado
com o "bom tom" ou que possa
provocar a crítica dos que a co-

(Conclui na pag. 132)

ENXOVAIS

PARA NOIVAS
E BATIZADOS



CASA IVETE

Grande sortimento de roupinhas para crianças e artigos para o inverno. Variação esto-que de rendas.

**Quem compra na
CASA IVETE... REPETE!**

Rua Caetés, 310

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.



CAMERA LENTA



Greer Garson

GREER GARSON, a fidalga artista que há pouco admiramos ao lado do não menos notável Gregory Peck em "Vale da Decisão", estreou no cinema em "Adeus Mr. Chips". Trabalhava no teatro londrino, quando Louis B. Mayer a descobriu, ficando tão impressionado com o seu desempenho, no palco, que a convidou para o cinema. Mas não lhe foi fácil convencer a bela atriz irlandesa a fazer uma viagem a Hollywood.

— Não entra na minha cabeça a técnica do cinema — declarou então Greer Garson. Já assisti a algumas filmagens aqui em Londres e acho aquilo tão exquísito! Que maquinismo complicado!

Mas foi. Gostou, tendo, no entanto, que esperar um ano para estrear em "Adeus Mr. Chips". Depois foi um sucesso como vocês sabem: "Orgulho", "Mrs. Parkington", "Flores do Pó", "Rosa de Esperança", "Madame Curie"... Agora, vem aí com Clark Gable... Walter Pidgeon e Gregory Peck é que não devem estar gostando muito... Mas quem manda, mesmo, é o felicíssimo Richard Ney, o marido de Garson... Vocês se lembram dele em "Rosa de Esperança"?... Pois é aquele...

*

DIZEM que Walter Pidgeon só venceu no cinema, depois que desistiu da idéia de cantar... Parece até mentira. Mas por falar em canto: vocês sabem de Kathryn Grayson, aquela encanto de "Sete Noivas", consegue dar uma nota mais alta que a flauta?

ESTHER FERNANDEZ, a linda estrela mexicana que há pouco fez morada nos nossos cinemas, no belíssimo filme "Santa", foi contratada pela Paramount para viver o principal papel feminino num empolgante drama que se desenrola ao sul de... Pernambuco. No elenco ainda há Alan Ladd, Briand Donlevy e William Bendix.

*

O 13.º ANO DE RAY MILLAND EM HOLLYWOOD

NO DIA seguinte ao que completou treze anos de trabalho consecutivo nos estúdios da Paramount, Ray Milland recebeu a boa nova de que a Academia de Artes do Cinema o havia classificado como "o melhor ator do ano", devido ao seu magistral desempenho em "FARRAPO HU-

MANO", produção que, por sua vez, recebeu o "Oscar" correspondente ao "melhor filme de 1945".

Ray, atualmente filmando ao lado de Barbara Stanwyck em "California", acha que seu 13.º aniversário de atuação no cinema não poderia ser melhor comemorado...

★ A CHARADA DO FAN ★



A CHARADA DO FAN é um desafio à memória dos verdadeiros fans. Mensalmente apresentaremos, nesta secção, uma cena de um grande filme para ser identificada por vocês, que nos escreverão dizendo o nome do filme e dos principais intérpretes. Dentre as respostas certas será escolhida, por sortelo, a carta vencedora, cujo autor receberá, sob registro postal, um belo livro. Vamos ver quem sabe de que filme é a cena ao lado e os nomes dos dois artistas...

DÊ À SUA CÚTIS *a juvenil suavidade*

que desperta
romances de amor...



Na beleza de sua cútis... na juventude de sua epiderme... está muito de sua própria beleza, de sua própria juventude. Protegê-la é, pois, proteger seus encantos femininos... seu romance de amor. Para isto, para estar certa de ostentar uma cútis suave e juvenil, assegure a rigorosa limpeza de sua epiderme, com Gessy. Deliciosamente perfumado, feito de puríssimos óleos vegetais, Gessy limpa e suaviza a pele, deixando-a viçosa, fresca, primaveril. Use sempre Gessy.



Um sabonete
*puro,
consistente,
perfumado*



**Novo!
Diferente!**

Cintilante

• PEGGY SAGE
contém novo ingrediente
que faz as unhas cintilarem com
novo fulgor e estranha beleza.

Tons cintilantes: HEARTBREAK PINK • DARK FIRE
VICTORIAN ROSE • PSYCHE PINK • GINGER TEA



TENDÊNCIAS DA MODA

EIS o outono, marcando a clássica transição para os caprichos da moda, que, através das "toilettes" pesadas, já anuncia o início da temporada hiberna... E a moda, ainda imprecisa, ensala criações novas, na anual transfiguração dos modelos envelhecidos pelo tempo e gastos pelo uso...

Nesses improváveis de renovação da elegância feminina, os complementos, os detalhes, os adornos e as fantasias constituem o seu material predileto.

Os acessórios da "toilette", fonte perene da graça que caracteriza o belo-sexo, renovando-se, imprimem encantadora originalidade ao traje feminino. Quer sejam as luvas, as bolsas, os chapéus, os cintos, as "écharpes" ou as joias — emprestam sempre uma fisionomia nova, uma envolvente sugestão de contagiante frescura e sedução à "toilette" da mulher elegante.

Abundam, por isso, nessas fan-



tasias renovadoras, os motivos bizarros de belos desenhos coloridos: num lenço que orna um delicado bolso, emergindo das dobras de uma "écharpe" brejeira ou esmaltando a imponência de uma bolsa realmente formosa.

Num contraste instintivo, quando o outono, desfolha e despetala corolas, os "tailleurs" ostentam, na lapela, flores de todos os matizes. Sobre as copas de palha brilhante, as flores também emprestam a sua nota colorida à beleza feminina.

As bolsas, em pelica ou camurça, devem ser em tom escuro, embelezadas pelos "clips" de brilho metálico. As luvas devem harmonizar-se com o chapéu e possuirão de preferência punhos altos.

Muito em moda estão os véus finíssimos, cobrindo todo o rosto, com um belo laço prendendo-os à parte traseira do chapéu, ligeiramente inclinado.

Modelo DO mês

ROSALIND RUSSELL, a elegante "star" da Columbia, oferece às nossas leitoras um modelo de passeio cuja nota de encantadora originalidade reside no casaco três-quartos que pode ser usado de ambos os lados, um dos quais é feito de pele de leopardo.





★ MODELOS

ROSALIND RUSSELL, a irrequieta *star* da Columbia, apresenta-nos esta sugestão: "tailleur" com o casaco bem curto e saia com bolsos laterais. A nota "chic" é a blusa em seda branca, sem gola, cuja graça é realçada pelo colar fantasia.

✱

A SOBRIEDADE deste encantador "tailleur" que JULIE BISHOP, da Warner Bros, apresenta, aliam-se a graça do chapéu e a distinção das luvas, formando um conjunto admirável para a estação hiberna.



PARA O FRIO ★

FRANCES GIFFORD, a deliciosa morena da Metro, ostenta este adorável e leve modelo em lã escocesa. Reparem no lindo chapéu claro que se harmoniza com o costume, formando um belo conjunto para as tardes de sol do inverno que se aproxima...

✱

ÉIS um "tailleur" distintíssimo confeccionado em fina lã inglesa, próprio para as tardes frias. O chapéu e as luvas completam-lhe a linha irrepreensível que se harmoniza muito bem com o lindo modelo da Fox, que o exhibe.





*Este pó facial
fará maravilhas
para a sua beleza.*

IRENE DUNNE

Estrela Columbia

No seu próximo filme "Passaram-se os anos"

O famoso Pó Facial Max Factor Hollywood tem sido sempre o escolhido pelas mais belas estrelas da tela. Criado para essas peles que valem milhões, é um Pó Facial extraordinariamente fino e aderente e... em perfeita Harmonia de Cores com os vários tipos. Experimente-o e veja por si própria como ele realça e dá vida à pele.



PÓ FACIAL

Max Factor Hollywood

A VENDA NAS CASAS DO RUAHO

INFLUÊNCIA DOS

Plotõe

JUNE ALLYSON, a nova revelação artística da Metro, exhibe este delicioso modelo em lã bege bem claro, próprio para o campo. Observem a harmoniosa combinação dos botões que guarnecem o originalíssimo chapéu e o vestido.





DURANTE os dias frios de maio, junho e julho, as nossas ruas se enchem de "manteaux". Mas o espetáculo que se nos oferece, com o uso desse complemento da elegância feminina, é geralmente desolador. "Manteaux" adquiridos nos estabelecimentos de modas que expõem sempre os mesmos modelos, comprados nas mesmas fábricas e produzidos em série... Por que não fazer o seu próprio "manteaux" com uma nota qualquer de originalidade? Vejam este, vestido pela querida DEANNA DURBIN, da Universal. Tem "it", não acham?

MANTEAUX

ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

QUE INDIVIDUALIZAM
A MULHER MODERNA



NOS tempos que correm, com a mulher afastada do seu antigo ambiente de ocio nos lares e integrada no dinamismo das atividades que singularizam o século atômico, nem sempre há tempo para o estudo dos modelos que devem compor o seu guarda-roupa. Ora os estudos, ora o trabalho ou ainda as obrigações sociais, impedem a mulher moderna dispor do tempo necessário à criação das toaletes que condizem com o seu temperamento e com seu físico.

Por isso mesmo, o Departamento Feminino de A COMPENSADORA foi aparelhado de modo a satisfazer permanentemente, em qualidade, variedade e gosto, a todas as exigências da moda em vestidos, costumes, casacos, manteaux, blusas, echarpes, bolsas, carteiras, cintos, luvas e demais acessórios para a elegância feminina.

Para cada idade, para cada tipo e para cada silhueta, há no Departamento Feminino de A COMPENSADORA o modelo que agrada, emprestando elegância e personalidade à mulher moderna.



A Compensadora
Rodes

Rua Tamoios, 438

CRÉDITOS



A beleza loura de DONA REED, a encantadora "player" da Metro, esta aristocrática toalete para *soirée* empresta contagiante sedução. Completam a fidalga harmonia dêsse vestido, longas luvas negras e amplo cinto escuro.

soirée
H

Palavras de Amor têm fragrância



Palavras de amor...
palavras murmuradas face
a face, quando os olhares se
encontram...quando os
lábios se aproximam...são
palavras que têm fragrância...
Não permita que, neste
momento, a impureza de
seu hálito seja o desencanto
de seu romance de amor.
Assegure o frescor de seu
hálito, a beleza de seus dentes,
o encanto de seu sorriso,
com Gessy. Gessy combate a
fermentação, combate as cáries,
combate o tártaro. Gessy
assegura o frescor de seu hálito
e a beleza de seu sorriso.



**A ESPUMA GOSTOSA
QUE CLAREIA OS DENTES!**





Chapéus pequenos

○ CHAPÉU constitui detalhe essencial para a completção da toalete de uma dama verdadeiramente elegante. A moda consagra, atualmente, os chapéus pequenos em tipos adaptáveis às linhas dos belos rostos redondos ou longos.

Nesta página, vêem-se maravilhosos modelos. Margaret Lindsay sorri, exibindo um elegante modelo de chapéu. Janis Paige, da Warner, nos apresenta um lindo chapéu branco adornado com rosas e laços de veludo negro, num contraste encantador. Já Rita Hayworth, a deliciosa loura da Colúmbia interrompe, num hábil pretexto, o seu telefonema, somente para que apreciemos o seu notável chapéu de veludo, sobre cujo negror cintila uma minúscula borboleta prateada.

São três modelos realmente encantadores, estes, que oferecemos ao bom gosto de nossas leitoras.



Em Casa

NA intimidade do lar, o requintado bom-gosto de ROSALIND RUSSELL não sofre solução de continuidade... Vêmo-la, aqui, em casa, ostentando um maravilhoso "peignoir" de gola e amplas mangas bordadas que terminam em belos punhos de pele. Os botões combinam com os arabescos do bordado.



Carlos Carrilo

CARLOS CARRILO veio diretamente da cidade de Vera Cruz, no México, para S. Paulo, contratado pela Rádio Cruzeiro do Sul. E' um magnífico interprete de música mexicana, a que colore com um perfeito tirolez. Já conquistou, definitivamente, a admiração do público paulista, pois seu repertório é variado e Carrilo não gosta muito de repetir as mesmas canções dos programas realizados na semana anterior... Carrilo apresenta-se também como compositor, e as suas composições vêm obtendo grande sucesso, consolidando ainda mais a fama do brilhante artista mexicano.

*

COISAS DA PUBLICIDADE

A época hodierna se caracteriza pela intensificação da publicidade em todos os setores da atividade humana. E' a lei natural da evolução. Atualmente, um bom produto sem boa publicidade não produz o resultado esperado. E quando se fala "boa publicidade" não se deseja dizer "publicidade abundante", mas, principalmente publicidade bem feita... Eis aí a peninha para atrapalhar: a técnica, que requer de quem a realiza, conhecimento que sómente a especialização e a longa prática proporcionam...

Este ligeiro comentário nos veio à pena provocado por uma solicitação interessante. Escreveu-nos certa leitora belorizontina uma carta que é um libelo. Eis um de seus trechos:

"Creio, sr. redator, que as nossas estações de rádio — daqui, do Rio, de São Paulo e outros Estados — deveriam estudar carinhosamente o momento propício para a irradiação de determinados anúncios. Onde está a técnica da publicidade radiofônica? Às vezes, ao almoço, o ouvinte surpreende-se com um texto repugnante, em que baratas voam e ratos são destruídos com tal ou qual remédio... Pomadas para feridas são anunciadas num horário impróprio. O ouvinte, indignado, desliga o rádio. Não é contraproducente essa técnica de publicidade, sr. redator?"

Realmente, a nossa missivista tem razão. Cumpre aos programadores atentarem nesse aspecto chocante de certos anúncios impróprios para serem ouvidos em determinadas horas... Porque, dê-se modo, a propaganda é contrária, e espalha o pânico entre os ouvintes...

MAQUILAGE AQUARELA (Make-Up Pat)



Novo Produto Pond's
— dá à cútis frescor e juventude,
instantaneamente!

• Sim... Make-up Pat é um régio presente Pond's para a beleza feminina... um novo "cake" para maquilage-aquarela, que se aplica num instante... e num instante deixa uma duradoura aparência de frescor, suavidade e juventude em sua cútis!

Seja a artífice de sua própria beleza — use Make-up Pat Pond's em seu maquilage e ostente uma cútis aveludada e sem mácula!

SEIS LINDOS TONS

O Make-up Pat Pond's é apresentado em seis perfeitas tonalidades. Uma tonalidade para cada tipo... para cada hora!

OCULTA IMPERFEIÇÕES —

cravos, sardas, espinhas, poros dilatados... deixando uma linda aparência de frescor, uniformidade e juventude!

FÁCIL DE APLICAR

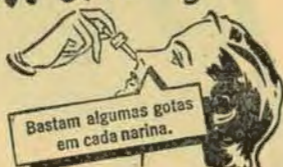
Basta passá-lo sobre a pele, com uma esponja umedecida, ou mesmo algodão, espalhando suavemente com os dedos.



POND'S

ADVERTENCIA - Cuidado com os RESFRIADOS DA CABEÇA!

Ao primeiro espirro — depressa — use Vick Va-tro-nol, que lhe dará alívio em poucos segundos! Desentope o nariz, contrai as mucosas inchadas e acalma a irritação. Usado a tempo, Vick Va-tro-nol evita muitos resfriados.



Bastam algumas gotas em cada narina.

VICK VA-TRO-NOL

O Medicamento Nasal Preferido Em Todo O Mundo

COM a saída de Teófilo Pires e Luís de Medeiros, estão vagas as direções artísticas das emissoras "associadas" da Capital. Duas perdas sensíveis para o rádio mineiro, cujas lacunas são de difícil preenchimento.

*

PODEMOS noticiar com absoluta certeza a chegada por estes dias a Belo Horizonte, do respeitado crítico radiofônico Djalma Maciel que, certamente, retomará seu posto, dirigindo a seção radiofônica de "Folha de Minas". Aliás, essa era das melhores que existiam em nosso meio até bem pouco tempo.

*

DEPOIS da prolongada ausência, retornou ao microfone da Guarani, com o mesmo sucesso de sempre, o aplaudido cantor mineiro Gilberto Santana, uma das mais promissoras esperanças da radiofonia montanhês.

*

CONFORME havíamos noticiado, estará no fim deste mês em Belo Horizonte, o vitorioso locutor mineiro Ramos de Carvalho, que vem brilhando em toda linha no "cast" da B. B. C. de Londres.

*

A RÁDIO Inconfidência e a Rádio Mineira marcaram mais um tento em sua vida com as irradiações especiais das solenidades da Semana Santa efetuadas diretamente das cidades mineiras de Ouro Preto e São João del Rei, respectivamente.

*

LUIZ DE CARVALHO, locutor da Rádio Globo e herdeiro exclusivo de três milhões de cruzeiros de uma sexagenária paulista, pretende realizar uma temporada em nossa Capital.

*

EM execuções a cargo dos "Trovadores do Luar", texto de Celso Brant e locução de Helionice Rabelo Mourão, a Guarani continua apresentando o excelente programa evocativo: "Noites que não voltam mais".

*

ACABA de ser editado o samba "Edredon Vermelho", de autoria de Herivelto Martins, gravado por Isaura Garcia. Chocolate, por sua vez, gravou "Preto, só telefone", samba de Geraldo Queiroz e o samba-chôro "Gregório", de Alberto Ribeiro.

APÓS o lançamento de vários programas literários, sob a responsabilidade intelectual de nomes de valor, a Inconfidência vai inaugurar nova fase de realizações artísticas. É uma notícia, sem dúvida, auspiciosa, pois sugere também a promessa de um grande auditório...

Consta, ainda, que o elenco da PRI-3 será reformado e contará com a colaboração mensal de dois cantores de fama nacional. Vamos esperar...

*

CONSTA que o Compadre Belarmino abandonou definitivamente o rádio. Se for verdade, está o "broadcasting" nacional de luto, pois é um autêntico valor que ele perde.

Enquanto não se confirma o boato infeliz, a Inconfidência continua a receber um "rôr" de cartas de todos os rincões do país, expressando uma popularidade que põe água na boca de muitos cartazes luminosos...

*

A ATUAÇÃO do tenor Amintas Guêrherme tem agradado bastante ao grande público ouvinte da Rádio Mineira. Na realidade, Amintas tem progredido como expressivo intérprete da difícil arte do bel-canto.

Cabe aqui também um elogio sincero à orquestra de salão da P. R. C. 7, dirigida pelo maestro George Marinuzzi.

*

SE o programa "Esportes pela Antena", sob a direção de Álvaro Celso, já era interessante, agora melhorou ainda mais com o lançamento de "Pílulas Venenosas", que vale a pena ouvir. Manipuladas, habilmente, por Custódio Boticário, essas pílulas hertzianas espalham o seu veneno às terças e sábados, na segunda edição do programa.

Sendo criação do Babaró, qualquer pílula se engole... pois tem açúcar...

*

COM a saída de Brandão Reis, a direção do Rádio-Teatro Inconfidência ficou confiada a Vicente Prates. E, pelo que observamos, o galã da emissora oficial tudo tem feito para, convincentemente, preencher a vaga deixada pelo sóbrio annoucler da P. R. I. 3. Parabéns.

Maria Henriques na Guarani

De regresso de sua recente viagem ao Rio, onde esteve a serviço de sua emissora, trouxe-nos Enio Marcos, o infatigável diretor comercial de PRH-6, uma notícia realmente alvissara para os amantes do "bel-canto": a próxima estréia, no microfone da Guarani, de Maria Henriques.

A simpática estrela que vai atuar na temporada de ópera do Municipal do Rio, já considerada pela crítica carioca como "a última revelação brasileira na arte lírica", é uma das mais notáveis contraltos que já surgiram em todo o nosso continente, dona de uma voz de rara beleza e sonoridade, dominando perfeitamente as platéias com a sua insuperável personalidade artística.

A presença de Maria Henriques no microfone de PRH-6 marcará sem dúvida, uma das mais expressivas vitórias da prestigiosa emissora da rua da Bahia.



MARIA HENRIQUES

O "PRÍNCIPE" E A "PRÍNCESA" DOS NOSSOS PROGRAMAS INFANTIS

A "Gurilandia" e o "Programa do Garoto" possuem autênticas revelações infantis • Quem será o "Príncipe"? e a "Princesinha"? • As bases dêste sensacional concurso e os valiosos prêmios • Vamos torcer?



A GURILANDIA é isto que vocês estão vendo: música, animação, alegria. Sob o comando de Rômulo Pais, que aparece ao fundo risonho e feliz, os garotos cantam para alegrar os lares da cidade-poema, que é Belo Horizonte... Vemos, na foto, Vandalei e Alcivando Luz cantando, enquanto alguns cartazes do belo programa os rodeiam: Célia Villela, Maria Condé, Irmãos Soares, Neusa Campos e outros, todos grandes candidatos aos cobiçados títulos de "Princesa" e "Príncipe" dos nossos programas infantis. Vamos aguardar a votação...

O RÁDIO brasileiro possui poucos programas infantis, que não estão localizados, na sua maioria, no Rio nem em São Paulo. Acreditamos haver apenas um na Capital da República, transmitido, aos domingos, pela Rádio Guanabara. Em São Paulo, conhecemos o "Clube de Papai Noel", da Rádio Difusora São Paulo. Em Santos, sim, há um programa infantil notável, o "Teatrinho de Brinquedo", dirigido por Dindinha Sinhá, dama da alta sociedade santista e que se dedica de corpo e alma ao seu grande programa, que é irradiado pela Rádio Atlântica.

Belo Horizonte possui, sem favor, dois bons programas infantis. E seus animadores — Rômulo Pais e Afonso de Castro — esforçam-se para que suas apresentações sejam cada vez melhores e proporcionem ao público mineiro o ensejo de aplaudir os seus pequeninos grandes artistas que, à força incoercível da vocação, amanhã integrarão o "cast" de uma das nossas emissoras.

As vozes doces e envolventes dos pequeninos artistas do GURILANDIA e do PROGRAMA DO GAROTO enchem, na verdade, os lares mineiros de encantamento e graça. Espalham a alegria pura de suas interpretações vivas que entram pelas nossas janelas, através das ondas hertzianas, como gorgeios de pássaros saltitantes... E não há coração que, ouvindo-os, não escancare suas portas, por mais pesadas que sejam, a êsse sinal alegre de que é domingo e as crianças cantam dentro da cidade toda verde para alegrar os lares.

Se eles, êsses implumes pássaros cantores, alegrem nossos lares, por que não retribuirmos a essa dádiva sonora, alegrando-os também? Esta pergunta, certo domingo, vibrou na sala da redação de ALTEROSA. Levamos-la ao conhecimento dos diretores das Emissoras Associadas e dos dois dirigentes dos programas — e a idéia cresceu e tomou a forma de um sensacional concurso. E, através da votação popular, serão eleitos o "Prin-

cipe" e a "Princesa" dos programas infantis das "Associadas"!

Os "teams" das duas emissoras — Guarani e Mineira — possuem valores notáveis, vozes dignas de milhares de votos, pois se no GURILANDIA há uma Célia Villela cantando sambas como gente grande, empolgando a platéia, no PROGRAMA DO GAROTO há Cajuti Vieira, interpretando canções mexicanas. Se na emissora da rua da Bahia há um Alcivando Luz fazendo prodígios com o cavaquinho, na P.R. da rua São Paulo há o notável José Dias da Silva pondo o Jorge Veiga no chinelo...

Na GURILANDIA brilham ainda Vandalei Luz, Maíbe Terezinha Vitor, Maria Condé, Irmãos Soares, Neusa Campos, Eurides Neri, Carmelita Aires, Dolores do Carmo, Maria da Natividade, Sebastião Teixeira e outros. No PROGRAMA DO GAROTO também há Célia Guimarães, Mozart Ferreira, Teresinha Pimenta, Rosa Mazalla, Irmãos Vieira, Norma Nicolai, Hugo Lorenzo e Wilson Assunção — todos sérios candidatos aos cobiçados títulos de "Príncipe" e "Princesa" e aos maravilhosos prêmios que ALTEROSA está selecionando cuidadosamente para, no seu próximo número de junho, anunciá-los.

Eis as bases do

PRIMEIRO GRANDE CONCURSO DE RÁDIO PROMOVIDO POR ALTEROSA

I — A seção de rádio de ALTEROSA, de acordo com o seu objetivo primordial, que se resume em propagar pela animação e estímulo das atividades radiofônicas, especialmente as que contribuem para o aprimoramento artístico do nosso "broadcasting", como acontece com os programas de arte infantil mantidos pelas estações PRH-6 e PRC-7, estabelece agora as bases de seu 1.º GRANDE CONCURSO DE RÁDIO, para eleger, por votação popular, o "Príncipe" e a "Princesa" dêsses programas.

II — Os vencedores do Concurso, que serão proclamados "Príncipe" e "Princesa" dos nossos programas in-

1.º GRANDE CONCURSO DE RÁDIO PROMOVIDO POR "ALTEROSA"

CUPOM DE MAIO

PARA PRÍNCIPE

PARA PRINCESA

NOME DO VOTANTE:

RESIDÊNCIA:

fantis e lhes serão conferidos valiosos prêmios. Aos meninos e meninas que obtiverem as quatro melhores colocações seguintes, na apuração dos votos, serão conferidos também prêmios de valor.

III — A votação será admitida pelo espaço de sete meses, começando no dia 1.º de maio e terminando no dia 30 de novembro do ano em curso. Nesta edição começamos a publicar o cupão para que os nossos leitores o utilizem na votação destinada aos pequenos artistas de sua preferência. Estes cupões, depois de preenchidos, serão colocados, pelos votantes, em uma das urnas que, para esse fim, se encontram na A SEDAN e no BAZAR AMERICANO, estabelecimentos localizados à Avenida Afonso Pena ns. 749 e 788, respectivamente.

§ 1.º — Os leitores residentes no interior do Estado também poderão concorrer com a sua votação, enviando os cupões em envelopes assim endereçados: Revista ALTEROSA — 1.º Concurso de Rádio, Cx. Postal 279 — Belo Horizonte.

IV — No segundo sábado de cada mês, a partir de junho, começará a apuração de votos. Para este fim, as urnas serão levadas à redação de ALTEROSA, onde serão abertas, às 17 horas, perante a Comissão Diretora do 1.º Grande Concurso de Rádio promovido por esta revista, sendo lavrada, por essa ocasião, a ata de apuração, assinada por todos os membros da citada Comissão. Estas apurações serão públicas, a ela podendo comparecer todos os candidatos e demais interessados.

V — No dia 30 de novembro as urnas serão recolhidas, para a apuração final a ser feita no primeiro sábado do mês de dezembro, ocasião em que será lavrada a ata final do Concurso, com a proclamação dos eleitos e a classificação final de cada concorrente ao 1.º Grande Concurso de Rádio de ALTEROSA.

VI — Após a proclamação do resultado final das apurações, a Comissão Diretora do 1.º Grande Concurso de Rádio de ALTEROSA dará as providências necessárias para que os dez candidatos mais votados, inclusive os eleitos, sejam reunidos em um mesmo programa, na PRH-6 ou na PRC-7, em um dos domingos do mês de dezembro, para, festivamente, se fazer a proclamação do "Príncipe" e da "Princesa" dos nossos programas infantis, e se proceder à entrega dos prêmios.

VII — Os resultados das apurações parciais serão publicados na edição seguinte de ALTEROSA e irradiados dominicalmente pelos programas infantis de nossas emissoras.

VIII — Em caso de empate, na apuração final, o prêmio que couber aos eleitos será conferido por sorteio.



Perez Moreno, o magnífico cantor da Orquestra Típica Buenos Aires, das Associadas



Waldomiro Lobo pode ser considerado um soldado da Democracia. Sua ação através das principais bases militares suscitou os mais justos elogios. Vêmo-la, nesta foto ao lado, divertindo soldados, enfermos e feridos num hospital norte-americano. (Foto do Exército Norte-Americano — "V. S. Army".)

WALDOMIRO LOBO

Soldado da Democracia



Waldomiro Lobo ao lado do consagrado Pedro Vargas e do notável pianista e compositor cubano Fernando Lopes, no estúdio da Rádio Caracas, de Venezuela.

A vida artística de Waldomiro Lobo, a popularíssima figura que há pouco retornou à Rádio Guarani, é um cosmorama luminoso em que as paisagens se sucedem e as criaturas humanas desfilam sob cenários os mais diversos. A sua história começou com uma corrida de resistência de quase vinte mil metros em Baurú, entre 1922 e 27. Vencendo o páreo, ganhou, como prêmio, uma viola, que foi a chave da sua porta de ouro... Alda Garrido passando, certa vez, por Jaú, com sua companhia teatral, ouviu-o tocar e convidou-o para acompanhá-la. Waldomiro resistiu à tentação... Mais tarde, porém, estreou em Araçatuba, e foi tal o sucesso que resolveu partir para São Paulo, dali indo para Mato Grosso. Correu o Brasil, o Lobo, divertindo as populações das capitais, das cidades e dos lugares onde a sua figura e a sua arte espontânea implantavam a alegria. Mas Portugal fascinava-o com os seus teatros. E o Lobo para lá embarcou em 1932, onde atuou no rádio. Mas voltou logo para atuar no Pará e em Pernambuco, representando, com um conjunto teatral, revistas de sua autoria. Nas folgas do ator, o jornalista aparecia, e ele a escrever reportagens para os jornais do Rio, entre as quais deve se destacar a que realizou focalizando a famigerada figura do Padre Cícero. Em 1934 recebeu um convite dos teatros de Lisboa e para lá zarpon o Lobo. Os seus sucessos na capital lusa, no Porto e em todo o país, especialmente nos famosos teatros "Coliseu dos Recreios" e "Maria Vitória" dariam um livro todo ilustrado... Seu nome figurava com destaque nos programas e nos cartazes. Lá também o jornalista surgiu e teve até oportunidade de esclarecer certos assuntos de sua terra, como, por exemplo, o da investidura do célebre "Lampeão" no Exército Brasileiro, lamentável invenção que o Lobo desfez à luz de documentos recolhidos nos sertões brasileiros durante suas longas viagens de estudo do nosso folclore.

Realize Bem Seu Ideal!



E LEMBRE-SE QUE AS
ALIANÇAS DA

JOALHERIA JAYME BAPTISTA

TRAZEM FELICIDADE

ALIANÇA DE OURO MACIÇO 18 K. — GRAVURA GRATIS DAS INICIAIS — PREÇO: CR \$ 300,00

ALIANÇAS DE OURO BAIXO, MACIÇO — GRAVURA GRATIS — CR \$ 150,00

Remessas pelo Correlo contra vale postal, cheque ou ordem bancária

SOLICITEM MODELOS E ESCALAS PARA MEDIDAS

JOALHERIA JAYME BAPTISTA

Em novas instalações

Rua da Bahia, 893 — Caixa Postal 625

BELO HORIZONTE



Retornando ao Brasil, Lobo iniciou sua ascensão no teatro brasileiro, trabalhando no "Recreio" em "Rumo ao Catele" com Araci Cortes, e em outras revistas de sucesso. Na "Qual dos três?" — peça de saudosa memória, fez o Lobo uma notável caracterização do ex-presidente Washington Luís. Cantava também nos cassinos cariocas e fluminenses, assim como em algumas emissoras.

Mas o temperamento nômade e o ardente desejo de espalhar a nossa arte e a nossa música pelos quatro cantos da terra, impulsionou novamente Waldomiro Lobo para fora das fronteiras, levando-o à Bolívia, no Perú, à Venezuela, ao Chile e a outros países. Para expressar o sucesso dessa "tourné" do querido artista, basta a transcrição deste trecho de crônica publicada num jornal do Rio:

"Nessa brilhante "tourné" de Waldomiro Lobo pelas Américas, não há apenas a certeza de um êxito individual; ela significa a vitória de uma arte legitimamente popular, da qual o notável folclorista é um autêntico representante. Mostrando a sua arte aos povos irmãos, Waldomiro Lobo conseguiu o seu objetivo: tornar conhecidas as melhores relações do sentimento artístico do nosso povo."

Seu "cartaz" em San Juan de Porto Rico fulgurou de fato, pois o nosso consul Dr. E. Ramos Nogueira, vendo-o cantar, instou para que ingressasse como voluntário no *Specie Service* e U.S.O. (*United Service Or-*

ganization) encarregados de proporcionar divertimentos aos soldados aliados nas diversas bases da América. Portador de documentos que lhe

(Conclue na pag. 124)

MILAGRE

(Suadinha, diletta filhinha do dr. Tito Guimarães, caiu, do primeiro andar da casa de seus pais ao solo. Mas nada lhe aconteceu...)

Suadinha que é um mimo de ternura
E d'este lar é tôda encanto e graça.
Libando o mel de sua infância pura,
Nos faz lembrar um colibri que esvoaça.

Mas certo dia, numa travessura,
Cousa de se pasmar com ela se passa:
Tomba Suadinha de tão grande altura,
Julgam-na morta. Céus, uma desgraça!

Mas nada teve a lépida menina,
Milagre do Senhor, graça divina,
Nada em sua existência se alterou.

E' que Suadinha — Anjo de meiguice,
Bem muito antes que no chão caísse,
Um anjo do Céu nos braços a amparou!...

EDSON MOREIRA

O GOVÊRNO TRABALHA PELA GRANDEZA DO ESTADO

O INTERVENTOR JOÃO BERALDO, EM IMPORTANTE ENTREVISTA COLETIVA À IMPRENSA DA CAPITAL, FIXA AS DIRETRIZES DE SEU GOVÊRNO NO QUE CONCERNE ÀS OBRAS PÚBLICAS — A CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM — OS EMPREENDIMENTOS NA REDE MINEIRA DE VIAÇÃO — CONSTRUÇÃO DE PRÉDIOS PARA ESCOLAS, CENTROS DE SAÚDE E FORUNS — DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE CENTRAIS ELÉTRICAS — NOVO HOSPITAL DE PRONTO SOCORRO — IMEDIATO INÍCIO DAS OBRAS DA CIDADE UNIVERSITÁRIA — O MONUMENTAL EMPREENDIMENTO DO FECHO DO FUNIL — SÓLIDA A

SITUAÇÃO FINANCEIRA DO ESTADO

DESDE que assumiu a Chefia do Govêrno Mineiro, o Interventor João Beraldo, revelando desde logo o seu desejo de trabalhar objetivamente para a solução de todos os problemas relacionados com o bem estar da coletividade montanhesa e o progresso material e cultural do nosso Estado, iniciou uma fase de ativo trabalho na administração pública.

Através de sucessivos acontecimentos que a imprensa vem noticiando, observa-se a firme vontade de trabalhar que anima o Chefe do Govêrno do Estado, no sentido de atacar de frente a todos os problemas que estão desafiando a argúcia e a visão dos nossos administradores, disposto a satisfazer dentro do mais curto prazo a tôdas as aspirações dos mineiros.

Ainda agora, reunindo em seu gabinete os jornalistas da Capital, para uma entrevista coletiva, S. Excia. teve oportunidade de fixar as diretrizes adotadas por seu Govêrno, após amplos estudos realizados em tôrno das possibilidades economico-financeiras do Estado, em face das necessidades mínimas, do largo programa administrativo que pretende por em prática para satisfação dos anseios progressistas de nossa gente.

A entrevista do Interventor João Beraldo, pelo profundo interesse que despertou na opinião mineira, merece a mais ampla divulgação, pois que encerra soluções do mais alto alcance, para a vida do Estado. Por isso, transcrevemo-la aqui, na íntegra.

SITUAÇÃO ECONÓMICO-FINANCEIRA

AO iniciar a sua entrevista, disse-nos o Interventor João Beraldo:

— “Ao assumir o govêrno de Minas, determinei a meus auxiliares o estudo dos planos de obras públicas em andamento e a análise minuciosa dos recursos financeiros de que poderíamos dispor, para completá-las ou ampliá-las.

A política financeira enérgica e segura, que desenvolveu, em seu govêrno, o sr. Benedito Valadares, permite-nos hoje, apesar da crise e das dificuldades que se acentuaram nos últimos meses atacar um programa de obras públicas apoiadas na ampla margem de crédito de que desfruta o Estado e nos recursos ainda disponíveis do empréstimo de 300 milhões de cruzeiros, que lançou o Governador Benedito Valadares para construção de estradas e edifícios públicos e aquisição de bens patrimoniais.

Por outro lado, uma política de

compressão de gastos em determinados itens orçamentários e o crescimento normal das arrecadações, que seguem paralelas à intensificação de nossa produção, irão oferecer-nos, provávelmente, um equilíbrio orçamentário real, facilitando-nos saldar os compromissos existentes e aqueles que assumirmos.

Podemos, por isso, encarar um programa de realizações, visando prosseguir as obras de interesse econômico e social ora em andamento, preocupados em realizar primeiro aquelas que representam estímulos às nossas fontes produtoras e à difusão da educação e da saúde pública”.

ESTRADAS DE RODAGEM

— “No setor das estradas de rodagem, vamos iniciar amplo programa de trabalho. Para isso, contaremos com a contribuição anual do fundo rodoviário nacional, que atingirá, em 1946, a cerca de 18 milhões de cruzeiros e se destinará à construção das linhas-tronco do Plano Nacional Rodoviário.

Vamos criar o Departamento de Estradas de Rodagem, com autonomia administrativa e financeira, e dar-lhe uma organização capaz de intensificar a execução do nosso programa de construções rodoviárias. Já temos grande extensão de rodovias estudadas com todo o cuidado técnico e dispomos de amplos recursos porque, além da contribuição federal e das verbas orçamentárias normais, temos ainda um crédito especial de 40 milhões de cruzeiros, aberto pelo Governador Benedito Valadares e que só agora poderá ser gasto.

Ao lado da construção de estradas, processaremos a uma apreciável mecanização dos nossos serviços rodoviários. Vamos construir uma grande oficina de máquinas rodoviárias, para a conservação do equipamento que estamos adquirindo.

Já conseguimos comprar e receber 3 tratores de grande capacidade; 3 moto-niveladores; 16 caminhões; 1 scraper; 1 bulldozer, material êsse no valor de 2 milhões e 400 mil cruzeiros.

Encomendamos e começaremos a receber, a partir de maio, um notável conjunto de 10 tratores; 6 scrapers; 4 trail-builders; 3 tract-excavators; 6 moto-niveladoras; 2 compressores Diesel; 1 equipamento portátil de britadores, material êsse no valor de 5 milhões e 600 mil cruzeiros.

Com êste equipamento e com o conjunto de outras máquinas que será posto à disposição do Estado, pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, será possível acelerar e melhorar consideravelmente a construção e conservação de nossas rodovias.

Durante êste ano intensificaremos a construção de pontes rodoviárias, para o que dispomos de um crédito de 10 milhões de cruzeiros.

Não podendo atender a todos os pedidos de auxílio dos municípios,



Aspecto colhido no gabinete do Interventor João Bernaldo, no momento em que S. Excia. concedia a entrevista que publicamos na íntegra.

para a conservação das estradas municipais, vamos pôr à disposição dos mesmos, sempre que possível, as máquinas que estamos adquirindo.

A REDE MINEIRA DE VIAÇÃO

— A Rede Mineira de Viação tem tamanha importância na economia do Estado, que sempre o governo de Minas considerou os seus problemas como vitais, na administração estadual. Servindo ao Triângulo, ao Oeste e ao Sul de Minas, põe estas regiões do Estado em contacto com a sua Capital e com os Estados vizinhos.

Como patrimônio federal, arrendado ao Estado de Minas há mais de 15 anos, esta estrada tem sofrido as restrições de um contrato nocivo às suas possibilidades de expansão. Por isto, estamos discutindo com o Governo Federal uma revisão desse contrato e temos encontrado, de parte do Presidente Eurico Dutra e de seus auxiliares, a maior boa vontade e interesse.

E' nosso pensamento realizar, inicialmente, o alargamento da linha de bitola de 0,76 entre Divinópolis e Lavras; eletrificar cerca de 700 quilômetros das linhas-tronco e construir as ligações de Três Corações a Campanha e de São Gonçalo do Sapucaí a Pouso

Alegre, as quais são os elos que faltam para que tenhamos a diagonal Belo Horizonte-São Paulo, prevista no Plano Nacional de Viação.

Articulamos o plano de reaparelhamento, da RMV com o das Centrais Elétricas de forma que, construindo as usinas projetadas possamos fornecer energia elétrica para a tração da RMV, ao mesmo tempo que abastecemos os municípios da zona de influência desta ferrovia.

Baseia-se o conjunto de projetos que está sendo ultimado, com relação a RMV, na reforma de seu contrato de arrendamento. Todavia, o governo está tomando desde já providências administrativas para imediato ataque aos trabalhos de alargamento da bitola de 0,76 e eletrificação do trecho Belo Horizonte a Divinópolis, para o qual existe a energia, por ora disponível, da Usina do Gafanhoto.

Enquanto se processam as demarches para a reforma do contrato de arrendamento da RMV, estamos elaborando os planos detalhados do seu reaparelhamento.

Ainda na RMV, estamos começando a realizar o programa de assistência social aos ferroviários e suas famílias, que já aprovamos e que o engenheiro Bretas Bhering, seu diretor, está pon-do em execução, com a construção de um sanatório e hospital;

de restaurantes, centros de alimentação, escolas profissionais e um plano de assistência médica e farmacêutica às famílias dos ferroviários, ao longo das linhas.

CONSTRUÇÕES NOS MUNICÍPIOS

— O governo tem a preocupação de executar o maior número de construções no Estado, especialmente para escolas, centros de saúde e foruns. Para isso, além das verbas orçamentárias normais, dispõe da parte destinada a esse fim do empréstimo de 300 milhões de cruzeiros, que também se aplicou a outras obras públicas.

Pretendemos construir numerosos grupos escolares. Como, porém, a construção de um grupo escolar, desde as providências iniciais de obtenção do terreno, projeto, orçamento, até sua conclusão e montagem, dura em média de 18 a 29 meses, e como devemos tê-lo pronto para inauguração no princípio de um ano letivo, isto é fevereiro, cumpria iniciar as construções já programadas a partir de junho deste ano. Fizemos, então, um esquema geral, prevendo o pagamento das várias etapas das construções com as verbas orçamentárias deste ano, do ano de 1947 e de parte do ano de 1948, além do uso das verbas especiais aludidas.

(Continua na pag. 145)

Enlace

BARBOSA - DE MARCO



CONSTITUIU uma nota de relêvo na vida social da cidade, em abril último, o enlace matrimonial do sr. Alfeu De Marco, com a srta. Edna Barbosa, filha do casal Raul Barbosa dos Santos-D. Amélia Barbosa Menezes, de nossa sociedade.

O ato civil teve como padrinhos, por parte da noiva o sr. Raymond Hergoth e D. Célia Hergoth Barbosa, e, por parte do noivo, o sr. Paulo Alvares Leite e D. Helena De Marco Leite.

O ato religioso, que teve lugar na Igreja de São Francisco das Chagas, foi paraninfado pelo sr. Jaime Barbosa Santos e sra. Aurea Andrade Gomes, pela noiva, e pelo sr. Lourival Bretas e D. Maria De Marco Bretas, pelo noivo.

Os flagrantes que fixamos nesta página mostram alguns aspectos colhidos durante as cerimônias civil e religiosa.



Quantos pratos sabe fazer

**COM PRESUNTO
COZIDO ?**



Feito de tenras e succulentas pernas de porco escolhidas, o sabor delicado e estimulante do Presunto Swift enseja combinações deliciosas com outros alimentos, fazendo pratos de aroma e paladar irresistíveis!

Experimente-o nas variadas receitas Swift, certa de enriquecer assim a sua mesa com novidades que a todos surpreenderão! Peça ao seu fornecedor o Presunto Swift em latas ovais ou quadradas.

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

**HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS**

EXPERIMENTE TAMBÉM: — Salsichas Oxford e Viena • Pastas • Perú •
Linguas • Presuntado • Bacon • Carne de Porco • Corned Beef • Carne
Cozida • Extrato de Carne • Tuco (para massas) • Galantina • Banha



Pudim de Presunto
(Receita à página 25 do
Livro de Receitas SWIFT)



Feijão com Presunto
(Receita à página 18 do
Livro de Receitas SWIFT)



Gratis!

Para receber o Livro de Receitas Swift, preencha este coupon, junte 3 rótulos diferentes de produtos Swift, e envie tudo à: Cia. Swift do Brasil, Rua Dr. Falcão Filho, 56, S. Paulo, ou Cx. Postal, 1910 - Rio de Janeiro.

1-AAAA-246

NOME

RUA

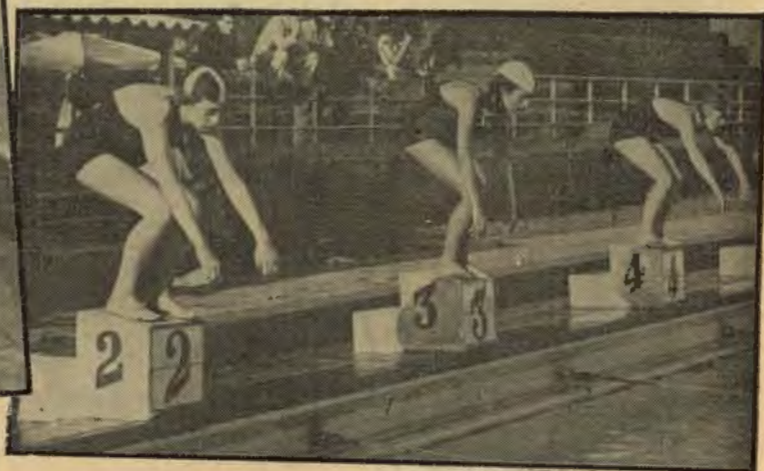
CIDADE

ESTADO



O IX CAMPEONATO MINEIRO DE NATAÇÃO

SAGROU-SE CAMPEÃO O MINAS TENIS CLUBE •
O AMÉRICA CONQUISTOU O SEGUNDO LUGAR • REVE-
LAÇÕES DO CAMPEONATO • OS RECORDES BATIDOS



O nono Campeonato Mineiro de Natação realizado no mês de abril último, na piscina do Minas Tennis Clube, sob os auspícios da Federação Aquática Mineira, constituiu expressivo acontecimento na vida da cidade. Nestas páginas oferecemos vários flagrantes das provas realizadas e de alguns concorrentes.



A FEDERAÇÃO AQUÁTICA MINEIRA encerrou, sem dúvida, de modo brilhantíssimo, as suas atividades esportivas da temporada 1945-1946, promovendo a realização, na magestosa piscina do Minas Tennis Clube, do 9.º Campeonato Mineiro de Natação.

Três grandes clubes da Capital — Minas Tennis Clube, América Foot-Ball Clube e Clube Atlético Mineiro — e o Uberaba Tennis Clube, da cidade que lhe empresta o nome — participaram do grande torneio, todos apresentando verdadeiros valores, proporcionando ao numeroso público que compareceu à praça de esportes do grêmio alvi-anil, momentos de viva emoção e grande entusiasmo.

Revelando magnífico preparo físico e apresentando uma forma técnica considerada excelente, os competidores expressaram, mais uma vez, o grau do adiantamento esportivo de Minas, realizando, no campo líquido da bela competição, duelos sensacionais que empolgaram a assistência.

Devido ao elevado número de concorrentes, o campeonato foi disputado em duas partes. A primeira realizou-se à tarde de sábado 6 de abril último, sagrando-se vencedora a equipe minastenista. A segunda parte, com as nove provas programadas, realizou-se no domingo, à tarde, e mais uma vez o clube de Santo Antonio, confirmando plenamente o seu favoritismo, foi vencedor por ampla margem de pontos, sagrando-se, assim, a turma alvi-anil vencedora e detentora, mais

uma vez, do título de campeã mineira, vitória realmente expressiva.

O América conseguiu, brilhantemente, aliás, o vice-campeonato através da magnífica atuação de seus representantes. Ressaltou, nessa vitória americana, o esforço do técnico Alfredo Feitosa, que tem trabalhado incansavelmente pelo progresso da natação de seu clube.

O Uberaba Tennis Clube, apresentando este ano uma equipe melhor, conseguiu o terceiro posto, seguido pelo Atlético.

TRÊS RECORDS BATIDOS

O progresso da natação adulta, sua vitoriosa ascensão e o desenvolvimento técnico dos nadadores, estão consubstanciados em três records batidos e que são os seguintes:

Nos 400 metros, nado livre, moças, Miriam Pavan fez o tempo de 6'10",4, melhorando sua própria marca que era de 6'19", conseguida em 5-1-946.

Nos 100 metros, nado livre, moças, Maria H. Prates (Teca) melhorou seu próprio tempo de 1'15",7, conseguido em 25-3-945, para 1'15.

Nos 4x100, revezamento, moças, nado livre, o recorde pertencia ao Minas Tennis, alcançado pelas nadadoras Maria H. Prates, Iolanda Santana, Avani Santana e Vanda Couto, com o tempo de 5'25", em 12-4-944. A nova marca foi batida pela equipe do Minas, pelas nadadoras Miriam Pavan, Maria H. Prates, Iolanda Santana e Edméia F. Viana, que assinalaram o tempo de 5'24",8.

RESULTADOS GERAIS

As diversas provas de sábado 6 de abril último, apresentaram os seguintes resultados:

1.ª prova — 200 metros — Nado de costas — Moças — Avani Santana, Minas — 3'15"; Iolanda Santana, Minas — 3'18",3.

2.ª prova — 100 metros — Nado livre — Homens — Alberto Vale Mendes, Minas — 1.06,8; Sanzio Vale Mendes, Minas — 1.06,8.

3.ª prova — 200 metros — Nado de costas — Homens — Angelo S. Paolucci, Minas — 2.47,5; Newton Santana, Minas — 2.54,3.

4.ª prova — 100 metros — Nado livre — Moças — Maria H. Prates, Minas, 1.15,0; Iolanda Santana, Minas — 1.17,2.

5.ª prova — 100 metros — Nado de peito — Moças — Maria Almeida, Minas — 1.41,3; Teresinha K. da Conceição, Atlético — 1.43,2.

6.ª prova — 400 metros — Nado livre — homem — Elzio Pereira da Silva, América — 5.29,4; Delerman Magalhães, Uberaba T. C. — 5.50,4.

7.ª prova — 100 metros — Nado de peito — Homens — Edson Feltre, América — 1.18,9; Wilson L. Pavan, Minas — 1.19,0.

8.ª prova — 4 x 100 metros — Nado livre — Moças — Miriam E. Pavan, Maria H. Prates, Iolanda Santana, Edméia F. Viana, Minas — 5.24,8.

9.ª prova — 4 x 200 metros — Nado livre — Homens — Angelo Paolucci, Danilo Magnavacca, Evandro F. Souza, Claudio P. Castro, Minas — 10.57,6.

VENCEDORES DAS DIVERSAS PROVAS REALIZADAS DOMINGO, 7-4-946

Foram os seguintes os nadadores vencedores das provas disputadas na tarde de domingo: Avani Santana (Minas) — Alberto V. Mendes (Minas) — Angelo Paolucci (Minas) — Maria H. Prates (Minas) — Maria Almeida (Minas) — Elzio Pereira da Silva (América) — Edson Feltre (América) — Turma do Minas (Miriam Pavan, Maria H. Prates, Iolanda Santana e Edméia Viana) e Turma do Minas (Angelo Paolucci, Danilo Magnavacca, Evandro F. Souza e Claudio P. Castro).

A CONTAGEM FINAL

A contagem final apresentou os clubes classificados: 1.º — (campeão), Minas Tennis Clube, com 372,5 pontos; 2.º — América Foot-Ball Clube (vice-campeão), com 128 pontos; 3.º — Uberaba Tennis Clube, com 64 pontos e 4.º — Clube Atlético Mineiro, com 45 pontos.

O 9.º Campeonato Mineiro de Natação constituiu, pelo brilhantismo das provas que nos revelaram autênticos campeões, um acontecimento significativo à altura do conceito esportivo de Minas Gerais e uma grande vitória da Federação Aquática Mineira.





A inauguração do Posto de Puericultura "Odete Valadares" na rua Grão Pará, marcou um acontecimento social de destacado relevo na vida da cidade, assinalando mais um grande passo na obra de combate à mortalidade infantil. O flagrante que fixamos mostra um aspecto da solenidade, quando usava da palavra o Interventor João Beraldo.

O MÊS



Aniversariou em abril último a interessante menina Maria do Carmo, dileta filhinha do sr. e sra. Enéas da Silva, residente em Tiros, neste Estado. A fotografia acima é um flagrante da festinha que Maria do Carmo e seus pais ofereceram às pessoas de suas relações.



Aniversariou em março último o interessante garoto Rogério, dileto filhinho do distinto casal d. Ilva T. Manso Pereira-sr. Arnott Manso Pereira, da sociedade desta Capital. Comemorando a feliz efeméride, Rogério convidou todos os seus bons amiguinhos para uma mesa de doces, e na fotografia ao lado está o querido aniversariante cercado de seus pais e seus amiguinhos saboreando os doces e a felicidade que envolve o far do distinto casal.



das pelo sr. V. J. Bensusan, gerente do Moinho Inglês, transcorreram num ambiente de contagiante e saudável alegria e cordialidade, tendo todos os números artísticos do grande "show", de que foram artistas os próprios funcionários da organização agradado plenamente à seleta assistência que os foi aplaudir. Na foto ao lado aparece um conjunto de artistas que obteve sucesso e na foto acima a srta. Ascensão Araujo executando uma peça musical ao violino.



em revista



Esteve em visita a Belo Horizonte, acompanhado de sua exma. esposa, o Ministro Carlos Luz, figura de destacada projeção na alta política nacional e um dos mais eminentes valores dos quadros políticos de Minas na atualidade. S. Excia., que teve entre nós uma acolhida realmente entusiástica, recebeu as mais vivas demonstrações de apreço e estima por parte das altas autoridades estaduais e municipais, assim como das figuras de maior representação em nosso meio social. Os fla-



Afim de conhecer de perto todos os problemas relacionados com o aperfeiçoamento técnico da nossa Força Policial, o interventor João Beraldo esteve em visita ao Departamento de Instrução da nossa gloriosa milícia, onde se realizaram expressivas solenidades em sua honra. O flagrante mostra um aspecto colhido por ocasião daquela visita.



grantes mostram o Ministro Carlos Luz e exma. esposa, quando visitados no Grande Hotel pelo interventor João Beraldo e senhora; um aspecto da homenagem prestada a S. Excia. pelo Tribunal de Apelação do Estado; e o ilustre titular do Governo da República quando agradeceu o banquete que lhe foi oferecido pelo sr. interventor João Beraldo.

Realizou-se, no restaurante da Feira de Amostras, em abril último, um jantar em homenagem ao jornalista José Lopes Curi, recentemente nomeado oficial de gabinete do presidente da Assembleia Nacional Constituinte. Usaram da palavra, saudando José Lopes Curi, os srs. dr. Waldemiro Machado, João Dornas Filho, Geraldo F. Brândão e outros.



Ampliam-se os beneficios ao funcionalismo estadual

A CARTEIRA PREDIAL DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO INICIA O FINANCIAMENTO DA AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS PARA OS FUNCIONÁRIOS RESIDENTES NO INTERIOR — EM PEDRO LEOPOLDO, O PRIMEIRO IMÓVEL ADQUIRIDO



Outro aspecto da cerimônia realizada em Pedro Leopoldo, mostra o presidente do Instituto, quando aponta a sua assinatura na escritura de hipoteca.

✱

os funcionários residentes no interior. Assim é que, iniciando esta nova modalidade de operações, o Instituto de Previdência adquiriu, em Pedro Leopoldo, o primeiro imóvel financiado para os seus associados fora da Capital, com o que foram beneficiados o sr. Manuel Marcelino Barros, agente fiscal do Estado naquele município, e sua exma. esposa d. Fanny Pinto de Barros que, prevalecendo-se dos novos beneficios assegurados pela reforma da Carteira Predial do Instituto, adquiriram a d. Benvida Eduarda Reis, assistida pelo seu advogado dr. Antônio de Azevedo Carvalho, confortável casa residencial naquela cidade.

Ao ato, que se revestiu de certa solenidade por ser o primeiro de uma série que doravante se repetirá constantemente, esteve presente o dr. Oscar Mendes Guimarães, presidente do Instituto e o diretor-tesoureiro do mesmo, sr. Alfredo Soares de Lima, sendo a escritura lavrada no cartório do tabelião Ari Feliz Homem Bahla, achando-se ainda presentes o sr. Guilhobel Viana, coletor estadual do município, e os srs. João Sobrinho e rev. Pe. Sinfônio Tórres, vigário da freguesia, que serviram de testemunhas.



Flagrante feito quando o associado sr. Manuel Marcelino de Barros assinava a escritura.

O INSTITUTO de Previdência dos Servidores do Estado, realizando a sua relevante missão de dispensar a maior assistência aos seus associados, acaba de marcar uma nova etapa que veio a ser auspiciosamente acrescentada às recentes reformas que deram maior amplitude ao seu programa de beneficios, com a reforma de sua Carteira Predial para incluir entre os seus beneficiários



Aspecto fixado quando o dr. Oscar Mendes, presidente do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado, entregava o cheque em pagamento do imóvel adquirido a D. Benvida Eduarda dos Reis.



ENLACES.

Juventino Dias Filho — Maria José de Paula Fernandes, da sociedade be-lorizontina.



Sra. Consuelo Baleeiro, da sociedade desta Capital, que se consorciou com o dr. Aloysio de Sena.

Fotos CONSTANTINO



Aspecto fixado no momento em que o eng.º J. Bretas Bhering, diretor da Rede Mineira de Viação, apunha a sua assinatura no contrato de compra dos terrenos destinados à construção imediata do Sanatório dos Ferroviários.

RÊSULTADOS PRÁTICOS DE UMA SÁBIA POLÍTICA DE AMPARO SOCIAL

Os consideráveis benefícios proporcionados ao pessoal da Rede Mineira de Viação pela administração do Interventor João Beraldo - Decretos que revelam o alto sentido de uma sincera política de compreensão dos direitos de uma grande e laboriosa classe - A ação eficiente e realizadora do eng. J. Bretas Bhering na direção da importante ferrovia mineira - Adquiridos os terrenos para o Sanatório dos Ferroviários



DESDE que assumiu a chefia do executivo mineiro, o Interventor João Beraldo, revelando o alto descorrimo que possui dos problemas sociais do nosso Estado, e sinceramente empenhado em dar-lhes solução rápida e eficiente, vem pondo em prática medidas do mais alto alcance para amparar a grande e laboriosa classe dos trabalhadores da Rede Mineira de Viação.

Integrando os quadros da nossa grande ferrovia, a cujos interesses dedicam o melhor de seus esforços no sentido de possibilitar a sua grandiosa tarefa de escoaadora das nossas riquezas, ai

✱

Os flagrantes ao lado mostram um instante colhido no momento em que a escritura dos terrenos era assinada pelo outorgante-vendedor sr. Artur Rabelo, e um aspecto da numerosa assistência que presenciou a solenidade realizada no gabinete do diretor da R. M. V.

estão, espalhados por todo o centro, oeste, sul e noroeste de Minas Gerais, milhares de trabalhadores, heróis anônimos do nosso progresso, devotados, sem alardes, ao cumprimento do seu dever, olhos fixos no porvir da Pátria, servindo denodadamente e sem desfalecimentos, aos Imperativos do interesse público. Esta gente, como é natural, merece toda a assistência do nosso Governo, como simples ato de justiça e reconhecimento dos seus direitos.

E foi certamente por assim pensar, e por julgar que essa assistência deve ser prontamente realizada, menos como um simples favor dos poderes públicos do que por um inadiável dever que lhe assiste, que o Interventor João Beraldo, admiravelmente secundado pelo espírito dinâmico e realizador do engenheiro Bretas Bhering — que em boa hora foi por ele chamado para dirigir os destinos da nossa maior ferrovia — vem tomando sucessivas medidas de caráter prático, no sentido de realizar, dentro do mais curto

prazo, todas as aspirações da grande e laboriosa classe.

E' assim que, entre os atos de maior relevância baixados pelo atual Chefe do Governo Mineiro, em benefício dos ferroviários da Rede Mineira de Viação, poderemos destacar: o decreto n.º 1.685, que autoriza o Diretor da Rede a providenciar a instalação de refeitórios, bebedouros, etc., e a organizar o serviço de fornecimento de refeições aos empregados e aos alunos das Escolas Profissionais da Estrada; o decreto n.º 1.686, que criou na Rede o Serviço de Assistência Social; o decreto n.º 1.687, que autorizou a ampliação do edifício do Escritório Central da Rede Mineira de Viação; o decreto n.º 1.688, que autorizou o diretor da estrada a criar o Serviço de Subsistência Reembolsável da R.M.V.; e o decreto n.º 1.689, que autoriza o diretor daquela grande ferrovia a construir um edifício para o Sanatório dos Ferroviários, em cujas

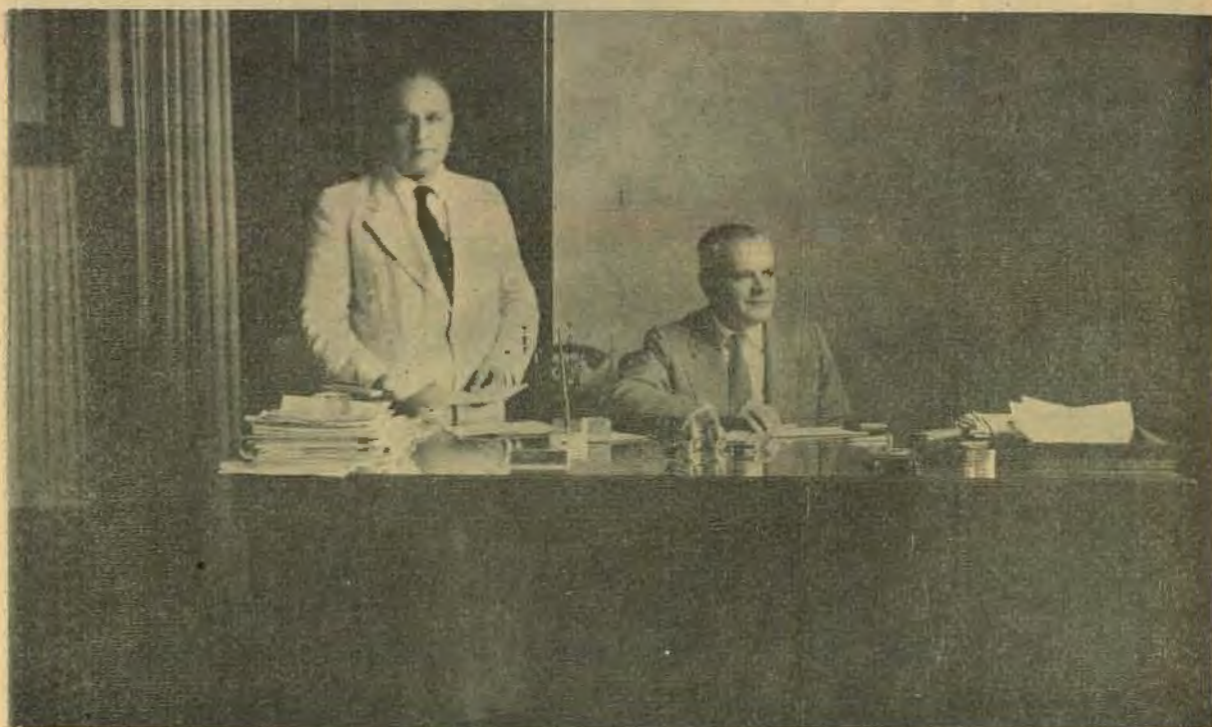
obras serão dispendidos dois milhões de cruzeiros, e cuja manutenção ficará a cargo da Sociedade Ferroviária.

A estes grandes atos, reveladores de uma profunda compreensão das legítimas aspirações de uma das mais numerosas e mais laboriosas classes dos servidores do Estado, outros se seguirão, certamente, no desdobramento do grande plano de assistência social do atual Governo Mineiro, de cuja execução, na Rede Mineira, a administração do Ilustre engenheiro J. Bretas Bhering vale pela cabal garantia.

ADQUIRIDOS OS TERRENOS PARA O SANATÓRIO DOS FERROVIÁRIOS

Como foi amplamente noticiado, o sr. Interventor Federal no Estado de Minas, autorizou a construção de um Sanatório para tratamento de empregados da R. M. V., vítimas de tuberculose. Sa-

(Conclui na pag. 133)



O engenheiro José Bretas Bhering, diretor da Rede Mineira de Viação, em seu gabinete de trabalho. Ao seu lado, o sr. José Lúcio da Silva, seu Chefe de Gabinete.

Ao ensejo de seu aniversário natalício, o dr. J. Pimenta da Veiga recebe expressiva demonstração de apreço do funcionalismo de nossa Polícia Civil e dos advogados militantes no fóro da Capital



Carinhosa homenagem ao Chefe de Polícia



DESDE que foi convocado a fazer parte do Governo do Estado, honrado pela confiança do Interventor João Beraldo, tem sido o dr. J. Pimenta da Veiga alvo das mais expressivas demonstrações do alto apreço em que o tem as forças vivas de nossa sociedade, através de sucessivas manifestações de várias de suas classes, expressando a simpatia com que foi recebida a sua nomeação para o alto cargo de Chefe de Polícia do Estado.

A essas sucessivas manifestações, juntaram-se também a que lhe foi prestada pelos funcionários de nossa Polícia Civil e pelos advogados no fóro da Capital, ao ensejo da passagem de seu aniversário natalício em abril último.

As 14 horas, em seu gabinete de trabalho na Chefia de Polícia, compareceram os manifestantes, acompanhados de ilustres amigos e admiradores do homenageado, entre os quais se podiam notar o cap. Manuel de Assumpção, representando o Interventor Federal; o dr. Ivan de Andrade, representando o Secretário do Interior; o cel. Candido Saralva, comandante geral da Força Policial do Estado; o dr. Alvino de Paula, diretor da Saúde Pública; e outras altas autoridades.

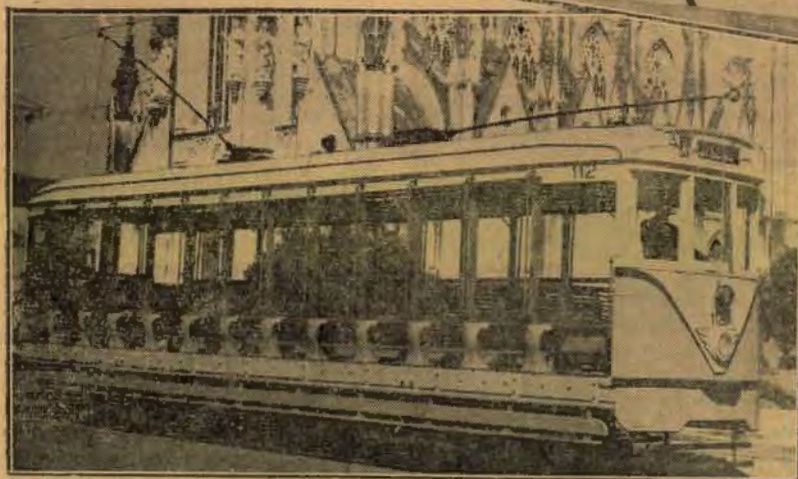
Usaram da palavra, saudando o aniversariante, os dres. João Luiz Alves Valadão, delegado de Ordem Pública, e Antônio Afonso de Moraes Filho, superintendente do Departamento Administrativo da Chefia de Polícia, que fixaram a personalidade do dr. J. Pimenta da Veiga, destacando os seus méritos de cidadão e homem público, e a sua eficiente e ponderada ação na Chefia de Polícia do Estado, onde vem prestando assinalados serviços à coletividade mineira. Seguiu-se com a palavra o dr. Raimundo Candido que, em nome dos advogados que militam no fóro de Belo Horizonte, expressou a solidariedade daquela numerosa classe às justas homenagens prestadas ao ilustre titular do Governo do Estado, cuja atuação nas nossas lides forenses sem-

(Conclui na pagina 144)

VALIOSA CONTRIBUIÇÃO PARA MELHORIA DOS NOSSOS TRANSPORTES COLETIVOS

A Cia. Fôrça e Luz inaugura nova linha para o bairro do Carmo e introduz novos e modernos bondes
● no tráfego da Capital ●

Aspecto colhido por ocasião do lançamento de dois novos bondes, de uma série de 14 ora em montagem, vendo-se, no interior de um dos modernos elétricos, o diretor da Cia. Fôrça e Luz, dr. Mário Werneck de Alencar Lima, em companhia do prefeito Laborne Tavares e outras altas autoridades presentes ao ato.



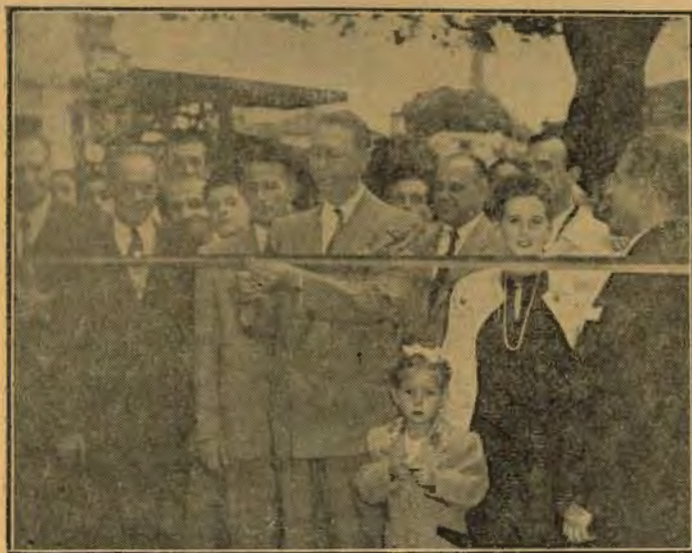
Este é um dos novos elétricos que a Cia. Fôrça e Luz vem de colocar em circulação, para melhoria dos transportes coletivos da Capital. Amplo, confortável e de linhas modernas, ele carrega 120 pessoas comodamente sentadas. Pesa 18 toneladas e é provido de quatro freios de ar, oferecendo a maior segurança.

O SIMPLES registro de certos fatos, na sua expressiva singeleza, definem uma orientação e põem à mostra os resultados que ela pode produzir para o interesse coletivo. Este pensamento surge ao redator apressado, quando empunha da pena

para falar sobre duas importantes realizações da Cia. Fôrça e Luz nestes últimos dias: a inauguração da nova linha para o bairro do Carmo, e o lançamento de dois novos bondes de uma série de 14 que estão sendo montados em suas oficinas na Capital.

Os dois fatos, analisados em seu conjunto, revelam sem dúvida a acentuada vontade de bem servir ao público que anima a alta direção daquela empresa, e os seus propósitos de colaborar eficientemente com os poderes públicos, para apressar a solução do angustiante problema de transporte coletivo em nossa Capital. E levando-se em conta as inúmeras dificuldades que se devem enfrentar no momento para obter soluções dessa ordem, tendo em vista a escassez de materiais e as dificuldades de importação, avulta ainda mais o significado desses empreendimentos que, então, passam a valer por uma verdadeira consagração no espírito realizador dos que souberam levá-los a bom termo.

Justificam-se, portanto, as solenidades expressivas com que se comemoraram os importantes melhoramentos, solenidades estas que contaram com a presença do prefeito Laborne Tavares e outras altas autoridades municipais, dr. Mário Werneck de Alencar Lima, o infatigável diretor da Fôrça e Luz, representantes da imprensa e outras figuras destacadas em nossos meios so-



O prefeito Laborne Tavares, quando cortava a fita simbólica, inaugurando a nova linha de bondes para o bairro do Carmo.

D. Pedro II fala aos brasileiros

OS VIVOS já não têm mais nem poder nem autoridade para orientar os semelhantes. E se há crise em quasi todos os domínios de atividade, (como os senhores sabem, as coisas estão pretas), o principal é a falta de autoridade dos dirigentes... Falar verdade, eles já não estão dirigindo nem a eles mesmos. O tumulto é geral. Sentindo o caos na Pátria, dom Pedro II, que foi sempre patriota, resolveu falar aos brasileiros, lá das regiões impossíveis em que se encontra. E revelou-se num dia desses, numa sessão de espiritismo, através do médium Carmo Bianco. E começou meio enigmático mas certo, ao dizer que "viver e não saber viver não é o pensamento que está vivendo. É o homem."

E é mesmo. O homem hoje é um armazem de hipocrisia. Tal é qual o considera Pedro II. Em seguida, o monarca desencarnado adverte que é necessário acabar com a maioria das manifestações de apreço, com os banquetes, com os elogios, criticando riço os profissionais ociosos da adulação governamental. Parece ali que D. Pedro anda escutando as conversações de esquina, as palestras de família, interpretando direitinho a revolta do povo. Como esse rei feito sombra sabe auscultar a opinião popular! Todos dizem com ele: "Basta de banquetes. O que convém é dar comida ao povo. Adulter, menos, comam menos este é o lema. "Afastemos, como falou o bom velho Imperial, afastemos os elogios, pois estes só surgem quando se necessita de apoio para uma política desorientada". Muito bem, isto mesmo. Surge uma política desorientada? Então é preciso enfeitá-la de elogios, é preciso alevantar o ânimo dos que erram. Certíssimo. Quando se vê um chamado estadista coberto de elogios, já se sabe, é um boboca. Necessita de elogio para a sua política desorientada. Mas — Meu Deus! — como dom Pedro está vendo tudo tão direitinho lá de tão longe! Parece incrível.

Discorrendo dos políticos, afirma "que vivem só pelo egoísmo, pela ambição". Oh se vivem, bem sabem. Não há homens na política, há candidatos. "Convém que o governo aja com todo o seu amor é D. Pedro quem fala), com todas as suas forças intelectuais e morais, a fim de reforçar o ânimo desses que desejam trabalhar em prol da humanidade." Pois é isso, isso que todo mundo fala. Urge estimular os trabalhadores, as criaturas de valor, porque eles andam muito abatidos, muito descrentes. Sentem falta de atmosfera nessa democracia nascente. E o velho imperador, nessa altura de sua fala do trono, irrou-se um pouco, e saiu-se com uma boa.

E' até engraçado. Ele disse: "Deixai o vosso posto se não sois competente e dai-o ao vosso irmão."

Que conversa mais esquisita! Ah, Imperador, Vossa Majestade me perdõe, mas este conselho pr'a cima de nós não pega de jeito nenhum. O pessoal por aqui, Majestade, não dá nem estolas, como é agora que vai dar ao seu irmão o emprêgo? Inda mais por motivo de incompetência. Vossa Majestade está caçoando. Se isto acontecesse, haveria uma quantidade tão grande de vagas, que o remédio seria mandar buscar gente de longe para colocar. A mediocracia cá por baixo está no alto, Majestade. Enfim, Vossa Majestade foi rei, sabe mandar, e não seria mau obedecer. Mas vai ser um trabalho de hercules, isto vai mesmo. Empregada dura de roer.

Gostamos muito foi da sua declaração final, verdade histórica: "Quando deixei o trono depositar a democracia nas mãos de gente espiritualizada mas, aos poucos, ela foi-se enfraquecendo e reduziram-na ao estado em que ora se acha." Pois já passamos por muito pior, que foi o Estado Novo, o estado a que há tempos chegamos. A coisa vai melhorando um pouco. E se os conselhos de Vossa Majestade frutificarem, então entraremos nos eixos. E o melhor mesmo é seguirmos a palavra desse rei, que já não reina, mas antes reinasse. Tudo que é bom dura pouco por aqui.

OLHOS AZUIS

CONTINUAÇÃO

de hoje que o venho observando. Essa vaga melancolia que há em seus olhos não nasceu com você. Isso é coisa adquirida. Esse quase ricto amargo nos cantos dos olhos não são traços de alegria. A sua vida contém um segredo... E eu não sei... Não sei responder a essa interrogação que se forma em meu espírito...

E André contou:

— "A história se resume numa mulher. Quando casei-me com Lígia, era ela, então, bailarina de teatro ligeiro. Mas de acordo com os nossos planos, ela abandonou o palco e fomos viver numa casa de campo de minha propriedade. Nos primeiros tempos fomos felizes. Quando parecia que Lígia já se encontrava acomodada àquela vida simples, tudo se transformou num repente. Foi quando veio ter à nossa casa um seu antigo companheiro de teatro. Seu nome não importa. O certo é que, a nosso convite, ficou uma semana em casa. Quando partiu, Lígia pareceu transformar-se completamente. Mudança estranha e absurda, — para mim, naturalmente, que encarava as coisas, ainda, pelo lado do otimismo mais ingênuo.

E' preciso que eu esclareça aqui um ponto: Lígia, desde os tempos de solteira, fora sempre caprichosa. Tinha prazer em impor a sua vontade. Mas, durante todo aquele tempo, parecia ter arrefecido em si esse sentimento. Parecia, porque surgiu de novo e muito mais irrefreável. Tornou-se ela, de maneiras bruscas. Tudo em torno parecia ter defeitos. Irradição, descontrolava-se facilmente. Vivía inquieta como uma fera enjaulada. E dentro do possível eu tentava o impossível, tentando relevar as coisas, tentando conciliar os fatos.

Esses sintomas, — pensava eu, — talvez fossem derivativos do seu estado. Estava para ser mãe. Mas nada... Meu esforço se perdia como água entre os dedos... Nada mais contentava aquela mulher. A vida, ali, estava se tornando insustentável e enfadonha. Cada vez mais as coisas tomavam rumos escabrosos. Um dia, — lembro-me bem desse dia, — porque demorei-me para o almôço — estava dando os últimos retoques a um quadro — Lígia entrou no estúdio. Quando a olhei ali, parada, lívida como uma estátua de gesso, um sexto sentido pareceu-me pôr de sobreaviso, que qualquer coisa ia acontecer. Seus lábios descoloridos formavam uma só linha. De repente,

deu vazão a sua ira concentrada. Falou o que bem entendeu. Humilhou-me com as mais ferinas ironias. Ironias que pareciam fustigar mais que chicotadas.

Tentei acalmá-la, pois seu estado não era para excitação. No entanto, minha atitude pareceu acuá-la mais, pois começou por atirar-me tudo que estava ao alcance de suas mãos: pincéis, frascos, telas enroladas... Parecia uma tresloucada... Em dado momento, na fúria cega em que agia, falseou um pé num tubo de pasta e caiu de borco sobre uma banqueta. Desamparada, a queda foi desastrosa. Desmaiara. Tentei reanimá-la. Inútil. Mandei chamar um médico a toda pressa. O doutor veio. Examinou-a. Era preciso uma intervenção cirúrgica urgente. Fizera-na. A criança estava morta.

Após a convalescença, Lígia tornou-se mais irascível. Culpa-me a todo momento do sucedido. Daí para a frente minha vida tornou-se um inferno bem mais largo e bem mais extenso. Seus caprichos ultrapassavam os limites mais pronunciados da paciência. E eu sentia que qualquer dia, alguma coisa grave aconteceria.

Um dia apareceu com uma novidade. Voltaria para o teatro. Disse que estava sendo enterrada viva naquele fim de mundo. Já havia escrito para o diretor do seu antigo teatro. Tentei demovê-la. Mas qual, ninguém influenciaria na sua vontade. Por fim — talvez até pareça incrível — acompanhei-a.

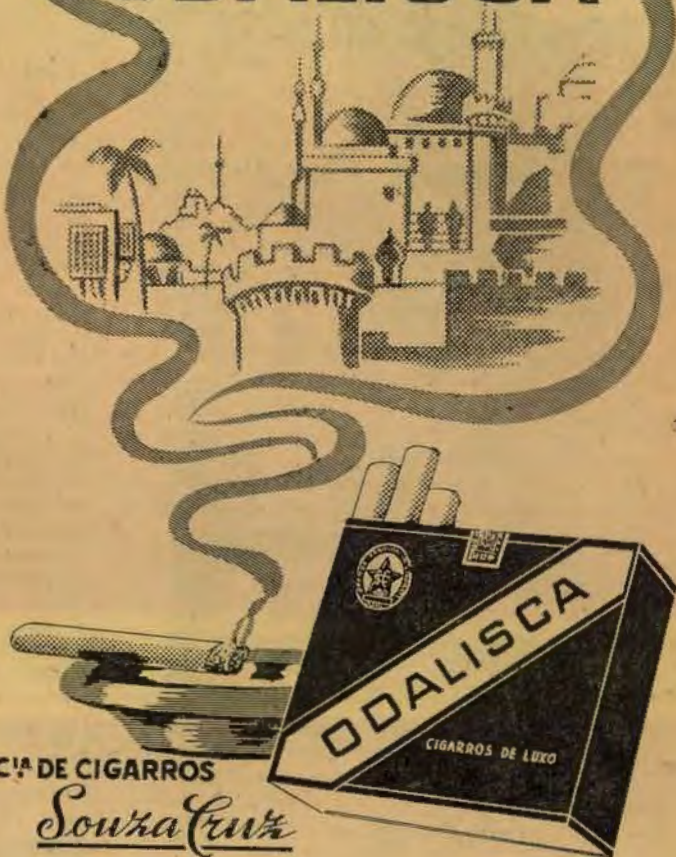
Lígia voltou a fulgir nas ribaltas, deslumbrando os outros com a audácia da sua irresponsabilidade nos mais exóticos bailados. Parecia querer ganhar, com sofreguidão, o tempo que ela dizia ter perdido... E eu, o melancólico marido, acompanhava-a ao teatro, levando comigo a sombra rastefante do meu infortúnio, o amargor da minha quase derrota moral...

Quanta vez, altas horas de noites intermináveis, ficava a meditar no meu viver. Minha posição de conformismo diante de suas atitudes era humilhante, tristíssima mesmo. Estava negando a mim próprio a minha consciência de homem. No entanto, não era covardia ou fraqueza. A minha posição diante de tudo era extremamente delicada. Mas repito, não era covardia ou fraqueza. Sempre evitei escândalos. Tentava fazer com que Lígia compreendesse e se compenetrasse de sua posição de mulher.

Lígia estava levando uma vida louca. Voltava altas horas da noite

(Continua na pag. 141)

ODALISCA



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

"Nunca vi Seda tão Linda!.."

ESTA É UMA FRASE COMUM ENTRE AS SENHORAS QUE VISITAM

A BRASILEIRA

AV. AFONSO PENA, 974 • EDIFÍCIO GUIMARÃES

Óleo Palmolive

APRESENTA

o penteado do mês



Creação do famoso
cabeleireiro

Antoine



Éis um aristocrático penteado de Antoine que fica maravilhosamente bem em qualquer tipo de rosto. Muitos cabeleireiros famosos recomendam o Óleo Palmolive para manter a permanente e conservar os cabelos mais brilhantes, mais suaves e fáceis de pentear. O fino Óleo Palmolive, tão bom para dar vida e beleza à permanente, é também maravilhoso para conservar a ondulação perfeita, melhor conservada e atraente. Óleo Palmolive garante estes resultados porque é feito de óleos minerais super-refinados, importados dos Estados Unidos. Comece, hoje, a usar o Óleo Palmolive para o penteado e adquira nova e fascinante beleza para os seus cabelos.



Palmolive

AMACIA E
PERFUMA OS CABELOS

ANITA LOUISE

CONCLUSÃO

nhecem. Embora possua uma aparência angelical e quase etérea, Anita não adota dietas. Geralmente manda que lhe preparem um bom bife e jamais se privou de guloseimas proibidas para as demais estrelas.

A história da vida artística de Anita Louise não é muito extensa, porém o romance de sua vida encerra grandes momentos de emoção. Sua beleza dá motivo a múltiplas conquistas vãs, porque ela quer dedicar-se exclusivamente à sua carreira artística, que abraçou com entusiasmo.

Tem verdadeira adoração pelos trabalhos de agulha e faz todas as suas compras em Nova York, na celeberrima Quinta Avenida. Suas cores prediletas são o amarelo e o azul. Um dos seus passatempos favoritos é bordar, realizando trabalhos que deixam maravilhados os grandes profissionais de Hollywood, Los Angeles e Nova York. Em sua residência de Hollywood podem ser admirados muitos trabalhos feitos por suas mãos, e sempre acha tempo, no estúdio, para estudar algum desenho ou tecer algum *crochet*.

Junta dinheiro com entusiasmo, desprezando manicures, pedicures, cabeleireiros, etc. pois o ondulado de seus cabelos é natural. Aprendeu a tratar das próprias unhas, quando ainda não podia dispor de tanto dinheiro como atualmente... e segue esse costume, julgando — e com razão — que ela mesma pode tratar melhor das próprias e adoráveis mãos. Suas unhas são perfeitas e a alvura de suas mãos é um encanto. Tudo se completa com a suavidade de seus dedos realmente lindos que sempre chamaram a atenção dos fotógrafos...

O NONO CAMPEONATO MINEIRO DE NATAÇÃO



A luzida equipe do Uberaba Tennis Clube, cuja atuação no nono Campeonato Mineiro de Natação foi das mais brilhantes, numa reafirmação do progresso esportivo da grande cidade do Triângulo Mineiro. Conseguindo, brilhantemente, o terceiro lugar, os valentes representantes da conceituada agremiação uberabense corresponderam à confiança que neles depositavam os dirigentes e adeptos do Uberaba Tennis Clube.

*

SINCERIDADE

Não há, no amor, felicidade duradoura e completa senão na atmosfera translúcida da perfeita sinceridade. — Bacon.

Resultados práticos...

CONCLUSÃO

natário esse que será doado à "Sociedade Ferroviária", instituição de caráter filantrópico, fundada por um grupo de empregados, com a finalidade de combater a "peste-branca", no seio da classe.

Dando cumprimento às disposições do decreto-lei n. 1.689, de 25 de fevereiro de 1.946, o engenheiro José Bretas Bhering, Diretor da R.M.V., passou a estudar, ativamente, o problema da escolha de local para a construção.

Assim é que, acompanhado de especialistas no assunto, e de membros da Sociedade Ferroviária, o engenheiro José Bretas Bhering visitou um dos "sítios" mais aprazíveis de Belo Horizonte e denominado "Imburissú" ou "Fazenda da Capelinha".

A impressão dos elementos que constituiram a caravana foi das melhores e ficou desde logo assentada a conveniência da compra imediata dos terrenos, afim de que, num curto prazo, fosse dado início às obras do Sanatório, que, como se sabe, será de tipo rural e, possivelmente, um dos melhores do Brasil.

Assim, no dia 3 de abril, foi realizada, oficialmente, a operação de compra, com a assinatura do respectivo documento de transmissão da propriedade.

Ao ato, estiveram presentes o engenheiro José Bretas Bhering, pela Rede Mineira de Viação, o sr. Artur Rabelo como outorgante vendedor, chefes de Departamento da R.M.V., outros chefes de Serviço, Diretoria e Membros do Conselho Fiscal da Sociedade Ferroviária, representantes dos órgãos de publicidade local e numerosos funcionários.

As fotografias que publicamos, fixam o instante em que o engenheiro Bretas Bhering apunha a sua assinatura no livro próprio e a numerosa assistência que compareceu ao ato.

Os terrenos adquiridos pela Rede Mineira de Viação, para construção do Sanatório, ficam situados a 23 quilômetros de Belo Horizonte, pela linha férrea, e são servidos por ótima estrada de rodagem, possuindo água própria em abundância.

Medem 96 hectares, quarenta e três ares e trinta e quatro centiares, estão situados em altitude mais elevada que a de Belo Horizonte e foram adquiridos pela importância de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros).

Dentre os inúmeros melhoramentos a serem introduzidos na grande via-ferrea, não esqueceram o Interventor Federal, dr. João Tavares Corrêa Beraldo e o engenheiro Bretas Bhering, seu Diretor, o direito que têm os ferroviários de uma assistência mais efetiva à sua saúde, capaz de torná-los elementos úteis ao Estado e à Pátria. Estão, assim, de parabéns, os empregados da grande ferrovia nacional, pelo que têm, merecidamente, obtido dos poderes públicos.



Desperte ADMIRAÇÃO
USANDO OS NOSSOS
TECIDOS FINOS

MIAMI
*Os mais belos padrões
em sedas, lãs, linhos e
tecidos finos*

ROC.

Confie no bom gosto de MIAMI, encomendando o tecido que deseja, com indicação da base de preço, para que lhe seja enviado por REEMBOLSO POSTAL.

AV. AFONSO PENA, 958 — EDIF. GUIMARÃES — BELO HORIZONTE

CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO

Gentil leitora: você já pensou que significaria para o futuro de sua Pátria uma campanha espontânea em que cada brasileira ensinasse a ler e a escrever? Por que não inicia desde hoje a parte que lhe compete nessa grandiosa tarefa de brasilidade?



VÁLVULAS
e
MATERIAL
PARA RÁDIO
EM GERAL

SEIMI

ATACADO E VAREJO

RUA CURITIBA, 631
FONE 2-7560

End. Teleg.: "SEIMI"
BELO HORIZONTE

Grafologia



Direção de FÉBO

Sob a competente e criteriosa direção de FÉBO, um dos mais consagrados mestres que o Brasil possui no campo da Grafologia, esta seção constitui uma régia oferta de ALTEROSA aos seus leitores de todo o país. As consultas recebidas até o dia 7 de cada mês, acompanhadas do respectivo cupão que vai publicado em todas as edições, serão respondidas no número do mês seguinte. As consultas chegadas depois daquela data terão resposta na edição posterior. A correspondência para esta seção deverá ser assim endereçada: FÉBO — Redação de ALTEROSA — Cx. Postal 279 — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

SONHADORA — ITAJUBA' — MINAS — Letra caligráfica reveladora de espírito de ordem, disciplina mental e método. Finais elevados, denunciadores de religiosidade, misticismismo, preconceito e amor à tradição e as coisas do passado. Boa educação, convicções fortes, sentimentalismo normal, vivacidade, graça e alguma ironia. Gostos artísticos, habilidade manual, reserva e discrição. Bondade natural.

JOANINHA — ABAETÉ — MINAS — Ótima inteligência, boa cultura intelectual, vontade enérgica, dogura e sensibilidade. Amor da leitura, equilíbrio nervoso alguma desconfiança, reserva e discrição. Sentimento de ritmo, capacidade musical, instintos diplomáticos. Independência de caráter, igualdade de humor, amor próprio, e orgulho.

LUAR — PONTE NOVA — MINAS — Queira renovar a consulta, preenchendo as condições exigidas no cupão anexo.

VERA MARIA — TEOFILO OTONI — MINAS — Não é possível atendê-la como deseja. As respostas desta seção, pertencem, exclusivamente à "Alterosa". Queira, pois, enviar o pseudônimo para sua resposta.

DESCONFIADO (?) — MINAS — Bondade, afetuosidade, franqueza, cultura intelectual e gostos literários. Economia, gosto artístico, imaginação, intuição, equilíbrio nervoso e controle emocional. Lealdade corajosa, vontade poderosa, espírito filosófico, prudência e capacidade prática. Inteligência lúcida, atividade, independência de vontade, dignidade, orgulho, e senso de forma.

CHEIQUE — BARBACENA — MINAS — Gostos finos e políticos, muita ordem e calma, boa educação. Pessoa de temperamento impressionável, simples, sincera nas suas manifestações, capaz de devotamento, mas exclusivista em suas afecções e clumetia. Caráter vivo e susceptível, vontade rápida, média porém tenaz, atividade, e graça de espírito. Inteligência esclarecida, impulsividade, vivacidade, agitação e necessidade de movimento.

ZARDINHO — JUIZ DE FORA — MINAS — Necessidade de expansão, caráter conflante, sinceridade e coração aberto à bondade. Inteligência esclarecida, saúde frágil, nervosismo, e, às vezes, teimosia. Dedução, capacidade de síntese, predominância dos sentimentos morais. Vontade lenta, firmeza e prudência. Modéstia, simplicidade e pouca confiança nos próprios méritos. Sensibilidade apurada.

VIOLETA — PONTE NOVA — MINAS — Peço renovar a consulta, preenchendo as condições exigidas no cupão anexo.

LUTADOR — CAPITAL — Absolutismo nas idéias, imaginação mais ou menos entusiasta. Traços de teimosia e obstinação e desejo de ver prevalecerem suas idéias e opinião. Vivacidade, amabilidade e expansividade. Suceptibilidade, espírito vingativo, temperamento violento. Natureza quasi passional, impressionável e clumetia. Vontade poderosa, boa inteligência, sobriedade, clareza, iniciativa e coragem.

Infelizmente não posso atendê-lo como deseja.

ROSA DO ADRO — PAINS — MINAS — Impressionabilidade, inquietação e pessimismo. Caráter pouco empreendedor, tímido e pouco confiante nos próprios méritos. Nervosismo, falta de controle emocional, desconfiança, dissimulação e reserva fria. Traços de egoísmo, validade e orgulho.

IMACULADA — RIO CASCA — MINAS — Validade pessoal intensa, orgulho e amor próprio acentuados. Caráter pouco comunicativo, desdenhoso

e egoísta. Reflexão, hesitação e falta de iniciativa. Teimosia, complacência com as próprias faltas e exclusivismo de pensamento. Gosto do conforto do luxo e da vida faustosa.

BRAHMA — DISTRITO FEDERAL — Atividade, capacidade de trabalho, inteligência lúcida, lealdade e senso prático. Mobilidade de humor, impaciência, nervosismo e agitação. ambição construtiva, iniciativa e coragem. Assimilação pronta, irreflexão e, às vezes crises de desânimo. Sentimentalidade normal.

MANGA-BEIRA — ESPERA FELIZ — MINAS — Temperamento contraditório: ora muita energia e força de vontade, ora desânimo e abatimento. Vontade desigual, humor variável, pouco controle emocional. Inteligência normal.

NECYRA — GUARATINGUETA' — S. PAULO — Lógica, equilíbrio de julgamento, facilidade de locução. Espírito de assimilação, independência de caráter, desconfiança, algum egoísmo, validade e excessivo amor próprio. Reserva, discrição, dissimulação, e vontade irregular. Prodigalidade, vivacidade e falta de energia.

SANTISTA — S. PAULO — CAPITAL — Caráter difícil, colérico e, por vezes, violento. Ironia, senso crítico e perspicácia. Temperamento impressionável, sincero, sensível, capaz de devotamento, mas, exclusivista nas afecções e clumetia. Vontade rápida, obstinada e tenaz. Instintos pródigos, nervosismo super-excitado, impaciência e agitação.

CLARA ANGELA — PARAGUASU' — MINAS — Instintos parcimoniosos, simplicidade, apatia e caráter inquieto. Validade pessoal, desejo de ser notada, preocupação de originalidade. Artificialismo, dissimulação, teimosia e pouco controle emocional. Vontade frágil e desigual.

BORBOLETA — CAPITAL — Agitação de corpo e de espírito. Acessos de melancolia, malgrado a aparente alegria. Idéias pouco originais, falta de personalidade, impressionabilidade e variabilidade de humor e de temperamento. Instintos parcimoniosos, vontade regular, distração e afetuosidade. Teimosia e senso prático.

ITALIA — MANHUASSU' — MINAS — Letra bem caligráfica, própria dos colegiais que ainda não conseguiram libertar-se dos moldes de letra rece-

FÉBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME

PSEUDÔNIMO

CIDADE

ESTADO

bidos das professoras primárias. Pode-se contudo, perceber uma personalidade bem esboçada, com ótima inteligência, espírito de assimilação e abundância de coração. Gostos artísticos, vontade bem orientada, vivacidade e bondade natural.

ALDA — AMAZONITA — MINAS — Gostos aristocráticos, orgulho, valdade, e amor do conforto, do luxo e da vida faustosa. Lealdade, sinceridade, inteligência e cultura intelectual bem iniciada. Prodigalidade, imaginação e pendor literário. Senso musical.

DORIA — MANHUASSU' — MINAS — Vontade despótica e dominadora. Sentimentalidade excessiva, ciúme, e amor próprio acentuado. Coração que sabe perdoar prontamente. Bondade natural, inteligência normal, sensibilidade e delicadeza de sentimentos. Espírito de luta, alguma teimosia e vivacidade.

ANQOR PINTO DE OLIVEIRA — IPANEMA — MINAS — Independência de caráter, sentimentalidade normal, tino comercial, gostos matemáticos, capacidade de raciocínio, lógica e precisão. Boa educação, firmeza no trato, noção do dever, dedutividade. Tipo de letra geralmente usado pelos contabilistas. Gosto do desenho.

CREPUSCULO — CARANGOLA — MINAS — Espírito em formação, sujeito a mudanças. Escrita lenta de pessoa pouco amante dos livros e das letras. Traços de egoísmo, desconfiança e dissimulação. Ingenuidade, teimosia, simplicidade e alguma reserva. Gostos comuns.

FRANÇA — MANHUASSU' — MINAS — Boa inteligência, coragem moral e coragem de ação, senso da responsabilidade, independência de vontade. Traços de impaciência, pressa, e positivismo. Amor do dinheiro, hesitação antes de tomar qualquer deliberação, pouco espírito de ordem.

YVETE SILVA — CAMPOS — ESTADO DO RIO — Prodigalidade, gostos finos, iniciativa e coragem. Vontade regular, inteligência normal, do tipo dedutivo, dotada de lógica, raciocínio e precisão. Modéstia, simplicidade e falta de confiança nos próprios méritos. Espírito de ordem, e método. Sentimentalidade normal, equilíbrio nervoso, ponderação e sentimentos poéticos.

METEÓRITO — DIAMANTINA — MINAS — Orgulho simples e nobre. Inteligência muito acima do normal, mobilidade de impressão, caráter desigual, imaginação movimentada. Vontade forte, calma e concentrada, firmeza, nitidez nas idéias. Teimosia na crítica, resistência física, independência de caráter. Discreção, reserva e alguma desconfiança. Inquietação, nervosismo e agitação. Coragem, entusiasmo, não obstante o aparecimento de crises de abatimento e melancolia. Atividade cerebral, amor



50 %
DE SUA BELEZA

★ dependem do cuidado com seus cabelos. Mantenha-os pretos, sedosos, brilhantes, são e juvenis com Brylcreem que fixa o penteado sem emplastrar. Experimente Brylcreem após o permanente! No cabelereiro de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos! Isento de goma, álcool e sabão.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



Ginásio e Escola Técnica de Comércio SANTANA

SOB INSPEÇÃO FEDERAL

Externato para ambos os sexos

Internato e semi-internato para meninos

Corpo docente especializado — Ensino sério e eficiente

Acham-se abertas as matrículas para o Curso de Admissão, cujas aulas já estão em pleno funcionamento

— PEÇA INFORMAÇÕES —

ITAUNA — — — MINAS

DIRETOR — PROF. JOSE' COUTINHO

ao estudo sério, gostos estéticos. Traços de materialismo, positivismo e pendor literário. Espírito superior, algo distraído, e modesto.

NAPOLITANA — BARRA DO PIRAI — RIO DE JANEIRO — Pressa, impaciência, coragem e, por vezes, causalidade e espírito de vingança. Vaidade pessoal intensa, alguma diplomacia, vivacidade e independência de pensamento. Temperamento nervoso, irritável e algo pessimista. Crises de tristeza. Gostos materiais.

ADMIRADORA — CATAGUAZES — MINAS — Vivacidade, imaginação, vontade tenaz e obstinada. Vaidade pessoal, desejo de sobressair e produzir efeito. Inteligência normal, capacidade prática, tino administrativo, orientação segura. Traços de desconfiança, orgulho e amor próprio. Teimosia e coragem.

VETICERA — MANHUASSU — MINAS — Orgulho, gostos aristocráticos, amor do conforto, do luxo e da vida faustosa. Franqueza, lealdade e nobreza de sentimentos. Vaidade senso "artístico, prodigalidade, vivacidade e inteligência lúcida. Maneiras elegantes e distintas.

GAUCHINHA — DISTRITO FEDERAL — Mobilidade de impressão, mudanças bruscas no modo de pensar, alguma negligência. Independência de caráter, idéias próprias, pouca importância à opinião pública. Inteligência esclarecida, vivacidade, desconfiança e senso prático. Ambição, contrariedade, coragem e dedutividade. Franqueza e sinceridade.

FORASTEIRA — CAPITAL — Atividade, ardor, entusiasmo, amabilidade, inteligência lúcida. Sentimento da música, coragem, bondade natural, algum nervosismo e agitação. Gostos finos, combatividade, senso crítico, decisão pronta, intuição. Imaginação, distinção, energia, graça e impaciência. Traços de orgulho, perseverança, prodigalidade e amor do conforto e da vida faustosa.

K. Y. X. Y. — CONCEIÇÃO DO IPANEMA — MINAS — Pressa, impaciência, irreflexão e tristeza. Crises de melancolia e pessimismo. Boa inteligência que merecia uma cultura apurada. Versatilidade, timidez, irresolução, sensibilidade, reserva, bondade e amabilidade.

MARITA PASSOS — CAPITAL — Caráter sujeito a mudanças repentinas, inconstância, bisarria, gostos aristocráticos. Egoísmo excessivo, amor próprio, orgulho e vaidade. Espírito combativo, atividade cerebral, impaciência e agitação. Boa inteligência, pouca ordem, dissimulação e diplomacia. Cansaço mental.

LIN — S. PAULO — CAPITAL — Devotamento, distinção, senso crítico, minuciosidade, capacidade de análise. Inteligência superior, instinto de proteção, finura e distinção. Pronunciado gosto artístico, senso da forma. Independência de caráter, ex-

pansividade, ardor, entusiasmo. Confiança, combatividade, pendor literário. Lógica, imaginação creadora, prodigalidade. Não se concebe falta de confiança nos próprios méritos, quando se possui uma letra tão harmoniosa que permite ao seu autor triunfar em qualquer profissão que escolher, mesmo no domínio da arte.

MARGARIDA — ARAXÁ — MINAS — Assimilação, espírito de contradição, distração, teimosia. Susceptibilidade, violência, nervosismo, pouco controle emocional. Cólera, cansaço mental, indecisão, afetuosidade extrema e saúde alterada.

ALGUEM DE PALMITAL — PALMITAL — S. PAULO — Espírito muito ainda em formação, onde as modificações terão de aparecer a todo momento. Pressente-se uma pessoa dotada de boa inteligência, mas a serviço de uma vontade muito desigual e sujeita a frequentes crises de desânimo desencorajamento e melancolia. Traços de egoísmo, pouca sensibilidade e pouca afetividade. Distração, irreflexão e falta de equilíbrio psíquico.

BOB BROWN II — PASSA QUATRO — MINAS — Harmonia de traços reveladora de grande valor moral e intelectual. Julgamento são, clareza cerebral, grande lucidez. Calma, ponderação e gravidade de pensamento. Imaginação, senso da beleza, idéias largas e altas. Inteligência elevada, sentimentos estéticos. Doçura, sensibilidade, afetuosidade, franqueza e lealdade. Modéstia e simplicidade. Humor variável.

JANANE — DIAMANTINA — MINAS — Traçando-se de um grafismo de moço, está ele sujeito às modificações que operam o tempo, a cultura e própria vida. Pode-se, contudo, prever uma inteligência capaz de realizar muito, dada a sua larga capacidade de assimilação. A margem vertical mostra instintos de prodigalidade, gostos distintos, iniciativa e coragem. O conjunto do grafismo é bom. É preciso, apenas, evitar as crises de desânimo que podem prejudicar-lhe a ascensão.

MORENINHA — TRES RIOS — RIO — Queira renovar a consulta, enviando o cupão que dá direito à resposta.

SACRIPANTA — DISTRITO FEDERAL — Igualdade de humor, sangue frio, desconfiança, dissimulação. Reflexão, desejo de ver prevalecer as suas idéias e opiniões, vontade obstinada. Espírito de observação, melanciosidade e tendência à alopa. Boa inteligência, anseio de perfeição, gostos filosóficos. Espírito vingativo.

SHEILA MARIA BITENCOURT — TEOFILO OTONI — MINAS — Letra muito caligráfica, onde quasi não se podem perceber sinais característicos. Traços de uma inteligência boa, que deveria ser melhor cultivada. Imaginação, sentimento de ritmo, desconfiança e algum artificialismo. Fan-

tasia, reserva e discreção. Vontade variável.

LUIZIANA — VOLTA GRANDE — MINAS — Vivacidade, inteligência e atividade cerebral. Religiosidade, afetuosidade e sentimento do dever. Capacidade de trabalho, modéstia e simplicidade. Vontade regular, idealismo e desejo de vencer e triunfar na vida. Equilíbrio nervoso.

BALALAIKA — CARATINGA — MINAS — Espírito em formação, sujeito a modificações. Traço de boa inteligência, idéias próprias e vontade regular. Pouco amor à verdade, algum egoísmo e amor próprio. Senso de economia, desatenção e impaciência.

LANA O'HARA — CATAGUAZES — MINAS — Idealismo, sensibilidade, doçura e bondade natural. Em seu grafismo transparece muita capacidade artística e habilidade manual. Traços de vaidade pessoal, orgulho e amor próprio. Gostos finos e poéticos, expansividade com os extranhos e reserva com os íntimos. Finura, educação esmerada, timidez de espírito e idéias bizarras.

EXTASIADA — GUARATINGUETÁ — S. PAULO — Personalidade, inteligência e cultura. Admirável equilíbrio nervoso, sensibilidade artística, pendor literário e gosto da forma. Expansividade, bondade, doçura e sensibilidade. Espírito de ordem e método, atenção educada, finura e "savoir-faire". Imaginação poderosa, modéstia e simplicidade. Dedutividade, lógica e precisão.

CASSANDRA — SALVADOR — BAHIA — Caráter inflexível, bondade natural, fantasia desregulada, gosto artístico, capacidade intelectual, idealismo excessivo. Notável espírito de ordem, método e disciplina. Inteligência poética, prudência e senso crítico, com grande poder de seleção. Gosto, elegância, dignidade, senso realizador. Intuição, finura e "savoir-faire". Originalidade nas idéias, coragem, aptidões literárias. Desconfiança, lógica e espiritualismo.

SURRANA — CAPITAL — Modéstia, simplicidade, doçura e afabilidade. Lealdade, igualdade de humor, dedutividade, inteligência e vontade regular e bem orientada. Prodigalidade, memória, iniciativa e equilíbrio entre a dedução e a intuição. Independência de pensamentos, senso prático, capacidade afetiva.

ANJO — CAPITAL — Audácia, autoritarismo, decisão pronta, vontade despótica. Temperamento muito passional, ardente, impressionável, e exclusivista nas afecções. Traços de ciúme, egoísmo, capacidade de trabalho e coragem. Coração que sabe perdoar facilmente, embora o temperamento seja violento e, por vezes, agressivo e vingativo. Independência de pensamentos, inteligência dedutiva, instintos parcimoniosos, pouca distinção.

CERES — ITAPECERICA — MINAS — Finura de espírito, inteligência lúcida, cultura intelectual. Desconfiança, economia, teimosia, dedução, lealdade, vontade regular e equilíbrio nervoso. Atividade física, ordem, expansividade e gostos poéticos.

ZALIA — S. JOÃO DEL-REI — MINAS — Imaginação, entusiasmo, vivacidade. Teimosia, egoísmo, orgulho, vaidade e amor próprio. Desejo de aparecer e ser notada, alguma presunção. Inteligência normal, elegância e amor do conforto, do luxo e da vida fastuosa.

ARMINDINHA — DISTRITO FEDERAL — Sensibilidade, credulidade, independência de vontade. Caráter confiante, probo e idealista. Dedução, simplicidade, modéstia e generosidade. Abundância de coração.

MAGALI — CAPITAL — Tipo de letra quase caligráfica, reveladora de assimilação pronta e idéias práticas. Calma, ponderação, sangue frio, prudência, ordem, método e disciplina. Inteligência clara, cultura geral não especializada, gostos matemáticos, lógica e precisão. Vontade bastante e falta de confiança nos próprios méritos.

MORENINHA — AMORES — MINAS — Vontade energética e poderosa. Gostos finos, habilidade e alguma vaidade. Inteligência normal, cultura geral, não especializada, idealismo, e equilíbrio nervoso. Espírito ainda sujeito a modificação, com traços de desconfiança, dissimulação e amor próprio exagerado.

ROSEHELENE — CAPITAL — Dissimulação, afetuosidade e bondade. Espiritualismo, gosto estético, amor da leitura, sensibilidade, fantasia e capricho. Franqueza, inflexibilidade, de caráter, simplicidade, dignidade e probidade. Finura de espírito, aptidões literárias, habilidade e, alguma "coquetaria". Idealismo, indecisão e vivacidade. Perseverança, atividade e desconfiança.

JANE EYRE — ABAETE — MINAS — Luta permanente entre o natural e a superfície correta e fria. Memória,

compreensão rápida e harmonia geral das faculdades do espírito. Amizade, benevolência, desconfiança, prodigalidade e dedutividade. Inteligência lúcida, boa cultura intelectual, religiosidade e poesia. Autoritarismo, vontade despótica que não gosta de obedecer. Necessidade de expansão. Ordem e calma. Alguma vaidade.

ROSSILLE — DIAMANTINA — MINAS — Prodigalidade, desconfiança e sentimentalidade. Coração generoso. Vontade constante, expansividade e gostos musicais. Boa cultura geral, afetividade, devotamento, amor do lar e da família. Sentimento do dever, capacidade de trabalho, idealismo e poesia. Crises de desânimo, cansaço mental e melancolia. Bondade natural.

SORRISO DO MAR — GUARATINGUETA — S. PAULO — Tipo de letra dedutivo, revelador de lógica, raciocínio e capacidade para resolver os seus problemas. Espírito metódico, metódico e disciplinado. Perseverança, linha de conduta inflexível que não se desvia do caminho traçado. Alguma vaidade, sentimentalismo excessivo, elúme e exclusivismo nas afeições. Vontade rígida.

VIRGINIA — NEPOMUCENO — MINAS — Parcimônia nos gastos, pouca afetividade, algum egoísmo e exagerado amor próprio. Imaginação criadora, pendor literário, boa inteligência que merecia uma cultura mais apurada. Tipo de letra das pessoas que escrevem com a mão esquerda ou que não gostam de mostrar como realmente são.

NEIDE — ITAPECERICA — MINAS — Timidez, hesitação, vontade frágil e desigual. Rotina, preconceito e pouco trato com os livros. Espírito em formação, sujeito a modificações. Traços de vaidade, orgulho e egoísmo.

CANÁRIO — S. GOTARDO — MINAS — Grafa fortemente apolada, própria dos espíritos positivos, autoritários e, por vezes, despóticos. Caráter irregular, caprichoso e impressionável. Instintos sensuais. Natureza pouco comunicativa, reservada e discreta. Sentimento de ritmo.

BRIGADEIRO — ALMENARA — MINAS — Vontade irregular, agressividade e, por vezes, violência. Grande necessidade de expansão, dromania, gosto das viagens. Variabilidade de humor e temperamental. Impaciência, impulsividade e resolução pronta.

AMIGO DA ONÇA — GUAXUPE — MINAS — Notado espírito de método, ordem e disciplina. Imaginação poderosa, amor do paradoxo, idealismo e gostos poéticos. Boa educação, sentimentalidade exagerada, reserva e discreção. Inteligência lúcida, coração generoso, capacidade afetiva. Falta de senso prático. Amor do movimento.

REINETE — TAUMIRIM — MINAS — Religiosidade, senso estético, gosto da forma. Inteligência esclarecida, sentimento da poesia, necessidade de expansão, doçura e sensibilidade. Cérebro poderoso, ausência de egoísmo, devotamento refletido. Modéstia, simplicidade, franqueza e lealdade. Atenção, prudência, constância, perseverança e imutabilidade de caráter. Idéias largas e altas. Calma, ponderação e gravidade de pensamento. Crises de tristeza e desencorajamento.

ADRIANA — CAPITAL — Independência de caráter, atenção, ordem e espírito de análise. Fantasia, vontade regular, egoísmo e amor próprio. Calma, equilíbrio psíquico, simplicidade e rotina. Inteligência normal, senso prático e alguma teimosia.

ALZIZA — FORMIGA — MINAS — Inquietação, nervosismo, impaciência, irreflexão. Pouca atenção, falta de controle emocional, necessidade de movimento, gosto das viagens. Vivacidade. As vezes, desejo de ver prevalecerem as suas idéias e opiniões. Traços de teimosia, egoísmo, amor próprio exagerado e desconfiança.

MADEIRA — CAPITAL — Fantasia, finura e sensibilidade. Vivacidade, presença de espírito, expansividade e idealismo. Sentimento de proteção, espiritualismo, vontade regular, inte-

(Conclui na página 146)

EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

SUJEITA continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: se vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc. tudo está bem. Mas se aparecer em abundância ou, ao contrário, diminuindo, irregular ou retardado então urgem providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1, para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2, para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

A SEXTA-FEIRA NO DESTINO DE NAPOLEÃO

Há um preconceito que faz com que a sexta-feira seja geralmente olhada como um mau dia. Mas vejamos o que se verifica quando se considera os principais acontecimentos da vida de Napoleão. Napoleão entrou para a Escola Militar de Brienne a 23 de abril de 1779, numa sexta-feira. É nomeado Primeiro Cônsul a 13 de dezembro de 1799, numa sexta-feira. Chega a imperador a 18 de maio de 1804, numa sexta-feira. Sua partida para Santa Helena efetua-se a 11 de agosto de 1815, numa sexta-feira. Seu túmulo em Santa Helena é cedido à França pela Inglaterra a 7 de maio de 1838, numa sexta-feira. Portanto, a sexta-feira não foi desfavorável ao imperador já que, em cinco sextas-feiras, só uma ficou marcada por um acontecimento desfavorável.

MARCELINE DESBORDES CONCLUSÃO

mãe." Sob o império desse sentimento profundo, que a entenece até as lágrimas, Marcelina escreve as mais belas poesias dedicadas à infância, como *L'Oreiller* e *L'Ecotier*, consideradas imortais obras primas da literatura universal.

*

Marcelina Desbordes-Valmore, já nos últimos anos de sua tormentosa existência, encontra-se completamente só. Todos os entes que ela muito queria já partiram. Está cansada de viver, e seu olhar se dirige para o Alto, na esperança de um lenitivo, como um ser que cada vez mais se

afasta do cotidiano terrestre. Resta-lhe ainda, entre os escombros de sua vida sentimental, uma amiga, a quem escreve para lhe dar o motivo secreto de seu isolamento:

"Escuta-me! Foi hoje à Igreja e aí acendi oito velas humildes como eu. Foram por oito almas, por minha alma, por meu pai, minha mãe, meu irmão, minhas irmãs e meus filhos. Eu as vi arderem, elas se acabaram e julguei que ia morrer. Só a ti digo: foi uma visita a Deus".

Essa amiga, Paulina Duchambge, a última, morre antes dela, e Marcelina não tem mais a quem fazer confidências. Então, não quer senão dialogar com Deus. Em lágrimas pede ao Todo-Poderoso que se amercele dela. Diz-lhe que já se despediu, e nada mais lhe resta fazer:

"Tous mes étonnements sont fins sur la terre.

"Tous mes étonnements sont fins est prêt à jaillir".

À proporção que seu corpo material se vai definhando, sua alma vai-se libertando, seus sentimentos, cada vez mais ardentes, vão-se erguendo para Deus. Agora, não quer mais falar da terra, porque sabe que Deus está pronto para recebê-la, e lhe dirá:

"Chère âme, je suis Dieu: ne soyez plus troublée;

Voici votre maison, voici mon coeur, entrez!"

Finalmente, Deus volve seu olhar misericordioso para Marcelina, que se acha dia a dia mais impaciente à espera pelo repouso eterno. No dia 23 de julho de 1859, faltando apenas três dias para completar setenta e três anos de idade, a gloriosa poetisa entrega a alma ao Criador. No alto do cemitério do Montmartre, é sepultada, perto do túmulo de Henrique Heine. Na terra natal, em Douai, na capela cinzenta onde fora batizada, realizam-se os ofícios fúnebres. Todos os grandes poetas de França, comovidamente se curvaram e celebraram a memória da grande poetisa, que de suas desgraças, de suas lágrimas, dos seus cruéis infortúnios, fez um instrumento sonoro de arte e de beleza. Marcelina Desbordes-Valmore ascendeu à imortalidade pela energia e exaltação de sua vida resplandecida pela harmonia divina de seus sentimentos. Por isso, Sainte-Beuve, chelo de entusiasmo, disse, certa vez, que ela era a própria poesia. E a verdadeira mulher, a heroína do amor e da dedicação, a santa do lar, que foi Marcelina Desbordes-Valmore, recebe por fim a admiração comovida da posteridade.

OS 10 MANDAMENTOS...

CONCLUSÃO

lá talvez a leitora — que tem o leite com este programa de embelezamento? Simplesmente, querida leitora, porque o leite, além de nutritivo, é calmante e não engorda. Sim, não se espante: o leite não engorda. Ele nutre. Tanto que é adotado pelas lindas mulheres que trabalham no cinema. Elas o preferem a qualquer comida gordurosa, aos doces e outras guloseimas que aumentam o peso e estragam a saúde.

VII — Se o seu trabalho é sedentário, aproveite os domingos para caminhar ou fazer qualquer outro exercício durante uma hora. Jogue tenis, monte a cavalo, dance. Para caminhar use sapatos de saltos baixos. A mulher americana inaugurou a moda dos passeios de bicicleta, exercício ideal para o desenvolvimento dos membros.

VIII — Não se deixe dominar pelos nervos. Cultive hábitos agradáveis, tenha calma, serenidade, impondo-a ao espírito. Se algo lhe traz desgosto e você tem gênio irascível, atente em que deixar-se dominar pelo pesar prejudica a saúde e a beleza. O rosto adquirirá linhas duras, perdendo o natural atrativo e as rugas, minha amiga, aparecerão antes do tempo...

IX — Trabalhe, divirta-se, brinque, ou pulestre a sério sem a mínima cova de aborrecimento. É certo que a sua dieta de estômago e o exercício que impõe aos músculos são fatores importantes no seu programa de beleza, mantendo o seu corpo flexível, esbelto, jovem, mas é também certo que o seu espírito, tem nisto tudo influência essencial. Tome interesse pelas pessoas e pelas coisas: no trabalho e nos divertimentos. Fique sabendo que o bom e o belo que a rodeiam — terão grande influência psicológica na sua personalidade, refletindo-se-lhe na fisionomia.

X — É imprescindível um exame médico de dois em dois anos. Também é necessária uma séria visita ao dentista de seis em seis meses. A água, o ar puro, o exercício, a higiene do corpo e do espírito dar-lhe-ão mais atrativos que o emagrecimento conseguido à custa da saúde e de calibras do estômago...

Inclua no seu regime diário: leite, verduras, frutas frescas — cruas ou cozidas — ovos, queijo, sem esquecer também o aviso da visita ao médico, ao dentista e dos exercícios moderados, tão salutares para a beleza e saúde da mulher moderna.

Departamento Representações REX

DEPOSITÁRIO E DISTRIBUIDOR DAS
"EDIÇÕES MELHORAMENTOS"



Um aspecto da inauguração das instalações do "Departamento Representações Rex", vendo-se, da esquerda para a direita, os srs. Geraldo Dutra de Moraes, superintendente; J. M. Torres, inspetor-geral da Cia. Melhoramentos de S. Paulo, Alberto Simões e Antonio Guerra Filho.

"EDIÇÕES MELHORAMENTOS"

LIVROS: — PRIMÁRIOS — SECUNDÁRIOS — MEDICINA —
ENGENHARIA — DIREITO — AGRICULTURA — LITERA-
TURA INFANTIL — BRINQUEDOS

Os livros e brinquedos das "Edições Melhoramentos" encontram-se à venda em todas as livrarias e podem ser solicitados, também pelo Serviço de Reembolso Postal, ao

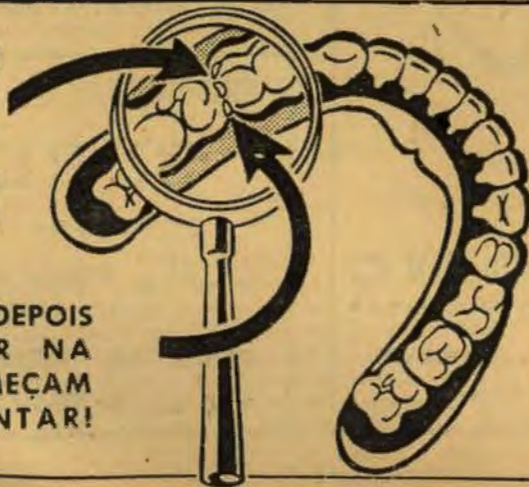
Departamento Representações Rex

RUA DA BAHIA, 564 — CAIXA POSTAL, 601
BELO HORIZONTE — MINAS

CUIDADO!

Aqui
atacam os
micróbios!

2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pode penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL



A GALERIA FUTURISTA

apresenta a mais selecionada coleção de peles
ÚLTIMAS CRIAÇÕES
AMERICANAS PARA
1946

ALASKA-SEAL
MUSKRAT
PETIS-GRIS
MOUTON
RENARD-POLAR
INDIAN-LAMB
RENARD-ARGENTÉ
LONTRA
RENARD-BLEU
AGNEV-RASÉ

Este é o grande momento de fazer boas compras
com economia, aproveitando os preços de liqui-
dação da

GALERIA FUTURISTA

AV. AFONSO PENA, 755

Ensinar a ler e escrever a uma de tuas patricias, será
uma grande obra de brasilidade. Brasileira: trabalha
um pouco pela grandeza da Pátria de teus filhos, ti-
rando outra brasileira das trevas do analfabetismo!

MALHE ENQUANTO O FERRO ESTÁ QUENTE!



O recordista das ultimas sortes grandes continua enri-
quecendo o povo mineiro!

SONHO DE OURO

580—RUA ESPÍRITO SANTO—580

EM MAIO
DIA 11 — Cr \$ 2.000.000,00 da FEDERAL
Por Cr\$350,00
DIA 10 — Cr \$ 400.000,00 da MINEIRA
Por Cr\$60,00

SOCIAIS



Aniversariou a 19 de abril proximo passado a senhorita
Ione Guilhermina Roedel, D. D. Professora da Escola "20
de Outubro" e fino elemento da sociedade da culta cidade
de Teófilo Otoni.

VULTOSA CONTRIBUIÇÃO...

CONCLUSÃO

ciais. E' que estas solenidades expressavam simplesmente
o júbilo popular diante dos beneficios que lhe são pro-
porcionados, quer no aspecto da melhoria dos transportes
coletivos da cidade, quer na alta significação expressa na
inauguração de uma linha que virá prestar os mais assi-
nalados serviços à numerosa população do novo e futuroso
bairro da Capital. E ao lado das expressões de entusiasmo
aplaudindo as comemorações desses acontecimentos, paira
um sentido de sincero reconhecimento da sociedade local,
pela manifesta boa vontade e vigoroso esforço com que a
Cia. Força e Luz vem procurando dar solução a tôdas as
aspirações helorizontinas nos serviços públicos que lhe são
confiados.

PROPRIEDADES EM SANTOS?

S. PERES

CORRETOR DE IMÓVEIS

CASAS E TERRENOS COM FRENTE AO
MAR E PROXIMIDADES

COMPRAS—VENDAS—HIPOTECAS

RUA LUIZA MACUCO, 51 — SANTOS

OLHOS AZUIS

CONTINUAÇÃO

e muita vez, do meu quarto, eu ouvia a sua risada estridente em duelo com as de seus companheiros. O ódio levantava-se dentro de mim como carvão acêso. Um dia isso acabaria. Quando entrava para o quarto, eu tinha asco em beijar aquela boca só em pensar que boca estivera pousando ali. No entanto, não sabia explicar porque Lígia continuava presa a mim. Talvez fosse por um capricho ou qualquer coisa vaga que eu não chego a entender. Amor? Isso não creio que tivesse por mim; porque não se compreende que se queira a quem não se respeita. Só agora compreendia, então, a minha loucura em estar junto daquela mulher. Mas era tarde para retroceder... Havia conflagrado na minha perícia de conduzir as coisas ao bom termo... Mas minha perícia falhou... para meu dano exclusivo.

Não tentei mais nada. Estava quase consumado aquele capítulo da minha vida. Um dia teria que acabar aquela farsa, porque na posição incomoda em que me encontrava, o homem chega ao ponto culminante: ou reage ou se entrega. E a reação veio. E o dia se apresentou... Após terrível discussão... parti para sempre. Fui viver só, em minha casa de campo, mas amassando o meu ódio por todas as mulheres daquela espécie...

Um ano e pouco ora passado, soube que Lígia havia morrido, por não ter resistido a um ataque de epilepsia. Era o fim...

Continuai a vida, tentando conciliar o meu fracasso. Lutei muito. Mas estava sendo levado por u'a melancolia que ofuscava, gradativamente, minha crença na vida. Estava me tornando um hipomaniaco. E nesse estado foi que você me encontrou naquela dia do nosso primeiro encontro, procurando no suicídio, e descansando para as minhas horas de amargos silêncios...

André terminara. Estava exausto. Tinha a fronte úmida de suor. Passou o lenço sobre o rosto. Márcia estava silenciosa. De dentro da sala vinha o tó-toc da cadeira de balanço de d. Helena. Entre ambos o silêncio pesado e intranquilo.

André pôs seus olhos em Márcia. Olhos que interrogam inquietos e aflitos. Depois, criando coragem perguntou:

— Confessei-lhe minha vida. Usei de toda sinceridade que sua interrogação necessitava. Agora, não sei se sente por mim o mesmo que sentia...

— André — começou Márcia. — não o culpo de nada... Isso nada mais foi que uma trama concebida pelo destino.

— Então... Então aceita o meu...

— Sim...

André tomou as mãos de Márcia e beijou-as comovido... Era a revelação... Que o mundo rodasse daí por diante... Que rodasse...

Passaram-se os tempos. A vida deslisava simples e boa como uma sombra amiga.

— Então, gosta da nossa vida-nha? — pergunta André.

— Não...

Os olhos de Márcia brilham como duas gotas de luz. (Só as mulheres sabem dizer não, dizendo sim) Sua presença é macia e acolhedora como uma sombra dadivosa.

— E você? E' feliz?

André segura a cabeça de Márcia entre as mãos. Alisa-lhe os cabelos castanhos derreados indolentemente sobre os ombros. Vem deles um perfume suave e provocante. Olha para a sua boca. Cravo vermelho machucado. E' um convite. Beija-a. Depois, suspirando, diz emocionado.

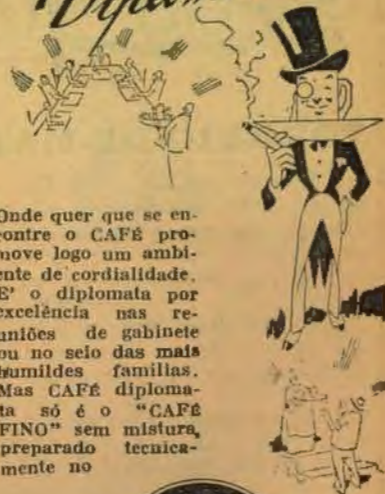
— Feliz o que, como você, tem ainda o dom de inspirar feruras a outros, como eu, que há muito se perderam nos ásperos caminhos da vida; doce criatura que faz a gente ter novamente fé na vida, acreditar nas compensações do destino.

De vez em quando, muito vagamente, André lembrava-se de Lígia. Era uma coisa meio confusa, indefinida, quase, um vulto pressago mutilado pela imperfeição da luz cambiante do passado. Era natural que lembrasse. Sim, pois quem sofreu, traz dentro de si o vergão do açoite que o feriu. Mas não. Ele se esforçava para não lembrar. Não queria ferir a calma da sua vida presente. Por que lembrar? Ele amava Márcia. Queria-a. Sua vida, agora, era uma definição e não uma hipótese. Era razão, certeza e não uma lógica frágil e fugidia. Márcia...

Com que carinho olhava o arranjo de seu lar. Tudo tão bem ajustado. Havia sempre poucos objetos e flores nos vasos, que ela apanhava no jardim da casa. E com que desvelo cuidava desse pedacinho de chão, orgulho daquela casa, orgulho daquela rua. E depois, as estantes sempre em ordem. Os livros em linha. Tudo dando a impressão de conforto e felicidade conjugal. Até seu

(Conclui na página 144)

BEBIDA Diplomática...



Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. E' o diplomata por excelência nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o "CAFÉ FINO" sem mistura, preparado tecnicamente no



PUBL. ARAUTO

RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBÁ'S

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Resfriado com TOSSE



Para acalmar tosse e soltar o catarro, derreta algum Vick VapoRub em água a ferver, e inale os seus vapores. Aquele, fricção o peito, costas e pescoço com Vick VapoRub.

VICK VAPORUB



NO MUNDO DOS ENIGMAS

• Direção de POLIDORO •

TORNEIO DE MAIO DE 1946

Léxicos adotados: Simões da Fonseca, edição antiga; Silva Bastos, Segulier; Brasileiro, 2.ª e 4.ª edições; Fonseca e Roquete, os dois; Breviário do Charadista, todas as edições; Japiassú e Provérbios.

SINOPADAS N.º 1 a 5

NUPCIAL

(A Raul Petrocelli — muito satisfeita e, embora tardiamente, val neste o agradecimento da "Romantica").

Foi de um sonbo, a sorrir, me libertando
— De um sonho longo que sonhando eu vinha
Que, um dia, acordando, a meu lado eu tinha
O espôso amado, o rosto meu fitando.

E em doce enlêvo os olhos fui fechando; — 4.
Neste êxtase, embalada, eu me sustinha
Num sonho bom — real visão gozando,
De ver-te meu — era a ventura minha...

Foram-se os dias — foram de um em um,
E na vida não mais gozei nenhum,
Que ao de nupcias fosse comparado!...

Na paz de nessa choça; inda a saudade — 2.
Embriga-me co'a felicidade
Da primeira manhã de meu noivado...

Moema — Boturobi

IDÍLIO

Causam-me sempre surpresa,
Tuas galantes intrigas; — 3.
Mas, são palavras amigas,
Que minha alma trazem presa.

Nas paixões só há rudeza; — 2.
No amor, paz, talvez, consigas
Que bem suavize as ligas
Que nos vêm da natureza...

Que prazer quando eu for tua
E gozar à luz da lua
A ambição de um bem querer...

Distantes de todo mal,
Num sonbo celestial,
Só assim apraz-nos viver!...

Moema — Boturobi

3 — 2 Este "vestido mourisco" é ornado de pelo
de "quadrúpede semelhante à fuinha".

Filistia — Inhaúma

3 — 2 Nem uma fôlha cai da "árvore" sem que
Nosso Senhor queira. (N. R. — Árvore
empregada em construções.)

Valério Vasco — Pará de Minas

3 — 2 Não aprecio o vinho misturado: prefiro-o
puro.

Altamir da Costa Barros — Maceió - Alagoas

CHARADAS N.º 6 a 14

3 — 1 Com a proteção de Deus, desejo-me em-
parelhar com os grandes charadistas.

Novata — Capital

2 — 2 Peixe pouco vulgar é o "grande peixe do
Rio Purús".

Jupira — T. Otoni

2 — 2 Medita muito até que resolva comprar do
turco da prestação.

Nanazinha — Ubá

2 — 2 Pelo cacoete e pelo trejeito se conhece quem
não possui instrução primária.

A.B.C. — C. Lafaiete

2 — 2 Domina-me o grande desejo de conhecer as
belezas naturais dessa "cidade do Perú".

Altamir da Costa Barros — Maceió - Alagoas

Um "arbusto da Guiana"

— Diz um menino ao seu mestre;

E' o mesmo que Brasil

Mas não é planta silvestre. 3 — 3.

Panaça — P. Vargas

Mas que lôgro me pregou

O demônio do Almada!

Prometo que nunca mais

Cairei n'outra estopada. 2 — 1.

Paco — T. B. — São Paulo

2 — 3 Do naufrágio salvaram-se, em um recife
submerso, o menino e a "formiga amazô-
nica".

Valério Vasco — Pará de Minas

3 — 1 A tristeza é como uma dor plangente.

Breque — Santos

CASAIS N.º 15 e 16

Teu dito provocante,

Eu bem sei que é intriga

E que não val adiante

Teu pretexto de briga. — 3.

Jamil — B. S. — Capital

Mulher mui formosa,

De rosto corado,

Procura com jeito

O seu namorado.

Jeca — B. S. — Capital

ANGULAR N.º 17 (silábica)

E' desagradável ao paladar, e de difícil diges-
tão, o mel rosado.

Altamir Costa Barros — Farol - Maceió

LOGOGRIFO N.º 18

Que coisa inacreditável — 5-2-1-4.

Eu vi um homem "fazer". — 6-1-4.

Mandou José, o notável, — 1-6-3.

(Que tinha um calo a doer).

Seus sapatos esconder.

E dando impensadamente — 6-1-4-6

Um pulo, disse e sorriu:

Você pode andar contente

Que o seu calo já caiu.

PANAÇA — P. Vargas

MESOCLETICA N.º 19 A 21

2 — 1 Quem folga na velhice procede com inteli-
gência.

JOSE SÔLHA IGLÊSIAS — Brumadinho

2 — 1. Briga só serve "para" tirar o apetite da
da gente.

José Sôlha Iglêsias — Brumadinho

2 — 1 Há muito homem que faz empenho, cá para
mim, em parecer maçador.

José Sôlha Iglêsias — Brumadinho

Neste "que" o esmoler
põe o "DÃO" com a "mulher".

Jodeme — Pará de Minas

"Carrego com esforço",
P'ra ganhar u'a migalha,
U'a "letra" sobre o dorso
Que não vale uma palha.

Jamil — B. S. — Capital

O risco, que é conceito
Deste enigma tão sem jeito
Tem "letra" logo na frente
E, atrás, "figueira da Índia",
Para torná-lo patente.

Panaça — P. Vargas

No "imposto" ha uma "letra"
Difícil de interpretar.
Uns dizem que é p'ra taxar
Oleos e tintas vermelhas,
Porém eu acho que é para
Espaço entre as sobancelhas.

Paco — T. B. — São Paulo

Num "sinal" uma "letra" colocada,
Vem nos mostrar um grego que agrada.

Vico — Inimutaba — Curvelo

"Grava" com "letra" bonita
O nome da "moça branca"
Numa árvore frondosa
Dos arredores de França.

Paco — T. B. — São Paulo

Nesta "varzea" uma "letra" aberrar
Por este mero fôro de terra.
(N. R. — Fôro de terras).

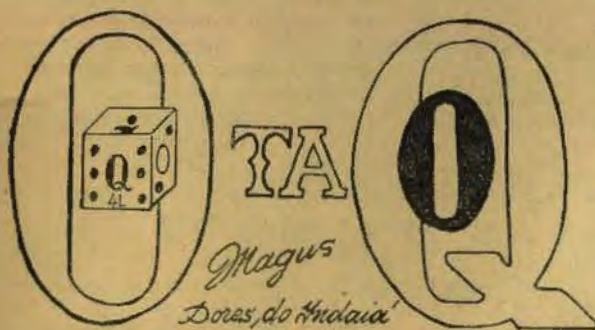
Vico — Inimutaba

Se uma "letra" puser
Ante um nome de "mulher",
Não será encontrado o gozo,
Mas um lance doloroso.

Flora — P. Vargas

SIMBÓLICO N.º 30

(Oferecido ao dr. Rafael Horta, Capital)

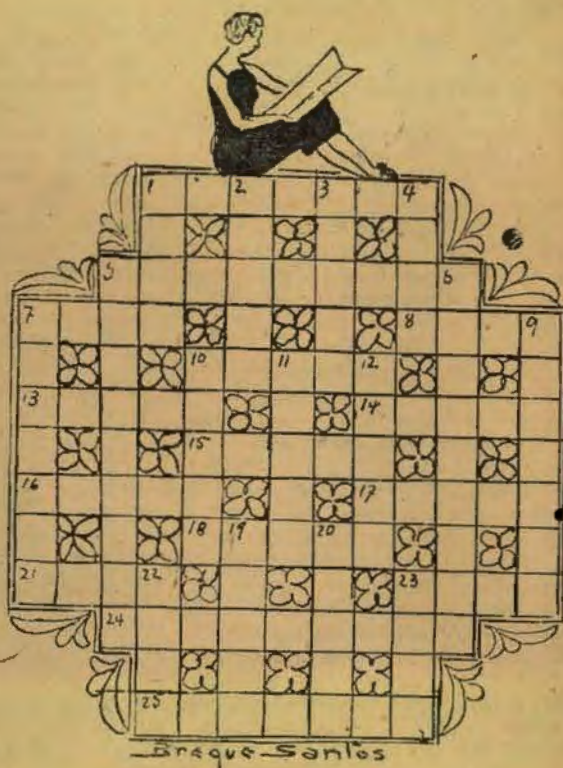


MAGUS — Dores do Indaia

CORRESPONDÊNCIA

BREQUE (Santos) — Recebi, com muito prazer, a sua interessante colaboração, assim como o número de "Brasillidade" correspondente a abril. Fica aqui o seu apelo aos charadistas mineiros para que colaborem na seção sob a esclarecida direção do distinto confrade. O endereço de "Brasillidade" é rua Xavier Pinheiro, 242 — Santos — Estado de São Paulo.

PALAVRAS CRUZADAS



(Ao Zigomar, com um abraço)

Breque — Santos

CHAVES

HORIZONTAIS: — 1 — chicote de coiro; 5 — robusto; 7 — pardal; 8 — chefe; 10 — simpatia; 13 — palavreado; 14 — fomenta; 15 — Árvore boa para construções; 16 — culpa; 17 — erva daninha; 18 — pequena rede de arrastar; 21 — mesquinho; 23 — ensêjo; 24 — concedido; 25 — extração.

VERTICAIS: — 1 — presente; 2 — mania; 3 — restante; 4 — vaso de feito de âncora; 5 — falsificação; 6 — vesgo; 7 — intento; 9 — ave ribeirinha do Brasil; 10 — vão; 11 — fiscal; 12 — declive; 19 — ave fela, de canto triste; 20 — chuvas; 22 — brilho; 23 — infeliz.

ALTAMIR DA COSTA BARROS (Maceió) — Recebi os trabalhos alguns dos quais são publicados neste número.

VICO (Inimutaba) — Recebidos os trabalhos e a lista de soluções do torneio de março. O confrade está afiado!

JOSÉ SÓLHA IGLESIAS (Brumadinho) — Recebida a lista de soluções de março.

SILVIO ALVES (Rio) — Recebi, e agradeço, a "Vida" charadística.

PACO (Tertúlia Bandeirante — São Paulo) — Recebidos os trabalhos. Agradecido.

FLORA e PANAÇA (Presidente Vargas) — Recebida a lista de soluções de março.

JODEME (Pará de Minas) — Fiquei satisfeito pelo aparecimento de mais um confrade em Pará de Minas. Inscrito com prazer.

(Concluí na página 147)

PONTE NOVA ♦ EM MARCHA ♦

UM DOS municípios mineiros cujo progresso mais se acentua, dia a dia, é, sem dúvida, o de Ponte Nova.

Dotado de uma economia das mais vigorosas, que se assenta de modo especial no desenvolvimento das atividades agrícolas e industriais, com uma produção de álcool que representa uma das maiores fontes abastecedoras de todo o Estado, Ponte Nova é uma comuna rica, graças ao espírito arrojado e empreendedor de sua gente.

A cidade propriamente dita, uma das maiores e mais bem cuidadas de todo o nosso Estado, é hoje um centro de civilização dos mais destacados na zona da Mata, com bom calçamento, excelente luz, magnífico serviço de água potável, ótimas casas de diversões, clubes esportivos e sociais, e um amplo parque educacional formado por numerosos grupos escolares e escolas e colégios secundários que ministram o ensino a milhares de jovens e crianças.

Sua administração municipal está confiada ao espírito clarividente do Prefeito Sidney Martins Soares, que muito tem feito pela satisfação das aspirações de Ponte Nova, incontestavelmente um dos mais importantes municípios do nosso Estado.

CARINHOSA HOMENAGEM...

CONCLUSÃO

pre lhe valeu a estima e admiração de seus colegas. Falou ainda, pela Legião dos Trabalhadores de Minas Gerais, de que é presidente, o sr. Antonio Xavier dos Santos, para expressar a estima que os operários da Capital sentem pelo Chefe de Polícia do Estado e a satisfação com que se unem às homenagens que lhe são prestadas.

O dr. J. Pimenta da Veiga, em brilhante improviso, agradeceu comovidamente as manifestações de seus auxiliares e amigos, reiterando as suas promessas de corresponder, na medida de sua capacidade, à honrosa confiança pública com que tem sido distinguido, e os seus propósitos de bem servir ao patriótico governo do Interventor João Geraldo, de cuja orientação a Chefe de Polícia do Estado pode orgulhar-se quanto aos alvissimos resultados já colhidos durante a sua gestão.

Nesta página, damos alguns expressivos fragmentos da bela festividade cívica que teve lugar no gabinete do Chefe de Polícia do Estado, por ocasião da grande manifestação que lhe foi prestada ao ensejo de seu aniversário natalício.

A CORTESIA

A cortesia é a arte sutil de fazer crer a cada um que é preferido a todos.

E. Quinet.

OLHOS AZUIS

CONCLUSÃO

estúdio estava sempre na ordem do dia.

*

Um dia combinaram viajar. Comemoravam o aniversário de casamento. Foram. São Paulo, Santos. Finalmente, como parte última da viagem, iriam a Santo Amaro. O ônibus corria velozmente. Repentinamente, numa curva fechada, surge um caminhão carregado. O motorista, tentou, ainda, desviar num supremo esforço. De nada valeu. Sobreveio o desastre. André foi atirado, não sabia como, para fora do ônibus. Ergueu-se do chão coberto de pó e graxa. Sentia uma dor mortificante no ombro esquerdo. Meio alucinado correu a procura de Márcia. Encontrou-a. Estava sem sentidos. Carregou-a em seus braços, apertando-a carinhosamente contra o peito. Momentos depois o carro branco da assistência levava-os.

*

Os ferimentos foram demasiadamente graves. Márcia não pôde suportar. André, ajoelhado ao seu lado, apertava-lhe as mãos. Márcia definhava aos poucos, quieta e humilde como uma ave. Sua voz era um sopro tênue:

— André... fomos tão felizes... A vida foi tão boa... Mas Deus não quis... André... sei que estou morrendo... mas amando-o sempre... amando esses olhos azuis... seus olhos azuis...

Suspirou fundo e a vida apagou em seus olhos...

*

Agora, André sente cair sobre si a realidade. Uma ruga pronunciada forma-se em sua testa. Suspira quase em solução. Ajeta-se no peitoril da janela. Acende mais um cigarro. Olha para o interior do quarto. Tudo escu-

ro. Dentro do silêncio o relógio da cabeceira é perfeitamente audível, como um coração metálico pulsando. Um grilo enervante, num canto qualquer, solfeja desafinadamente.

Lá fora, o luar veste de noiva a noite. Um notívago passa a passos tardos, cantarolando o último tango... Seus passos sem cadência vão sumindo... vão sumindo... Um guarda apita na esquina e outros mais respondem, dando conta da sua vigilância. Um galo desperta, insone e distante. Um cão ladra esganadamente. No jardim uma rosa branca estremece tangida pela brisa. Os respingos da chuva brilham em suas pétalas sob a luz da lua. Parece um lenço salpicado de lágrimas acenando para um segredo alguém. Mistério... Um rádio qualquer, na vizinhança, transmite, em surdina, a "Valsa Triste" de Sibelius... Angústia...

André sai da janela. Caminha em direção à lâmpada e acende-a. Luz. Ele precisava de luz. Seu cérebro é ainda um entremeado de idéias confusas. Há dentro de si aquela sensação de desmoronamento, esmagamento, sufocação. Uma mão invisível parece apertar seu coração... apertar... Seus olhos ardem como brasa viva. Vai até o espelho. Olha... Seus olhos estão refletidos... Parecem crescer para ele... Olhos azuis... Olhos azuis, azuis... Uma aflição surda avoluma-se dentro de si, como uma avalanche incontrolável... E num gesto de desespero insano, André dá um murro brusco partindo o espelho... Olha para as mãos dilaceradas e um riso grotesco escapa-lhe da garganta enchendo de ecos o quarto... Fica louco.

COISAS DA MODA

CONCLUSÃO

do tempo do Diretório, na França, ou mesmo do após-guerra de 1914.

Não sabemos ainda de alguma elegante que esteja usando cabelos de "mecha à la Hitler" ou saias à paraquedista, nem pintando no colo ou nas pernas feridas de estilhaços de granada, ou queimaduras de lança-chamas.

Mas já repararam como caíram de moda os bigodinhos à Hitler e aqueles cortes de cabelo à prussiana? Ainda bem.

TROVAS

De tudo quanto maltrata
mais cruel não pode haver
do que amar e ser amado
sem que se possa dizer.

LINDOURO GOMES

O GOVERNO TRABALHA...

CONTINUAÇÃO

Desta forma, esperamos iniciar, desde logo, um número de prédios escolares três vezes maior do que seria possível se fôssem incluídas as despesas integrais de cada obra em um único exercício financeiro.

Este plano inteiramente lógico, que está sendo intitulado com o exame atento das necessidades de cada município, permitirá a racionalização dos trabalhos de projeto, orçamento e construção.

SANEAMENTO E URBANISMO

— Estamos convencidos de que a maioria das nossas cidades, que não dispõem de serviços urbanos de água e esgoto, ou que precisam modernizá-los, poderá encontrar nas próprias rendas desses serviços a base indispensável para o financiamento de sua execução. Acontece, entretanto, que, não dispondo de técnicos para os estudos, projetos e orçamentos necessários à promoção de qualquer operação de financiamento, lutam os municípios com as maiores dificuldades para negociá-las. Por isso, o governo vai ampliar os serviços de projeto e estudo econômico das obras de saneamento municipal, auxiliando ainda as prefeituras na obtenção de empréstimos a longo prazo para sua execução.

Acreditamos que, ajudando os municípios no estudo técnico de suas redes de água e esgoto, e na análise de sua possibilidade econômica eliminaremos os entraves mais frequentes à obtenção de meios para sua construção.

CENTRAIS ELÉTRICAS

— Para a continuação do Plano de Centrais Elétricas, o governo está procurando obter amplos recursos, de modo a poder financiar a aquisição do equipamento a ser importado.

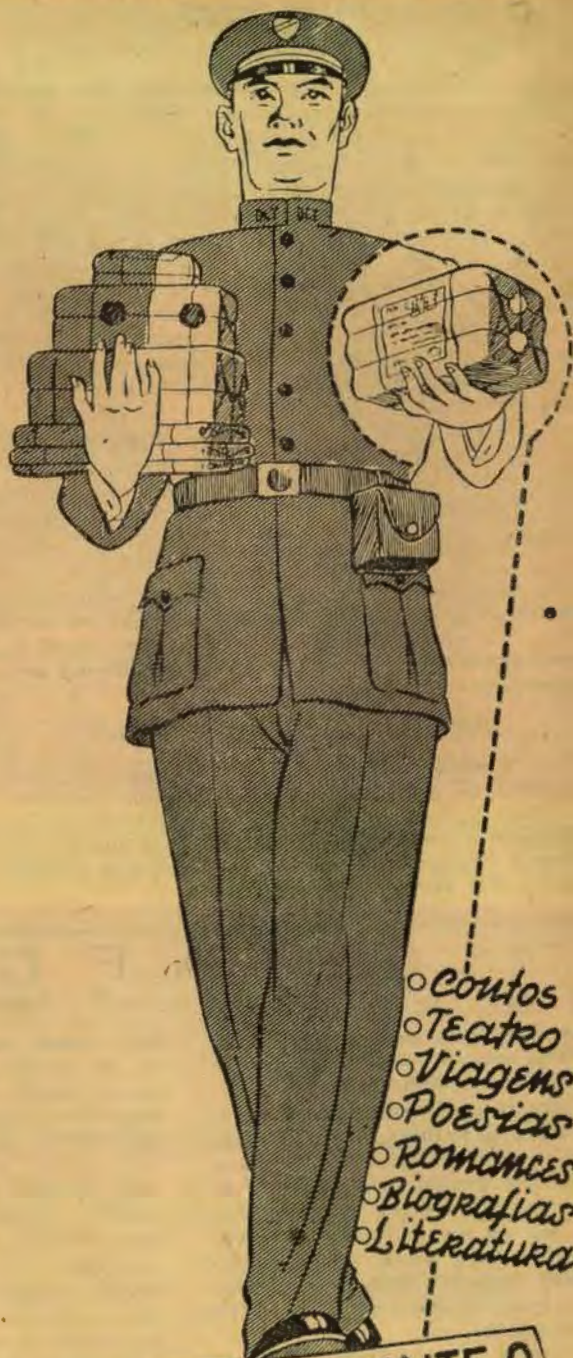
Está sendo ultimada a revisão do projeto da Central Elétrica de Itutinga, que pensamos iniciar dentro em breve, para o que já dispomos de uma verba de 12 milhões de cruzeiros.

A Central Elétrica do Fecho do Funil — empreendimento cuja magnitude já é conhecida do povo — tem merecido a máxima atenção do governo, que está encaminhando a solução de todos os problemas correlatos ao seu projeto, tais como as variantes ferroviária e rodoviária, desimpedindo a área a ser inundada. Os estudos técnicos que se estão procedendo no Fecho do Funil são os mais completos de quantos já se executaram em obras semelhantes, e permitirão levar a cabo a grande obra com o mínimo de surpresas, entraves e delongas.

Além dessas duas grandiosas obras do Plano de Centrais Elétricas, pensamos continuar a construção da Usina do Rio Tranqueira, para abastecer a cidade de Governador Valadares, e estender as linhas de transmissão das usinas de Pal Joaquim e de Santa Marta.

Para melhor enfrentar as tarefas do Plano de Centrais Elétricas, vai ser criado o Departamento de Águas e Energia Elétrica, com certo grau de autonomia financeira e administrativa e com a organização interna que se torna necessária para o pleno desenvolvimento de suas atividades. A este departamento, segundo os entendimentos já realizados com o Governo Federal, deverá ser atribuída a função de órgão auxiliar do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, o que lhe conferirá

(Conclui na pag. 146)



Contos
Teatro
Viagens
Poesias
Romances
Biografias
Literatura

100% EFICIENTE O
SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL
da

LIVRARIA MINAS GERAIS

RUA DA BAHIA, 946 - FONE 2 2614 - BHORIZONTE

ROCKY
RUBA ALTEROSA

O GOVERNO TRABALHA...

CONCLUSÃO

grande importância na fiscalização e incentivo à indústria da eletricidade no Estado.

CIDADE INDUSTRIAL

— Ultimaremos as obras da Cidade Industrial, ampliando o seu plano geral, de modo a torná-la cada vez de maior interesse e atrativo para as indústrias. Os trabalhos fundamentais se acham em fase de conclusão, mas devemos continuar alargando as áreas urbanizadas e servidas de energia, água, esgoto, calçamento e desvios ferroviários.

Vamos atacar também a construção da Cidade Operária, anexa, e dos serviços de assistência, e concluir as obras, já quase terminadas, da creche e do grupo escolar.

No correr deste ano, entrará em funcionamento na Cidade Industrial importantes empresas, marcando nova fase em nossa industrialização. A Cidade Industrial começará, este ano, a influir sensivelmente em nosso progresso econômico.

EM BELO HORIZONTE

— Em nossa Capital, o governo continuará apoiando a Prefeitura para a realização de seus planos de obras, especialmente no que se refere ao novo abastecimento de água e à ampliação dos serviços urbanos.

HOSPITAL DO PRONTO SOCORRO

— Já estão adiantados os projetos para um novo Hospital do Pronto Socorro, à altura do progresso de Belo Horizonte. Tão logo estejam prontos, iniciaremos a construção. É' nosso desejo que o novo Pronto Socorro seja dotado das melhores instalações e dos serviços mais eficientes.

CIDADE UNIVERSITÁRIA

— Esse empreendimento, de grande vulto, que será a Cidade Universitária, vai entrar também em fase ativa de execução. Todos os recursos já lhe estão destinados e já começamos a receber do arquiteto Eduardo Pederneiras os projetos definitivos e detalhados. Os serviços iniciais de urbanização da área escolhida, entre a cidade e a Pampulha, já foram autorizados. A comissão de construção da Cidade Universitária está sendo organizada e ultimase a elaboração dos editais de concorrência. Os entendimentos com as autoridades da Universidade de Minas Gerais estarão concluídos dentro de alguns dias e atacaremos, então, imediatamente, os serviços de terraplenagem e fundações para os edifícios da Escola de Engenharia e da Faculdade de Medicina, que serão os primeiros a ser erguidos dentro do grandioso projeto.

CONCLUSÃO

— São estas as realizações administrativas que julgamos, depois de acurado exame das atividades e possibilidades de todos os departamentos do Estado, poder anunciar ao povo mineiro, atendendo às justas indagações da imprensa da Capital, a qual se tem distinguido pelo adiantamento e consciência de suas funções. São medidas, como se pode verificar — novas umas e de conclusão outras — que darão prosseguimento a planos estabelecidos e supõem uma continuidade futura. A sólida situação financeira do Estado justifica toda a confiança dos mineiros no pleno êxito desses empreendimentos, não se devendo, pois, desprezar a modéstia de uns, nem temer o vulto de outros, certo é que todos visam ao progresso de Minas e ao bem estar da laboriosa coletividade mineira."

Finda a entrevista, o Chefe do Governo Mineiro permaneceu ainda em cordial palestra com os jornalistas, discorrendo sobre temas de grande interesse administrativo e sobre outros assuntos gerais.

GRAFOLOGIA

CONCLUSÃO

Inteligência lúcida, gostos poéticos. Equilíbrio nervoso. Cérebro que domina o coração. Dedutividade.

COCHINHA — CAMPO GRANDE — DISTRITO FEDERAL — Autoritarismo e vontade despótica. É' pessoa que, em pequena, teve satisfeitos todos os desejos e, por isso não se conforma em ser contrariada. Boa inteligência, que merecia uma cultura mais apurada. Traços de egoísmo, vaidade pessoal e orgulho. Equilíbrio sentimental.

GEDIR — MANHUASSU' — MINAS — Teimosia, amor à controvérsia e à discussão. Vontade enérgica, valde acentuada, rigidez de princípios, obstinação nas idéias, desconfiança e vaidade. Atividade, capacidade de trabalho, lógica e precisão. Dissimulação e desejo de ser notado.

MIMOSA — RIO — Falta para a análise da sua grafia, o essencial: a assinatura. Não extrai, pois, algum erro de observação, decorrente da deficiência do material enviado. O seu tipo de letra é o comumente usado nos colégios de origem francesa, especialmente o Sion. Por ser tipo de grafismo, excessivamente caligráfico,

muito poucos traços pessoais aparecem no decorrer da sua carta. Vejamos-os. Notam-se traços de uma vontade regular, alguma teimosia e nota do sentimento da beleza. Finura no trato, rotina e preconceito. Religiosidade, misticismo, ordem excessiva, método e disciplina. Intransigência de princípios.

ALEGRIA — CAPITAL — Vontade enérgica, expansividade e alegria de viver. Saúde equilibrada, devotamento, altruísmo e idéias elevadas. Bondade natural, hesitação, timidez, modéstia e falta de confiança nos próprios méritos. Sentimento do dever, afetuosidade e ótimo caráter.

AVLAD — MANHUASSU' — MINAS — Decisão pronta, irreflexão, audácia, temeridade. Caráter empreendedor, ação rápida e coragem. Impulsividade, teimosia e parcimônia nos gastos. Fantasia, capricho e desconfiança.

PEGLY — ITAPECERICA — MINAS — Obstinação, independência de caráter, boa inteligência, impaciência, gastos literários e capacidade creadora, vivacidade e senso crítico. Varia-

bilidade de humor e temperamental. Anseio de perfeição. Agressividade.

VIOLETA — CAXAMBU' — MINAS — Vivacidade, prodigalidade, amor do conforto, do luxo e da vida faustosa. Desconfiança, capacidade de trabalho, atividade e sentimento de beleza. Gostos musicais, exclusivismo de sentimento, egoísmo nas opiniões. Audácia, graça de espírito, coração generoso. Inteligência lúcida, reserva e discreção.

DOLAREG — CAMPOS DO JORDÃO — Orgulho, nobreza, ponderação. Pronunciado gosto artístico, tipo comercial, tenacidade e continuidade nas idéias. Espontaneidade, atividade febril, imaginação e gosto pela composição literária. Cérebro que vê nitidamente as coisas. Necessidade de expansão, inquietação e necessidade de movimento. Amor das viagens. Senso prático.

WISE SANDRA — ABAETE' — MINAS — Prodigalidade, gostos finos, embora pouco medidos; iniciativa, coragem e audácia. Traços de egoísmo, vaidade e desconfiança. Inteligência normal, equilíbrio nervoso, vaidade e sentimentalidade normal.

ANTISARDINA *realça a personalidade!*

Na monotonia da vida algo deve realçar a nossa personalidade. — Encontrei em **ANTISARDINA** o creme maravilhoso para realçar a beleza feminina

(Ass.) Iracema Probst



No Mundo dos Enigmas

CONCLUSÃO

VALÉRIO VASCO, RAUL SILVA e JODEME (Pará)— Recebi a lista de soluções de março.

NOVATO (Capital) — Inscrito. Como é de seu desejo, será guardado sigilo.

NANAZINHA (UBA) — Inscrita, com muita honra para mim.

A. B. C. (Conselheiro Lafaete) — Inscrito, com muito prazer. Jeca é o mesmo simpático Sertanejo II. E' que, inscrevendo-se no Bloco da Saudade, teve êle de arranjar novo pseudônimo começando pela letra J, como é de lei no Bloco.

ANTUNES (Capital) — E' claro que, sobre as matérias referidas em sua carta de 20-3-46, tenho a minha opinião, mas não a externarei aqui. Escreva-me sobre charadas ou enigmas e direi o que souber.

PRÊMIOS

No sortelo a que procedi, foram contemplados Flora, Vico e Sólha Iglesias. Estou providenciando a remessa dos prêmios.

— O prêmio que Junius instituiu para o enigma simbólico de sua autoria, continua em meu poder. Peço a Junius que dê ao mesmo o destino que achar conveniente. Creio que o seu enigma não teve decifradores além do dr. Rafael Horta, que não gosta de concorrer aos prêmios. Aquele "Entre ponto e ponto, mordedura de asno" estava realmente difícil.

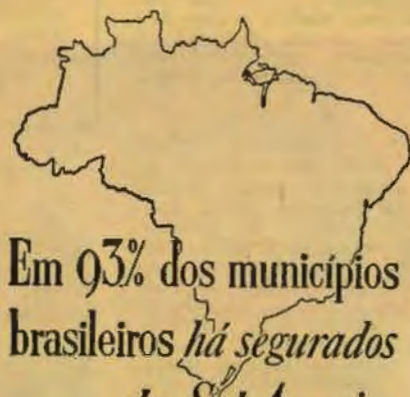
PUBLICAÇÕES

Recebemos os dois números de março da interessante revista "São Paulo Ilustrado", na qual Raul Petrocelli dirige uma seção de palavras cruzadas sob o título de "Esfinje".

Recebemos, igualmente, o número de abril de "Brasidade", que se publica em Santos. Gratos.

ÓDIO E DESPREZO

O desprezo vem do cérebro, o ódio nasce no coração; um exclui o outro — **Shopenhauer**.



Em 93% dos municípios brasileiros há segurados da Sul America.

Em 50 anos de trabalho honesto e construtivo, a Sul America estendeu a 1548 dentre os 1668 municípios brasileiros o seu serviço de proteção à Família Brasileira.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida



Alterosa

Para a família do Brasil

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO

Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Secretário da redação:

JORGE AZEVEDO

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Caixa Postal, 279 — Endereço Telegráfico "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais

SUCURSAL NO RIO:

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 - Apartamento 15
Fone 26-1881

ASSINATURAS

(Sob registro postal)

1 semestre (6 números) . . . Cr\$ 20,00

1 ano (12 números) . . . Cr\$ 40,00

2 anos (24 números) . . . Cr\$ 70,00

(A única revista brasileira que só faz expedição sob registro postal, sem onus para o assinante).

VENDA AVULSA

(Preço em todo o Brasil)

Número comum Cr\$ 3,00

Números especiais Cr\$ 5,00

Número atrasado, mais . . . Cr\$ 1,00

(Os números especiais circulam em agosto e dezembro, comemorando respectivamente o aniversário da revista e o Natal).

SECRETÁRIO FUNDADOR — Teóculo Pereira,

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Ademar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Antonietta Torres Assumpção, Bahia de Vasconcelos, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edson Pinheiro, Evágrio Rodrigues, Francisco Armond, Huberto Rohden, Ilza Montenegro, Joaquim Laranjeira, José Lara, Luís Otávio, Lourdes G. Silva, Lúcia Machado de Almeida, Malba Tahan, Maria Emilia de Castro Goulart, Murilo Araújo, Moacir Andrade, Murilo Rubião, Neyde Joppert, Nóbrega de Siqueira, Olga Obry, Oscar Mendes, Pedro Ribeiro da Franca, Vanderlei Vilela e Yara Nathan.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva e Stúdio Constantino.

GRAVURAS — Fotogravura Minas Gerais Ltda. e Gravador Araújo.

DESENHOS — Fábio Borges, Érico de Paula, J. C. Moura, Rodolfo e Rocha.

IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brelner Ltda.

A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados. E não mantém correspondência com autores de trabalhos que não tenham sido solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.



INDICADOR

da Cidade



DR. CYRO CANAAN

Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José

OPERAÇÕES — VIAS URINÁRIAS
SIFILIS

Cons.: Edif. Caetés — Rua Caetés 386 — 2.º and. — Ss. 205/207 — Fone 2-4388 — Res.: Rua Caetés 460, 2.º and. — Fone 2-0788 — Horário diariamente, 12,30 às 19 horas. Domingos: 8 às 11 horas — Belo Horizonte.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLÍNICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Caplehaba — Rua Rio de Janeiro, 430 — Sala 121 — 12.º andar — Tel. (res.) 2-2544 — B. Horizonte

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar. Consultório: Edifício Thibau - R. S. Paulo, 401 - 2.º andar — Salas 208/210 — De 14 às 17 horas. Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

GABRIEL DE SOUSA LIMA JORGE DE SOUSA LIMA (CIRURGIÕES-DENTISTAS)

Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Protese. Raios X.

RUA TAMOIOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

DR. COSTA CHIARI

CLÍNICA DE CRIANÇAS

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone, 2-0180 — Residência: Bernardo Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

Dr. José Lins

RAIOS X

RUA SÃO PAULO, 629

SOCIAIS



Mag, dileta filha do Dr. Nelson Lobo Viana, conceituado médico, e de sua exma. esposa d. Conceição Pinheiro Lobo Viana, residentes em Paracambi, no Estado do Rio. Mag ostenta a bela fantasia de cigana com que abrihantou o carnaval da próspera localidade fluminense.

O "PRINCEPE" E A "PRINCESA"...

CONCLUSÃO

realizado na hora da apuração pela Comissão Diretora.

IX — São serão admitidos como candidatos os meninos e meninas que atuem efetivamente nos Programas Infantis das emissoras da cidade, não havendo nenhuma limitação quanto à idade dos mesmos.

X — Os candidatos poderão concorrer com pseudônimos, desde que a sua identidade seja revelada à Comissão Diretora.

XI — A Comissão Diretora do 1.º Grande Concurso de Rádio promovido por ALTEROSA se comporá do cronista radiofônico da revista e dos diretores dos programas Infantis da Rádio Guarani e da Rádio Mineira.

XII — Os casos omissos serão resolvidos pelo cronista radiofônico da revista, em combinação com os demais integrantes da Comissão Diretora.

PRÊMIOS AOS VOTANTES

Mensalmente, durante a apuração, realizar-se-á um sorteio entre os votos remetidos, recebendo o votante premiado uma assinatura anual de ALTEROSA.

Em casa estamos de acordo !

este creme dental antisséptico ...

limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antisséptico. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

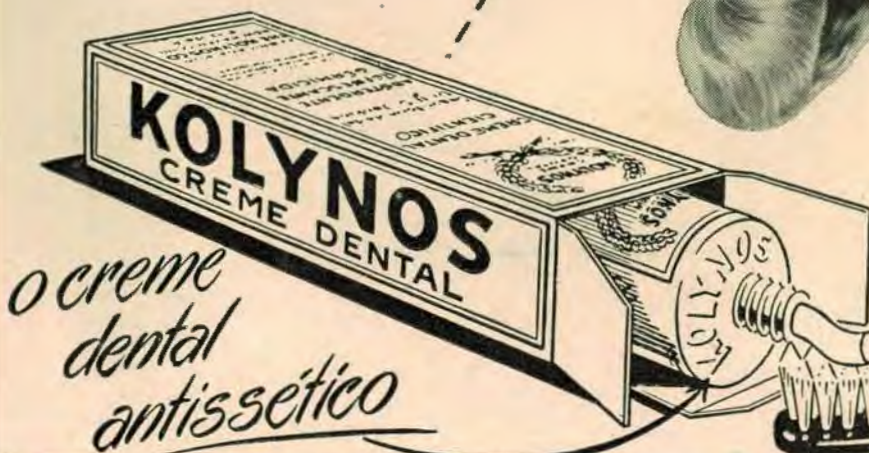
agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso
não há como
Kolynos



*basta um cm.
na escova
seca!*



...e nós entraremos com as melhores orquestras do mundo!

COM os avançados aperfeiçoamentos da moderna técnica industrial, a mocidade brasileira já pode entregar-se facilmente aos prazeres da dança, mercê das facilidades com que hoje se pode improvisar um baile com excelente música e sem grandes dispêndios.

O tocador de discos, adaptado a um receptor de rádio, é o quanto basta. O resto fica por conta das maravilhosas agulhas "Duotone" e do notável sortimento de discos das mais

reputadas marcas, semanalmente recebidos pelo nosso estabelecimento.

Organize o seu baile e nós lhe asseguraremos o seu mais completo êxito, contribuindo com as últimas novidades em discos gravados pelas orquestras mais famosas do mundo. O samba, a marcha, o fox, o swing, o tango ou a valsa, em orquestrações que darão vida e alegria à mocidade, com a mais perfeita reprodução até hoje obtida em músicas de gravação, com as famosas agulhas "Duotone".

Agulhas tipo safira, de curva dupla, ação de almofada, que permitem a máxima perfeição em reprodução de músicas.

Duotone

Sortimento sempre renovado em discos

COLUMBIA
pancar ODEON
VICTOR
CONTINENTAL



Casa Tassara S.A.

AV. AF. PENA, 1162 - FONE 2-6058 - B. HORIZONTE